



# MAJJHIMA NIKAYA

OS DISCURSOS DO BUDA COM EXTENSÃO MÉDIA  
TERCEIRA PARTE



MICHAEL BEISERT

<b>Introdução</b>	<b>5</b>
<b>101 Devadaha Sutta</b>	<b>6</b>
<i>Como aplicar o esforço correto na prática</i>	6
<b>102 Pañcattaya Sutta</b>	<b>17</b>
<i>O Buda refuta as idéias especulativas sobre o passado, o futuro e nibbana</i>	17
<b>103 Kinti Sutta</b>	<b>23</b>
<i>Como solucionar as disputas em relação ao Dhamma</i>	23
<b>104 Samagama Sutta</b>	<b>27</b>
<i>Os procedimentos disciplinares para orientação da Sangha</i>	27
<b>105 Sunakkhatta Sutta</b>	<b>32</b>
<i>O indivíduo que superestima as suas realizações meditativas</i>	32
<b>106 Aneñjasappaya Sutta</b>	<b>37</b>
<i>Os vários níveis de realizações meditativas superiores culminando com nibbana</i>	37
<b>107 Ganakamoggallana Sutta</b>	<b>41</b>
<i>O treinamento gradual do monge Budista</i>	41
<b>108 Gopakamoggallana Sutta</b>	<b>45</b>
<i>Como a Sangha mantém a sua união e disciplina interna após a morte do Buda</i>	45
<b>109 Mahapunnama Sutta</b>	<b>51</b>
<i>Os cinco agregados, o apego, a realização do não eu</i>	51
<b>110 Culapunnama Sutta</b>	<b>54</b>
<i>A diferença entre um 'homem verdadeiro' e um 'homem falso'</i>	54
<b>111 Anupada Sutta</b>	<b>57</b>
<i>A realização do insight pelo Venerável Sariputta</i>	57
<b>112 Chabbisodhana Sutta</b>	<b>60</b>
<i>Como questionar um bhikkhu que declare ter alcançado o conhecimento supremo</i>	60
<b>113 Sappurisa Sutta</b>	<b>66</b>
<i>O que diferencia um homem falso de um homem verdadeiro</i>	66
<b>114 Sevittabbasevittabba Sutta</b>	<b>69</b>
<i>Aquilo que deve ser cultivado e que não deve ser cultivado</i>	69
<b>115 Bahudhatuka Sutta</b>	<b>76</b>
<i>Os elementos, as bases dos sentidos, a origem dependente o possível e o impossível no mundo</i>	76
<b>116 Isigili Sutta</b>	<b>81</b>
<i>Os paccekabuddhas que viveram na montanha Isigili</i>	81

<b>117 Mahacattarisaka Sutta</b>	<b>83</b>
<i>Os elementos do Nobre Caminho Óctuplo e a sua inter-relação</i>	83
<b>118 Anapanasati Sutta</b>	<b>88</b>
<i>A meditação da atenção plena na respiração</i>	89
<b>119 Kayagatasati Sutta</b>	<b>95</b>
<i>A prática da atenção plena no corpo</i>	95
<b>120 Sankharupapatti Sutta</b>	<b>102</b>
<i>Como cada um pode renascer de acordo com as suas aspirações</i>	102
<b>121 Culasuññata Sutta</b>	<b>105</b>
<i>A descida genuína, não distorcida, pura, para o vazio.</i>	105
<b>122 Mahasuññata Sutta</b>	<b>109</b>
<i>A necessidade do isolamento de forma a permanecer no vazio</i>	109
<b>123 Acchariya-abbhuta Sutta</b>	<b>114</b>
<i>Os eventos que acompanharam o nascimento do futuro Buda</i>	114
<b>124 Bakkula Sutta</b>	<b>118</b>
<i>O venerável Bakkula descreve as suas práticas ascéticas</i>	119
<b>125 Dantabhumi Sutta</b>	<b>121</b>
<i>O Buda explica como ele doma os seus discípulos</i>	122
<b>126 Bhumija Sutta</b>	<b>129</b>
<i>Uma série de símiles para ilustrar o Nobre Caminho Óctuplo</i>	129
<b>127 Anuruddha Sutta</b>	<b>132</b>
<i>A diferença entre a libertação imensurável e a libertação transcendente</i>	133
<b>128 Upakkilesa Sutta</b>	<b>136</b>
<i>Como viver em concórdia e o cultivo dos jhanas</i>	137
<b>129 Balapandita Sutta</b>	<b>143</b>
<i>Os destinos dos tolos e dos sábios</i>	143
<b>130 Devaduta Sutta</b>	<b>153</b>
<i>Os cinco mensageiros divinos</i>	153
<b>131 Bhaddekaratta Sutta</b>	<b>159</b>
<i>O Buda enfatiza o esforço no momento presente para desenvolver o insight</i>	159
<b>132 Anandabhaddekaratta Sutta</b>	<b>161</b>
<i>Ananda enfatiza a necessidade de esforço no momento presente</i>	161
<b>133 Mahakaccanabhaddekaratta Sutta</b>	<b>162</b>
<i>Maha Kaccana enfatiza a necessidade de esforço no momento presente</i>	162
<b>134 Lomasakangiyabhaddekaratta Sutta</b>	<b>166</b>

<i>O Buda enfatiza a necessidade de esforço no momento presente</i>	167
<b>135 Culakammavibhanga Sutta</b>	<b>168</b>
<i>Kamma é o responsável pela boa fortuna e pela desgraça dos seres</i>	168
<b>136 Mahakammavibhanga Sutta</b>	<b>172</b>
<i>As sutis complexidades na atuação de kamma</i>	172
<b>137 Salayatana-vibhanga Sutta</b>	<b>178</b>
<i>As seis bases dos sentidos internas e externas, os seis tipos de contato e consciência, etc.</i>	178
<b>138 Uddesavibhanga Sutta</b>	<b>184</b>
<i>Maha Kaccana explica um sumário dito pelo Buda sobre o treinamento da mente</i>	184
<b>139 Aranavibhanga Sutta</b>	<b>188</b>
<i>As coisas que conduzem a conflitos e aquilo que evita os conflitos</i>	188
<b>140 Dhatuvibhanga Sutta</b>	<b>193</b>
<i>Um discurso sobre os elementos</i>	193
<b>141 Saccavibhanga Sutta</b>	<b>200</b>
<i>Uma análise detalhada das Quatro Nobres Verdades</i>	200
<b>142 Dakkhinavibhanga Sutta</b>	<b>204</b>
<i>Os possíveis benefícios das oferendas</i>	204
<b>143 Anathapindikovada Sutta</b>	<b>208</b>
<i>Um discurso sobre o desapego para Anathapindika no seu leito de morte</i>	208
<b>144 Channovada Sutta</b>	<b>212</b>
<i>Channa, gravemente enfermo, se suicida</i>	212
<b>145 Punnovada Sutta</b>	<b>214</b>
<i>Punna decide ir viver entre pessoas bárbaras em um país distante</i>	214
<b>146 Nandakovada Sutta</b>	<b>217</b>
<i>Nandaka discursa para as bhikkhunis sobre a impermanência</i>	217
<b>147 Cularahulovada Sutta</b>	<b>221</b>
<i>Rahula realiza o estado de arahant</i>	221
<b>148 Chachakka Sutta</b>	<b>223</b>
<i>A contemplação de todos os fatores da experiência sensorial como não-eu</i>	223
<b>149 Mahasalayatana Sutta</b>	<b>229</b>
<i>Como o entendimento correto conduz à libertação</i>	229
<b>150 Nagaravindeyya Sutta</b>	<b>231</b>
<i>Que tipo de contemplativos e brâmanes devem ser objeto de veneração</i>	231
<b>151 Pindapataparisuddhi Sutta</b>	<b>233</b>

## **152 Indriyabhavana Sutta**

*O controle sobre as faculdades sensoriais*

**236**

236

### *Introdução*

O Majjhima Nikaya (MN) é a segunda coleção de suttas encontrada no Sutta Pitaka do Cânone em *pali*. O seu título significa literalmente a Coleção Média e é assim chamada porque os suttas nela contidos são em geral de tamanho médio quando comparados com os suttas mais longos do Digha Nikaya que antecede o MN, e com os suttas mais curtos que compõem as duas coleções que seguem o MN, Samyutta Nikaya e Anguttara Nikaya. Em geral a palavra sutta é traduzida como discurso, mas no contexto do Majjhima Nikaya muitos discursos se aproximam mais de histórias breves contadas na maioria dos casos pelo Buda.

O MN é composto de 152 suttas divididos em três partes chamadas Grupos de Cinquenta, embora o último grupo contenha cinquenta e dois suttas. Os suttas são apresentados sem levar em conta uma seqüência pedagógica especial ou algum desdobramento gradual do pensamento. Assim, enquanto diferentes suttas elucidam-se mutuamente completando as idéias que foram apenas sugeridas por um outro, em essência, qualquer sutta pode ser tomado para estudo individual e será inteligível por si só. É claro que o estudo de toda a coleção irá seguramente proporcionar um entendimento mais rico.

Se fôssemos escolher uma única frase que distinga o MN dos demais livros que compõem o Cânone em *pali* seria: uma coleção que combina uma rica variedade de contextos em que os *suttas* foram proferidos com o conjunto mais profundo e abrangente de ensinamentos. O MN apresenta esse material no contexto de uma fascinante sucessão de cenários que mostram a resplandecente sabedoria do Buda, a sua habilidade de adaptar os ensinamentos às necessidades e inclinações dos interlocutores, a sua sagacidade e humor afável, a sua sublimidade majestosa e a sua compaixão humanitária.


Os *suttas* que compõem este livro foram extraídos do site Acesso ao Insight ([acessoaoinsight.net](http://acessoaoinsight.net)) tendo sido editados de modo a facilitar a leitura porém sem comprometer o seu conteúdo. Nesse site também podem ser encontradas as traduções dos *suttas* do Digha Nikaya, Samyutta Nikaya e Anguttara Nikaya.

As traduções para o português foram feitas tomando como base as traduções do *pali* para o inglês feitas por diversos tradutores. Diferentes tradutores podem empregar traduções distintas para o mesmo termo em *pali*, em vista disso, o tradutor para o português também recorreu aos textos originais em *pali* visando uniformizar o vocabulário em português.

Sugestões para leitura

Quais suttas recomendo para leitura nesta terceira parte: 107, 108, 109, 112, 114, 118, 119, 125, 131, 136, 138, 139, 141, 144, 146, 147, 149, 150

Os suttas estão disponíveis gravados em áudio: 107, 109, 118, 126, 133, 149  
[acessoaoinsight.net/podcast](https://acessoaoinsight.net/podcast)

**Notas:** Nas notas em que são mencionados links para suttas da primeira ou segunda parte do Majjhima Nikaya (suttas com numeração 1 a 50 e 51 a 100), ou para suttas de outros Nikayas, para visualizar o sutta linkado, é necessário uma conexão ativa com a internet. Para evitar dúvidas, nesses casos, ou seja, em que o arquivo linkado encontra-se fora do eBook, o link será precedido deste símbolo: 

## 101 Devadaha Sutta

Em Devadaha

Como aplicar o esforço correto na prática

1. Em certa ocasião o Abençoado estava entre os Sakyas numa cidade denominada Devadaha. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:
2. “*Bhikkhus*, existem alguns contemplativos e brâmanes que possuem a seguinte doutrina e entendimento: ‘Qualquer coisa que uma pessoa sinta, quer seja prazer ou dor, ou nem prazer nem dor, tudo é causado pelo que foi feito no passado. <sup>i</sup> Então aniquilando através do ascetismo as ações passadas e não cometendo novas ações, não haverá consequência no futuro. Sem consequência no futuro, ocorre a destruição da ação. Com a destruição da ação, ocorre a destruição do sofrimento. Com a destruição do sofrimento, ocorre a destruição da sensação. Com a destruição da sensação, todo o sofrimento será extinto.’ Assim dizem os Niganthas, *bhikkhus*.
- 3-4. “Eu vou até os Niganthas que assim falam e digo: ‘Mas, amigos, vocês sabem que existiram no passado e que não é o caso que não existiram?’ – ‘Não, amigo.’ – ‘Mas, amigos, vocês sabem que cometeram más ações no passado e não se abstiveram delas?’ – ‘Não, amigo.’ – ‘Mas, amigos, vocês sabem que cometeram tais e tais más ações?’ – ‘Não, amigo.’ – ‘Mas, amigos, vocês sabem qual o tanto de sofrimento que já foi extinto ou o tanto de sofrimento que ainda falta ser extinto, ou que quando este tanto de sofrimento for extinto todo o sofrimento terá sido extinto?’ – ‘Não, amigo.’ – ‘Mas, amigos, vocês sabem o que é, no aqui e agora, o abandono de estados prejudiciais e o que é o cultivo de estados benéficos?’ – ‘Não, amigo.’

5-6. “Portanto, amigos, parece que vocês não sabem que existiram no passado e que não é o caso que não existiram, ou que cometeram más ações no passado e não se abstiveram delas, ou que cometeram tais e tais más ações, ou que tanto sofrimento já foi extinto, ou que tanto sofrimento falta ser extinto, ou que quando este tanto de sofrimento for extinto todo o sofrimento terá sido extinto, ou o que é, no aqui e agora, o abandono de estados prejudiciais e o que é o cultivo de estados benéficos. Sendo assim, não é apropriado que os veneráveis Niganthas declarem: “Qualquer coisa que uma pessoa sinta, quer seja prazer ou dor, ou nem prazer nem dor, tudo é causado pelo que foi feito no passado. Então aniquilando através do ascetismo as ações passadas e não cometendo novas ações, não haverá consequência no futuro. Sem consequência no futuro, ocorre a destruição da ação. Com a destruição da ação, ocorre a destruição do sofrimento. Com a destruição do sofrimento, ocorre a destruição da sensação. Com a destruição da sensação, todo o sofrimento será extinto.”

7. “Amigos Niganthas, suponham que um homem fosse ferido por uma flecha besuntada com muito veneno e devido a isso ele sentisse sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. Então, os seus amigos e companheiros, seus pares e parentes, trouxessem um cirurgião para tratá-lo. O cirurgião faria uma incisão ao redor da ferida com uma faca, examinaria a flecha com uma sonda, retiraria a flecha e aplicaria um medicamento na ferida para cauterização e a cada passo o homem sentiria sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. Então mais tarde, quando a ferida estivesse curada e coberta com pele, o homem se sentiria feliz, independente, senhor de si mesmo, capaz de ir aonde desejasse.”

8. “Da mesma forma, amigos Niganthas, se vocês soubessem que existiram no passado e que não é o caso que não existiram, ou que cometeram más ações no passado e não se abstiveram delas, ou que cometeram tais e tais más ações. ou que tanto sofrimento já foi extinto, ou que tanto sofrimento falta ser extinto, ou que quando este tanto de sofrimento for extinto todo o sofrimento terá sido extinto, ou o que é, no aqui e agora, o abandono de estados prejudiciais e o que é o cultivo de estados benéficos, sendo assim, seria apropriado que os veneráveis Niganthas declarassem: “Qualquer coisa que uma pessoa sinta, quer seja prazer ou dor, ou nem prazer, nem dor, tudo é causado pelo que foi feito no passado. Então aniquilando através do ascetismo as ações passadas e não cometendo novas ações, não haverá consequência no futuro. Sem consequência no futuro, ocorre a destruição da ação. Com a destruição da ação, ocorre a destruição do sofrimento. Com a destruição do sofrimento, ocorre a destruição da sensação. Com a destruição da sensação, todo o sofrimento será extinto.”

9. “Mas visto que, amigos Niganthas, vocês não sabem que existiram no passado, e que não é o caso que não existiram ... não é apropriado que os veneráveis Niganthas declarem: “Qualquer coisa que uma pessoa sinta ... tudo é causado pelo que foi feito no passado ....”

10. “Quando isso foi dito, eles responderam: ‘Amigo, o Nigantha Nataputta é onisciente e tudo vê, e reivindica ter pleno conhecimento e visão assim: “Quer eu esteja caminhando ou em pé, ou dormindo, ou desperto, o conhecimento e visão estão presentes em mim de forma contínua e ininterrupta.” Ele diz o seguinte: ‘Niganthas, vocês cometeram más

ações no passado, vocês têm de esgotá-las com a realização de austeridades severas. E só quando vocês estão aqui e agora com o corpo, linguagem e mente contidos é que não estão cometendo más ações para o futuro. Assim, aniquilando através do ascetismo as ações passadas e não cometendo novas ações, não haverá consequência no futuro. Sem consequência no futuro, ocorre a destruição da ação. Com a destruição da ação, ocorre a destruição do sofrimento. Com a destruição do sofrimento, ocorre a destruição da sensação. Com a destruição da sensação, todo o sofrimento será extinto.” Essa é a doutrina que nós aprovamos e aceitamos e estamos satisfeitos com ela.’

11. “Quando isso foi dito, eu disse para os Niganthas: Existem cinco coisas, amigos Niganthas, que podem ter dois tipos de resultados no aqui e agora. Quais cinco? [Conhecimento baseado na] Fé, preferência, tradição, razão e idéias. Essas cinco coisas podem ter dois tipos de resultados no aqui e agora. Em vista disso, que tipo de fé os veneráveis Niganthas possuem num mestre que fala sobre o passado? Que tipo de preferência, que tipo de tradição, que tipo de razão, que tipo de idéia?’ Dizendo isso, *bhikkhus*, eu não vi qualquer justificativa legítima pelos Niganthas da posição deles.

12. “Outra vez, *bhikkhus*, eu disse para os Niganthas: ‘O que vocês pensam, amigos Niganthas? Quando há esforço intenso, intensa diligência, vocês sentem sensações dolorosas, torturantes e penetrantes devido ao esforço? Mas quando não há intenso esforço, não há intensa diligência, vocês então não sentem sensações dolorosas, torturantes e penetrantes devido ao esforço?’ – ‘Quando há esforço intenso, amigo Gotama, intensa diligência, então sentimos sensações dolorosas, torturantes e penetrantes devido ao intenso esforço; mas quando não há intenso esforço, não há intensa diligência, então não sentimos sensações dolorosas, torturantes e penetrantes devido ao esforço.’

13-14. “Se, amigos Niganthas, quando houvesse esforço intenso, intensa diligência, então as sensações dolorosas, torturantes e penetrantes devidas ao esforço estivessem presentes, e quando não houvesse esforço intenso, não houvesse intensa diligência, então as sensações dolorosas, torturantes e penetrantes devidas ao esforço ainda estivessem presentes; sendo assim, seria apropriado que os veneráveis Niganthas declarassem: “Qualquer coisa que uma pessoa sinta, quer seja prazer ou dor, ou nem prazer, nem dor, tudo é causado pelo que foi feito no passado ...”

15. “Mas visto que, amigos Niganthas, quando há esforço intenso, intensa diligência, vocês sentem sensações dolorosas, torturantes e penetrantes devido ao esforço, mas quando não há intenso esforço, não há intensa diligência, vocês então não sentem sensações dolorosas, torturantes e penetrantes devido ao esforço, vocês estão, portanto, sentindo só as sensações dolorosas, torturantes e penetrantes do esforço auto-imposto e é através da ignorância, desconhecimento e delusão que vocês equivocadamente acreditam que: “Qualquer coisa que uma pessoa sinta quer seja prazer ou dor, ou nem prazer, nem dor, tudo é causado pelo que foi feito no passado ...”” Dizendo isso, *bhikkhus*, eu não vi qualquer justificativa legítima da posição dos Niganthas.

16. “Outra vez, *bhikkhus*, eu disse para os Niganthas: ‘O que vocês pensam, amigos Niganthas? É possível que uma ação, [cujo resultado] é para ser experimentado aqui e



agora, possa, através do esforço e da diligência, se tornar uma [cujo resultado] passe a ser experimentado na vida seguinte?” – ‘Não, amigo.’ – ‘Mas é possível que uma ação, [cujo resultado] é para ser experimentado na vida seguinte, possa, através do esforço e da diligência, se tornar uma [cujo resultado] passe a ser experimentado aqui e agora?’ – ‘Não, amigo.’

17. “O que vocês pensam, amigos Niganthas? É possível que uma ação, [cujo resultado] é para ser experimentado como prazeroso, possa, através do esforço e da diligência, se tornar uma [cujo resultado] passe a ser experimentado como doloroso?” – ‘Não, amigo.’ – ‘Mas é possível que uma ação, [cujo resultado] é para ser experimentado como doloroso, possa, através do esforço e da diligência, se tornar uma [cujo resultado] passe a ser experimentado como prazeroso?’ – ‘Não, amigo.’

18. “O que vocês pensam, amigos Niganthas? É possível que uma ação, [cujo resultado] é para ser experimentado numa personalidade madura, possa, através do esforço e da diligência, se tornar uma [cujo resultado] passe a ser experimentado numa personalidade imatura?” – ‘Não, amigo.’ – ‘Mas é possível que uma ação, [cujo resultado] é para ser experimentado numa personalidade imatura, possa, através do esforço e da diligência, se tornar uma [cujo resultado] passe a ser experimentado numa personalidade madura?’ – ‘Não, amigo.’

19. “O que vocês pensam, amigos Niganthas? É possível que uma ação, [cujo resultado] é para ser experimentado com muita intensidade, possa, através do esforço e da diligência, se tornar uma [cujo resultado] passe a ser experimentado com pouca intensidade?” – ‘Não, amigo.’ – ‘Mas é possível que uma ação, [cujo resultado] é para ser experimentado com pouca intensidade, possa, através do esforço e da diligência, se tornar uma [cujo resultado] passe a ser experimentado com muita intensidade?’ – ‘Não, amigo.’

20. “O que vocês pensam, amigos Niganthas? É possível que uma ação, [cujo resultado] é para ser experimentado, possa, através do esforço e da diligência, se tornar uma [cujo resultado] passe a não ser experimentado?” – ‘Não, amigo.’ – ‘Mas é possível que uma ação, [cujo resultado] não é para ser experimentado, possa, através do esforço e da diligência, se tornar uma [cujo resultado] passe a ser experimentado?’ – ‘Não, amigo.’

21. “Assim, amigos Niganthas, o esforço e a diligência dos veneráveis Niganthas são infrutíferos.’

22. “Assim falam os Niganthas, *bhikkhus*. E porque os Niganthas falam assim, há dez deduções legítimas das suas afirmativas que proporcionam motivo suficiente para censurá-los:

(1) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado por aquilo que foi feito no passado, então os Niganthas com certeza devem ter cometido ações ruins no passado, visto que eles agora sentem essas sensações dolorosas, torturantes e penetrantes.

(2) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pela ação criadora de um Deus Supremo, então os Niganthas com certeza devem ter sido criados por um Deus Supremo malevolente, visto que eles agora sentem essas sensações dolorosas, torturantes e penetrantes.

(3) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pelas circunstâncias e pela natureza, então os Niganthas com certeza devem ter má sorte, visto que eles agora sentem essas sensações dolorosas, torturantes e penetrantes.

(4) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pela classe [dentre as seis classes de nascimento], então os Niganthas com certeza devem pertencer a uma classe ruim, visto que eles agora sentem essas sensações dolorosas, torturantes e penetrantes.

(5) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pelo esforço aqui e agora, então os Niganthas com certeza devem se esforçar mal aqui e agora, visto que eles agora sentem essas sensações dolorosas, torturantes e penetrantes.

(6) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado por aquilo que foi feito no passado, então os Niganthas devem ser censurados; se não, então ainda assim os Niganthas devem ser censurados.

(7) Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pela ação criadora de um Deus Supremo, então os Niganthas devem ser censurados; se não, então ainda assim os Niganthas devem ser censurados.

(8) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pelo acaso, então os Niganthas devem ser censurados; se não, então ainda assim os Niganthas devem ser censurados.

(9) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pela classe, então os Niganthas devem ser censurados; se não, então ainda assim os Niganthas devem ser censurados.

(10) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pelo esforço aqui e agora, então os Niganthas devem ser censurados; se não, então ainda assim os Niganthas devem ser censurados.

“Assim falam os Niganthas, *bhikkhus*. E porque os Niganthas falam assim, essas são as dez deduções legítimas das suas afirmativas que proporcionam motivo suficiente para censurá-los. Dessa forma, o esforço deles é infrutífero, a diligência deles é infrutífera.

23. “E como o esforço é frutuoso, *bhikkhus*, como a diligência é frutuosa? Nesse caso, *bhikkhus*, um *bhikkhu* não é subjugado pelo sofrimento e não subjuga a si mesmo com o sofrimento; e ele não renuncia ao prazer que está de acordo com o Dhamma, todavia ele não está apaixonado por esse prazer. Ele compreende da seguinte forma: ‘Quando me esforço com determinação, essa fonte em particular de sofrimento desaparece devido ao esforço determinado; e quando vejo com equanimidade, essa fonte em particular de sofrimento desaparece enquanto desenvolvo a equanimidade.’ Ele se esforça com

determinação com relação àquela fonte em particular do sofrimento, que desaparece devido a esse esforço determinado; e ele desenvolve a equanimidade com relação àquela fonte em particular do sofrimento, que desaparece enquanto ele está desenvolvendo a equanimidade. Quando ele se esforça com determinação, tal e tal fonte de sofrimento desaparece devido a esse esforço determinado; dessa forma aquele sofrimento está exaurido nele. Quando ele vê com equanimidade, tal e tal fonte de sofrimento desaparece enquanto ele desenvolve a equanimidade; assim, aquele sofrimento está exaurido nele.

24. “Suponha, *bhikkhus*, que um homem amasse uma mulher com a sua mente atada a ela através do intenso desejo e paixão. Pode ser que ele visse aquela mulher junto de um outro homem, conversando, gracejando e rindo. O que vocês pensam, *bhikkhus*? A tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero surgiriam naquele homem ao ver aquela mulher junto de um outro homem, conversando, gracejando e rindo?”

“Sim, venerável senhor. Por que isso? Porque aquele homem ama aquela mulher com a sua mente atada a ela através do intenso desejo e paixão; é por isso que a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero surgiriam nele ao vê-la junto de um outro homem, conversando, gracejando e rindo.”

25. “Então, *bhikkhus*, o homem poderia pensar: ‘Eu amo essa mulher com a minha mente atada a ela através de intenso desejo e paixão; devido a isso a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero surgem em mim ao vê-la junto de um outro homem, conversando, gracejando e rindo. E se eu abandonasse o meu desejo e paixão por essa mulher?’ Ele abandona o seu desejo e paixão por aquela mulher. Mais tarde em uma outra ocasião ele veria aquela mulher junto de um outro homem, conversando, gracejando e rindo. O que vocês pensam, *bhikkhus*? A tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero surgiriam naquele homem ao ver aquela mulher junto de um outro homem, conversando, gracejando e rindo?”

“Não, venerável senhor. Por que isso? Porque aquele homem não ama aquela mulher com a sua mente atada a ela através do intenso desejo e paixão; é por isso que a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero não surgiriam nele ao vê-la junto de um outro homem, conversando, gracejando e rindo.”

26. “Da mesma forma, *bhikkhus*, quando um *bhikkhu* não é subjugado pelo sofrimento e não subjugava a si mesmo com o sofrimento ... (igual ao verso 23 acima) ... assim, aquele sofrimento está exaurido nele. Dessa forma, *bhikkhus*, o esforço é frutuoso, a diligência é frutuosa.

27. “Outra vez, *bhikkhus*, um *bhikkhu* considera do seguinte modo: ‘Enquanto vivo de acordo com aquilo que me dá prazer, qualidades inábeis aumentam em mim e qualidades hábeis diminuem; mas quando me esforço naquilo que é doloroso, qualidades inábeis diminuem em mim e qualidades hábeis aumentam. E se eu me esforçasse naquilo que é doloroso?’ Ele se esforça naquilo que é doloroso. Ao fazer isso, qualidades inábeis diminuem e qualidades hábeis aumentam. Mais tarde, ele já não se esforça naquilo que é

doloroso. Por que isso? O objetivo pelo qual aquele *bhikkhu* se esforçou naquilo que é doloroso foi atingido; é por isso que mais tarde ele não se esforça naquilo que é doloroso.

28. “Suponham, *bhikkhus*, que um artesão de flechas estivesse aquecendo e esquentando uma flecha entre duas chamas, fazendo com que ela se torne maleável e reta. Quando a flecha estivesse aquecida e quente entre as duas chamas e estivesse maleável e reta, então, mais tarde ele não iria novamente aquecer e esquentar a flecha e torná-la maleável e reta. Por que isso? O propósito pelo qual o artesão havia aquecido e esquentado a flecha para torná-la maleável e reta já havia sido alcançado; é por isso que mais tarde ele não iria novamente aquecer e esquentar a flecha e torná-la maleável e reta.

29. “Da mesma forma, um *bhikkhu* considera do seguinte modo ... (igual ao verso 27 acima) ... é por isso que mais tarde ele não se esforça naquilo que é doloroso. Assim também, *bhikkhus*, o esforço é frutuoso, a diligência é frutuosa.

30. “Outra vez, *bhikkhus*, aqui um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *maras* e *brahmas*, esta população com seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e o povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada.

31. “Um chefe de família ou o filho de um chefe de família ou alguém nascido em algum outro clã ouve o Dhamma. Ouvindo o Dhamma ele adquire convicção no *Tathagata*. Possuindo essa fé ele reflete da seguinte forma: 'A vida em família é confinada, um caminho empoeirado; a vida santa é como o ar livre. Não é fácil viver em casa e praticar a vida santa completamente perfeita, totalmente pura, como uma concha polida. E se eu raspasse o meu cabelo e barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa.' Então após algum tempo ele abandona a sua fortuna, grande ou pequena; deixa o seu círculo de parentes, grande ou pequeno; raspa o seu cabelo e barba, veste o manto de cor ocre e segue a vida santa.

32. “Tendo seguido a vida santa e de posse do treinamento e estilo de vida de um *bhikkhu*, abandonando tirar a vida de outros seres, ele se abstém de tirar a vida de outros seres; ele permanece com a sua vara e arma postas de lado, bondoso e gentil, compassivo com todos os seres vivos. Abandonando tomar o que não seja dado, ele se abstém de tomar o que não é dado; tomando somente aquilo que é dado, aceitando somente aquilo que é dado, não roubando ele permanece puro. Abandonando o não celibato, ele vive uma vida celibatária, vive separado, abstendo-se da prática vulgar do ato sexual.

“Abandonando a linguagem mentirosa, ele se abstém da linguagem mentirosa; ele fala a verdade, mantém a verdade, é firme e confiável, não é um enganador do mundo. Abandonando a linguagem maliciosa, ele se abstém da linguagem maliciosa; o que ouviu

aqui ele não conta ali para separar aquelas pessoas destas, nem o que ele ouviu lá não conta aqui para separar estas pessoas daquelas; assim ele reconcilia aquelas pessoas que estão divididas, promove a amizade, ele ama a concórdia, se delicia com a concórdia, desfruta da concórdia, diz coisas que criam a concórdia. Abandonando a linguagem grosseira, ele se abstém da linguagem grosseira. Ele diz palavras que são gentis, que agradam aos ouvidos, carinhosas, que penetram o coração, que são corteses, desejadas por muitos e que agradam a muitos. Abandonando a linguagem frívola, ele se abstém da linguagem frívola. Ele fala na hora certa, diz o que é fato, aquilo que é bom, fala de acordo com o Dhamma e a Disciplina; nas horas adequadas ele diz palavras que são úteis, racionais, moderadas e que trazem benefício.

“Ele se abstém de danificar sementes e plantas. Ele come somente uma vez ao dia, privando-se da refeição noturna e de alimentos nas horas incorretas. Ele se abstém de dançar, cantar, ouvir música e de ver espetáculos de entretenimento. Ele se abstém de usar ornamentos, usar perfumes e de embelezar o corpo com cosméticos. Ele se abstém de deitar em leitos elevados e luxuosos. Ele se abstém de aceitar ouro e dinheiro. Ele se abstém de aceitar grãos que não estejam cozidos. Ele se abstém de aceitar carne crua. Ele se abstém de aceitar mulheres e garotas. Ele se abstém de aceitar escravos homens e mulheres. Ele se abstém de aceitar cabras e ovelhas. Ele se abstém de aceitar aves e porcos. Ele se abstém de aceitar elefantes, gado, cavalos e éguas. Ele se abstém de aceitar terras e propriedades. Ele se abstém de fazer pequenas tarefas e levar mensagens. Ele se abstém de comprar e vender. Ele se abstém de lidar com balanças falsas, metais falsos, falsas medidas. Ele se abstém do suborno, burla e fraude. Ele se abstém de mutilar, executar, aprisionar, roubar, pilhar e violentar.

33. “Ele está satisfeito com os mantos que protegem o seu corpo e com os alimentos esmolados que mantêm o seu estômago, e aonde quer que vá ele apenas leva essas coisas consigo. Igual a um passarinho, aonde quer que ele vá, voa com as asas como seu único fardo, assim também, o *bhikkhu* está satisfeito com os mantos que protegem o seu corpo e com os alimentos esmolados que mantêm o seu estômago, e aonde quer que vá ele apenas leva essas coisas consigo. Possuindo esse agregado da nobre virtude, ele experimenta dentro de si uma felicidade que é imaculada.

34. “Ao ver uma forma com o olho, ele não se agarra aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade do olho descuidada, ele será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza, ele pratica a contenção, ele protege a faculdade do olho, ele se empenha na contenção da faculdade do olho. Ao ouvir um som com o ouvido ... Ao cheirar um aroma com o nariz ... Ao saborear um sabor com a língua ... Ao tocar algo tangível com o corpo ... Ao conscientizar um objeto mental com a mente, ele não se agarra aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade da mente descuidada, ele será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza, ele pratica a contenção, ele protege a faculdade da mente, ele se empenha na contenção da faculdade da mente. Dotado dessa nobre contenção das faculdades, ele experimenta dentro de si uma felicidade que é imaculada.

35. “Ele age com plena consciência ao ir para a frente e retornar; age com plena consciência ao olhar para frente e desviar o olhar; age com plena consciência ao dobrar e estender os membros; age com plena consciência ao carregar o manto externo, o manto superior, a tigela; age com plena consciência ao comer, beber, mastigar e saborear; age com plena consciência ao urinar e defecar; age com plena consciência ao caminhar, ficar em pé, sentar, dormir, acordar, falar e permanecer em silêncio.
36. “Dotado desse nobre agregado da virtude, essa nobre contenção das faculdades sensoriais, essa nobre atenção plena e plena consciência, ele procura um local isolado: na floresta, à sombra de uma árvore, uma montanha, uma ravina, uma caverna em uma encosta, um cemitério, um matagal, um espaço aberto, uma cabana vazia.
37. “Depois de esmolar alimentos, após a refeição, ele senta com as pernas cruzadas, com o corpo ereto colocando a atenção plena à sua frente. Abandonando a cobiça pelo mundo, ele permanece com a mente livre de cobiça; ele purifica a sua mente da cobiça. Abandonando a má vontade, ele permanece com a mente livre de má vontade, com compaixão pelo bem estar de todos os seres vivos; ele purifica a sua mente da má vontade. Abandonando a preguiça e o torpor, ele permanece livre da preguiça e do torpor, perceptivo à luz, atento e plenamente consciente; ele purifica sua mente da preguiça e do torpor. Abandonando a inquietação e a ansiedade, ele permanece calmo com a mente em paz; ele purifica sua mente da inquietação e da ansiedade. Abandonando a dúvida, ele assim permanece tendo superado a dúvida, sem perplexidade em relação a qualidades mentais hábeis; ele purifica a mente da dúvida.
38. “Tendo assim abandonado esses cinco obstáculos, imperfeições da mente que enfraquecem a sabedoria, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Assim também, *bhikkhus*, o esforço é frutuoso, a diligência é frutuosa.
39. “Além disso, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Assim também, *bhikkhus*, o esforço é frutuoso, a diligência é frutuosa.
40. “Além disso, abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: ‘Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.’ Assim também, *bhikkhus*, o esforço é frutuoso, a diligência é frutuosa.
41. “Além disso, com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. Assim também, *bhikkhus*, o esforço é frutuoso, a diligência é frutuosa.

42. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento da recordação de vidas passadas. Ele se recorda das suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos, três nascimentos, quatro, cinco, dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, cem, mil, cem mil, muitos ciclos cósmicos de contração, muitos ciclos cósmicos de expansão, muitos ciclos cósmicos de contração e expansão, 'Lá eu tive tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo desse estado, eu renasci ali. Ali eu também tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu renasci aqui.' Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes. Assim também, *bhikkhus*, o esforço é frutuoso, a diligência é frutuosa.

43. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do falecimento e reaparecimento dos seres. Por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados. Ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações desta forma: 'Esses seres – dotados de má conduta com o corpo, linguagem e mente, que insultam os nobres, com o entendimento incorreto e realizando ações sob a influência do entendimento incorreto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Porém estes seres – dotados de boa conduta com o corpo, linguagem e mente, que não insultam os nobres, com o entendimento correto e realizando ações sob a influência do entendimento correto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num destino feliz, no paraíso.' Dessa forma – por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano – ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, e ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações. Assim também, *bhikkhus*, o esforço é frutuoso, a diligência é frutuosa.

44. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do fim das impurezas mentais. Ele compreende como na verdade é que: 'Isto é sofrimento'; ele compreende como na verdade é que: 'Esta é a origem do sofrimento'; ele compreende como na verdade é que: 'Esta é a cessação do sofrimento'; ele compreende como na verdade é que: 'Este é o caminho que conduz à cessação do sofrimento'; ele compreende como na verdade é que: 'Essas são impurezas mentais'; ele compreende como na verdade é que: 'Esta é a origem das impurezas'; ele compreende como na verdade é que: 'Esta é a cessação das impurezas'; ele compreende como na verdade é que: 'Este é o caminho que conduz à cessação das impurezas.' Assim também, *bhikkhus*, o esforço é frutuoso, a diligência é frutuosa

45. “Ao conhecer e ver, a sua mente está livre da impureza do desejo sensual, da impureza de ser/existir, da impureza da ignorância. Quando ela está libertada surge o conhecimento, ‘Libertada.’ Ele compreende que ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’ Assim também, *bhikkhus*, o esforço é frutuoso, a diligência é frutuosa.

46. “Assim fala o *Tathagata*, *bhikkhus*. E porque o *Tathagata* diz isso, há dez deduções legítimas das suas afirmativas que proporcionam motivo suficiente para elogiá-lo:

(1) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado por aquilo que foi feito no passado, então o *Tathagata* com certeza deve ter cometido boas ações no passado, visto que ele agora sente essas sensações prazerosas imaculadas.

(2) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pela ação criadora de um Deus Supremo, então o *Tathagata* com certeza deve ter sido criado por um Deus Supremo benevolente, visto que ele agora sente essas sensações prazerosas imaculadas.

(3) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pelas circunstâncias e pela natureza, então o *Tathagata* com certeza deve ter boa sorte, visto que ele agora sente essas sensações prazerosas imaculadas.

(4) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pela classe [dentre as seis classes de nascimento], então o *Tathagata* com certeza deve pertencer a uma classe boa, visto que ele agora sente essas sensações prazerosas imaculadas.

(5) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pelo esforço aqui e agora, então o *Tathagata* com certeza deve se esforçar bem aqui e agora, visto que ele agora sente essas sensações prazerosas imaculadas.

(6) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado por aquilo que foi feito no passado, então o *Tathagata* deve ser elogiado; se não, então ainda assim o *Tathagata* deve ser elogiado.

(7) Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pela ação criadora de um Deus Supremo, então o *Tathagata* deve ser elogiado; se não, então ainda assim o *Tathagata* deve ser elogiado.

(8) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pelo acaso, então o *Tathagata* deve ser elogiado; se não, então ainda assim o *Tathagata* deve ser elogiado.

(9) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pela classe, então o *Tathagata* deve ser elogiado; se não, então ainda assim o *Tathagata* deve ser elogiado.

(10) “Se o prazer e a dor que os seres sentem é causado pelo esforço aqui e agora, então o *Tathagata* deve ser elogiado; se não, então ainda assim o *Tathagata* deve ser elogiado.”



Assim fala o *Tathagata*, *bhikkhus*. E porque o *Tathagata* fala assim, essas são as dez deduções legítimas das suas afirmativas que proporcionam motivo suficiente para elogiá-lo.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 102 *Pañcattaya Sutta*

Os Cinco e Três

O Buda refuta as idéias especulativas sobre o passado, o futuro e *nibbana*

1. Assim ouvi. <sup>ii</sup> Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

(ESPECULAÇÕES ACERCA DO FUTURO)

2. “*Bhikkhus*, há alguns contemplativos e brâmanes que especulam acerca do futuro, que possuem idéias acerca do futuro, que fazem várias alegações doutrinárias em relação ao futuro.

(I) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu é perceptivo e intacto após a morte.’

(II) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu é não-perceptivo e intacto após a morte.’

(III) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu é nem perceptivo, nem não-perceptivo e intacto após a morte.’

(IV) Ou eles descrevem a aniquilação, destruição e extinção de um ser existente [na morte].

(V) Ou alguns afirmam *nibbana* aqui e agora.

“Portanto, (a) ou eles descrevem um eu existente que permanece intacto após a morte; (b) ou eles descrevem a aniquilação, destruição e extinção de um ser existente [na morte]; (c) ou eles afirmam *nibbana* aqui e agora. Assim essas [idéias], sendo cinco se tornam três e sendo três se tornam cinco. Esse é o sumário dos ‘cinco e três.’

3. (I) “Nesse sentido, *bhikkhus*, aqueles contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como perceptivo e intacto após a morte, descrevem esse eu, perceptivo e intacto após a morte, como um dos seguintes:

material; ou imaterial; ou ambos, material e imaterial; ou nem material e tampouco imaterial; ou perceptivo da unidade; ou perceptivo da diversidade; ou perceptivo do

limitado; ou perceptivo do imensurável. [iii](#) Ou ainda, dentre aqueles poucos que vão além disso, alguns afirmam ser a kasina da consciência [iv](#), imensurável e imperturbável, [o eu].

4. “O *Tathagata*, *bhikkhus*, compreende isso da seguinte forma: ‘Esses bons contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como perceptivo e intacto após a morte, descrevem esse eu, perceptivo e intacto após a morte, como, ou material ... ou eles o descrevem como perceptivo do imensurável. Por outro lado, visto que [a percepção] “não há nada” é declarada como a mais pura, suprema, a melhor e insuperável dessas percepções – sejam elas, percepção da forma ou sem forma, da unidade ou diversidade [v](#) – alguns afirmam ser a base do nada, imensurável e imperturbável [o eu]. Isso é condicionado e grosseiro, mas há a cessação das formações.’ Tendo compreendido ‘Existe isso,’ vendo a escapatória disso, o *Tathagata* foi além disso. [vi](#)

5. (II) “Nesse sentido, *bhikkhus*, aqueles contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como não-perceptivo e intacto após a morte, descrevem esse eu não-perceptivo e intacto após a morte como um dos seguintes:

material; ou imaterial; ou ambos, material e imaterial; ou nem material e tampouco imaterial.

6. “Nesse sentido, *bhikkhus*, esses criticam aqueles contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como perceptivo e intacto após a morte. Por que isso? Porque eles dizem: ‘A percepção é uma enfermidade, a percepção é um tumor, a percepção é uma flecha; isto é pacífico, isto é sublime, isto é, a não-percepção.’

7. “O *Tathagata*, *bhikkhus*, compreende isso da seguinte forma: ‘Esses bons contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como não-perceptivo e intacto após a morte, descrevem esse eu não-perceptivo e intacto após a morte como, ou material ... ou nem material e tampouco imaterial. Que algum contemplativo ou brâmane possa dizer: “Separado da forma material, separado da sensação, separado da percepção, separado das formações, eu irei descrever as vindas e idas da consciência, o seu falecimento e renascimento, o seu desenvolvimento, crescimento e maturação” – isso é impossível. [vii](#) Isso é condicionado e grosseiro, mas há a cessação das formações.’ Tendo compreendido ‘Existe isso,’ vendo a escapatória disso, o *Tathagata* foi além disso.

8. (III) “Nesse sentido, *bhikkhus*, aqueles contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como nem perceptivo, nem não-perceptivo e intacto após a morte, descrevem esse eu nem perceptivo, nem não-perceptivo e intacto após a morte como um dos seguintes:

material; ou imaterial; ou ambos material e imaterial; ou nem material e tampouco imaterial.

9. “Nesse sentido, *bhikkhus*, esses criticam aqueles contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como perceptivo e intacto após a morte, e eles criticam aqueles contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como não-perceptivo e intacto após a morte. Por que isso? Porque eles dizem: ‘A percepção é uma enfermidade, a percepção é um tumor, a percepção é uma flecha, e a não-percepção é a estupefação; isto é pacífico, isto é sublime, isto é, nem percepção, nem não-percepção.’

10. “O *Tathagata*, *bhikkhus*, compreende isso da seguinte forma: ‘Esses bons contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como nem perceptivo, nem não-perceptivo e intacto após a morte, descrevem esse eu, nem perceptivo, nem não-perceptivo e intacto após a morte, ou como material ... ou nem material e tampouco imaterial. Se algum contemplativo ou brâmane descrever que a entrada nessa base ocorre através de uma medida de formações relacionada ao que é visto, ouvido, sentido e conscientizado, isto é declarado ser um desastre para a entrada nessa base. Pois esta base, é assim declarado, não é para ser alcançada como uma realização com formações; esta base, é assim declarado, é para ser alcançada como uma realização com um resíduo de formações. Isso é condicionado e grosseiro, mas há a cessação das formações.’ Tendo compreendido ‘Existe isso,’ vendo a escapatória disso, o *Tathagata* foi além disso.

11. (IV) “Nesse sentido, *bhikkhus*, aqueles contemplativos e brâmanes que descrevem a aniquilação, destruição e exterminação de um ser existente [na morte] criticam aqueles contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como perceptivo e intacto após a morte, e eles criticam aqueles contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como não-perceptivo e intacto após a morte, e eles criticam aqueles contemplativos e brâmanes que descrevem o eu como nem perceptivo, nem não-perceptivo e intacto após a morte. Por que isso? Todos esses contemplativos e brâmanes, apressando-se adiante, afirmam o seu apego assim: ‘Nós seremos assim após a morte, nós seremos assim após a morte.’ Como um comerciante, que vai para o mercado, pensa: ‘Através disto, aquilo será meu; com isto, eu conseguirei aquilo’; assim também, aqueles contemplativos e brâmanes parecem comerciantes quando eles declaram: ‘Nós seremos assim após a morte, nós seremos assim após a morte.’

12. “O *Tathagata*, *bhikkhus*, compreende isso da seguinte forma: ‘Esses bons contemplativos e brâmanes que descrevem a aniquilação, destruição e exterminação de um ser existente [na morte], devido ao medo da identidade e repulsa pela identidade, ficam correndo e circundando ao redor dessa mesma identidade. Como um cão, atado por uma correia a um poste firme ou coluna, fica correndo e circundando ao redor desse mesmo poste ou coluna; assim também, esses contemplativos e brâmanes, devido ao medo da identidade e repulsa pela identidade, ficam correndo e circundando ao redor dessa mesma identidade. Isso é condicionado e grosseiro, mas há a cessação das formações.’ Tendo compreendido ‘Existe isso,’ vendo a escapatória disso, o *Tathagata* foi além disso.

13. “*Bhikkhus*, quaisquer contemplativos e brâmanes que especulem acerca do futuro, que possuam idéias acerca do futuro, e que façam várias alegações

doutrinárias com relação ao futuro, todos afirmam essas cinco bases ou alguma dentre elas. [viii](#)

#### (ESPECULAÇÕES ACERCA DO PASSADO)

14. “*Bhikkhus*, há alguns contemplativos e brâmanes que especulam acerca do passado, que possuem idéias acerca do passado, que fazem várias alegações doutrinárias com relação ao passado.

(1) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo são eternos: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(2) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo não são eternos: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(3) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo são ambos, eterno e não eterno: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(4) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo são nem eternos, nem não eternos: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(5) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo são finitos: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(6) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo são infinitos: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(7) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo são ambos, finito e infinito: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(8) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo são nem finitos, nem infinitos: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(9) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo são perceptivos da unidade: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(10) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo são perceptivos da diversidade: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(11) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo são perceptivos do limitado: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(12) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo são perceptivos do imensurável: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(13) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo [experimentam] exclusivamente o prazer: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(14) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo [experimentam] exclusivamente a dor: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(15) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo [experimentam] ambos, prazer e dor: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

(16) Alguns afirmam o seguinte: ‘O eu e o mundo [experimentam] nem prazer, nem dor: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

15. (1) “Nesse sentido, *bhikkhus*, com relação aos contemplativos e brâmanes que possuem a seguinte doutrina e entendimento: ‘O eu e o mundo são eternos: somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso,’ que exceto pela fé, exceto pela preferência, exceto pela tradição, exceto pela cogitação com base na razão, exceto pelas idéias, eles terão um tipo de conhecimento pessoal claro e puro disso – isso é impossível. <sup>ix</sup> Visto que eles não possuem conhecimento pessoal claro e puro, mesmo o mero conhecimento incompleto que esses contemplativos e brâmanes elucidam [acerca do entendimento deles] é declarado como sendo apego da parte deles. <sup>x</sup> Isso é condicionado e grosseiro, mas há a cessação das formações.’ Tendo compreendido ‘Existe isso,’ vendo a escapatória disso, o *Tathagata* foi além disso.

16. (2-16) “Nesse sentido, *bhikkhus*, aqueles contemplativos e brâmanes que possuem a seguinte doutrina e entendimento: ‘O eu e o mundo não são eternos ... ambos, eterno e não eterno ... nem eternos, nem não eternos ... finitos ... infinitos ... ambos, finito e infinito ... nem finitos, nem infinitos ... perceptivos da unidade ... perceptivos da diversidade ... perceptivos do limitado ... perceptivos do imensurável ... [experimentam] exclusivamente o prazer ... [experimentam] exclusivamente a dor ... [experimentam] ambos, prazer e dor ... [experimentam] nem prazer, nem dor: que exceto pela fé, exceto pela preferência, exceto pela tradição, exceto pela cogitação com base na razão, exceto pelas idéias, eles terão algum tipo de conhecimento pessoal claro e puro disso – isso é impossível. Visto que eles não possuem conhecimento pessoal claro e puro, mesmo o mero conhecimento incompleto que esses contemplativos e brâmanes elucidam [acerca do entendimento deles] é declarado como sendo apego da parte deles. Isso é condicionado e grosseiro, mas há a cessação das formações.’ Tendo compreendido ‘Existe isso,’ vendo a escapatória disso, o *Tathagata* foi além disso.

(NIBBANA AQUI E AGORA)

17. (V) “Aqui, *bhikkhus*, um contemplativo ou brâmane, com o abandono das idéias acerca do passado e do futuro e com a completa ausência de determinação pelos grilhões do prazer sensual, entra e permanece no êxtase do afastamento. <sup>xi</sup> Ele pensa: ‘Isto é pacífico, isto é sublime, que eu entre e permaneça no êxtase do afastamento.’ Aquele êxtase do afastamento cessa nele. Com a cessação do êxtase do

afastamento, surge a aflição, e com a cessação da aflição, o êxtase do afastamento surge. Como a luz do sol permeia a área que a sombra deixa, e a sombra permeia a área que a luz do sol deixa, assim também, com a cessação do êxtase do afastamento, surge a aflição, e com a cessação da aflição, o êxtase do afastamento surge.

18. “O *Tathagata, bhikkhus*, compreende isso da seguinte forma: ‘Esse bom contemplativo ou brâmane, com o abandono das idéias acerca do passado e do futuro ... e com a cessação da aflição, o êxtase do afastamento surge. Isso é condicionado e grosseiro, mas há a cessação das formações.’ Tendo compreendido ‘Existe isso,’ vendo a escapatória disso, o *Tathagata* foi além disso.

19. “Aqui, *bhikkhus*, um contemplativo ou brâmane, com o abandono das idéias acerca do passado e do futuro e com a completa ausência de determinação pelos grilhões do prazer sensual, e com a superação do êxtase do afastamento, entra e permanece num prazer extra-mundano. [xii](#) Ele pensa: ‘Isto é pacífico, isto é sublime, que eu entre e permaneça num prazer extra-mundano.’ Aquele prazer extra-mundano cessa nele. Com a cessação do prazer extra-mundano, surge o êxtase do afastamento, e com a cessação do êxtase do afastamento, o prazer extra-mundano surge. Como a luz do sol permeia a área que a sombra deixa, e a sombra permeia a área que a luz do sol deixa, assim também, com a cessação do êxtase do prazer extra-mundano, surge o êxtase do afastamento, e com a cessação do êxtase do afastamento, o prazer extra-mundano surge.

20. “O *Tathagata, bhikkhus*, compreende isso da seguinte forma: ‘Esse bom contemplativo ou brâmane, com o abandono das idéias acerca do passado e do futuro ... e com a cessação do êxtase do afastamento, o prazer extra-mundano surge. Isso é condicionado e grosseiro, mas há a cessação das formações.’ Tendo compreendido ‘Existe isso,’ vendo a escapatória disso, o *Tathagata* foi além disso.

21. “Aqui, *bhikkhus*, um contemplativo ou brâmane, com o abandono das idéias acerca do passado e do futuro e com a completa ausência de determinação pelos grilhões do prazer sensual, e com a superação do êxtase do afastamento e do prazer extra-mundano, entra e permanece na sensação nem dolorosa, nem prazerosa. [xiii](#) Ele pensa: ‘Isto é pacífico, isto é sublime, que eu entre e permaneça na sensação nem dolorosa, nem prazerosa.’ Aquela sensação nem dolorosa, nem prazerosa cessa nele. Com a cessação da sensação nem dolorosa, nem prazerosa, surge o prazer extra-mundano, e com a cessação do prazer extra-mundano, a sensação nem dolorosa, nem prazerosa surge. Como a luz do sol permeia a área que a sombra deixa, e a sombra permeia a área que a luz do sol deixa, assim também, com a cessação do êxtase da sensação nem dolorosa, nem prazerosa, surge o prazer extra-mundano, e com a cessação do prazer extra-mundano, a sensação nem dolorosa, nem prazerosa surge.

22. “O *Tathagata, bhikkhus*, compreende isso da seguinte forma: ‘Esse bom contemplativo ou brâmane, com o abandono das idéias acerca do passado e do futuro ... e com a cessação do prazer extra-mundano, a sensação nem dolorosa, nem

prazerosa surge. Isso é condicionado e grosseiro, mas há a cessação das formações.’ Tendo compreendido ‘Existe isso,’ vendo a escapatória disso, o *Tathagata* foi além disso.

23. “Aqui, *bhikkhus*, um contemplativo ou brâmane, com o abandono das idéias acerca do passado e do futuro e com a completa ausência de determinação pelos grilhões do prazer sensual, e com a superação do êxtase do afastamento, do prazer extra-mundano, e da sensação nem dolorosa, nem prazerosa, considera a si mesmo assim: ‘Eu estou em paz, eu realizei *nibbana*, eu estou sem apego.’

24. “O *Tathagata*, *bhikkhus*, compreende isso da seguinte forma: ‘Esse bom contemplativo ou brâmane, com o abandono das idéias acerca do passado e do futuro ... considera a si mesmo assim: “Eu estou em paz, eu realizei *nibbana*, eu estou sem apego.” Com certeza esse venerável declara o caminho na direção de *nibbana*. No entanto, esse bom contemplativo ou brâmane ainda tem apego, apegando-se ainda a uma idéia acerca do passado ou a uma idéia acerca do futuro, ou a um grilhão do prazer sensual, ou ao êxtase do afastamento, ou ao prazer extra-mundano, ou à sensação nem dolorosa, nem prazerosa. E quando esse venerável considera a si mesmo assim: “Eu estou em paz, eu alcancei *nibbana*, eu estou sem apego,” isso também é declarado como apego por parte desse bom contemplativo ou brâmane. Isso é condicionado e grosseiro, mas há a cessação das formações.’ Tendo compreendido ‘Existe isso,’ vendo a escapatória disso, o *Tathagata* foi além disso.

25. “*Bhikkhus*, esse estado supremo de paz sublime foi descoberto pelo *Tathagata*, isto é, a libertação através do desapego, por meio da compreensão de como na verdade são a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória no caso das seis bases do contato. *Bhikkhus*, esse é o estado supremo de paz sublime descoberto pelo *Tathagata*, isto é, a libertação através do desapego, por meio da compreensão de como na verdade são a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória no caso das seis bases do contato.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

### 103 Kinti Sutta

O que vocês pensam de mim?

Como solucionar as disputas em relação ao Dhamma

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Kusinara, no Bosque das Oferendas. Lá ele se dirigiu aos monges da seguinte forma:

2. “O que vocês pensam de mim, *bhikkhus*? Que o contemplativo Gotama ensina o Dhamma para obter mantos? ... para obter comida? ... para obter uma moradia? ... para obter um melhor estado de ser/existir?” [xiv](#)

“Nós não pensamos dessa forma do Abençoado.”

“Portanto, *bhikkhus*, vocês não pensam desta forma de mim. Então o que vocês pensam de mim?”

“Venerável senhor, pensamos o seguinte do Abençoado: ‘O Abençoado é compassivo e busca o nosso bem-estar; ele ensina o Dhamma por compaixão’.”

3. “Portanto, *bhikkhus*, essas coisas que lhes ensinei após tê-las conhecido diretamente – isto é, os quatro fundamentos da atenção plena, os quatro tipos de esforço, as quatro bases do poder espiritual, as cinco faculdades, os cinco poderes, os sete fatores da iluminação, o Nobre Caminho Óctuplo – nessas coisas vocês deveriam treinar em harmonia, com respeito mútuo, sem disputas.

4. “Ao treinarem em harmonia, com respeito mútuo, sem disputas, dois *bhikkhus* podem ter diferenças sobre o Dhamma superior. [xv](#)

5. “Agora, se vocês pensarem o seguinte: ‘Esses veneráveis possuem diferenças sobre ambos, o significado e o fraseado,’ então vocês deveriam se aproximar e se dirigir da seguinte forma ao *bhikkhu* que vocês considerem ser o mais razoável: ‘Os veneráveis diferem sobre ambos, o significado e o fraseado. Os veneráveis deveriam saber que é por esta razão que existe diferença sobre o significado e diferença no fraseado; que os veneráveis não caiam numa disputa.’ Em seguida vocês deveriam se aproximar e se dirigir ao *bhikkhu* que vocês considerem ser o mais razoável entre aqueles que se encontram no lado oposto: ‘Os veneráveis diferem sobre ambos, o significado e o fraseado. Os veneráveis deveriam saber que é por esta razão que existe diferença sobre o significado e diferença no fraseado; que os veneráveis não caiam numa disputa.’ Portanto, aquilo que foi compreendido da forma incorreta deve ser mantido na mente como compreensão incorreta. Mantendo na mente o que foi compreendido de forma incorreta como compreensão incorreta, o que é o Dhamma e o que é a Disciplina deveria ser explicado.

6. “Agora, se vocês pensarem o seguinte: ‘Esses veneráveis possuem diferenças sobre o significado mas estão de acordo quanto ao fraseado,’ então vocês deveriam se aproximar e se dirigir da seguinte forma ao *bhikkhu* que vocês considerem ser o mais razoável: ‘Os veneráveis diferem sobre o significado mas estão de acordo quanto ao fraseado. Os veneráveis deveriam saber que é por esta razão que existe diferença sobre o significado e acordo quanto ao fraseado; que os veneráveis não caiam numa disputa.’ Em seguida vocês deveriam se aproximar e se dirigir ao *bhikkhu* que vocês considerem ser o mais razoável entre aqueles que se encontram no lado oposto: ‘Os veneráveis diferem sobre o significado mas estão de acordo quanto ao fraseado. Os veneráveis deveriam saber que é por esta razão que existe diferença sobre o significado e acordo quanto ao fraseado; que os veneráveis não caiam numa disputa.’ Portanto, aquilo que foi compreendido da forma incorreta deve ser mantido na mente como compreensão incorreta e aquilo que foi compreendido da forma correta deve ser mantido na mente como compreensão correta.



Mantendo na mente o que foi compreendido de forma incorreta como compreensão incorreta e mantendo na mente o que foi compreendido da forma correta como compreensão correta, o que é o Dhamma e o que é a Disciplina deveria ser explicado.

7. “Agora, se vocês pensarem o seguinte: ‘Esses veneráveis estão de acordo sobre o significado mas possuem diferenças quanto ao fraseado,’ então vocês deveriam se aproximar e se dirigir da seguinte forma ao *bhikkhu* que vocês considerem ser o mais razoável: ‘Os veneráveis estão de acordo sobre o significado mas possuem diferenças quanto ao fraseado. Os veneráveis deveriam saber que é por esta razão que existe acordo sobre o significado e diferença quanto ao fraseado. Mas o fraseado é uma coisa sem muita importância. Que os veneráveis não caiam numa disputa por algo sem importância.’ <sup>xvi</sup> Em seguida vocês deveriam se aproximar e se dirigir ao *bhikkhu* que vocês considerem ser o mais razoável entre aqueles que se encontram no lado oposto: ‘Os veneráveis estão de acordo sobre o significado mas possuem diferenças quanto ao fraseado. Os veneráveis deveriam saber que é por esta razão que existe acordo sobre o significado e diferença quanto ao fraseado. Mas o fraseado é uma coisa sem muita importância. Que os veneráveis não caiam numa disputa por algo sem importância.’ Portanto aquilo que foi compreendido da forma correta deve ser mantido na mente como compreensão correta e aquilo que foi compreendido da forma incorreta deve ser mantido na mente como compreensão incorreta. Mantendo na mente o que foi compreendido de forma correta como compreensão correta e mantendo na mente o que foi compreendido da forma incorreta como compreensão incorreta, o que é o Dhamma e o que é a Disciplina deveria ser explicado.

8. “Agora, se vocês pensarem o seguinte: ‘Esses veneráveis estão de acordo sobre ambos, o significado e o fraseado,’ então vocês deveriam se aproximar e se dirigir da seguinte forma ao *bhikkhu* que vocês considerem ser o mais razoável: ‘Os veneráveis estão de acordo sobre ambos, o significado e o fraseado. Os veneráveis deveriam saber que é por esta razão que existe o acordo sobre ambos, o significado e o fraseado; que os veneráveis não caiam numa disputa.’ Em seguida vocês deveriam se aproximar e se dirigir ao *bhikkhu* que vocês considerem ser o mais razoável entre aqueles que se encontram no lado oposto: ‘Os veneráveis estão de acordo sobre ambos, o significado e o fraseado. Os veneráveis deveriam saber que é por esta razão que existe acordo sobre ambos, o significado e o fraseado; que os veneráveis não caiam numa disputa.’ Portanto aquilo que foi compreendido da forma correta deve ser mantido na mente como compreensão correta. Mantendo na mente o que foi compreendido de forma correta como compreensão correta, o que é o Dhamma e o que é a Disciplina deveria ser explicado.

9. “Enquanto estiver treinando em harmonia, com respeito mútuo, sem disputas, um *bhikkhu* poderá cometer uma ofensa ou uma transgressão. <sup>xvii</sup>

10. “Agora, *bhikkhus*, vocês não deveriam se apressar em reprová-lo; ao invés disso, ele deveria ser examinado da seguinte forma: ‘Eu não ficarei perturbado e ele não ficará magoado; ele não tem inclinação para a raiva e a vingança, ele não possui forte apego às suas idéias e abre mão com facilidade, e eu posso fazer com que ele abandone aquilo que

é prejudicial e posso estabelecê-lo naquilo que é benéfico.’ Se isso lhes ocorrer, *bhikkhus*, então é apropriado que vocês falem.

11. “Ou então poderia lhes ocorrer, *bhikkhus*: ‘Eu não ficarei perturbado, mas ele ficará magoado, pois ele tem inclinação para a raiva e a vingança. No entanto, ele não possui forte apego às suas idéias e abre mão com facilidade, e eu posso fazer com que ele abandone aquilo que é prejudicial e posso estabelecê-lo naquilo que é benéfico. É uma coisa sem importância que ele se magoe, mas é algo muito mais relevante se eu puder fazer com que ele abandone aquilo que é prejudicial e puder estabelecê-lo naquilo que é benéfico’ Se isso lhes ocorrer, *bhikkhus*, então é apropriado que vocês falem.

12. “Ou então poderia lhes ocorrer, *bhikkhus*: ‘Eu ficarei perturbado, mas ele não ficará magoado, pois ele não tem inclinação para a raiva e a vingança, embora ele possua forte apego às suas idéias e abra mão com dificuldade; ainda assim, eu posso fazer com que ele abandone aquilo que é prejudicial e posso estabelecê-lo naquilo que é benéfico. É uma coisa sem importância que eu fique perturbado, mas é algo muito mais relevante se eu puder fazer com que ele abandone aquilo que é prejudicial e puder estabelecê-lo naquilo que é benéfico.’ Se isso lhes ocorrer, *bhikkhus*, então é apropriado que vocês falem.

13. “Ou então poderia lhes ocorrer, *bhikkhus*: ‘Eu ficarei perturbado e ele ficará magoado, pois ele tem inclinação para a raiva e a vingança e possui forte apego às suas idéias e abre mão com dificuldade; no entanto eu posso fazer com que ele abandone aquilo que é prejudicial e posso estabelecê-lo naquilo que é benéfico. É uma coisa sem importância que eu fique perturbado e ele magoado, mas é algo muito mais relevante se eu puder fazer com que ele abandone aquilo que é prejudicial e puder estabelecê-lo naquilo que é benéfico.’ Se isso lhes ocorrer, *bhikkhus*, então é apropriado que vocês falem.

14. “Ou então poderia lhes ocorrer, *bhikkhus*: ‘Eu ficarei perturbado e ele ficará magoado, pois ele tem inclinação para a raiva e a vingança e possui forte apego às suas idéias e abre mão com dificuldade; e eu não sou capaz de fazer com que ele abandone aquilo que é prejudicial e estabeleça-lo naquilo que é benéfico.’ Vocês não deveriam subestimar a equanimidade para com tal pessoa.

15-16. “Enquanto estiverem treinando em harmonia, com respeito mútuo, sem disputas, poderá surgir a fricção verbal mútua, opiniões dominantes, irritação mental, amargor e depressão. Então, vocês deveriam se aproximar e se dirigir da seguinte forma ao *bhikkhu* que vocês considerem ser o mais razoável entre aqueles que estão juntos de um lado ... ao *bhikkhu* que vocês considerem ser o mais razoável entre aqueles que estão juntos do lado oposto: ‘Enquanto treinávamos em harmonia, amigo, com respeito mútuo, sem disputas, surgiu a fricção verbal mútua, opiniões dominantes, irritação mental, amargor e depressão. Se o Contemplativo (o Buda) soubesse, ele censuraria isso?’ Para responder corretamente, o *bhikkhu* responderia da seguinte forma: ‘Se o Contemplativo soubesse, ele censuraria isso.’

“Mas, amigo, sem abandonar essas coisas, é possível realizar *nibbana*?” Para responder corretamente, o *bhikkhu* responderia da seguinte forma: ‘Amigo, sem abandonar essas coisas, não é possível realizar *nibbana*.’ [xviii](#)

17. “Se outros perguntassem ao *bhikkhu* da seguinte forma: ‘Foi o venerável que fez com que aqueles *bhikkhus* deixassem aquilo que é prejudicial e se estabelecessem naquilo que é benéfico?’ Para responder corretamente, o *bhikkhu* responderia da seguinte forma: ‘Aqui, amigos, eu me dirigi até o Abençoado. O Abençoado me ensinou o Dhamma. Tendo ouvido o Dhamma, eu falei com aqueles *bhikkhus*. Os *bhikkhus* ouviram o Dhamma e eles deixaram aquilo que é prejudicial e se estabeleceram naquilo que é benéfico.’ Respondendo dessa forma, o *bhikkhu* nem elogia a si mesmo nem menospreza os outros; de tal modo que nada que dê margem à censura possa de forma legítima ser deduzido da sua declaração.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 104 Samagama Sutta

Em Samagama

Os procedimentos disciplinares para orientação da Sangha

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava entre os Sakyas, numa cidade denominada Samagama.
2. Agora naquela ocasião o Nigantha Nataputta havia acabado de falecer em Pava. Com a sua morte os Niganthas se dividiram, partiram ao meio; envolvidos em rixas e brigas, mergulhados em discussões, apunhalando uns aos outros usando as palavras como adagas: “Você não compreende este Dhamma e Disciplina. Eu compreendo este Dhamma e Disciplina. Como poderia você compreender este Dhamma e Disciplina? O seu jeito está errado. O meu jeito está certo. Eu sou consistente. Você é inconsistente. O que deveria ter sido dito primeiro, você disse por último. O que deveria ter sido dito por último, você disse primeiro. Aquilo que você pensou com tanto cuidado foi virado de pernas para o ar. A sua doutrina foi refutada, foi provado que você está errado. Vá e aprenda melhor, ou desembarace-se se puder!” Parecia que não havia nada além de um massacre entre os discípulos de Nigantha Nataputta. E os seus discípulos leigos vestidos de branco estavam desgostosos, consternados e desapontados com os discípulos de Nigantha Nataputta, sentindo-se da mesma forma em relação ao Dhamma e Disciplina dele, que havia sido mal proclamado e mal exposto, que não conduzia à emancipação, não conduzia à paz, exposto por alguém que não era totalmente iluminado, e agora eles estavam com o santuário quebrado, sem um refúgio. [xix](#)
3. Então o noviço Cunda, que havia passado o retiro das chuvas em Pava, foi até o venerável Ananda e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e lhe contou o que estava acontecendo.

O venerável Ananda então disse para o noviço Cunda: “Amigo Cunda, essas são notícias que devem ser relatadas ao Abençoado. Venha, vamos até o Abençoado para contar-lhe isso.”

“Sim, venerável senhor,” o noviço Cunda respondeu.

4. Então o venerável Ananda e o noviço Cunda foram juntos até o Abençoado. Depois de cumprimentá-lo, eles sentaram a um lado e o venerável Ananda disse para o Abençoado: “O noviço Cunda, venerável senhor, disse o seguinte: ‘Venerável senhor, o Nigantha Nataputta acaba de morrer. Com a sua morte os Niganthas se dividiram, partiram ao meio ... e agora eles estavam com o santuário quebrado, sem um refúgio. Eu pensei, venerável senhor: ‘Que nenhuma disputa surja na Sangha quando o Abençoado houver partido. Pois tal disputa causaria dano e infelicidade para muitos, perda, dano e sofrimento para *devas* e humanos.’”

5. “O que você pensa, Ananda? Essas coisas que lhes ensinei após tê-las conhecido diretamente – isto é, os quatro fundamentos da atenção plena, os quatro tipos de esforço, as quatro bases do poder espiritual, as cinco faculdades, os cinco poderes, os sete fatores da iluminação, o Nobre Caminho Óctuplo – você pode ver, Ananda, mesmo dois *bhikkhus* que façam asserções distintas sobre essas coisas?”

“Não, venerável senhor, eu não vejo nem mesmo dois *bhikkhus* que façam asserções distintas sobre essas coisas. Mas, venerável senhor, existem pessoas que se comportam de forma respeitosa em relação ao Abençoado e que poderão, quando ele se for, criar uma disputa na Sangha sobre o modo de vida e sobre o *Patimokkha*. <sup>xx</sup> Tal disputa causaria dano e infelicidade para muitos, perda, dano, e sofrimento para *devas* e humanos.”

“Uma disputa sobre o modo de vida ou sobre o *Patimokkha* seria insignificante, Ananda. Mas se surgisse uma disputa na Sangha sobre o caminho ou a prática, tal disputa causaria dano e infelicidade para muitos, perda, dano, e sofrimento para *devas* e humanos.

6-11. “Existem, Ananda, estas seis raízes das disputas. Quais seis? Aqui, Ananda, um *bhikkhu* é raivoso e rancoroso ... desprezador e insolente ... invejoso e avaro ... dissimulador e trapaceiro ... tem desejos prejudiciais e entendimento incorreto ... adere às suas próprias idéias, se agarra a elas com tenacidade e abre mão delas com dificuldade. Tal *bhikkhu* é desrespeitoso e desatencioso com relação ao Mestre, com relação ao Dhamma e com relação à Sangha e ele não executa o treinamento. Um *bhikkhu* que é desrespeitoso e desatencioso com relação ao Mestre, com relação ao Dhamma e com relação à Sangha e que não executa o treinamento, cria uma disputa na Sangha, que causaria o dano e infelicidade para muitos, perda, dano, e sofrimento para *devas* e humanos. Agora se vocês virem essa raiz de disputas quer seja em vocês mesmos ou nos outros, vocês devem se esforçar para abandonar essa raiz de disputas. E se vocês não virem essa raiz de disputas quer seja em vocês mesmos ou nos outros, vocês deveriam praticar de tal forma que essa raiz de disputas não surja no futuro. Assim ocorre o abandono daquela raiz ruim de disputas; assim ocorre o não surgimento daquela raiz ruim de disputas no futuro. Essas são as seis raízes de disputas.

12. “Ananda, existem esses quatro tipos de litígio. Quais quatro? Litígio devido a uma disputa, litígio devido a uma acusação, litígio devido a uma ofensa e litígio com relação a procedimentos. Esses são os quatro tipos de litígio. [xxi](#)

13. “Ananda, existem essas sete formas de resolver um litígio. Para a resolução e pacificação de litígios sempre que surgirem: a remoção do litígio por meio da confrontação, a remoção do litígio por meio da memória, a remoção do litígio por conta de insanidade no passado, efetuar o reconhecimento de uma transgressão, a opinião da maioria, denunciar o mau caráter de alguém e o cobrir com capim.

14. “E como é a remoção do litígio por meio da confrontação? Neste caso os *bhikkhus* estão discutindo: ‘É o Dhamma,’ ou ‘Não é o Dhamma,’ ou ‘É a Disciplina,’ ou ‘Não é a Disciplina.’ Esses *bhikkhus* deveriam todos se reunir em harmonia. Então, estando reunidos, os preceitos do Dhamma devem ser expostos. Uma vez que os preceitos do Dhamma tenham sido expostos, aquele litígio deveria ser resolvido de uma forma que esteja de acordo com estes. Assim é a remoção do litígio por meio da confrontação. E dessa forma se resolvem alguns litígios com a remoção do litígio através da confrontação.

15. “E como é a opinião da maioria? Se aqueles *bhikkhus* não conseguem resolver aquele litígio no local em que estiverem, eles devem ir para um local onde exista um maior número de *bhikkhus*. Lá eles devem todos se reunir em harmonia. Então, estando reunidos, os preceitos do Dhamma devem ser expostos. Uma vez que os preceitos do Dhamma tenham sido expostos, aquele litígio deveria ser resolvido de uma forma que esteja de acordo com estes. Essa é a opinião da maioria. E dessa forma se resolvem alguns litígios com a opinião da maioria.

16. “E como é a remoção do litígio por meio da memória? Neste caso um *bhikkhu* censura um outro *bhikkhu* por tal e tal transgressão grave, que cause a derrota ou que esteja próxima da derrota: ‘O venerável se recorda haver cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota?’ Ele diz: ‘Eu, amigos, não me lembro de haver cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota.’ Neste caso a remoção do litígio por meio da memória deve ser pronunciada. Assim é a remoção do litígio por meio da memória. E dessa forma se resolvem alguns litígios com a remoção do litígio através da memória.

17. “E como é a remoção do litígio por conta de insanidade no passado? Neste caso um *bhikkhu* censura um outro *bhikkhu* por tal e tal transgressão grave, que cause a derrota ou que esteja próxima da derrota: ‘O venerável se recorda haver cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota?’ Ele diz: ‘Eu não, amigos, me lembro de haver cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota.’ Apesar da negação, o primeiro pressiona o segundo ainda mais: ‘Com certeza o venerável deve saber muito bem se ele se lembra de ter cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota?’ Ele diz: ‘Eu estava enlouquecido, amigo, eu estava completamente fora de mim e enquanto assim estive fiz muitas coisas impróprias para um contemplativo. Eu não me lembro, eu estava

enlouquecido quando fiz isso.' Neste caso a remoção do litígio por conta de insanidade no passado deve ser pronunciada. Assim é a remoção do litígio por conta de insanidade no passado. E dessa forma se resolvem alguns litígios com a remoção do litígio por conta de insanidade no passado.

18. “E como é efetuado o reconhecimento de uma transgressão? Neste caso um *bhikkhu*, quer seja censurado ou não censurado, lembra uma transgressão, a revela e expõe. Ele deveria ir até um *bhikkhu* mais sênior e depois de arrumar o manto sobre o ombro, ele deveria homenageá-lo aos seus pés. Então, sentado sobre os calcanhares ele deveria com as mãos postas dizer: ‘Venerável senhor, eu cometi tal e tal transgressão; eu a confesso.’ O outro deve dizer: ‘Você vê?’ – ‘Sim, eu vejo.’ – ‘Você irá praticar a contenção no futuro?’ – ‘Eu irei praticar a contenção no futuro.’ Assim é o reconhecimento de uma transgressão. E dessa forma se resolvem alguns litígios com o reconhecimento de uma transgressão.

19. “E como é a denúncia do mau caráter de alguém? Neste caso um *bhikkhu* censura um outro *bhikkhu* por tal e tal transgressão grave, que cause a derrota ou que esteja próxima da derrota: ‘O venerável se recorda haver cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota?’ Ele diz: ‘Eu, amigos, não me lembro de haver cometido tal e tal transgressão grave, que cause a derrota ou que está próxima da derrota.’ Apesar da negação, o primeiro pressiona o segundo ainda mais: ‘Com certeza o venerável deve saber muito bem se ele se lembra de ter cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota’ Ele diz: ‘Eu não me lembro, amigos, de haver cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota. Mas, amigos, eu me lembro de haver cometido tal e tal transgressão menor.’ Apesar da negação, o primeiro pressiona o segundo ainda mais: ‘Com certeza o venerável deve saber muito bem se ele se lembra de ter cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota’ Ele diz: ‘Amigos, não sendo perguntado eu reconheci haver cometido essa transgressão menor; portanto ao ser perguntado, porque eu não reconheceria haver cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota?’ O outro diz: ‘Amigo, se você não tivesse sido perguntado, não teria reconhecido haver cometido essa transgressão menor; portanto, porque, ao ser perguntado, você reconheceria haver cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota? Com certeza o venerável deve saber muito bem se ele se lembra de ter cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota’ Ele diz: ‘Eu me lembro, amigos, haver cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota. Eu estava com pressa, eu estava confuso, quando disse que não me lembrava haver cometido tal e tal transgressão grave, que causa a derrota ou que está próxima da derrota.’ Assim é a denúncia do mau caráter de alguém. E dessa forma se resolvem alguns litígios através da denúncia do mau caráter de alguém.

20. “E como se cobre com capim? Neste caso quando os *bhikkhus* estiverem envolvidos em brigas e discussões com disputas profundas, eles podem fazer e dizer coisas impróprias para um contemplativo. Esses *bhikkhus* deveriam todos se reunir em harmonia. Estando reunidos, um *bhikkhu* sábio dentre os *bhikkhus* em um lado da disputa

deveria levantar do seu assento e depois de arrumar o manto sobre o ombro, ele deveria com as mãos postas solicitar um decreto da Sangha assim: ‘Que a venerável Sangha me ouça. Ao estarmos envolvidos em brigas e discussões com disputas profundas, dissemos e fizemos muitas coisas impróprias para um contemplativo. Se for aprovado pela Sangha, então pelo bem desses veneráveis e pelo meu próprio bem, no meio da Sangha eu confessarei, com o método de cobrir com capim, todas transgressões desses veneráveis e todas transgressões que eu cometi, exceto aquelas que requerem uma censura grave e aquelas conectadas com a comunidade leiga.’

“Então, um *bhikkhu* sábio dentre os *bhikkhus* do outro lado da disputa deveria levantar do seu assento e depois de arrumar o manto sobre o ombro, ele deveria com as mãos postas solicitar um decreto da Sangha assim: ‘Que a venerável Sangha me ouça. Quando envolvidos em brigas e discussões com disputas profundas, dissemos e fizemos muitas coisas impróprias para um contemplativo. Se for aprovado pela Sangha, então pelo bem desses veneráveis e pelo meu próprio bem, no meio da Sangha eu confessarei, com o método de cobrir com capim, todas as transgressões desses veneráveis e todas as transgressões que eu cometi, exceto aquelas que requerem uma censura grave e aquelas conectadas com a comunidade leiga.’ Assim é como se cobre com capim. E dessa forma se resolvem alguns litígios cobrindo-os com capim.

21. “Ananda, existem essas seis qualidades memoráveis que geram amor e respeito e que conduzem à coesão, à não disputa, à concórdia e à união. Quais são essas seis?

“Nesse caso um *bhikkhu* pratica, tanto em público como em particular, ações com amor bondade com o corpo para com os seus companheiros na vida santa. Essa é uma qualidade memorável que gera amor e respeito e que conduz à coesão, à não disputa, à concórdia e à unidade.

“Outra vez, um *bhikkhu* pratica, tanto em público como em particular, ações com amor bondade com a linguagem para com os seus companheiros na vida santa. Essa é uma qualidade memorável que gera amor e respeito e que conduz à coesão, à não disputa, à concórdia e à unidade.

“Outra vez, um *bhikkhu* pratica, tanto em público como em particular, ações com amor bondade com a mente para com os seus companheiros na vida santa. Essa é uma qualidade memorável que gera amor e respeito e que conduz à coesão, à não disputa, à concórdia e à unidade.

“Outra vez, um *bhikkhu* comparte as coisas com os seus companheiros virtuosos na vida santa; sem fazer qualquer reserva, ele comparte com eles tudo que seja ganho que esteja de acordo com o Dhamma e que tenha sido obtido de uma maneira de acordo com o Dhamma, incluindo até mesmo o conteúdo da sua tigela de alimentos. Essa é uma qualidade memorável que gera amor e respeito e que conduz à coesão, à não disputa, à concórdia e à unidade.

“Outra vez, um *bhikkhu* permanece, tanto em público como em particular, possuindo, juntamente com os seus companheiros da vida santa, aquelas virtudes que são inquebrantáveis, que não podem ser despedaçadas, manchadas, matizadas, são libertadoras, recomendadas pelos sábios, não são mal interpretadas e que conduzem à concentração. Essa é uma qualidade memorável que gera amor e respeito e que conduz à coesão, à não disputa, à concórdia e à unidade.

“Outra vez, um *bhikkhu* permanece, tanto em público como em particular, possuindo, juntamente com os seus companheiros da vida santa, aquele entendimento que é nobre, que emancipa e que conduz aquele que pratica de acordo com ele à completa destruição do sofrimento. Essa também é uma qualidade memorável que gera amor e respeito e que conduz à coesão, à não disputa, à concórdia e à unidade.

“Essas são as seis qualidades memoráveis que geram amor e respeito e que conduzem à coesão, à não disputa, à concórdia e à unidade.

22. “Se, Ananda, vocês praticarem e mantiverem essas seis qualidades memoráveis, você pode ver algum tipo de linguagem, comum ou grosseira, que vocês não possam suportar?” – “Não venerável senhor.” – “Então, Ananda, pratiquem e mantenham essas seis qualidades memoráveis. Isso irá conduzir ao bem-estar e felicidade de vocês por muito tempo.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## *105 Sunakkhatta Sutta*

Para Sunakkhatta

O indivíduo que superestima as suas realizações meditativas

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Vesali na Grande Floresta no Salão com um pico na cumeeira.
2. Agora naquela ocasião um grande número de *bhikkhus* haviam declarado o conhecimento supremo na presença do Abençoado desta forma: “Nós compreendemos: O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.”
3. Sunakkhatta, filho dos Licchavis, ouviu: “Um grande número de *bhikkhus*, parece, declararam o conhecimento supremo na presença do Abençoado. Então Sunakkhatta, filho dos Licchavis, foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, sentou a um lado e disse para o Abençoado:
4. “Eu ouvi, venerável senhor, que um grande número de *bhikkhus* declararam o conhecimento supremo na presença do Abençoado. Eles assim o fizeram com justiça ou



existem alguns *bhikkhus* que declararam o conhecimento supremo por que eles se superestimam?”

5. “Quando aqueles *bhikkhus*, Sunakkhatta, declararam o conhecimento supremo na minha presença, houve alguns *bhikkhus* que declararam o conhecimento supremo com justiça e houve alguns que declararam o conhecimento supremo porque eles se superestimam. Com respeito a isso, quando os *bhikkhus* declaram o conhecimento supremo com justiça, a sua declaração é verdadeira. Mas quando os *bhikkhus* declaram o conhecimento supremo porque eles se superestimam, o *Tathagata* pensa: ‘Que eu lhes ensine o Dhamma.’ Mas alguns homens tolos formulam uma questão, vêm até o *Tathagata* e perguntam. Nesse caso, Sunakkhatta, embora o *Tathagata* tenha pensado: ‘Que eu lhes ensine o Dhamma,’ ele muda de idéia.”

6. “Este é o momento, Abençoado, este é o momento, Iluminado, para que o Abençoado ensine o Dhamma. Tendo ouvido do Abençoado, os *bhikkhus* o recordarão.”

7. “Existem, Sunakkhatta, esses cinco elementos do prazer sensual. Quais cinco? Formas percebidas pelo olho que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostadas, conectadas com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Sons percebidos pelo ouvido ... Aromas percebidos pelo nariz ... Sabores percebidos pela língua ... Tangíveis percebidos pelo corpo que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Esses são os cinco elementos do prazer sensual.

8. “É possível, Sunakkhatta, que uma pessoa se empenhe pelas coisas materiais mundanas. Quando uma pessoa se empenha pelas coisas materiais mundanas, somente a conversa sobre esse tipo de coisa lhe interessa e os seus pensamentos e ponderações estão de acordo com isso e ela se associa com esse tipo de pessoa e encontra satisfação através disso. Mas quando a conversa sobre o imperturbável estiver ocorrendo, ela não irá ouvi-la ou dar-lhe atenção ou esforçar a mente para compreendê-la. Ela não se associa com esse tipo de pessoa e não encontra satisfação através disso.

9. “Suponha, Sunakkhatta, que um homem tenha deixado seu vilarejo ou cidade há muito tempo e ele fosse visitar um outro homem que apenas recentemente tivesse deixado aquele vilarejo ou cidade. Ele perguntaria ao homem se as pessoas daquele vilarejo ou cidade estavam bem, prósperas e saudáveis e o homem lhe contaria se as pessoas daquele vilarejo ou cidade estavam bem, prósperas e saudáveis. O que você pensa, Sunakkhatta? O primeiro homem ouviria o outro, daria atenção a ele e esforçaria a mente para compreender?” – “Sim, venerável senhor.” – “Da mesma forma, Sunakkhatta, é possível que uma pessoa tenha empenho por coisas materiais mundanas. Quando uma pessoa tem empenho por coisas materiais mundanas somente a conversa sobre esse tipo de coisa lhe interessa ...

10. “É possível, Sunakkhatta, que uma pessoa se empenhe pelo imperturbável. [xxii](#) Quando uma pessoa se empenha pelo imperturbável, somente a conversa sobre esse tipo de coisa lhe interessa e os seus pensamentos e ponderações estão de acordo com isso e ela

se associa com esse tipo de pessoa e encontra satisfação através disso. Mas quando a conversa sobre coisas materiais mundanas estiver ocorrendo, ela não irá ouvi-la ou dar-lhe atenção ou esforçar a mente para compreendê-la. Ela não se associa com esse tipo de pessoa e não encontra satisfação através disso.

11. “Tal como uma folha amarelada que caiu do galho é incapaz de se tornar verde outra vez, da mesma forma, Sunakkhatta, quando uma pessoa tem empenho pelo imperturbável, ela removeu o grilhão das coisas materiais mundanas. Ela, que tem empenho pelo imperturbável, deve ser compreendida como uma pessoa não aprisionada pelo grilhão das coisas materiais mundanas.

12. “É possível, Sunakkhatta, que uma pessoa se empenhe pela base do nada. Quando uma pessoa se empenha pela base do nada, somente a conversa sobre esse tipo de coisa lhe interessa e os seus pensamentos e ponderações estão de acordo com isso e ela se associa com esse tipo de pessoa e encontra satisfação através disso. Mas quando a conversa sobre o imperturbável estiver ocorrendo, ela não irá ouvi-la ou dar-lhe atenção ou esforçar a mente para compreendê-la. Ela não se associa com esse tipo de pessoa e não encontra satisfação através disso.

13. “Tal como uma pedra compacta que tenha sido partida em dois não pode ser juntada outra vez, da mesma forma, Sunakkhatta, quando uma pessoa tem empenho pela base do nada, ela partiu o grilhão do imperturbável. Ela, que tem empenho pela base do nada, deve ser compreendida como uma pessoa não aprisionada pelo grilhão do imperturbável.

14. “É possível, Sunakkhatta, que uma pessoa se empenhe pela base da nem percepção, nem não percepção. Quando uma pessoa se empenha pela base da nem percepção, nem não percepção, somente a conversa sobre esse tipo de coisa lhe interessa e os seus pensamentos e ponderações estão de acordo com isso e ela se associa com esse tipo de pessoa e encontra satisfação através disso. Mas quando a conversa sobre a base do nada estiver ocorrendo, ela não irá ouvi-la ou dar-lhe atenção ou esforçar a mente para compreendê-la. Ela não se associa com esse tipo de pessoa e não encontra satisfação através disso.

15. “Suponha uma pessoa tenha comido uma comida deliciosa e vomite. O que você pensa, Sunakkhatta? Aquela pessoa poderia ter algum desejo em comer aquela comida outra vez?”

“Não, venerável senhor. Por que isso? Porque aquela comida será considerada repulsiva.”

“Da mesma forma, Sunakkhatta, quando uma pessoa se empenha pela base da nem percepção, nem não percepção, o seu grilhão pela base do nada foi rejeitado. Ela, que se empenha pela base da nem percepção, nem não percepção, deve ser compreendida como uma pessoa não aprisionada pelo grilhão da base do nada.

16. “É possível, Sunakkhatta, que uma pessoa tenha completo empenho por *nibbana*. Quando uma pessoa tem completo empenho por *nibbana*, somente a conversa sobre esse

tipo de coisa lhe interessa e os seus pensamentos e ponderações estão de acordo com isso e ela se associa com esse tipo de pessoa e encontra satisfação através disso. Mas quando a conversa sobre a base da nem percepção, nem não percepção estiver ocorrendo, ela não irá ouvi-la ou dar-lhe atenção ou esforçar a mente para compreendê-la. Ela não se associa com esse tipo de pessoa e não encontra satisfação através disso.

17. “Tal como uma palmeira com o topo cortado é incapaz de crescer outra vez, da mesma forma, Sunakkhatta, quando uma pessoa tem completo empenho por *nibbana*, o seu grilhão da base da nem percepção, nem não percepção foi cortado pela raiz, feito como com um tronco de palmeira, eliminado de forma que não mais estará sujeito a um futuro surgimento. Ela, que tem completo empenho por *nibbana*, deve ser compreendida como uma pessoa não aprisionada pelo grilhão da base da nem percepção, nem não percepção.

18. “É possível, Sunakkhatta, que algum *bhikkhu* possa pensar o seguinte: ‘O desejo foi chamado de flecha pelo Contemplativo; o humor venenoso da ignorância se espalha através do desejo, cobiça e má vontade. A flecha do desejo foi removida de mim; o humor venenoso da ignorância foi expulso. Eu sou um dos que tem completo empenho por *nibbana*.’ Como ele pensa assim de si mesmo, de forma falsa, [xxiii](#) ele poderá se dedicar àquelas coisas que são inadequadas para alguém que tenha completo empenho por *nibbana*. Ele poderá se dedicar à visão de formas inadequadas com o olho, ele poderá se dedicar a sons inadequados com o ouvido, aromas inadequados com o nariz, sabores inadequados com a língua, tangíveis inadequados com o corpo ou objetos mentais inadequados com a mente. Ao se dedicar à visão de formas inadequadas com o olho ... objetos mentais inadequados com a mente, a cobiça invade a sua mente. Com a mente invadida pela cobiça, ele estaria sujeito à morte ou ao sofrimento igual à morte.

19. “Suponha, Sunakkhatta, que um homem fosse ferido com uma flecha besuntada com muito veneno e os seus amigos e companheiros, seus pares e parentes, trouxessem um cirurgião. O cirurgião cortaria em volta da ferida com uma faca e então examinaria a flecha com uma sonda e em seguida removeria a flecha e expulsaria o humor venenoso, porém deixando um pouco do veneno. Sabendo que um pouco de veneno havia sido deixado, ele diria: ‘Bom homem, a flecha foi removida; o humor venenoso foi expulso deixando porém um pouco do veneno, incapaz de lhe causar dano. Coma apenas comida adequada; não coma comida inadequada, se não a ferida poderá supurar. De tempos em tempos, lave a ferida e de tempos em tempos, unte o corte, de forma que o sangue e pus não cubram o corte da ferida. Não caminhe sob o vento e o sol, se não a poeira e a sujeira poderão infectar o corte da ferida. Cuide do seu ferimento, bom homem e assegure-se de que a ferida esteja curada.’

20-21. “O homem pensaria: ‘A flecha foi removida; o humor venenoso foi expulso sem restar nenhum veneno e é incapaz de me causar dano.’ Ele comeria comida inadequada e a ferida supuraria. De tempos em tempos, ele não lavaria a ferida e de tempos em tempos, ele não untaria o corte, de forma que sangue e pus cobririam o corte da ferida. Ele caminharia sob o vento e o sol e a poeira e a sujeira infectariam o corte da ferida. Ele não cuidaria do seu ferimento, nem se asseguraria de que a ferida estivesse curada. Assim,

tanto porque ele fez o que era inadequado como porque o humor venenoso havia sido expulso, porém deixando um pouco do veneno, a ferida incharia e com esse inchaço ele estaria sujeito à morte ou ao sofrimento igual à morte.

22. “Pois é a morte na Disciplina dos Nobres, Sunakkhatta, quando alguém abandona o treinamento e reverte para a vida mundana; e é sofrimento igual à morte quando alguém comete uma transgressão impura.

23. “É possível, Sunakkhatta, que algum *bhikkhu* possa pensar o seguinte: ‘O desejo foi chamado de flecha pelo Contemplativo; o humor venenoso da ignorância se espalha através do desejo, cobiça e má vontade. A flecha do desejo foi removida de mim; o humor venenoso da ignorância foi expulso. Eu sou um dos que tem completo empenho por *nibbana*.’ Sendo um dos que realmente tem empenho por *nibbana*, ele não irá se dedicar àquelas coisas que são inadequadas para alguém que tenha completo empenho por *nibbana*. Ele não irá se dedicar à visão de formas inadequadas com o olho, ele não irá se dedicar a sons inadequados com o ouvido, ele não irá se dedicar a odores inadequados com o nariz, ele não irá se dedicar a sabores inadequados com a língua, ele não irá se dedicar a tangíveis inadequados com o corpo ou ele não irá se dedicar a objetos mentais inadequados com a mente. Como ele não se dedica à visão de formas inadequadas com o olho ... objetos mentais inadequados com a mente, a cobiça não invade a sua mente. Como a sua mente não está invadida pela cobiça, ele não estaria sujeito à morte ou ao sofrimento igual à morte.

24. “Suponha, Sunakkhatta, que um homem fosse ferido com uma flecha besuntada com muito veneno e os seus amigos e companheiros, seus pares e parentes, trouxessem um cirurgião. O cirurgião cortaria em volta da ferida com uma faca e então examinaria a flecha com uma sonda e em seguida removeria a flecha e expulsaria o humor venenoso sem deixar nenhum vestígio. Sabendo que nenhum veneno havia sido deixado, ele diria: ‘Bom homem, a flecha foi removida ; o humor venenoso foi expulso sem deixar nenhum vestígio, incapaz de lhe causar dano. Coma apenas comida adequada; não coma comida inadequada, se não a ferida poderá supurar. De tempos em tempos, lave a ferida e de tempos em tempos, unte o corte, de forma que o sangue e pus não cubram o corte da ferida. Não caminhe sob o vento e o sol, se não a poeira e a sujeira poderão infectar o corte da ferida. Cuide do seu ferimento, bom homem, e assegure-se de que a ferida esteja curada.’

25-26. “O homem pensaria: ‘A flecha foi removida; o humor venenoso foi expulso sem restar nenhum vestígio e é incapaz de me causar dano.’ Ele comeria comida adequada e a ferida não supuraria. De tempos em tempos, ele lavaria a ferida e de tempos em tempos, ele untaria o corte, de forma que o sangue e pus não cobririam o corte da ferida. Ele não caminharia sob o vento e o sol e a poeira e a sujeira não infectariam o corte da ferida. Ele cuidaria do seu ferimento e procuraria assegurar-se de que a ferida estivesse curada. Então, tanto porque ele fez o que era adequado como porque o humor venenoso havia sido expulso sem restar nenhum vestígio, a ferida se curaria e estando curada coberta com pele, ele não estaria sujeito à morte ou ao sofrimento igual à morte.

27. “Sunakkhatta, eu citei esse símile de forma a transmitir uma idéia. A idéia é a seguinte: ‘Ferida’ é um termo para as seis bases internas, ‘Humor venenoso’ é um termo para ignorância. ‘Flecha’ é um termo para o desejo. ‘Instrumento’ é um termo para a atenção plena. ‘Faca’ é um termo para a nobre sabedoria. ‘Cirurgião’ é um termo para o *Tathagata*, um *arahant*, perfeitamente iluminado.

28. “Quando, Sunakkhatta, um *bhikkhu* pratica a contenção nas seis bases de contato, tendo compreendido que as aquisições são a raiz do sofrimento, se livra das aquisições e é libertado através da destruição das aquisições, não é possível que ele dirija o seu corpo ou estimule a sua mente para quaisquer aquisições.

29. “Suponha, Sunakkhatta, que houvesse uma taça de bronze com uma bebida com boa cor, cheiro e sabor, mas estivesse misturada com veneno, e viesse um homem que deseja viver, não morrer, que deseja o prazer e evita a dor. O que você pensa, Sunakkhatta, aquele homem beberia aquela taça de bebida, sabendo: ‘Se eu beber isto estarei sujeito à morte ou ao sofrimento igual à morte?’” – “Não, venerável senhor.” – “Da mesma forma, quando um *bhikkhu* pratica a contenção nas seis bases de contato, tendo compreendido que as aquisições são a raiz do sofrimento, se livra das aquisições e é libertado através da destruição das aquisições, não é possível que ele dirija o seu corpo ou estimule a sua mente para quaisquer aquisições.

30. “Suponha, Sunakkhatta, que houvesse uma cobra venenosa mortífera e viesse um homem que deseja viver, não morrer, que deseja o prazer e evita a dor. O que você pensa, Sunakkhatta, aquele homem daria a sua mão ou o dedo para a cobra venenosa mortífera, sabendo: ‘Se eu for picado por ela estarei sujeito à morte ou ao sofrimento igual à morte?’” – “Não, venerável senhor.” – “Da mesma forma, quando um *bhikkhu* pratica a contenção nas seis bases de contato, tendo compreendido que as aquisições são a raiz do sofrimento, se livra das aquisições e é libertado através da destruição das aquisições, não é possível que ele dirija o seu corpo ou estimule a sua mente para quaisquer aquisições.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Sunakkhatta, filho dos Licchavis, ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.”

## *106 Aneñjasappaya Sutta*

### O Caminho para o Imperturbável

Os vários níveis de realizações meditativas superiores culminando com *nibbana*

1. Em certa ocasião o Abençoado estava entre os Kurus numa cidade denominada Kammassadhamma. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, os prazeres sensuais são impermanentes, vazios, falsos, enganosos; eles são ilusórios, a tagarelice dos tolos. Os prazeres sensuais aqui e agora e os prazeres sensuais nas vidas que virão, as percepções sensuais aqui e agora e as percepções sensuais nas vidas que virão – ambos são igualmente o reino de *Mara*, o domínio de *Mara*, o engodo de *Mara*, a reserva de caça de *Mara*. Por conta deles, estes estados ruins e prejudiciais

como a cobiça, má vontade e a presunção surgem, e eles constituem uma obstrução para o nobre discípulo que aqui se encontra em treinamento.

(O IMPERTURBÁVEL) [xxiv](#)

3. “Nesse sentido, *bhikkhus*, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Os prazeres sensuais aqui e agora e os prazeres sensuais nas vidas que virão ... constituem uma obstrução para o nobre discípulo que aqui se encontra em treinamento. E se eu permanecesse com a mente abundante e transcendente, tendo superado o mundo e tomado uma firme decisão com a mente. [xxv](#) Quando eu fizer isso, não haverá mais estados mentais ruins e prejudiciais em mim como a cobiça, má vontade e presunção, e com o abandono destes a minha mente estará ilimitada, imensurável e bem desenvolvida.’ Ao praticar dessa forma e permanecer assim freqüentemente, a sua mente adquire confiança nessa base. Uma vez que haja completa confiança, ele ou alcança o imperturbável agora, ou então decide pelo aperfeiçoamento da sabedoria. Na dissolução do corpo, após a morte, é possível que a consciência dele, conduzindo ao renascimento, possa passar para o imperturbável. Este, *bhikkhus*, é declarado o primeiro caminho dirigido para o imperturbável.

4. “Novamente, *bhikkhus*, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Existem prazeres sensuais aqui e agora e prazeres sensuais nas vidas que virão, percepções sensuais aqui e agora e percepções sensuais nas vidas que virão; qualquer que seja a forma material, toda forma material compreende os quatro grandes elementos e a forma material derivada dos quatro grandes elementos.’ Ao praticar dessa forma e permanecer assim com freqüência, a sua mente adquire confiança nessa base. Uma vez que haja completa confiança, ele ou alcança o imperturbável agora, ou então decide pelo aperfeiçoamento da sabedoria. Na dissolução do corpo, após a morte, é possível que a consciência dele, conduzindo ao renascimento, possa passar para o imperturbável. Este, *bhikkhus*, é declarado o segundo caminho dirigido ao imperturbável.

5. “Novamente, *bhikkhus*, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Prazeres sensuais aqui e agora e prazeres sensuais nas vidas que virão, percepções sensuais aqui e agora e percepções sensuais nas vidas que virão, formas materiais aqui e agora e formas materiais nas vidas que virão, percepções das formas aqui e agora e percepções das formas nas vidas que virão – ambas são igualmente impermanentes. Aquilo que é impermanente, não vale a pena se deliciar nisso, não vale a pena receber isso, não vale a pena se agarrar nisso.’ Ao praticar dessa forma e permanecer assim freqüentemente, a sua mente adquire confiança nessa base. Uma vez que haja completa confiança, ele ou alcança o imperturbável agora, ou então decide pelo aperfeiçoamento da sabedoria. Na dissolução do corpo, após a morte, é possível que a consciência dele, conduzindo ao renascimento, possa passar para o imperturbável. Este, *bhikkhus*, é declarado o terceiro caminho dirigido ao imperturbável.

(A BASE DO NADA)

6. “Novamente, *bhikkhus*, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Prazeres sensuais aqui e agora e prazeres sensuais nas vidas que virão, percepções sensuais aqui e agora e percepções sensuais nas vidas que virão, formas materiais aqui e agora e formas materiais nas vidas que virão, percepções das formas aqui e agora e percepções das formas nas vidas que virão, e percepções do imperturbável – são todas percepções. Onde todas essas percepções cessam sem vestígios, isso é a paz, isso é o sublime, isto é, a base do nada.’ Ao praticar dessa forma e permanecer assim freqüentemente, a sua mente adquire confiança nessa base. Uma vez que haja completa confiança, ele ou alcança o imperturbável agora, ou então decide pelo aperfeiçoamento da sabedoria. Na dissolução do corpo, após a morte, é possível que a consciência dele, conduzindo ao renascimento, possa passar para a base do nada. Este, *bhikkhus*, é declarado o primeiro caminho dirigido à base do nada.

7. “Novamente, *bhikkhus*, um nobre discípulo, dirigindo-se à floresta, ou à sombra de uma árvore, ou a um local isolado, considera o seguinte: ‘Isto está vazio de um eu ou daquilo que pertence a um eu.’ Ao praticar dessa forma e permanecer assim freqüentemente, a sua mente adquire confiança nessa base. Uma vez que haja completa confiança, ele ou alcança o imperturbável agora, ou então decide pelo aperfeiçoamento da sabedoria. Na dissolução do corpo, após a morte, é possível que a consciência dele, conduzindo ao renascimento, possa passar para a base do nada. Este, *bhikkhus*, é declarado o segundo caminho dirigido à base do nada.

8. “Novamente, *bhikkhus*, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Isso poderá não ser; isso poderá não ser meu. Isso não será; isso não será meu. Eu estou abandonando aquilo que existe, que veio a ser.’ Ao praticar dessa forma e permanecer assim freqüentemente, a sua mente adquire confiança nesta base. Uma vez que haja completa confiança, ele ou alcança o imperturbável agora, ou então decide pelo aperfeiçoamento da sabedoria. Na dissolução do corpo, após a morte, é possível que a consciência dele, conduzindo ao renascimento, possa passar para a base do nada. Este, *bhikkhus*, é declarado o terceiro caminho dirigido à base do nada.

#### (BASE DA NEM PERCEPÇÃO, NEM NÃO PERCEPÇÃO)

9. “Novamente, *bhikkhus*, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Prazeres sensuais aqui e agora e prazeres sensuais nas vidas que virão, percepções sensuais aqui e agora e percepções sensuais nas vidas que virão, formas materiais aqui e agora e formas materiais nas vidas que virão, percepções das formas aqui e agora e percepções das formas nas vidas que virão, percepções do imperturbável e percepções da base do nada – são todas percepções. Onde todas essas percepções cessam sem vestígios, isso é a paz, isso é o sublime, isto é, a base da nem percepção, nem não percepção.’ Ao praticar dessa forma e permanecer assim freqüentemente, a sua mente adquire confiança nessa base. Uma vez que haja completa confiança, ele ou alcança a base da nem percepção, nem não percepção, ou então decide pelo aperfeiçoamento da sabedoria. Na dissolução do corpo, após a morte, é possível que a consciência dele, conduzindo ao renascimento, possa passar para a base da nem percepção, nem não percepção. Este, *bhikkhus*, é declarado o caminho dirigido à base da nem percepção, nem não percepção.”

(NIBBANA)

10. Quando isso foi dito, o venerável Ananda disse para o Abençoado: “Venerável senhor, aqui um *bhikkhu* está praticando assim: ‘Se isso não tivesse sido, isso não seria meu; isso não será e isso não será meu. O que existe, o que veio a ser, isso eu estou abandonando.’ Dessa forma ele obtém a equanimidade. Venerável senhor, esse *bhikkhu* realiza *nibbana*?”

“Um *bhikkhu* aqui, Ananda, poderá realizar *nibbana*, um outro *bhikkhu* aqui poderá não realizar *nibbana*.”

“Qual é a causa e razão, venerável senhor, porque um *bhikkhu* aqui poderá realizar *nibbana*, enquanto que outro *bhikkhu* aqui poderá não realizar *nibbana*?”

“Aqui, Ananda, um *bhikkhu* pratica da seguinte forma: ‘Se isso não tivesse sido, isso não seria meu; isso não será e isso não será meu. O que existe, o que veio a ser, isso eu estou abandonando.’ Assim ele obtém a equanimidade. Ele se delicia nessa equanimidade, a recebe, permanece agarrado a ela. Ao agir assim, a sua consciência se torna dependente disso e se apegando a isso. Um *bhikkhu*, Ananda, que está influenciado pelo apego não realiza *nibbana*.”

11. “Mas, venerável senhor, quando um *bhikkhu* se apegando, a que ele está se apegando?”

“À base da nem percepção, nem não percepção, Ananda.”

“Quando um *bhikkhu* se apegando, venerável senhor, parece que ele se apegando ao melhor objeto de apego.”

“Quando esse *bhikkhu* se apegando, Ananda, ele se apegando ao melhor objeto de apego, pois esse é o melhor objeto de apego, isto é, a base da nem percepção, nem não percepção.”

12. “Aqui, Ananda, um *bhikkhu* pratica da seguinte forma: ‘Se isso não tivesse sido, isso não seria meu; isso não será e isso não será meu. O que existe, o que veio a ser, isso eu estou abandonando.’ Assim ele obtém a equanimidade. Ele não se delicia nessa equanimidade, não a recebe, não fica agarrado a ela. Como ele não age assim, a sua consciência não se torna dependente disso e não se apegando a isso. Um *bhikkhu*, Ananda, que está sem apego, realiza *nibbana*.”

13. “É maravilhoso, venerável senhor, é admirável! O Abençoado, de fato, nos explicou como cruzar a torrente na dependência de um apoio ou outro. Mas, venerável senhor, o que é a nobre libertação?”

“Aqui, Ananda, um nobre discípulo considera da seguinte forma: ‘Prazeres sensuais aqui e agora e prazeres sensuais nas vidas que virão, percepções sensuais aqui e agora e percepções sensuais nas vidas que virão, formas materiais aqui e agora e formas materiais



nas vidas que virão, percepções das formas aqui e agora e percepções das formas nas vidas que virão, percepções do imperturbável, percepções da base do nada e percepções da base da nem percepção, nem não percepção – isso é a identidade até onde se estende a identidade. Isto é o Imortal, isto é, a libertação da mente através do desapego.’

14. “Portanto, Ananda, eu ensinei o caminho para o imperturbável, eu ensinei o caminho para a base do nada, eu ensinei o caminho para a base da nem percepção, nem não percepção, eu ensinei o caminho para cruzar a torrente na dependência de um apoio ou outro, eu ensinei a nobre libertação.

15. “Aquilo que por compaixão um Mestre deveria fazer para os seus discípulos, desejando o bem-estar deles, isso eu fiz por você, Ananda. Ali estão aquelas árvores, aquelas cabanas vazias. Medite, Ananda, não adie, ou então você irá se arrepender mais tarde. Essa é a nossa instrução para você.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## *107 Ganakamoggallana Sutta*

### O Discurso para Ganaka-Moggallana

O treinamento gradual do monge Budista

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no palácio da mãe de Migara, no Parque do Oriente. Então o brâmane Ganaka-Moggallana foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado e disse para o Abençoado:

2. “Mestre Gotama, neste palácio da mãe de Migara pode ser observado um treinamento gradual, uma prática gradual, um progresso gradual até o último lance da escadaria. [xxvi](#) Entre os brâmanes também pode ser observado um treinamento gradual, uma prática gradual, um progresso gradual relativo ao estudo dos Vedas. Entre os arqueiros também pode ser observado um treinamento gradual, uma prática gradual, um progresso gradual relativo ao uso do arco e flecha. Entre os contadores como nós, que ganham a vida com a contabilidade, também pode ser observado um treinamento gradual, uma prática gradual, um progresso gradual relativo à contabilidade. Porque quando recebemos um aluno primeiro fazemos com que ele calcule: um um, dois dois, três três, quatro quatro, cinco cinco, seis seis, sete sete, oito oito, nove nove, dez dez, e nós também fazemos com que ele calcule até cem. Agora, mestre Gotama, também é possível estabelecer um treinamento gradual, uma prática gradual, um progresso gradual em relação ao Dhamma e Disciplina ?”

3. “É possível brâmane descrever um treinamento gradual, uma prática gradual, um progresso gradual em relação ao Dhamma e Disciplina. Tal como, brâmane, quando um habilidoso treinador de cavalos obtém um magnífico potro puro sangue, ele primeiro faz com que o potro se acostume a usar o cabresto para em seguida acostumá-lo ao

treinamento seguinte – da mesma forma, brâmane, quando o *Tathagata* recebe um discípulo para ser treinado ele inicialmente o disciplina da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, seja virtuoso, contido pelas regras do *Patimokkha*, seja perfeito na conduta e na sua esfera de atividades, temendo a menor falha, treine adotando os preceitos de virtude.’

4. “Brâmane, quando o *bhikkhu* treina adotando os preceitos de virtude, então o *Tathagata* o disciplina mais da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, ao ver uma forma com o olho, não se agarre aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade do olho descuidada, você será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza. Pratique a contenção, proteja a faculdade do olho, empenhe-se na contenção da faculdade do olho. Ao ouvir um som com o ouvido ... Ao cheirar um aroma com o nariz ... Ao saborear um sabor com a língua ... Ao tocar um tangível com o corpo ... Ao conscientizar um objeto mental com a mente, não se agarre aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade da mente descuidada, você será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza. Pratique a contenção, proteja a faculdade da mente, empenhe-se na contenção da faculdade da mente.’

5. “Brâmane, quando o *bhikkhu* guarda as portas dos meios dos sentidos, então o *Tathagata* o disciplina mais da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, seja moderado na alimentação. Refletindo de maneira sábia, o alimento não deve ser tomado como forma de diversão ou para embriaguez, tampouco com o objetivo de embelezamento e para ser mais atraente, somente com o propósito de manter a resistência e continuidade desse corpo, como forma de dar um fim ao desconforto e para auxiliar a vida santa. Considerando: ‘Dessa forma darei um fim às antigas sensações (de fome) sem despertar novas sensações (de comida em excesso) e serei saudável e sem culpa e viverei em comodidade.’

6. “Brâmane, quando o *bhikkhu* é moderado na alimentação, então o *Tathagata* o disciplina mais da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, seja dedicado à vigília. Durante o dia, enquanto estiver caminhando para lá e para cá e sentado, purifique a sua mente dos estados obstrutivos. Na primeira vigília da noite, enquanto estiver caminhando para lá e para cá e sentado, purifique a sua mente dos estados obstrutivos. Na segunda vigília da noite você deve se deitar para dormir, no seu lado direito, na postura do leão com um pé sobre o outro, atento e plenamente consciente, após anotar na sua mente o horário para levantar. Após levantar-se, na terceira vigília da noite, enquanto estiver caminhando para cá e para lá e sentado, purifique a sua mente dos estados obstrutivos.’

7. “Brâmane, quando o *bhikkhu* é vigilante, então o *Tathagata* o disciplina mais da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, aja com atenção plena e consciência plena. Aja com plena consciência ao ir para a frente e retornar; aja com plena consciência ao olhar para frente e desviar o olhar; aja com plena consciência ao dobrar e estender os membros; aja com plena consciência ao carregar o manto externo, o manto superior, a tigela; aja com plena consciência ao comer, beber, mastigar e saborear; aja com plena consciência ao urinar e defecar; aja com plena consciência ao caminhar, ficar em pé, sentar, dormir, acordar, falar e permanecer em silêncio.’

8. “Brâmane, quando o *bhikkhu* possui atenção plena e plena consciência, então o *Tathagata* o disciplina mais da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, procure um local isolado: na floresta, à sombra de uma árvore, uma montanha, uma ravina, uma caverna em uma encosta, um cemitério, um matagal, um espaço aberto, uma cabana vazia.’

9. “Ele procura um local isolado: na floresta .... uma cabana vazia. Depois de esmolar alimentos, após a refeição, ele senta com as pernas cruzadas, mantém o corpo ereto e estabelece a plena atenção à sua frente. Abandonando a cobiça pelo mundo, ele permanece com a mente livre de cobiça; ele purifica sua mente da cobiça. Abandonando a má vontade, ele permanece com a mente livre de má vontade, compadecido pelo bem-estar de todos seres vivos; ele purifica sua mente da má vontade. Abandonando a preguiça e o torpor, ele permanece livre da preguiça e do torpor, percebendo a luz, e plenamente consciente; ele purifica sua mente da preguiça e do torpor. Abandonando a inquietação e a ansiedade, ele permanece calmo com a mente em paz; ele purifica sua mente da inquietação e da ansiedade. Abandonando a dúvida, ele assim permanece tendo superado a dúvida, sem perplexidade em relação a qualidades mentais hábeis; ele purifica a mente da dúvida.

10. “Tendo assim abandonado esses 5 obstáculos, imperfeições da mente que enfraquecem a sabedoria, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: ‘Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.’ Com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas.

11. “Brâmane, esse é o meu ensinamento para aqueles *bhikkhus* que estão no treinamento superior, cujas mentes ainda não atingiram o objetivo, que permanecem aspirando pela segurança suprema contra o cativo. Para aqueles *bhikkhus* que são *arahants*, com suas impurezas destruídas, que viveram a vida santa, fizeram o que devia ser feito, depuseram o seu fardo, alcançaram o verdadeiro objetivo, destruíram os grilhões da existência, e estão completamente libertados através do conhecimento supremo essas coisas conduzem tanto a um refúgio prazeroso aqui e agora como também à atenção plena e plena consciência.”

12. Quando isto foi dito, o brâmane Ganaka Moggallana perguntou ao Abençoado: “Quando o Mestre Gotama instrui e aconselha aos seus discípulos dessa maneira, todos eles realizam *nibbana*, o objetivo final, ou alguns não realizam? “

“Brâmane, quando eles são assim instruídos e aconselhados por mim, alguns realizam *nibbana*, o objetivo final, e alguns não realizam. “

13. “Mestre Gotama, já que *nibbana* existe e o caminho que leva a *nibbana* também existe e o Mestre Gotama está presente como guia, qual é a causa e a razão pela qual quando seus discípulos são assim instruídos e aconselhados pelo Mestre, alguns realizam *nibbana*, o objetivo final, e alguns não realizam? “

14. “Em relação a isso, brâmane, eu lhe farei uma contra pergunta. Responda como quiser. O que você pensa brâmane ? Você conhece a estrada que leva a Rajagaha ?”

“Sim, Mestre Gotama, eu conheço a estrada que leva a Rajagaha.”

“O que você pensa brâmane? Suponha que uma pessoa que quisesse ir a Rajagaha se aproximasse e dissesse : ‘Venerável Senhor, eu quero ir a Rajagaha. Mostre-me a estrada para Rajagaha.’ Então você diria: ‘Veja Senhor, essa estrada leva até Rajagaha. Siga a estrada por algum tempo e você verá um certo vilarejo, siga um pouco adiante e você verá uma certa cidade, siga um pouco adiante e você verá Rajagaha com seus belíssimos parques, bosques, jardins e lagos.’ Então tendo sido assim aconselhado e recebido essas instruções de você, ele toma a estrada errada e vai para o Oeste. Suponha que uma segunda pessoa que quisesse ir a Rajagaha se aproximasse e dissesse : ‘Venerável Senhor, eu quero ir a Rajagaha.’ Então você diria: ‘Veja Senhor, essa estrada leva até Rajagaha. Siga a estrada por algum tempo ... e você verá Rajagaha com seus belíssimos parques, bosques, jardins e lagos.’ Então tendo sido assim aconselhado e recebido essas instruções de você, ele chega com segurança a Rajagaha. Agora Brâmane, já que Rajagaha existe, que o caminho que leva a Rajagaha existe e você está presente como guia, qual é a causa e a razão porque quando essas pessoas tendo sido instruídas e aconselhadas por você, uma delas toma a estrada errada e vai para o Oeste enquanto que a outra chega com segurança a Rajagaha?”

“O que posso fazer a respeito disso Mestre Gotama ? Eu sou apenas quem mostra o caminho.”

“Da mesma forma brâmane, *nibbana* existe e o caminho que leva a *nibbana* existe e eu estou presente como guia. No entanto quando meus discípulos foram assim instruídos e aconselhados por mim, alguns realizam *nibbana*, o objetivo final, e alguns não realizam. O que posso fazer a respeito disso brâmane? O *Tathagata* é apenas quem mostra o caminho.”

15. Quando isto foi dito o brâmane Ganaka Moggallana disse para o Abençoador:  
“Existem pessoas que não possuem fé e que deixaram a vida em família pela vida santa não pela fé mas em busca de um modo de vida, que são fraudulentas, enganadoras, traidoras, arrogantes, vazias, vaidosas, com a linguagem rude, com a língua solta; descuidadas das faculdades dos sentidos, sem moderação no comer, sem se dedicar à vigilância, que não se interessam pelo isolamento, sem grande respeito pelo treinamento, luxuriosas, descuidadas, líderes em decair, negligenciam o isolamento, preguiçosas,

carentes de energia, sem atenção plena, desatentas, sem concentração, com as mentes distraídas, desprovidas de sabedoria, tolas. Mestre Gotama não convive com essas pessoas.

“Existem membros de clãs que deixaram a vida em família pela vida santa pela fé, que não são fraudulentos, enganadores, traidores, arrogantes, vazios, vaidosos, nem com a linguagem rude, nem com a língua solta; cuidam das faculdades dos sentidos, com moderação no comer, se dedicam à vigilância, se interessam pelo isolamento, com grande respeito pelo treinamento, não são luxuriosos ou descuidados, são perspicazes em evitar decair, líderes no isolamento, energéticos, decididos, com a atenção plena estabelecida, plenamente conscientes, concentrados, com as mentes unificadas, com sabedoria, sábias. Mestre Gotama convive com essas pessoas.

16. “Da mesma forma como a raiz da íris negra é considerada como contendo o melhor perfume entre as raízes e o sândalo vermelho é considerado como o melhor perfume entre as madeiras e o jasmim é considerado o melhor perfume entre as flores, da mesma forma os ensinamentos do Mestre Gotama são os melhores entre os ensinamentos atuais.

17. “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama se recorde de mim como um discípulo leigo que nele buscou refúgio pelo resto da vida.”

## *108 Gopakamoggallana Sutta*

Com Gopaka Moggallana

Como a Sangha mantém a sua união e disciplina interna após a morte do Buda

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o venerável Ananda estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos, não muito tempo depois do Abençoado ter realizado o *parinibbana*.

2. Agora, naquela ocasião o rei Ajatasattu Vedehiputta de Magadha, suspeitando do rei Pajjota, havia fortificado Rajagaha.

3. Então, ao amanhecer, o venerável Ananda se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Rajagaha para esmolar alimentos. Foi quando o venerável Ananda pensou: “Ainda é muito cedo para esmolar alimentos em Rajagaha. E se eu fosse até o brâmane Gopaka Moggallana no seu local de trabalho.”

4. Assim o venerável Ananda foi até o brâmane Gopaka Moggallana no seu local de trabalho. O brâmane Gopaka Moggallana viu o venerável Ananda vindo à distância e lhe disse: “Venha Mestre Ananda! Bem vindo Mestre Ananda! Já faz muito tempo desde que

o Mestre Ananda encontrou uma oportunidade para vir aqui. Que o Mestre Ananda sente; este assento está preparado.” O venerável Ananda sentou no assento que havia sido preparado. O brâmane Gopaka Moggallana tomou um assento mais baixo, sentou a um lado e perguntou ao venerável Ananda:

5. “Mestre Ananda, existe algum *bhikkhu* que possua, em todos os aspectos, todas as qualidades que o Mestre Gotama, um *arahant*, perfeitamente iluminado, possuía?”

“Não existe nenhum *bhikkhu*, brâmane, que possua, em todos os aspectos, todas as qualidades que o Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado, possuía. Pois o Abençoado foi aquele que fez surgir o caminho que não havia surgido, aquele que produziu o caminho que não estava produzido, aquele que declarou o caminho que não estava declarado; ele era o conhecedor do caminho, aquele que encontrou o caminho, aquele com habilidade no caminho. Mas os seus discípulos agora seguem esse caminho e eles se tornarão possuidores dessas qualidades no futuro.”

6. Mas esta discussão entre o venerável Ananda e o brâmane Gopaka Moggallana foi interrompida; pois naquele momento o brâmane Vassakara, o ministro de Magadha, enquanto supervisionava o trabalho em Rajagaha foi até o venerável Ananda no local de trabalho do brâmane Gopaka Moggallana. Ele cumprimentou o venerável Ananda e quando a conversa cortês e amigável havia terminado, sentou a um lado e perguntou ao venerável Ananda: “Qual é o assunto que faz com que vocês estejam sentados juntos aqui agora, Mestre Ananda? E qual é a discussão que foi interrompida?”

“Ministro, o brâmane Gopaka Moggallana me perguntou: ‘Mestre Ananda, existe algum *bhikkhu* que possua, em todos os aspectos, todas as qualidades que o Mestre Gotama, um *arahant*, perfeitamente iluminado, possuía?’ Eu respondi ao brâmane Gopaka Moggallana: ‘Não existe nenhum *bhikkhu*, brâmane, que possua, em todos os aspectos, todas as qualidades que o Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado, possuía. Pois o Abençoado foi aquele que fez surgir o caminho que não havia surgido ... mas os seus discípulos agora seguem esse caminho e eles serão possuidores dessas qualidades no futuro.’ Essa era a nossa discussão que foi interrompida quando você chegou.”

7. “Existe Mestre Ananda, algum *bhikkhu* que tenha sido indicado pelo Mestre Gotama da seguinte forma: ‘Ele será o seu refúgio quando eu houver partido,’ e a quem vocês agora poderão recorrer?”

“Não existe nenhum *bhikkhu*, brâmane, que tenha sido indicado pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, dessa forma: ‘Ele será o seu refúgio quando eu houver partido,’ e a quem nós agora podemos recorrer.”

8. “Mas existe, Mestre Ananda, algum *bhikkhu* que tenha sido escolhido pela Sangha e indicado por um número de *bhikkhus* sêniores da seguinte forma: ‘Ele será o nosso refúgio depois que o Abençoado tiver partido,’ e a quem vocês agora poderão recorrer?”

“Não existe nenhum *bhikkhu*, brâmane, que tenha sido escolhido pela Sangha e indicado por um número de *bhikkhus* sêniores, dessa forma: ‘Ele será o nosso refúgio depois que o Abençoado tiver partido,’ e a quem nós agora podemos recorrer.”

9. “Mas se vocês não possuem um refúgio, Mestre Ananda, qual é a razão da harmonia entre vocês?”

“Nós não estamos sem um refúgio, brâmane. Nós temos um refúgio; nós temos o Dhamma como o nosso refúgio.”

10. “Mas quando você foi perguntado: ‘Existe, Mestre Ananda, algum *bhikkhu* que tenha sido indicado pelo Mestre Gotama desta forma: “Ele será o seu refúgio quando eu houver partido,” e a quem vocês agora poderão recorrer?’ você respondeu: ‘Não existe nenhum *bhikkhu* ...’ Quando você foi perguntado: ‘Existe algum *bhikkhu* que tenha sido escolhido pela Sangha e indicado por um número de *bhikkhus* sêniores da seguinte forma: ‘Ele será o nosso refúgio depois que o Abençoado tiver partido,’ e a quem vocês agora poderão recorrer?’ você respondeu: ‘Não existe nenhum *bhikkhu* ...’ Quando você foi perguntado: ‘Mas se vocês não possuem um refúgio, Mestre Ananda, qual é a razão da harmonia entre vocês?’ você respondeu: ‘Nós não estamos sem um refúgio, brâmane. Nós temos um refúgio; nós temos o Dhamma como o nosso refúgio.’ Então, como deve ser interpretado o significado dessas afirmações, Mestre Ananda?”

“Brâmane, o Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, prescreveu o método de treinamento para os *bhikkhus* e ele estabeleceu o *Patimokkha*. No dia do *Uposatha* todos que vivemos na dependência de um mesmo vilarejo nos reunimos em completa harmonia e pedimos para aquele que sabe, que recite o *Patimokkha*. Se um *bhikkhu* se recorda de alguma ofensa ou transgressão enquanto o *Patimokkha* estiver sendo recitado, nós tomamos a ação necessária de acordo com o Dhamma da forma como fomos instruídos. Não são os nobres que tratam desses assuntos conosco; é o Dhamma que trata conosco. [xxvii](#)

11. “Existe, Mestre Ananda, algum único *bhikkhu* que vocês agora honrem, respeitem, reverenciem e venerem e no qual vocês confiem, honrando-o e respeitando-o?”

“Existem *bhikkhus*, brâmane, que nós agora honramos, respeitamos, reverenciamos e veneramos e nos quais nós confiamos, honrando-os e respeitando-os.”

12. “Mas quando você foi perguntado: ‘Existe, Mestre Ananda, algum *bhikkhu* que tenha sido indicado pelo Mestre Gotama ...?’ você respondeu: ‘Não existe nenhum *bhikkhu* ....’ Quando você foi perguntado: ‘Existe algum *bhikkhu* que tenha sido escolhido pela Sangha ...?’ você respondeu: ‘Não existe nenhum *bhikkhu* ....’ Quando você foi perguntado: ‘Existe, Mestre Ananda, algum único *bhikkhu* que vocês agora honrem, respeitem, reverenciem e venerem e no qual vocês confiem, honrando-o e respeitando-o?’ você respondeu: ‘Existe um único *bhikkhu*, que nós agora honramos ... e em relação ao qual nós vivemos com confiança, honrando-o e respeitando-o.’ Então, como deve ser interpretado o significado dessas afirmações, Mestre Ananda?”

13. “Existem, brâmane, dez qualidades que inspiram claridade, serenidade e confiança, que foram declaradas pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Quando essas qualidades são encontradas em qualquer um dentre nós, nós o honramos, respeitamos, reverenciamos e veneramos e vivemos com confiança nele, honrando-o e respeitando-o. Quais são as dez?

14. (1) “Nesse caso, brâmane, um *bhikkhu* é virtuoso, ele permanece contido pelas regras do *Patimokkha*, ele é perfeito na conduta e na sua esfera de atividade, temendo a menor falha, ele treina adotando os preceitos de virtude.

15. (2) “Ele aprendeu muito, se recorda daquilo que aprendeu e consolida aquilo que aprendeu. Aqueles ensinamentos que são admiráveis no início, admiráveis no meio, admiráveis no final, com o correto significado e fraseado e que revelam uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada – ensinamentos como esses ele os aprendeu bem, se recorda, domina com a linguagem, investigou com a mente e penetrou corretamente com o entendimento.

16. (3) “Ele está satisfeito com os seus mantos, a comida esmolada, a moradia e os medicamentos.

17. (4) “Ele obtém de acordo com a sua vontade, sem problemas ou dificuldades, os quatro *jhanas* que constituem a mente superior e que proporcionam um estado prazeroso aqui e agora.

18. (5) “Ele exerce os vários tipos de poderes supra-humanos: tendo sido um, ele se torna vários; tendo sido vários, ele se torna um; ele aparece e desaparece; ele cruza sem nenhum problema uma parede, um cercado, uma montanha ou através do espaço; ele mergulha e sai da terra como se fosse água; ele caminha sobre a água sem afundar como se fosse terra; sentado de pernas cruzadas ele cruza o espaço como se fosse um pássaro; com a sua mão ele toca e acaricia a lua e o sol tão forte e poderoso; ele exerce poderes corporais até mesmo nos distantes mundos de *Brahma*.

19. (6) “Com o elemento do ouvido divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ele ouve ambos tipos de sons, os divinos e os humanos, aqueles distantes bem como os próximos.

20. (7) “Ele compreende as mentes de outros seres, de outras pessoas, abarcando-as com a sua própria mente. Ele compreende uma mente afetada pelo desejo como afetada pelo desejo e uma mente não afetada pelo desejo como não afetada pelo desejo; Ele compreende uma mente afetada pela raiva como afetada pela raiva e uma mente não afetada pela raiva como não afetada pela raiva; Ele compreende uma mente afetada pela delusão como afetada pela delusão e uma mente não afetada pela delusão como não afetada pela delusão; Ele compreende uma mente contraída como contraída e uma mente distraída como distraída; Ele compreende uma mente transcendente como transcendente e uma mente não transcendente como não transcendente; Ele compreende uma mente



superável como superável e uma mente não superável como não superável; Ele compreende uma mente concentrada como concentrada e uma mente não concentrada como não concentrada; Ele compreende uma mente libertada como libertada e uma mente não libertada como não libertada.

21. (8) “Ele se recorda das suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos, três nascimentos, quatro, cinco, dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, cem, mil, cem mil, muitos ciclos cósmicos de contração, muitas ciclos cósmicos de expansão, muitas ciclos cósmicos de contração e expansão, ‘Lá eu tive tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo desse estado, eu renasci ali. Ali eu também tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu renasci aqui.’ Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes.

22. (9) “Por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados. Ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações.

23. (10) “Compreendendo por si mesmo com o conhecimento direto, ele aqui e agora entra e permanece na libertação da mente e na libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição de todas as impurezas.

“Essas, brâmane, são as dez qualidades que inspiram claridade, serenidade e confiança, que foram declaradas pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Quando essas qualidades são encontradas em qualquer um dentre nós, nós o honramos, respeitamos, reverenciamos e veneramos e vivemos com confiança nele, honrando-o e respeitando-o.

24. Quando isso foi dito, o brâmane Vassakara, o ministro de Magadha, disse para o General Upananda: “O que você pensa, general? Quando estes nobres honram alguém que deveria ser honrado, respeitam alguém que deveria ser respeitado, reverenciam alguém que deveria ser reverenciado e veneram alguém que deveria ser venerado, com certeza eles honram quem deveria ser honrado ... e veneram aquele que deveria ser venerado. Pois se esses nobres não honrassem, respeitassem, reverenciassem e venerassem tal pessoa, então a quem eles poderiam honrar, respeitar, reverenciar e venerar e com confiança em quem eles poderiam viver, honrando-o e respeitando-o?”

25. Então o brâmane Vassakara, o ministro de Magadha, disse para o venerável Ananda: “Onde vive agora o Mestre Ananda?”

“Agora eu vivo no Bambual, brâmane.”

“Eu espero, Mestre Ananda, que o Bambual seja agradável, quieto e sem a perturbação de vozes, com uma atmosfera de isolamento, distante das pessoas e favorável ao retiro.”

“De fato, brâmane, que o Bambual seja agradável ... favorável ao retiro é devido a guardiões protetores tais como você.”

“De fato, Mestre Ananda, que o Bambual seja agradável ... favorável ao retiro é devido aos nobres que são meditadores e que cultivam a meditação. Em certa ocasião, Mestre Ananda, o Mestre Gotama estava em Vesali na Grande Floresta no Salão com um pico na cumeeira. Naquela ocasião fui até o Mestre Gotama e ele fez um discurso, falando de várias formas sobre a meditação. O Mestre Gotama era um meditador e cultivava a meditação e ele louvava todo tipo de meditação.”

26. “O Abençoado, brâmane, não louvava todo tipo de meditação, nem ele condenava todo tipo de meditação. Que tipo de meditação o Abençoado não louvava? Neste caso, brâmane, alguém permanece com a mente obcecada pelo desejo sensual, uma presa do desejo sensual e ele não entende como na verdade é a escapatória do desejo sensual que já surgiu. Enquanto permanece com a mente obcecada pelo desejo sensual dentro de si, fazendo do desejo sensual o ponto focal ele absorve a si mesmo naquilo, absorve mais, cisma, filosofa. <sup>xxviii</sup> Ele permanece com a mente obcecada pela má vontade, uma presa da má vontade ... com a sua mente obcecada pela preguiça e pelo torpor, uma presa da preguiça e do torpor ... com a sua mente obcecada pela inquietação e ansiedade, uma presa da inquietação e ansiedade ... com a sua mente obcecada pela dúvida, uma presa da dúvida, e ele não entende como na verdade é a escapatória da dúvida que já surgiu. Enquanto abriga a dúvida dentro de si, fazendo da dúvida o ponto focal ele absorve a si mesmo naquilo, absorve mais, cisma, filosofa. O Abençoado não louvava esse tipo de meditação.

27. “E qual tipo de meditação que o Abençoado louvava? Neste caso, brâmane, afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, um bhikkhu entra e permanece no primeiro *jhana* ... abandonando o pensamento aplicado e sustentado, ele entra e permanece no segundo *jhana* ... abandonando o êxtase ... ele entra e permanece no terceiro *jhana* ... com o completo desaparecimento da felicidade ... ele entra e permanece no quarto *jhana* .... O Abençoado louvava esse tipo de meditação.”

28. “Parece, Mestre Ananda, que o Mestre Gotama censurava aquele tipo de meditação que deveria ser censurada e louvava aquele tipo de meditação que deveria ser louvada. E agora, Mestre Ananda, nós partiremos. Estamos ocupados e temos muito o que fazer”.

“Agora é o momento, brâmane, faça como julgar adequado.”

Então o brâmane Vassakara, o ministro de Magadha, tendo ficado satisfeito e contente com as palavras do venerável Ananda, levantou do seu assento e partiu.

29. Então, pouco depois dele haver partido, o brâmane Gopaka Moggallana disse para o venerável Ananda: “Mestre Ananda ainda não respondeu o que nós lhe perguntamos”.

“Nós já não lhe dissemos, brâmane: ‘Não existe nenhum *bhikkhu* que possua em todos os aspectos todas as qualidades possuídas pelo Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Pois o Abençoado foi aquele que fez surgir o caminho que não havia surgido, aquele que produziu o caminho que não estava produzido, aquele que declarou o caminho que não estava declarado; ele era o conhecedor do caminho, aquele que encontrou o caminho, aquele com habilidade no caminho. Mas os seus discípulos agora seguem esse caminho e eles possuirão essas qualidades no futuro.’”

## *109 Mahapunnama Sutta* O Grande Discurso na Noite de Lua Cheia

Os cinco agregados, o apego, a realização do não eu

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no palácio da mãe de Migara, no Parque do Oriente.

2. Naquela ocasião – no décimo quinto dia do *Uposatha*, na noite de lua cheia - o Abençoado estava sentado ao ar livre, rodeado pela Sangha dos *bhikkhus*.

3. Então um certo *bhikkhu* levantou do seu assento, arrumou o seu manto superior sobre um ombro e juntando as mãos em uma saudação respeitosa disse para o Abençoado:

“Venerável senhor, eu faria uma pergunta ao Abençoado acerca de um certo tema, se o Abençoado concedesse uma resposta à minha pergunta”. – “Sente *bhikkhu* e pergunte o que quiser.” Assim o *bhikkhu* sentou e disse ao Abençoado:

4. “Não são estes, venerável senhor, os cinco agregados influenciados pelo apego; isto é, o agregado da forma material ... sensação ... percepção ... formações volitivas ... consciência?”

“Esses, *bhikkhus*, são os cinco agregados influenciados pelo apego.”

Dizendo, “Muito bem, venerável senhor”, o *bhikkhu* ficou contente e satisfeito com as palavras do Abençoado. Então ele lhe fez outra pergunta:

5. “Mas, venerável senhor, esses cinco agregados influenciados pelo apego estão enraizados no que?”

“Esses cinco agregados influenciados pelo apego estão enraizados no desejo, *bhikkhu*.”

6. “Venerável senhor, esse apego é a mesma coisa que os cinco agregados influenciados pelo apego, ou esse apego é algo separado dos cinco agregados influenciados pelo apego?”

“*Bhikkhu*, esse apego não é nem a mesma coisa que os cinco agregados influenciados pelo apego, nem esse apego é algo separado dos cinco agregados influenciados pelo apego. Qualquer desejo e cobiça que exista, esse é o apego.

7. “Mas, venerável senhor, pode haver variedade no desejo e cobiça em relação aos cinco agregados influenciados pelo apego?”

“Pode haver, *bhikkhu*,” o Abençoado disse. “Nesse caso, *bhikkhu*, alguém pensa o seguinte: ‘Que a minha forma material ... sensação ... percepção ... formações volitivas ... consciência seja assim no futuro.’ Dessa forma, existe variedade no desejo e cobiça em relação aos cinco agregados influenciados pelo apego.”

8. “Mas, venerável senhor, de que forma o termo ‘agregados’ se aplica aos agregados?”

“*Bhikkhu*, qualquer tipo de forma material ... sensação ... percepção ... formações volitivas ... consciência, quer seja do passado, do futuro ou do presente, interna ou externa, grosseira ou sutil, inferior ou superior, próxima ou distante – esse é o agregado da forma material ... sensação ... percepção ... formações volitivas ... consciência. É dessa forma *bhikkhu* que o termo ‘agregado’ se aplica aos agregados.”

9. “Qual é a causa e condição, venerável senhor, para a manifestação do agregado da forma material ... sensação ... percepção ... formações volitivas ... consciência?”

“Os quatro grandes elementos, *bhikkhu*, são a causa e condição para a manifestação do agregado da forma material. Contato é a causa e condição para a manifestação do agregado da sensação. Contato é a causa e condição para a manifestação do agregado da percepção. Contato é a causa e condição para a manifestação do agregado das formações volitivas. Mentalidade-materialidade (nome e forma) é a causa e condição para a manifestação do agregado da consciência.”

10. “Venerável senhor, como que surge a idéia da identidade?”

“Nesse caso, *bhikkhu*, uma pessoa comum sem instrução que não respeita os nobres, que não é proficiente nem treinada no Dhamma deles, considera a forma material como sendo o eu, ou o eu como possuído de forma material, ou a forma material como estando no eu, ou o eu como estando na forma material, ... considera a sensação ... considera a percepção ... considera as formações volitivas ... considera a consciência como sendo o eu, ou o eu como possuído de consciência, ou a consciência como estando no eu, ou o eu como estando na consciência. Assim é como surge a idéia da identidade.”

11. “Mas, venerável senhor, como que não surge a idéia da identidade?”

“Neste caso, *bhikkhu*, um nobre discípulo bem instruído, que é proficiente e treinado no Dhamma deles, que respeita os homens verdadeiros, que é proficiente e treinado no Dhamma deles, não considera a forma material como sendo o eu, ou o eu como possuído de forma material, ou a forma material como estando no eu, ou o eu como estando na

forma material ... não considera a sensação ... não considera a percepção ... não considera as formações volitivas ... não considera a consciência como sendo o eu, ou o eu como possuído de consciência, ou a consciência como estando no eu, ou o eu como estando na consciência. Assim é como não surge a idéia da identidade”.

12. “Qual, venerável senhor, é a gratificação, qual o perigo e qual é a escapatória da forma material ... da sensação ... da percepção ... das formações volitivas ... da consciência?”

“O prazer e a alegria, *bhikkhu*, que surgem na dependência da forma material ... da sensação ... da percepção ... das formações volitivas ... da consciência – essa é a gratificação da forma material ... consciência. A forma material ... consciência é impermanente, insatisfatória e sujeita à mudança – esse é o perigo da forma material ... consciência. A remoção do desejo e a cobiça, o abandono do desejo e a cobiça pela forma material ... consciência – essa é a escapatória da forma material ... consciência”

13. “Venerável senhor, como alguém pode saber, como alguém pode ver, de modo que em relação a este corpo com a sua consciência e todos os sinais externos, não exista a fabricação de um eu, a fabricação de um meu e a tendência subjacente à presunção?”

“*Bhikkhu*, qualquer tipo de forma material ... de sensação ... de percepção ... de formações volitivas ... de consciência, quer seja do passado, do futuro ou do presente, interna ou externa, grosseira ou sutil, inferior ou superior, próxima ou distante – a pessoa vê toda forma material ... consciência tal como na verdade ela é, com correta sabedoria, deste modo: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ É quando alguém sabe e vê desse modo que, em relação a este corpo com a sua consciência e todos os sinais externos, não existe a fabricação de um eu, a fabricação de um meu e a tendência subjacente à presunção.”

14. Então, na mente de um certo *bhikkhu* surgiu este pensamento: “Portanto, parece que, a forma material não é o eu, a sensação não é o eu, a percepção não é o eu, as formações volitivas não são o eu, a consciência não é o eu. Qual o eu então, que é afetado por ações praticadas pelo não-eu?”

Então o Abençoado, conhecendo o pensamento na mente daquele *bhikkhu*, dirigiu-se aos *bhikkhus* da seguinte forma: “É possível, *bhikkhus*, que alguma pessoa que aqui está, desencaminhada, obtusa e ignorante, com a sua mente dominada pelo desejo, possa pensar que ela pode superar a Doutrina do Mestre desta forma: ‘Portanto, parece que, a forma material não é o eu ... a consciência não é o eu. Qual o eu então, que é afetado por ações praticadas pelo não-eu?’ Agora, *bhikkhus*, vocês foram treinados por mim através de perguntas em várias ocasiões com relação a várias coisas.

15. “*Bhikkhus*, o que vocês pensam? A forma material é permanente ou impermanente?” – “Impermanente, venerável senhor.” – “Aquilo que é impermanente é sofrimento ou felicidade?” – “Sofrimento, venerável senhor.” – “É adequado que aquilo que é

impermanente, sofrimento e está sujeito à mudança, seja considerado desta forma: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu?’” – “Não venerável senhor.”

“*Bhikkhus*, o que vocês pensam: A sensação ... percepção ... formações volitivas ... consciência são permanentes ou impermanentes?” – “Impermanentes venerável senhor.” – “Aquilo que é impermanente é sofrimento ou felicidade?” – “Sofrimento, venerável senhor.” – “É adequado que aquilo que é impermanente, sofrimento e está sujeito à mudança, seja considerado desta forma: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu?’” – “Não venerável senhor.”

16. Portanto, *bhikkhus*, qualquer tipo de forma material, quer seja do passado, do futuro ou do presente ... toda forma material deve ser vista como na verdade ela é, com correta sabedoria, deste modo: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu’. Qualquer tipo de sensação ... Qualquer tipo de percepção ... Qualquer tipo de formações volitivas ... Qualquer tipo de consciência ... toda consciência deve ser vista como na verdade ela é, com correta sabedoria, deste modo: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’

17. “Vendo desse modo um nobre discípulo bem instruído se desencanta com a forma material, se desencanta com a sensação, se desencanta com a percepção, se desencanta com as formações volitivas, se desencanta com a consciência.

18. “Desencantado, ele se torna desapegado. Através do desapego a sua mente é libertada. Quando ela está libertada surge o conhecimento: ‘Libertada.’ Ele compreende que: ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado’.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado. Agora, enquanto este discurso estava sendo dito, através do desapego, as mentes de sessenta *bhikkhus* foram libertadas das impurezas.

## 110 Culapunnama Sutta

### O Pequeno Discurso na Noite de Lua Cheia

A diferença entre um ‘homem verdadeiro’ e um ‘homem falso’

1. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no palácio da mãe de Migara, no Parque do Oriente.

2. Naquela ocasião – no décimo quinto dia do *Uposatha*, na noite de lua cheia - o Abençoado estava sentado ao ar livre, rodeado pela Sangha dos *bhikkhus*. Então, observando a silenciosa Sangha dos *bhikkhus*, ele assim falou:

3. “*Bhikkhus*, uma pessoa falsa [xxix](#) distingue uma outra pessoa falsa? ‘Esta é uma pessoa falsa?’” – “Não, venerável senhor.” – “Muito bem, *bhikkhus*. É impossível, não pode ser, que uma pessoa falsa possa distinguir uma outra pessoa falsa. Mas uma pessoa falsa

distinguiria uma pessoa verdadeira: ‘Esta é uma pessoa verdadeira?’” – “Não, venerável senhor.” – “Muito bem, *bhikkhus*. É impossível, não pode ser, que uma pessoa falsa possa distinguir uma pessoa verdadeira.

4. “*Bhikkhus*, um pessoa falsa possui qualidades ruins; ela se associa como uma pessoa falsa, ela tem a volição como uma pessoa falsa, ela aconselha como uma pessoa falsa, ela fala como uma pessoa falsa, ela age como uma pessoa falsa, ela tem idéias como uma pessoa falsa e ela dá oferendas como uma pessoa falsa.

5. “E como uma pessoa falsa possui qualidades ruins? Neste caso uma pessoa falsa não tem fé, nem vergonha e temor das transgressões; ela não aprendeu nada, é preguiçosa, desatenta e tola.

6. “E como uma pessoa falsa se associa como uma pessoa falsa? Neste caso, uma pessoa falsa tem como amigos e companheiros aqueles contemplativos e brâmanes que não possuem fé, nem vergonha e temor das transgressões; que não aprenderam nada, são preguiçosos, desatentos e tolos.

7. “E como uma pessoa falsa tem a volição como uma pessoa falsa? Neste caso, uma pessoa falsa intenciona a sua própria aflição, intenciona a aflição dos outros e intenciona a aflição de ambos.

8. “E como uma pessoa falsa aconselha como uma pessoa falsa? Neste caso, uma pessoa falsa aconselha para a sua própria aflição, aconselha para a aflição dos outros e aconselha para a aflição de ambos.

9. “E como uma pessoa falsa fala como uma pessoa falsa? Neste caso, uma pessoa falsa emprega a linguagem mentirosa, emprega a linguagem maliciosa, emprega a linguagem rude e emprega a linguagem frívola.

10. “E como uma pessoa falsa age como uma pessoa falsa? Neste caso, uma pessoa falsa mata seres vivos, toma aquilo que não é dado e tem conduta imprópria em relação aos prazeres sensuais.

11. “E como uma pessoa falsa tem idéias como uma pessoa falsa? Neste caso, uma pessoa falsa tem idéias como estas: ‘Não existe nada que é dado, nada que é oferecido, nada que é sacrificado; não existe fruto ou resultado de ações boas ou más; não existe este mundo nem outro mundo; não existe mãe, nem pai; nenhum ser que renasça espontaneamente; não existem no mundo brâmanes nem contemplativos bons e virtuosos que, após terem conhecido e compreendido diretamente por eles mesmos, proclamam este mundo e o próximo.’ [xxx](#)

12. “E como uma pessoa falsa dá oferendas como uma pessoa falsa? Neste caso, uma pessoa falsa dá uma oferenda de forma descuidada, não dá com as suas próprias mãos, dá sem demonstrar respeito, dá aquilo que seria jogado fora, dá com a idéia de que nenhum fruto provém dessa ação.

13. “Essa pessoa falsa que assim possui qualidades ruins, que assim se associa como uma pessoa falsa, que tem a volição como uma pessoa falsa, que aconselha como uma pessoa falsa, que fala como uma pessoa falsa, que age como uma pessoa falsa, que tem idéias como uma pessoa falsa e que dá oferendas como uma pessoa falsa - na dissolução do corpo após a morte, ela renasce na destinação das pessoas falsas. E qual é o destino das pessoas falsas? É o inferno ou o reino animal.

14. “*Bhikkhus*, uma pessoa verdadeira distingue uma outra pessoa verdadeira? ‘Esta é uma pessoa verdadeira?’” – “Sim, venerável senhor.” – “Muito bem, *bhikkhus*. É possível que uma pessoa verdadeira possa distinguir uma outra pessoa verdadeira: ‘Esta é uma pessoa verdadeira.’ Mas uma pessoa verdadeira distinguiria uma pessoa falsa: ‘Esta é uma pessoa falsa?’” – “Sim, venerável senhor.” – “Muito bem, *bhikkhus*. É possível que uma pessoa verdadeira possa distinguir uma pessoa falsa: ‘Esta é uma pessoa falsa.’

15. “*Bhikkhus*, uma pessoa verdadeira possui qualidades boas; ela se associa como uma pessoa verdadeira, ela tem a volição como uma pessoa verdadeira, ela aconselha como uma pessoa verdadeira, ela fala como uma pessoa verdadeira, ela age como uma pessoa verdadeira, ela tem idéias como uma pessoa verdadeira e ela dá oferendas como uma pessoa verdadeira.

16. “E como uma pessoa verdadeira possui boas qualidades? Neste caso, uma pessoa verdadeira tem fé, vergonha e temor das transgressões; ela é instruída, é energética, plenamente atenta e sábia.

17. “E como uma pessoa verdadeira se associa como uma pessoa verdadeira? Neste caso, uma pessoa verdadeira tem como amigos e companheiros aqueles contemplativos e brâmanes que possuem fé, vergonha e temor das transgressões; que são instruídos, são energéticos, plenamente atentos e sábios.

18. “E como uma pessoa verdadeira tem a volição como uma pessoa verdadeira? Neste caso uma pessoa verdadeira não intenciona a sua própria aflição, não intenciona a aflição dos outros e não intenciona a aflição de ambos.

19. “E como uma pessoa verdadeira aconselha como uma pessoa verdadeira? Neste caso uma pessoa verdadeira não aconselha para a sua própria aflição, não aconselha para a aflição dos outros e não aconselha para a aflição de ambos.

20. “E como uma pessoa verdadeira fala como uma pessoa verdadeira? Neste caso uma pessoa verdadeira se abstém da linguagem mentirosa, se abstém da linguagem maliciosa, se abstém da linguagem rude e se abstém da linguagem frívola.

21. “E como uma pessoa verdadeira age como uma pessoa verdadeira? Neste caso uma pessoa verdadeira se abstém de matar seres vivos, se abstém de tomar aquilo que não é dado e se abstém da conduta imprópria em relação aos prazeres sensuais.



22. “E como uma pessoa verdadeira tem idéias como uma pessoa verdadeira? Neste caso uma pessoa verdadeira tem idéias como estas: ‘Existe aquilo que é dado e o que é oferecido e o que é sacrificado; existe fruto e resultado de boas e más ações; existe este mundo e o outro mundo; existe a mãe e o pai; existem seres que renascem espontaneamente; existem no mundo brâmanes e contemplativos bons e virtuosos que, após terem conhecido e compreendido diretamente por eles mesmos, proclamam este mundo e o próximo.’

23. “E como uma pessoa verdadeira dá oferendas como uma pessoa verdadeira? Neste caso uma pessoa verdadeira dá uma oferenda de forma cuidadosa, dá com as suas próprias mãos, dá demonstrando respeito, dá uma oferenda valiosa, dá com a idéia de que algum fruto provém dessa ação.

24. “Essa pessoa verdadeira que assim possui qualidades boas, que assim se associa como uma pessoa verdadeira, que tem a volição como uma pessoa verdadeira, que aconselha como uma pessoa verdadeira, que fala como uma pessoa verdadeira, que age como uma pessoa verdadeira, que tem idéias como uma pessoa verdadeira e que dá oferendas como uma pessoa verdadeira - na dissolução do corpo após a morte, ela renasce na destinação das pessoas verdadeiras. E qual é o destino das pessoas verdadeiras? É a magnitude entre os *devas* ou a magnitude entre os seres humanos.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 111 Anupada Sutta

Um a Um, à Medida Que Eles Ocorreram

A realização do insight pelo Venerável Sariputta

1. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, Sariputta é sábio; Sariputta possui grande sabedoria; Sariputta possui ampla sabedoria; Sariputta possui jubilosa sabedoria; Sariputta possui ágil sabedoria; Sariputta possui aguçada sabedoria; Sariputta possui penetrante sabedoria. Ao longo de meio mês, *bhikkhus*, Sariputta teve o insight dos estados mentais, um a um, à medida que eles ocorreram. Agora, o insight de Sariputta dos estados mentais, um a um, à medida em que eles ocorreram foi o seguinte:

3. “Aqui, *bhikkhus*, afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, Sariputta entrou e permaneceu no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento.

4. “E os estados do primeiro *jhana* – pensamento aplicado, pensamento sustentado, êxtase, felicidade e unificação da mente; contato, sensação, percepção, volição e mente; zelo, decisão, energia, atenção plena (*sati*), equanimidade e atenção (*manasikara*) – esses

estados foram definidos por ele, um a um, à medida que eles ocorriam; [xxxi](#) com o seu conhecimento esses estados surgiram, com o seu conhecimento esses estados estiveram presentes, com o seu conhecimento esses estados desapareceram. Ele compreendeu da seguinte forma: ‘De fato, esses estados não tendo sido, vêm a ser; sendo, desaparecem.’ Em relação a esses estados ele permaneceu sem se sentir atraído, sem sentir repulsa, desapegado, livre, dissociado, com a mente livre de impedimentos. Ele compreendeu que: ‘Há uma escapatória mais adiante,’ e com o desenvolvimento daquela realização, ele confirmou que havia. [xxxii](#)

5. “Novamente, *bhikkhus*, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, Sariputta entrou e permaneceu no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração.

6. “E os estados do segundo *jhana* – êxtase, felicidade e unificação da mente; contato, sensação, percepção, volição e mente; zelo, decisão, energia, atenção plena, equanimidade e atenção – esses estados foram definidos por ele, um a um, à medida que eles ocorriam; com o seu conhecimento esses estados surgiram, com o seu conhecimento esses estados estiveram presentes, com o seu conhecimento esses estados desapareceram. ... Ele compreendeu que: ‘Há uma escapatória mais adiante,’ e com o desenvolvimento daquela realização, ele confirmou que havia.

7. “Novamente, *bhikkhus*, abandonando o êxtase, Sariputta entrou e permaneceu no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: ‘Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.’

8. “E os estados do terceiro *jhana* – a equanimidade, a felicidade, a atenção plena, a consciência plena e a unificação da mente; contato, sensação, percepção, volição e mente; zelo, decisão, energia, atenção plena, equanimidade e atenção – esses estados foram definidos por ele, um a um, à medida que eles ocorriam; com o seu conhecimento esses estados surgiram, com o seu conhecimento esses estados estiveram presentes, com o seu conhecimento esses estados desapareceram. ... Ele compreendeu que: ‘Há uma escapatória mais adiante,’ e com o desenvolvimento daquela realização, ele confirmou que havia.

9. “Novamente, *bhikkhus*, com o completo desaparecimento da felicidade, Sariputta entrou e permaneceu no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas.

10. “E os estados do quarto *jhana* - a equanimidade, a sensação nem dolorosa, nem prazerosa, a despreocupação mental devido à tranquilidade; a atenção plena purificada e a unificação da mente; contato, sensação, percepção, volição e mente; zelo, decisão, energia, atenção plena, equanimidade e atenção – esses estados foram definidos por ele, um a um, à medida que eles ocorriam; com o seu conhecimento esses estados surgiram, com o seu conhecimento esses estados estiveram presentes, com o seu conhecimento

esses estados desapareceram. ... Ele compreendeu que: ‘Há uma escapatória mais adiante,’ e com o desenvolvimento daquela realização, ele confirmou que havia.

11. “Novamente, *bhikkhus*, com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente de que o ‘espaço é infinito,’ Sariputta entrou e permaneceu na base do espaço infinito.

12. “E os estados da base do espaço infinito – a percepção da base do espaço infinito e a unificação da mente; contato, sensação, percepção, volição e mente; zelo, decisão, energia, atenção plena, equanimidade e atenção – esses estados foram definidos por ele, um a um, à medida que eles ocorriam; com o seu conhecimento esses estados surgiram, com o seu conhecimento esses estados estiveram presentes, com o seu conhecimento esses estados desapareceram. ... Ele compreendeu que: ‘Há uma escapatória mais adiante,’ e com o desenvolvimento daquela realização, ele confirmou que havia.

13. “Novamente, *bhikkhus*, com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a ‘consciência é infinita,’ Sariputta entrou e permaneceu na base da consciência infinita.

14. “E os estados da base da consciência infinita – a percepção da base da consciência infinita e a unificação da mente; contato, sensação, percepção, volição e mente; zelo, decisão, energia, atenção plena, equanimidade e atenção – esses estados foram definidos por ele, um a um, à medida que eles ocorriam; com o seu conhecimento esses estados surgiram, com o seu conhecimento esses estados estiveram presentes, com o seu conhecimento esses estados desapareceram. ... Ele compreendeu que: ‘Há uma escapatória mais adiante,’ e com o desenvolvimento daquela realização, ele confirmou que havia.

15. “Novamente, *bhikkhus*, com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ Sariputta entrou e permaneceu na base do nada.

16. “E os estados da base do nada – a percepção da base do nada e a unificação da mente; contato, sensação, percepção, volição e mente; zelo, decisão, energia, atenção plena, equanimidade e atenção – esses estados foram definidos por ele, um a um, à medida que eles ocorriam; com o seu conhecimento esses estados surgiram, com o seu conhecimento esses estados estiveram presentes, com o seu conhecimento esses estados desapareceram. ... Ele compreendeu que: ‘Há uma escapatória mais adiante,’ e com o desenvolvimento daquela realização, ele confirmou que havia.

17. “Novamente, *bhikkhus*, com a completa superação da base do nada, Sariputta entrou e permaneceu na base da nem percepção, nem não percepção.

18. “Ele emergiu daquela realização com atenção plena. Tendo feito isso, ele contemplou os estados passados que haviam cessado e mudado, desta forma: ‘Então, realmente, esses estados não tendo sido, vêm a ser; sendo, desaparecem.’ Em relação a esses estados ele

permaneceu sem se sentir atraído, sem sentir repulsa, desapegado, livre, dissociado, com a mente livre de impedimentos. Ele compreendeu que: ‘Há uma escapatória mais adiante,’ e com o desenvolvimento daquela realização, ele confirmou que havia.

19. “Novamente, *bhikkhus*, com a completa superação da base da nem percepção, nem não percepção, Sariputta entrou e permaneceu na cessação da percepção e sensação. E as suas impurezas foram destruídas ao ver com sabedoria.

20. “Ele emergiu daquela realização com atenção plena. Tendo feito isso, ele contemplou os estados passados que haviam cessado e mudado, desta forma: ‘Então, realmente, esses estados não tendo sido, vêm a ser; sendo, desaparecem.’ Em relação a esses estados ele permaneceu sem se sentir atraído, sem sentir repulsa, desapegado, livre, dissociado, com a mente livre de impedimentos. Ele compreendeu que: ‘Não há uma escapatória mais adiante,’ e com o desenvolvimento daquela realização, ele confirmou que não havia. [xxxiii](#)

21. “*Bhikkhus*, falando corretamente, se fosse para dizer de alguém que: ‘Ele obteve maestria e perfeição na nobre virtude, obteve maestria e perfeição na nobre concentração, obteve maestria e perfeição na nobre sabedoria, obteve maestria e perfeição na nobre libertação,’ é de Sariputta que, de fato, falando corretamente, isso deveria ser dito.

22. “*Bhikkhus*, falando corretamente, se fosse para dizer de alguém que: ‘Ele é o filho do Abençoado, nascido do seu peito, nascido da sua boca, nascido do Dhamma, criado pelo Dhamma, um herdeiro do Dhamma, não um herdeiro de coisas materiais,’ é de Sariputta que, de fato, falando corretamente, isso deveria ser dito.

23. “*Bhikkhus*, a insuperável Roda do Dhamma colocada em movimento pelo *Tathagata* é mantida em movimento corretamente por Sariputta.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 112 *Chabbisodhana Sutta*

### A Purificação Sêxtupla

Como questionar um *bhikkhu* que declare ter alcançado o conhecimento supremo

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “Aqui, *bhikkhus*, um *bhikkhu* faz uma declaração baseada no conhecimento supremo da seguinte forma: ‘Eu compreendo: O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

3. “As palavras desse *bhikkhu* não devem nem ser aprovadas nem ser reprovadas. Sem aprovar nem reprovar, uma pergunta deve ser feita assim: ‘Amigo, existem quatro tipos

de expressões proclamadas corretamente pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Quais quatro? Relatar o visto tal qual é visto; relatar o ouvido tal qual é ouvido; relatar o sentido tal qual é sentido; relatar o conscientizado tal qual é conscientizado. <sup>xxxiv</sup> Esses, amigos são os quatro tipos de expressões proclamadas corretamente pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Como um venerável sabe, como é que ele vê, em relação a esses quatro tipos de expressões, de modo que através do desapego a sua mente esteja libertada das impurezas?’

4. “*Bhikkhus*, quando um *bhikkhu* destruiu as impurezas, viveu a vida santa, fez o que devia ser feito, depôs o fardo, alcançou o verdadeiro objetivo, destruiu os grilhões da existência e está completamente libertado através do conhecimento supremo, esta é a natureza da sua resposta:

“Amigos, em relação ao visto eu permaneço sem atração, sem repulsa, independente, desapegado, livre, dissociado, com a mente livre de impedimentos. Em relação ao ouvido ... Em relação ao sentido ... Em relação ao conscientizado eu permaneço sem atração, sem repulsa, independente, desapegado, livre, dissociado, com a mente livre de impedimentos.

“É por saber assim, ver assim, em relação a esses quatro tipos de expressões, que através do desapego a minha mente está libertada das impurezas.’

5. “Dizendo ‘muito bem,’ ele pode ficar contente e satisfeito com as palavras daquele *bhikkhu*. Com isso, uma outra questão deve ser formulada assim:

“Amigo, há esses cinco agregados influenciados pelo apego, proclamados corretamente pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Quais cinco? Estes são o agregado da forma material influenciado pelo apego ... sensação ... percepção ... formações ... consciência influenciado pelo apego. Esses, amigo, são os cinco agregados influenciados pelo apego, proclamados corretamente pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Como um venerável sabe, como é que ele vê, em relação a esses cinco agregados influenciados pelo apego, de modo que através do desapego a sua mente esteja libertada das impurezas?’

6. “*Bhikkhus*, quando um *bhikkhu* destruiu as impurezas ... e está completamente libertado através do conhecimento supremo, esta é a natureza da sua resposta:

“Amigos, tendo sabido que a forma material ... sensação ... percepção ... formações ... consciência é débil, desaparece e não proporciona conforto; com a destruição, desaparecimento, cessação, renúncia e abandono da atração e apego em relação à forma material ... consciência; dos pontos de vistas, adesões e tendências subjacentes em relação à forma material ... consciência, eu compreendi que a minha mente está libertada.

“É por saber assim, ver assim, em relação a esses cinco agregados influenciados pelo apego, que através do desapego a minha mente está libertada das impurezas.’

7. “Dizendo ‘muito bem,’ ele pode ficar contente e satisfeito com as palavras daquele *bhikkhu*. Com isso, uma outra questão deve ser formulada assim:

“Amigo, há esses seis elementos proclamados corretamente pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Quais seis? Estes são o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo, o elemento ar, o elemento espaço e o elemento consciência. Esses, amigos, são os seis elementos proclamados corretamente pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Como um venerável sabe, como é que ele vê, em relação a esses seis elementos, de modo que através do desapego a sua mente esteja libertada das impurezas?”

8. “*Bhikkhus*, quando um *bhikkhu* destruiu as impurezas ... e está completamente libertado através do conhecimento supremo, esta é a natureza da sua resposta:

“Amigos, eu tratei o elemento terra ... água ... fogo ... ar ... espaço ... consciência como não-eu, sem um eu baseado no elemento consciência. E com a destruição, desaparecimento, cessação, renúncia e abandono da atração e apego baseados no elemento consciência; dos pontos de vistas, adesões e tendências subjacentes baseadas no elemento consciência, eu compreendi que a minha mente está libertada.

“É por saber assim, ver assim, em relação a esses seis elementos, que através do desapego a minha mente está libertada das impurezas.”

9. “Dizendo ‘muito bem,’ ele pode ficar contente e satisfeito com as palavras daquele *bhikkhu*. Com isso, uma outra questão deve ser formulada assim:

“Mas, amigo, há essas seis bases internas e externas proclamadas corretamente pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Quais seis? Estas são o olho e as formas, o ouvido e os sons, o nariz e os aromas, a língua e os sabores, o corpo e os tangíveis, e a mente e os objetos mentais. Essas, amigos, são as seis bases internas e externas proclamadas corretamente pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Como um venerável sabe, como é que ele vê, em relação a essas seis bases internas e externas, de modo que através do desapego a sua mente esteja libertada das impurezas?”

10. “*Bhikkhus*, quando um *bhikkhu* destruiu as impurezas ... e está completamente libertado através do conhecimento supremo, esta é a natureza da sua resposta:

“Amigos, com a destruição, desaparecimento, cessação, renúncia e abandono da paixão, desejo, afeição, sede, cobiça, ambição e dos pontos de vistas, adesões e tendências subjacentes em relação ao olho, formas, consciência no olho e coisas que podem ser conscientizadas pela consciência no olho, eu compreendi que a minha mente está libertada.

“Com a destruição, desaparecimento, cessação, renúncia e abandono da paixão, desejo, afeição, sede, cobiça, ambição e dos pontos de vistas, adesões e tendências subjacentes,

em relação ao ouvido, sons, consciência no ouvido e coisas que podem ser conscientizadas pela consciência no ouvido ... em relação ao nariz, aromas, consciência no nariz e coisas que podem ser conscientizadas pela consciência no nariz .... em relação à língua, sabores, consciência na língua e coisas que podem ser conscientizadas pela na língua ... em relação ao corpo, tangíveis, consciência no corpo e coisas que podem ser conscientizadas pela no corpo ... em relação à mente, objetos mentais, consciência na mente e coisas que podem ser conscientizadas pela consciência na mente, eu compreendi que a minha mente está libertada.

“É por saber assim, ver assim, em relação a essas seis bases internas e externas, que através do desapego a minha mente está libertada das impurezas.”

11. “Dizendo ‘muito bem,’ ele pode ficar contente e satisfeito com as palavras daquele *bhikkhu*. Com isso, uma outra questão deve ser formulada assim:

“Mas, amigo, como o venerável sabe, como é que ele vê, de modo que em relação a este corpo com a sua consciência e todos os sinais externos, a fabricação de um eu, a fabricação do meu e a tendência subjacente à presunção foram nele completamente erradicadas?”

12. “*Bhikkhus*, quando um *bhikkhu* destruiu as impurezas ... e está completamente libertado através do conhecimento supremo, esta é a natureza da sua resposta:

“Amigos, antes quando eu vivia a vida em família eu era ignorante. Então, o *Tathagata* ou um discípulo dele me ensinou o Dhamma. Ao ouvir o Dhamma eu adquiri fé no *Tathagata*, possuindo aquela fé, eu considerei o seguinte: “A vida em família é confinada, um caminho empoeirado. A vida santa é como o ar livre. Não é fácil viver em casa e praticar a vida santa completamente perfeita, totalmente pura, como uma concha polida. E se eu raspasse o meu cabelo e barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa?” Mais tarde, abandonando uma fortuna grande ou pequena, deixando o meu círculo de parentes, grande ou pequeno, eu raspei o meu cabelo e barba, vesti o manto de cor ocre e segui a vida santa.

13 “Tendo seguido a vida santa e de posse do treinamento e estilo de vida de um *bhikkhu*, abandonando tirar a vida de outros seres, ele se abstém de tirar a vida de outro seres; ele permanece com a sua vara e arma postas de lado, bondoso e gentil, compassivo com todos os seres vivos. Abandonando tomar o que não seja dado, ele se abstém de tomar o que não é dado; tomando somente aquilo que é dado, aceitando somente aquilo que é dado, não roubando ele permanece puro. Abandonando o não celibato, ele vive uma vida celibatária, vive separado, abstendo-se da prática vulgar do ato sexual.

“Abandonando a linguagem mentirosa, ele se abstém da linguagem mentirosa; ele fala a verdade, mantém a verdade, é firme e confiável, não é um enganador do mundo. Abandonando a linguagem maliciosa, ele se abstém da linguagem maliciosa; o que ouviu aqui ele não conta ali para separar aquelas pessoas destas, nem o que ele ouviu lá não conta aqui para separar estas pessoas daquelas; assim ele reconcilia aquelas pessoas que

estão divididas, promove a amizade, ele ama a concórdia, se delicia com a concórdia, desfruta da concórdia, diz coisas que criam a concórdia. Abandonando a linguagem grosseira, ele se abstém da linguagem grosseira. Ele diz palavras que são gentis, que agradam aos ouvidos, carinhosas, que penetram o coração, que são corteses, desejadas por muitos e que agradam a muitos. Abandonando a linguagem frívola, ele se abstém da linguagem frívola. Ele fala na hora certa, diz o que é fato, aquilo que é bom, fala de acordo com o Dhamma e a Disciplina; nas horas adequadas ele diz palavras que são úteis, racionais, moderadas e que trazem benefício.

“Ele se abstém de danificar sementes e plantas. Ele come somente uma vez ao dia, privando-se da refeição noturna e de alimentos nas horas incorretas. Ele se abstém de dançar, cantar, ouvir música e de ver espetáculos de entretenimento. Ele se abstém de usar ornamentos, usar perfumes e de embelezar o corpo com cosméticos. Ele se abstém de deitar em leitos elevados e luxuosos. Ele se abstém de aceitar ouro e dinheiro. Ele se abstém de aceitar grãos que não estejam cozidos. Ele se abstém de aceitar carne crua. Ele se abstém de aceitar mulheres e garotas. Ele se abstém de aceitar escravos homens e mulheres. Ele se abstém de aceitar cabras e ovelhas. Ele se abstém de aceitar aves e porcos. Ele se abstém de aceitar elefantes, gado, cavalos e éguas. Ele se abstém de aceitar terras e propriedades. Ele se abstém de fazer pequenas tarefas e levar mensagens. Ele se abstém de comprar e vender. Ele se abstém de lidar com balanças falsas, metais falsos, falsas medidas. Ele se abstém do suborno, burla e fraude. Ele se abstém de mutilar, executar, aprisionar, roubar, pilhar e violentar.

14. “Ele está satisfeito com os mantos que protegem o seu corpo e com os alimentos esmolados que mantêm o seu estômago, e aonde quer que vá ele apenas leva essas coisas consigo. Igual a um passarinho, aonde quer que ele vá, voa com as asas como seu único fardo, assim também, o *bhikkhu* está satisfeito com os mantos que protegem o seu corpo e com os alimentos esmolados que mantêm o seu estômago, e aonde quer que vá ele apenas leva essas coisas consigo. Possuindo esse agregado da nobre virtude, ele experimenta dentro de si uma felicidade que é imaculada.

15. “Ao ver uma forma com o olho, ele não se agarra aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade do olho descuidada, ele será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza, ele pratica a contenção, ele protege a faculdade do olho, ele se empenha na contenção da faculdade do olho. Ao ouvir um som com o ouvido ... Ao cheirar um aroma com o nariz ... Ao saborear um sabor com a língua ... Ao tocar algo tangível com o corpo ... Ao conscientizar um objeto mental com a mente, ele não se agarra aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade da mente descuidada, ele será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza, ele pratica a contenção, ele protege a faculdade da mente, ele se empenha na contenção da faculdade da mente. Dotado dessa nobre contenção das faculdades, ele experimenta dentro de si uma felicidade que é imaculada.

16. “Ele age com plena consciência ao ir para a frente e retornar; age com plena consciência ao olhar para frente e desviar o olhar; age com plena consciência ao dobrar e estender os membros; age com plena consciência ao carregar o manto externo, o manto



superior, a tigela; age com plena consciência ao comer, beber, mastigar e saborear; age com plena consciência ao urinar e defecar; age com plena consciência ao caminhar, ficar em pé, sentar, dormir, acordar, falar e permanecer em silêncio.

17. "Dotado desse nobre agregado da virtude, essa nobre contenção das faculdades sensoriais, essa nobre atenção plena e plena consciência, ele procura um local isolado: na floresta, à sombra de uma árvore, uma montanha, uma ravina, uma caverna em uma encosta, um cemitério, um matagal, um espaço aberto, uma cabana vazia.

18. Depois de esmolar alimentos, após a refeição, ele senta com as pernas cruzadas, com o corpo ereto colocando a atenção plena à sua frente. Abandonando a cobiça pelo mundo, ele permanece com a mente livre de cobiça; ele purifica a sua mente da cobiça. Abandonando a má vontade, ele permanece com a mente livre de má vontade, com compaixão pelo bem estar de todos os seres vivos; ele purifica a sua mente da má vontade. Abandonando a preguiça e o torpor, ele permanece livre da preguiça e do torpor, perceptivo à luz, atento e plenamente consciente; ele purifica sua mente da preguiça e do torpor. Abandonando a inquietação e a ansiedade, ele permanece calmo com a mente em paz; ele purifica sua mente da inquietação e da ansiedade. Abandonando a dúvida, ele assim permanece tendo superado a dúvida, sem perplexidade em relação a qualidades mentais hábeis; ele purifica a mente da dúvida.

19. "Tendo assim abandonado esses cinco obstáculos, imperfeições da mente que enfraquecem a sabedoria, afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, ele entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e prazer nascidos do afastamento. Abandonando o pensamento aplicado e sustentado, entra e permanece no segundo *jhana* ... Abandonando o êxtase ... entra e permanece no terceiro *jhana* ... Com o completo desaparecimento da felicidade ... entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas.

20. "Com a mente, dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do fim das impurezas mentais. [xxxv](#) Ele compreende como na verdade é que: "Isto é sofrimento" ... "Esta é a origem do sofrimento" ... "Esta é a cessação do sofrimento" ... "Este é o caminho que conduz à cessação do sofrimento." Ele compreende como na verdade é que: "Estas são as impurezas" ... "Esta é a origem das impurezas" ... "Esta é a cessação das impurezas" ... "Este é o caminho que conduz à cessação das impurezas."

21. "Ao conhecer e ver, a mente estava livre da impureza do desejo sensual, da impureza de ser/existir, da impureza da ignorância. Quando ela estava libertada surgiu o conhecimento, 'Libertada.' Ele compreende que 'O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.'

“É por saber assim, ver assim, amigos, que em relação a este corpo com a sua consciência e todos os sinais externos, a fabricação de um eu, a fabricação do meu e a tendência subjacente à presunção foram completamente erradicadas.’

22. “Dizendo ‘muito bem,’ ele pode ficar contente e satisfeito com as palavras daquele *bhikkhu*. Tendo feito isso, ele deveria dizer: ‘É um ganho para nós, amigo, é um grande ganho para nós, amigo, que temos um tal companheiro na vida santa como o venerável.’”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 113 Sappurisa Sutta

### O Homem Verdadeiro

O que diferencia um homem falso de um homem verdadeiro

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, eu ensinarei sobre o caráter de um homem verdadeiro e o caráter de um homem falso. [xxxvi](#) Ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer.” – “Sim, venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

3-6. “*Bhikkhus*, qual é o caráter de um homem falso? Aqui um homem falso, que deixou uma família aristocrática ... família importante ... família rica ... família influente para seguir a vida santa, considera o seguinte: ‘Eu deixei uma família aristocrática ... família importante ... família rica ... família influente para seguir a vida santa, mas esses outros *bhikkhus* não deixaram uma família aristocrática ... família importante ... família rica ... família influente para seguir a vida santa’. Por conseguinte, ele elogia a si mesmo e menospreza os outros devido à sua família aristocrática ... família importante ... família rica ... família influente. Esse é o caráter de um homem falso.

“Mas um homem verdadeiro considera o seguinte: ‘Não é devido à família aristocrática ... família importante ... família rica ... família influente de alguém que os estados de cobiça, raiva ou delusão são destruídos. Mesmo que alguém não tenha deixado uma família aristocrática ... família importante ... família rica ... família influente para seguir a vida santa, ainda assim, se ele entrou no caminho que está de acordo com o Dhamma, se entrou no caminho apropriado e se comporta de acordo com o Dhamma, ele deve ser honrado por isso, ele deve ser elogiado por isso.’ E assim, colocando a prática do caminho como prioritária, ele nem elogia a si mesmo e tampouco menospreza os outros devido à sua família aristocrática ... família importante ... família rica ... família influente. Esse é o caráter de um homem verdadeiro.

7. “Além disso, um homem falso, que é bem conhecido e famoso, considera o seguinte: ‘Eu sou bem conhecido e famoso, mas esses outros *bhikkhus* são desconhecidos e sem

importância.’ Por conseguinte, ele elogia a si mesmo e menospreza os outros devido à sua fama. Esse também é o caráter de um homem falso.

“Mas um homem verdadeiro considera o seguinte: ‘Não é devido à fama de alguém que os estados de cobiça, raiva ou delusão são destruídos. Mesmo que alguém não seja bem conhecido e famoso, se ele entrou no caminho que está de acordo com o Dhamma, se entrou no caminho apropriado e se comporta de acordo como o Dhamma, ele deve ser honrado por isso, ele deve ser elogiado por isso.’ Por conseguinte, colocando a prática do caminho como prioritária, ele nem elogia a si mesmo e tampouco menospreza os outros devido à sua fama. Esse também é o caráter de um homem verdadeiro.

8. “Além disso, um homem falso, que obtém mantos, comida esmolada, moradia e medicamentos, considera o seguinte: ‘Eu obtenho mantos, comida esmolada, moradia e medicamentos; mas esses outros *bhikkhus* não obtêm essas coisas.’ Por conseguinte, ele elogia a si mesmo e menospreza os outros devido a esse ganho. Esse também é o caráter de um homem falso.

“Mas um homem verdadeiro considera o seguinte: ‘Não é devido ao ganho que os estados de cobiça, raiva ou delusão são destruídos. Mesmo que alguém não ganhe nada, se ele entrou no caminho que está de acordo com o Dhamma, entrou no caminho apropriado e se comporta de acordo como o Dhamma, ele deve ser honrado por isso, ele deve ser elogiado por isso.’ Por conseguinte, colocando a prática do caminho como prioritária, ele nem elogia a si mesmo e tampouco menospreza os outros devido ao ganho. Esse também é o caráter de um homem verdadeiro.

9-20. “Além disso, um homem falso, que é estudado ... que é um experto na Disciplina ... que é um orador do Dhamma ... que vive nas florestas .... que veste mantos feitos de trapos .... que se alimenta de comida esmolada ... que vive sob as árvores .... que habita os cemitérios ... que habita a céu aberto .... continuamente sentado .... que usa qualquer leito ... só come uma vez ao dia, considera o seguinte: ‘Eu só como uma vez ao dia, mas esses outros *bhikkhus* não comem só uma vez ao dia.’ Por conseguinte, ele elogia a si mesmo e menospreza os outros pelo fato dele só comer uma vez ao dia. Esse também é o caráter de um homem falso.

“Mas um homem verdadeiro considera o seguinte: ‘Não é devido ao fato de só comer uma vez ao dia que os estados de cobiça, raiva ou delusão são destruídos. Mesmo que alguém não coma só uma vez ao dia, ainda assim, se ele entrou no caminho que está de acordo com o Dhamma, entrou no caminho apropriado e se comporta de acordo com o Dhamma, ele deve ser honrado por isso, ele deve ser elogiado por isso.’ Por conseguinte, colocando a prática do caminho como prioritária, ele nem elogia a si mesmo e tampouco menospreza os outros devido ao fato dele só comer uma vez ao dia. Esse também é o caráter de um homem verdadeiro.

21. “Além disso, um homem falso afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento.

Ele considera o seguinte: ‘Eu alcancei o primeiro *jhana*, mas esses outros *bhikkhus* não alcançaram o primeiro *jhana*.’ Por conseguinte, ele elogia a si mesmo e menospreza os outros por ele ter alcançado o primeiro *jhana*. Esse também é o caráter de um homem falso.

“Mas um homem verdadeiro considera o seguinte: ‘A não identificação, ainda que com a realização do primeiro *jhana*, foi declarada pelo Abençoado; pois qualquer que seja a concepção, o fato é sempre distinto desta.’ Por conseguinte, colocando a não identificação como prioritária, ele nem elogia a si mesmo e tampouco menospreza os outros por ele ter alcançado o primeiro *jhana*. Esse também é o caráter de um homem verdadeiro.

22-24. “Além disso, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um homem falso entra e permanece no segundo *jhana* ... abandonando o êxtase ... ele entra e permanece no terceiro *jhana* ... com o completo desaparecimento da felicidade ... ele entra e permanece no quarto *jhana* ...

25. “Além disso, com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente de que o ‘espaço é infinito,’ um homem falso entra e permanece na base do espaço infinito ...

26. “Além disso, com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a ‘consciência é infinita,’ um homem falso entra e permanece na base da consciência infinita ...

27. “Além disso, com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ um homem falso entra e permanece na base do nada ...

28. “Além disso, com a completa superação da base do nada, um homem falso entra e permanece na base da nem percepção, nem não percepção. Ele considera o seguinte: ‘Eu alcancei a base da nem percepção, nem não percepção, mas esses outros *bhikkhus* não alcançaram a base da nem percepção, nem não percepção.’ Por conseguinte, ele elogia a si mesmo e menospreza os outros por ele ter alcançado a base da nem percepção, nem não percepção. Esse também é o caráter de um homem falso.

“Mas um homem verdadeiro considera o seguinte: ‘A não identificação, ainda que com a base da nem percepção, nem não percepção, foi declarada pelo Abençoado; pois qualquer que seja a concepção, o fato é sempre distinto desta.’ Por conseguinte, colocando a não identificação como prioritária, ele nem elogia a si mesmo e tampouco menospreza os outros por ele ter alcançado a base da nem percepção, nem não percepção. Esse também é o caráter de um homem verdadeiro.

29. “Além disso, com a completa superação da base da nem percepção, nem não percepção, um homem verdadeiro entra e permanece na cessação da sensação e percepção. [xxxvii](#) E as suas impurezas são destruídas ao ver com sabedoria. Esse *bhikkhu*

não concebe nada, ele não concebe nada em relação a nada, ele não concebe de nenhuma forma.” [xxxviii](#)

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## *114 Sevittabbasevittabba Sutta* Para Ser Cultivado e Para Não Ser Cultivado

Aquilo que deve ser cultivado e que não deve ser cultivado

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá, ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, eu ensinarei aquilo que deve ser cultivado e aquilo que não deve ser cultivado. Ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer.” – “Sim, venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

3. “*Bhikkhus*, a conduta corporal ... verbal ... mental é de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a conduta corporal ... verbal ... mental ou é uma, ou é a outra. A inclinação da mente ... obtenção da percepção ... obtenção do entendimento ... obtenção da individualidade é de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a inclinação da mente ... obtenção da percepção ... obtenção do entendimento ... obtenção da individualidade ou é uma, ou é a outra.”

4. Quando isso foi dito, o venerável Sariputta disse para o Abençoado: “Venerável senhor, eu entendo o significado em detalhe da afirmação do Abençoado da seguinte forma:

5. “*Bhikkhus*; a conduta corporal pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a conduta corporal ou é uma, ou é a outra.’ Assim foi dito pelo Abençoado. E com referência a que foi dito isso?

“Venerável senhor, aquela conduta corporal que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva, não deve ser cultivada. Mas aquela conduta corporal que faz com que os estados prejudiciais diminuam e os estados benéficos aumentem naquele que a cultiva, deve ser cultivada.

“E qual é o tipo de conduta corporal que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém tira a vida de outros seres, um homicida, sanguinário, dedicado a golpes e violência, demonstrando nenhuma piedade com os seres vivos. Ele toma o que não é dado, ele toma, como se fosse um ladrão, os bens e propriedades de outros num vilarejo ou na floresta. Ele se comporta de forma imprópria em relação aos prazeres sensuais; ele se envolve sexualmente com quem está sob a proteção da mãe, do pai, dos irmãos, das irmãs, dos parentes, que possui esposo, protegida pela lei ou mesmo com quem esteja coroada de flores por um outro

homem. Esse tipo de conduta corporal faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva.

“E qual é o tipo de conduta corporal que faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém abandonando tirar a vida de outros seres, se abstém de tirar a vida de outros seres; ele permanece com a sua vara e arma postas de lado, bondoso e gentil, compassivo com todos os seres vivos. Abandonando tomar o que não seja dado, ele se abstém de tomar o que não é dado; ele não toma, como se fosse um ladrão, os bens e propriedades de outros num vilarejo ou na floresta. Abandonando a conduta imprópria com relação aos prazeres sensuais, ele se abstém da conduta imprópria com relação aos prazeres sensuais; ele não se envolve sexualmente com quem está sob a proteção da mãe, do pai, dos irmãos, das irmãs, dos parentes, que possuem esposo, protegidas pela lei ou mesmo com quem esteja coroada de flores por um outro homem. Esse tipo de conduta corporal faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva.

“Portanto, foi com referência a isso que foi dito pelo Abençoado: ‘*Bhikkhus*; a conduta corporal pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a conduta corporal ou é uma, ou é a outra.’

6. “‘*Bhikkhus*; a conduta verbal pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a conduta verbal ou é uma, ou é a outra.’ Assim foi dito pelo Abençoado. E com referência a que foi dito isso?

“Venerável senhor, aquela conduta verbal que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva, não deve ser cultivada. Mas aquela conduta verbal que faz com que os estados prejudiciais diminuam e os estados benéficos aumentem naquele que a cultiva, deve ser cultivada.

“E qual é o tipo de conduta verbal que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém emprega linguagem mentirosa; tendo sido chamado para uma corte, uma reunião, um encontro com seus parentes, com a sua corporação, com a família real, se assim for questionado como testemunha: 'Então, bom homem, diga o que você sabe,' se ele não souber, dirá, 'Eu sei'; se ele souber, dirá, 'Eu não sei'; se ele não viu, dirá, 'Eu vi'; se ele viu, dirá, 'Eu não vi'; com plena consciência ele conta mentiras em seu próprio benefício, pelo benefício de outros, ou para obter algum benefício mundano insignificante. Ele emprega linguagem maliciosa; o que ouviu aqui ele conta ali para separar aquelas pessoas destas, ou o que ele ouviu lá, conta aqui para separar estas pessoas daquelas; assim ele separa aquelas pessoas que estão unidas, ele cria divisões, ama a discórdia, se delicia com a discórdia, desfruta da discórdia, diz coisas que criam a discórdia. Ele emprega linguagem grosseira; ele emprega palavras que são grosseiras, duras, que magoam os outros, que ofendem os outros, próximas da raiva e que não favorecem a concentração. Ele emprega a linguagem frívola; ele fala fora de hora, diz o que não é fato, diz o que é inútil, diz aquilo que é contrário ao Dhamma e Disciplina; nas horas inadequadas ele diz palavras que são inúteis, irracionais, imoderadas e que não trazem benefício. Esse tipo de conduta verbal

faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva.

“E qual é o tipo de conduta verbal que faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém, abandonando a linguagem mentirosa, se abstém da linguagem mentirosa; tendo sido chamado para uma corte, uma reunião, um encontro com seus parentes, com a sua corporação, com a família real, se assim for questionado como testemunha: 'Então, bom homem, diga o que você sabe,' se ele não souber, dirá, 'Eu não sei'; se ele souber, dirá, 'Eu sei'; se ele não viu, dirá, 'Eu não vi'; se ele viu, dirá, 'Eu vi'. Assim, com plena consciência ele não conta mentiras em seu próprio benefício, pelo benefício de outros, ou para obter algum benefício mundano insignificante. Abandonando a linguagem maliciosa, ele se abstém da linguagem maliciosa; o que ouviu aqui ele não conta ali para separar aquelas pessoas destas, ou, o que ouviu lá ele não conta aqui para separar estas pessoas daquelas; assim, ele reconcilia aquelas pessoas que estão divididas, promove a amizade, ele ama a concórdia, se delicia com a concórdia, desfruta da concórdia, diz coisas que criam a concórdia. Abandonando a linguagem grosseira, ele se abstém da linguagem grosseira. Ele diz palavras que são gentis, que agradam aos ouvidos, carinhosas, que penetram o coração, que são corteses, desejadas por muitos e que agradam a muitos. Abandonando a linguagem frívola, ele se abstém da linguagem frívola. Ele fala na hora certa, diz o que é fato, aquilo que é bom, fala de acordo com o Dhamma e a Disciplina; nas horas adequadas ele diz palavras que são úteis, racionais, moderadas e que trazem benefício. Esse tipo de conduta verbal faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva.

“Portanto, foi com referência a isso que foi dito pelo Abençoador: ‘*Bhikkhus*; a conduta verbal pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a conduta verbal ou é uma, ou é a outra.’

7. “‘A conduta mental pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a conduta mental ou é uma, ou é a outra.’ Assim foi dito pelo Abençoador. E com referência a que foi dito isso?

“Venerável senhor, aquela conduta mental que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva, não deve ser cultivada. Mas aquela conduta mental que faz com que os estados prejudiciais diminuam e os estados benéficos aumentem naquele que a cultiva, deve ser cultivada.

“E qual é o tipo de conduta mental que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém é cobiçoso; ele cobiça os bens e propriedades dos outros, pensando, 'Ah, que aquilo que pertence aos outros seja meu!' Ou a sua mente possui má vontade e as suas intenções estão plenas de raiva: 'Que esses seres sejam mortos e assassinados, que eles cessem, faleçam ou sejam aniquilados!' Esse tipo de conduta mental faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva.

“E qual é o tipo de conduta mental que faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém não é cobiçoso. Ele não cobiça as posses dos outros, pensando, 'Ah, que aquilo que pertence aos outros seja meu!' A sua mente não possui má vontade e as suas intenções estão isentas de raiva: 'Que esses seres possam estar livres da inimizade, aflição e ansiedade! Que eles vivam felizes!' Esse tipo de conduta mental faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva.

“Portanto, foi com referência a isso que foi dito pelo Abençoado: ‘*Bhikkhus*; a conduta mental pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a conduta mental ou é uma, ou é a outra.’ [xxxix](#)

8. “‘A inclinação da mente pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a inclinação da mente ou é uma, ou é a outra.’ Assim foi dito pelo Abençoado. E com referência a que foi dito isso?

“Venerável senhor, aquela inclinação da mente que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva, não deve ser cultivada. Mas aquela inclinação da mente que faz com que os estados prejudiciais diminuam e os estados benéficos aumentem naquele que a cultiva, deve ser cultivada.

“E qual é o tipo de inclinação da mente que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém é cobiçoso e permanece com a sua mente imbuída de cobiça; ele tem má vontade e permanece com a sua mente imbuída de má vontade; ele é cruel e permanece com a sua mente imbuída de crueldade. Esse tipo de inclinação da mente faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva.

“E qual é o tipo de inclinação da mente que faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém não é cobiçoso e permanece com a sua mente despegada da cobiça; ele não tem má vontade e permanece com a sua mente despegada da má vontade; ele não é cruel e permanece com a sua mente despegada da crueldade. Esse tipo de inclinação da mente faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva.

“Portanto, foi com referência a isso que foi dito pelo Abençoado: ‘*Bhikkhus*, a inclinação da mente pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a inclinação da mente ou é uma, ou é a outra.’

9. “‘A obtenção da percepção pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a obtenção da percepção ou é uma, ou é a outra.’ Assim foi dito pelo Abençoado. E com referência a que foi dito isso?

“Venerável senhor, aquela obtenção da percepção que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva, não deve



ser cultivada. Mas aquela obtenção da percepção que faz com que os estados prejudiciais diminuam e os estados benéficos aumentem naquele que a cultiva, deve ser cultivada.

“E qual é o tipo de obtenção da percepção que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém é cobiçoso e permanece com a sua percepção imbuída de cobiça; ele tem má vontade e permanece com a sua percepção imbuída de má vontade; ele é cruel e permanece com a sua percepção imbuída de crueldade. Esse tipo de obtenção da percepção faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva.

“E qual é o tipo de obtenção da percepção que faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém não é cobiçoso e permanece com a sua percepção despegada da cobiça; ele não tem má vontade e permanece com a sua percepção despegada da má vontade; ele não é cruel e permanece com a sua percepção despegada da crueldade. Esse tipo de obtenção da percepção faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva.

“Portanto, foi com referência a isso que foi dito pelo Abençoado: ‘*Bhikkhus*; a obtenção da percepção pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a obtenção da percepção ou é uma, ou é a outra.’

10. “A obtenção do entendimento pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a obtenção do entendimento ou é uma, ou é a outra.’ Assim foi dito pelo Abençoado. E com referência a que foi dito isso?

“Venerável senhor, aquela obtenção do entendimento que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva, não deve ser cultivada. Mas aquela obtenção do entendimento que faz com que os estados prejudiciais diminuam e os estados benéficos aumentem naquele que a cultiva, deve ser cultivada.

“E qual é o tipo de obtenção do entendimento que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém tem um entendimento como este: ‘Não existe nada que é dado, nada que é oferecido, nada que é sacrificado; não existe fruto ou resultado de ações boas ou más; não existe este mundo, nem outro mundo; não existe mãe, nem pai; nenhum ser que renasça espontaneamente; não existem no mundo nem sacerdotes, nem contemplativos bons e virtuosos que, após terem conhecido e compreendido diretamente por eles mesmos, proclamem este mundo e o próximo.’ <sup>xl</sup> Esse tipo de obtenção do entendimento faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva.

“E qual é o tipo de obtenção do entendimento que faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva? Aqui, alguém tem um entendimento como este: ‘Existe aquilo que é dado e o que é oferecido, e o que é sacrificado; existe fruto e resultado de boas e más ações; existe este mundo e o outro

mundo; existe a mãe e o pai; existem seres que renascem espontaneamente; existem no mundo sacerdotes e contemplativos bons e virtuosos que, após terem conhecido e compreendido diretamente por eles mesmos, proclamam este mundo e o próximo.’ Esse tipo de obtenção do entendimento faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva.

“Portanto, foi com referência a isso que foi dito pelo Abençoado: ‘*Bhikkhus*; a obtenção do entendimento pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a obtenção do entendimento ou é uma, ou é a outra.’

11. “A obtenção da individualidade pode ser de dois tipos, eu digo: [xli](#) para ser cultivada e para não ser cultivada. E a obtenção da individualidade ou é uma, ou é a outra.’ Assim foi dito pelo Abençoado. E com referência a que foi dito isso?

“Venerável senhor, aquela obtenção da individualidade que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva, não deve ser cultivada. Mas aquela obtenção da individualidade que faz com que os estados prejudiciais diminuam e os estados benéficos aumentem naquele que a cultiva, deve ser cultivada.

“E qual é o tipo de obtenção da individualidade que faz com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que a cultiva? Quando alguém gera uma obtenção de individualidade que está sujeita à aflição, os estados prejudiciais aumentam e os estados benéficos diminuem nele, impedindo-o de dar um fim ao devir.

“E qual é o tipo de obtenção da individualidade que faz com que os estados benéficos aumentem e os estados prejudiciais diminuam naquele que a cultiva? Quando alguém gera uma obtenção de individualidade que está livre da aflição, os estados prejudiciais diminuem e os estados benéficos aumentam nele, possibilitando a ele dar um fim ao devir.

“Portanto, foi com referência a isso que foi dito pelo Abençoado: ‘*Bhikkhus*; a obtenção da individualidade pode ser de dois tipos, eu digo: para ser cultivada e para não ser cultivada. E a obtenção da individualidade ou é uma, ou é a outra.’

12. “Venerável senhor, eu entendo o significado em detalhe da afirmação do Abençoado, que foi dita de modo resumido sem explicar o significado em detalhe, dessa forma.”

13-21. “Muito bem, muito bem, Sariputta! É bom que você compreenda o significado em detalhe da minha afirmação, que foi dita de modo resumido sem explicar o significado em detalhe, dessa forma.

22. “Sariputta, as formas percebidas pelo olho ... os sons percebidos pelo ouvido ... os aromas percebidos pelo nariz ... os sabores percebidos pela língua ... os tangíveis percebidos pelo corpo ... os objetos mentais percebidos pela mente são de dois tipos, eu digo: para serem cultivados e para não serem cultivados.”

23. Quando isso foi dito, o venerável Sariputta disse para o Abençoador: “Venerável senhor, eu entendo o significado em detalhe da afirmação do Abençoador, que foi dita de modo resumido sem explicar o significado em detalhe, da seguinte forma:

24-29. “Sariputta, as formas percebidas pelo olho ... os sons percebidos pelo ouvido ... os aromas percebidos pelo nariz ... os sabores percebidos pela língua ... os tangíveis percebidos pelo corpo ... os objetos mentais percebidos pela mente são de dois tipos, eu digo: para serem cultivadas e para não serem cultivadas.’ Assim foi dito pelo Abençoador. E com referência a que foi dito isso?

“Venerável senhor, aquelas formas percebidas pelo olho ... sons percebidos pelo ouvido ... aromas percebidos pelo nariz ... sabores percebidos pela língua ... tangíveis percebidos pelo corpo ... objetos mentais percebidos pela mente que fazem com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que os cultiva, não devem ser cultivados. Mas aqueles objetos mentais percebidos pela mente que fazem com que os estados prejudiciais diminuam e os estados benéficos aumentem naquele que os cultiva, devem ser cultivados.

“Portanto, foi com referência a isso que foi dito pelo Abençoador: ‘Sariputta, os objetos mentais percebidos pela mente são de dois tipos, eu digo: para serem cultivados e para não serem cultivados.’

30. “Venerável senhor, eu entendo o significado em detalhe da afirmação do Abençoador, que foi dita de modo resumido sem explicar o significado em detalhe, dessa forma.”

31-38. “Muito bem, muito bem, Sariputta! É bom que você compreenda o significado em detalhe da minha afirmação, que foi dita de modo resumido sem explicar o significado em detalhe, dessa forma.

39. “Sariputta, mantos ... comida esmolada ...moradia ... vilarejos ... vilas ... cidades ... distritos ... pessoas são de dois tipos, eu digo: para serem cultivadas e para não serem cultivadas.”

40. Quando isso foi dito, o venerável Sariputta disse para o Abençoador: “Venerável senhor, eu entendo o significado em detalhe da afirmação do Abençoador, que foi dita de modo resumido sem explicar o significado em detalhe, da seguinte forma:

41-48. “Sariputta, mantos ... comida esmolada ...moradia ... vilarejos ... vilas ... cidades ... distritos ... pessoas são de dois tipos, eu digo: para serem cultivados e para não serem cultivados.’ Assim foi dito pelo Abençoador. E com referência a que foi dito isso?

“Venerável senhor, aqueles mantos ... comida esmolada ...moradia ... vilarejos ... vilas ... cidades ... distritos ... pessoas que fazem com que os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam naquele que os cultiva, não devem ser cultivadas. Mas

aquelas pessoas que fazem com que os estados prejudiciais diminuam e os estados benéficos aumentem naquele que os cultiva, devem ser cultivadas.

“Portanto, foi com referência a isso que foi dito pelo Abençoado: ‘Sariputta, pessoas são de dois tipos, eu digo: para serem cultivadas e para não serem cultivadas.’”

49. “Venerável senhor, eu entendo o significado em detalhe da afirmação do Abençoado, que foi dita de modo resumido sem explicar o significado em detalhe, dessa forma.”

50-59. “Muito bem, muito bem, Sariputta! É bom que você compreenda o significado em detalhe da minha afirmação, que foi dita de modo resumido sem explicar o significado em detalhe, dessa forma.

60. “Sariputta, se todos os nobres ... brâmanes ... comerciantes ... trabalhadores compreendessem dessa forma o significado em detalhe da minha afirmação, que foi dita de modo resumido, isso seria para a felicidade e bem-estar deles por muito tempo. Se o mundo com os seus *devas*, *maras* e *brahmas*, esta população com os seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e povo compreendessem dessa forma o significado em detalhe da minha afirmação que foi dita de modo resumido, isso seria para a felicidade e bem-estar deles por muito tempo.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Sariputta ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## *115 Bahudhatuka Sutta*

### Os Muitos Tipos de Elementos

Os elementos, as bases dos sentidos, a origem dependente o possível e o impossível no mundo

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “Bhikkhus, quaisquer medos que surjam, todos surgem por causa do homem tolo, não por causa do homem sábio; quaisquer problemas que surjam, todos surgem por causa do homem tolo, não por causa do homem sábio; quaisquer calamidades que surjam, todas surgem por causa do homem tolo, não por causa do homem sábio. Assim como um fogo, que começa num galpão feito de palha, queima até mesmo uma casa com um telhado com cumeeira, com as paredes revestidas por dentro e por fora, cerrada, protegida por barras, com as janelas fechadas; assim também, *bhikkhus*, quaisquer medos que surjam ... todos surgem por causa do homem tolo, não por causa do homem sábio. Assim, o homem tolo traz o medo, o homem sábio não traz o medo; o homem tolo traz os problemas, o homem sábio não traz os problemas; o homem tolo traz a calamidade, o homem sábio não traz a calamidade. Nenhum medo vem do homem sábio, nenhum problema vem do homem sábio, nenhuma calamidade vem do homem sábio. Portanto, *bhikkhus*, assim vocês deveriam praticar: ‘Nós seremos homens sábios, nós seremos investigadores.’”

3. Quando isso foi dito, o venerável Ananda perguntou ao Abençoado: “De que forma, venerável senhor, pode um *bhikkhu* ser chamado de homem sábio e investigador?”

“Quando, Ananda, um *bhikkhu* tem habilidade com os elementos, habilidade com as bases, habilidade com a origem dependente, habilidade com aquilo que é possível e aquilo que é impossível, ele poderá ser chamado de homem sábio e investigador.”

(OS ELEMENTOS)

4. “Mas, venerável senhor, de que forma pode um *bhikkhu* ser chamado de hábil com os elementos?”

“Existem, Ananda, estes dezoito elementos: o elemento olho ... forma ... consciência no olho; o elemento ouvido ... som ... consciência no ouvido; o elemento nariz ... aroma ... consciência no nariz; o elemento língua ... sabor ... consciência na língua; o elemento corpo ... tangível ... consciência no corpo; o elemento mente ... objeto mental ... consciência na mente. Quando ele conhece e vê esses dezoito elementos, um *bhikkhu* pode ser chamado de hábil com os elementos.”

5. “Mas, venerável senhor, pode haver uma outra maneira pela qual um *bhikkhu* possa ser chamado de hábil com os elementos?”

“Pode haver, Ananda. Existem, Ananda, estes seis elementos: o elemento terra ... água ... fogo ... ar ... espaço ... consciência. Quando ele conhece e vê esses seis elementos, um *bhikkhu* pode ser chamado de hábil com os elementos.”

6. “Mas, venerável senhor, pode haver uma outra forma pela qual um *bhikkhu* possa ser chamado de hábil com os elementos?”

“Pode haver, Ananda. Existem, Ananda, estes seis elementos: o elemento prazer ... dor ... alegria ... tristeza ... equanimidade ... ignorância. Quando ele conhece e vê esses seis elementos, um *bhikkhu* pode ser chamado de hábil com os elementos.”

7. “Mas, venerável senhor, pode haver uma outra forma pela qual um *bhikkhu* possa ser chamado de hábil com os elementos?”

“Pode haver, Ananda. Existem, Ananda, estes seis elementos: o elemento desejo sensual ... renúncia ... má vontade ... não-má vontade ... crueldade ... não-crueldade. Quando ele conhece e vê esses seis elementos, um *bhikkhu* pode ser chamado de hábil com os elementos.”

8. “Mas, venerável senhor, pode haver uma outra forma pela qual um *bhikkhu* possa ser chamado de hábil com os elementos?”

“Pode haver, Ananda. Existem, Ananda, estes três elementos: o elemento sensual ... matéria sutil ... imaterial. Quando ele conhece e vê esses três elementos, um *bhikkhu* pode ser chamado de hábil com os elementos.”

9, “Mas, venerável senhor, pode haver uma outra forma pela qual um *bhikkhu* possa ser chamado de hábil com os elementos?”

“Pode haver, Ananda. Existem, Ananda, estes dois elementos: o elemento condicionado e o elemento não condicionado. Quando ele conhece e vê esses dois elementos, um *bhikkhu* pode ser chamado de hábil com os elementos.”

(AS BASES)

10. “Mas, venerável senhor, de que forma pode um *bhikkhu* ser chamado de hábil com as bases?”

“Existem, Ananda, estas seis bases internas e externas: o olho e as formas, o ouvido e os sons, o nariz e os aromas, a língua e os sabores, o corpo e os tangíveis, a mente e os objetos mentais. Quando ele conhece e vê essas seis bases internas e externas, um *bhikkhu* pode ser chamado de hábil com as bases.”

(ORIGEM DEPENDENTE)

11. “Mas, venerável senhor, de que forma pode um *bhikkhu* ser chamado de hábil com a origem dependente?”

“Aqui, Ananda, um *bhikkhu* conhece assim: ‘Quando existe isso, aquilo existe; Com o surgimento disso, aquilo surge. Quando não existe isso, aquilo também não existe; Com a cessação disto, aquilo cessa. Isto é, com a ignorância como condição, as formações (surgem); com as formações como condição, consciência; com a consciência como condição, mentalidade-materialidade (nome e forma); com a mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição, as seis bases; com as seis bases como condição, contato; com o contato como condição, sensação; com a sensação como condição, desejo; com o desejo como condição, apego; com o apego como condição, ser/existir; com o ser/existir como condição, nascimento; com o nascimento como condição, envelhecimento e morte, tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero. Essa é a origem de toda essa massa de sofrimento.

“Mas com o desaparecimento e cessação sem deixar vestígios da ignorância, cessam as formações; com a cessação das formações, cessa a consciência; com a cessação da consciência, cessa a mentalidade-materialidade (nome e forma); com a cessação da mentalidade-materialidade (nome e forma), cessam as seis bases; com a cessação das seis bases, cessa o contato; com a cessação do contato, cessa a sensação; com a cessação da sensação, cessa o desejo; com a cessação do desejo, cessa o apego; com a cessação do apego, cessa o ser/existir; com a cessação do ser/existir, cessa o nascimento; com a cessação do nascimento, envelhecimento e morte, tristeza, lamentação, dor, angústia e

desespero cessam. Essa é a cessação de toda essa massa de sofrimento.’ Dessa forma, Ananda, um *bhikkhu* pode ser chamado de hábil com a origem dependente.”

### (O POSSÍVEL E O IMPOSSÍVEL)

12. “Mas, venerável senhor, de que forma pode um *bhikkhu* ser chamado de hábil com aquilo que é possível e aquilo que é impossível?”

“Aqui, Ananda, um *bhikkhu* compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que uma pessoa possuindo o entendimento correto possa tratar alguma formação como permanente – não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que uma pessoa comum possa tratar alguma formação como permanente – existe essa possibilidade.’ Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que uma pessoa possuindo o entendimento correto possa tratar alguma formação como prazerosa – não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que uma pessoa comum possa tratar alguma formação como prazerosa – existe essa possibilidade.’ Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que uma pessoa possuindo o entendimento correto possa tratar algum fenômeno como o eu – não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que uma pessoa comum possa tratar algum fenômeno como o eu – existe essa possibilidade.’

13. “Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que uma pessoa possuindo o entendimento correto possa tirar a vida da sua mãe – não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que uma pessoa comum possa tirar a vida da sua mãe – existe essa possibilidade.’ Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que uma pessoa possuindo o entendimento correto possa tirar a vida do seu pai ... tirar a vida de um *arahant* – não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que uma pessoa comum possa tirar a vida do seu pai ... tirar a vida de um *arahant* – existe essa possibilidade.’ Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que uma pessoa possuindo o entendimento correto possa, com a mente raivosa, derramar o sangue de um *Tathagata* – não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que uma pessoa comum possa com a mente raivosa, derramar o sangue de um *Tathagata* - existe essa possibilidade.’ Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que uma pessoa possuindo o entendimento correto possa causar um cisma na Sangha ... possa reconhecer um outro mestre - não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que uma pessoa comum possa causar um cisma na Sangha ... possa reconhecer um outro mestre - existe essa possibilidade.’

14. “Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que dois Iluminados, Perfeitamente Iluminados, possam surgir ao mesmo tempo em um mundo - não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que um Iluminado, Perfeitamente Iluminado, possa surgir em um mundo - existe essa possibilidade.’ Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que dois Monarcas que façam girar a roda, possam surgir ao mesmo tempo em um mundo ... É possível que um Monarca que faça girar a roda, possa surgir em um mundo - existe essa possibilidade.’

15. “Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que uma mulher possa ser um Iluminado, Perfeitamente Iluminado - não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que um homem possa ser um Iluminado, Perfeitamente Iluminado - existe essa possibilidade.’ Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que uma mulher possa ser um Monarca que faça girar a roda ... que uma mulher possa ocupar a posição de Sakka ... que uma mulher possa ocupar a posição de *Mara* ... que uma mulher possa ocupar a posição de *Brahma* - não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que um homem possa ser um Monarca que faça girar a roda ... que um homem possa ocupar a posição de Sakka ... que um homem possa ocupar a posição de *Mara* ... que um homem possa ocupar a posição de *Brahma* - existe essa possibilidade.’

16. “Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que um resultado não desejado, desagradável, possa ser produzido de uma boa conduta com o corpo ... boa conduta com a linguagem ... boa conduta com a mente - não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que um resultado desejado, agradável, possa ser produzido de uma boa conduta com o corpo ... boa conduta com a linguagem ... boa conduta com a mente - existe essa possibilidade.’

17. “Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que uma pessoa que se ocupe com o comportamento impróprio com o corpo ... que se ocupe com o comportamento impróprio com a linguagem ... que se ocupe com o comportamento impróprio com a mente possa por conta disso, devido a isso, na dissolução do corpo, após a morte, renascer num destino feliz, até mesmo no paraíso – não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que uma pessoa que se ocupe com o comportamento impróprio com o corpo ... que se ocupe com o comportamento impróprio com a linguagem ... que se ocupe com o comportamento impróprio com a mente possa por conta disso, devido a isso, na dissolução do corpo, após a morte, renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno - existe essa possibilidade.’

18. “Ele compreende: ‘É impossível, não pode acontecer que uma pessoa que se ocupe com o comportamento apropriado com o corpo ... que se ocupe com o comportamento apropriado com a linguagem ... que se ocupe com o comportamento apropriado com a mente possa por conta disso, devido a isso, na dissolução do corpo, após a morte, renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno - não existe essa possibilidade.’ E ele compreende: ‘É possível que uma pessoa que se ocupe com o comportamento apropriado com o corpo ... que se ocupe com o comportamento apropriado com a linguagem ... que se ocupe com o comportamento apropriado com a mente possa por conta disso, devido a isso, na dissolução do corpo, após a morte renascer num destino feliz, até mesmo no paraíso - existe essa possibilidade.’

Dessa forma, Ananda, um *bhikkhu* pode ser chamado de hábil com aquilo que é possível e aquilo que é impossível.”

19. Quando isso foi dito, o venerável Ananda disse para o Abençoado: “É maravilhoso, venerável senhor, é admirável! Qual é o nome deste discurso do Dhamma?”



“Você pode se recordar deste discurso do Dhamma, Ananda como ‘Os Muitos Tipos de Elementos’ e ‘Os Quatro Ciclos’ e como ‘O Espelho do Dhamma’ e o ‘Tambor do Imortal’ e como a ‘Vitória Suprema em Batalha.’”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## *116 Isigili Sutta*

### Isigili: A Garganta dos Profetas

Os *paccekabuddhas* que viveram na montanha Isigili

1. Assim ouvi. <sup>xlii</sup> Em certa ocasião o Abençoado estava em Rajagaha, em Isigili – a Garganta dos Profetas. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “Vocês vêm, *bhikkhus*, não vêm, aquela montanha Vebhara?” <sup>xliii</sup> - “Sim, venerável senhor.”

“Havia um outro nome, outra designação, para essa montanha Vebhara. Vocês vêm, *bhikkhus*, não vêm, aquela montanha Pandava?” - “Sim, venerável senhor.”

“Havia um outro nome, outra designação, para essa montanha Pandava. Vocês vêm, *bhikkhus*, não vêm, aquela montanha Vepulla?” - “Sim, venerável senhor.”

“Havia um outro nome, outra designação, para essa montanha Vepulla. Vocês vêm, *bhikkhus*, não vêm, aquela montanha Gijjhakuta – o Pico do Abutre?” - “Sim, venerável senhor.”

“Havia um outro nome, outra designação, para essa montanha Gijjhakuta - o Pico do Abutre. Vocês vêm, *bhikkhus*, não vêm, aquela montanha Isigili - a Garganta dos Profetas?” - “Sim, venerável senhor.”

3. “Havia um outro nome, outra designação, para essa montanha Isigili - a Garganta dos Profetas. Pois em tempos passados quinhentos *paccekabuddhas* <sup>xliv</sup> viveram por muito tempo em Isigili, a Garganta dos Profetas. Eles foram vistos subindo essa montanha e uma vez lá encima, eles não mais foram vistos. As pessoas que viram aquilo disseram: ‘Essa montanha engole os profetas.’ E assim foi que este lugar passou a ser chamado ‘A Garganta dos Profetas.’ Eu lhes direi, *bhikkhus*, os nomes dos *paccekabuddhas*, eu relatarei os nomes dos *paccekabuddhas*, eu ensinarei para vocês os nomes dos *paccekabuddhas*. Ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer.” – “Sim, venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

4. “*Bhikkhus*, o *paccekabuddha* Arittha viveu por muito tempo nesta montanha Isigili. O *paccekabuddha* Uparittha viveu por muito tempo nesta montanha Isigili. O *paccekabuddha* Tagarasikhin ... Yasassin ... Sudassana ... Piyadassin ... Gandhara ...

Pindola ... Upasabha ... Nitha ... Tatha ... Sutava ... Bhavitatta viveu por muito tempo nesta montanha Isigili.

5. “Esses seres santificados, desprovidos do desejo, livres do sofrimento, realizaram o despertar por si mesmos - ouçam o meu relato dos nomes daqueles, os mais sublimes dentre os homens, que arrancaram a flecha [da dor].

Arittha, Uparittha, Tagarasikhin, Yasassin, Sudassana, e Piyadassin o iluminado, Gandhara, Pindola, Upasabha também, Nitha, Tatha, Sutava, Bhavitatta.

6. “Sumbha, Subha, Methula e Atthama depois Assumegha, Anigha, Sudatha - e Hingu e Hinga, o muito poderoso, *paccekabuddhas* não mais conduzidos ao devir.

Dois sábios com os nomes Jali e Atthaka, depois Kosala o iluminado, depois Subahu, Upanemi, Nemi e Santacitta íntegro e verdadeiro, imaculado e sábio.

Kala, Upakala, Vijita e Jita; Anga e Panga e Gutijjita também; Passin conquistou o apego, a raiz do sofrimento; Aparajita conquistou os poderes de *Mara*.

Satthar, Pavattar, Sarabhangha, Lomahamsa, Uccangamaya, Asita, Anasava, Manomaya e Bandhumant livres do orgulho, Tadadhimutta imaculado e resplandecente;

Ketumbaraga, Matanga e Ariya, depois Accuta, Accutagama, Byamaka, Sumangala, Dabbila, Supatitthita, Asayha, Khemabhirata, e Sorata,

Durannaya, Sangha e depois Ujjaya; outro sábio, Sayha, com o nobre empenho. E doze entre - Anandas, Nandas e Upanandas – e Bharadvaja suportando seu último corpo;

Depois Bodhi, Mahanama o supremo, Bharadvaja com o cabelo longo e claro; Tissa e Upatissa não destinados ao devir;

Upasidarin e Sidarin, livres do desejo.

Iluminado era Mangala, livre da cobiça;  
Usabha cortou a rede, a raiz do sofrimento.  
Upanita alcançou o estado de paz,  
purificado, excelente, verdadeiro.

Jeta, Jayanta, Paduma e Uppala,  
Padumuttara, Rakkhita e Pabbata,  
Manatthaddha glorioso, Vitaraga  
e Kanha iluminados com a mente libertada.

7. “Esses e também outros eminentes e poderosos  
*paccekabuddhas* não mais destinados ao devir -  
honra a esses sábios que, transcendendo o desejo,  
realizaram o *parinibbana*, acima de qualquer limite.”

## 117 Mahacattarisaka Sutta

Os Quarenta Notáveis

Os elementos do Nobre Caminho Óctuplo e a sua inter-relação

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savathi, no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, eu ensinarei para vocês a nobre concentração correta com as suas condições e os seus requisitos. Ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer.” – “Sim, venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

3. “O que, *bhikkhus*, é a nobre concentração correta com as suas condições e os seus requisitos, isto é, entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto e atenção plena correta? A unificação da mente equipada com esses sete fatores é chamada de nobre concentração correta com as suas condições e os seus requisitos.

(Entendimento)

4. “Aqui, *bhikkhus*, o entendimento correto vem primeiro. E como é que o entendimento correto vem primeiro? A pessoa compreende o entendimento incorreto como entendimento incorreto e entendimento correto como entendimento correto: esse é o entendimento correto de uma pessoa.

5. “E o que, *bhikkhus*, é entendimento incorreto? Não existe nada que é dado, nada que é oferecido, nada que é sacrificado; não existe fruto ou resultado de ações boas ou más; não existe este mundo nem outro mundo; não existe mãe, nem pai; nenhum ser que renasça espontaneamente; não existem no mundo brâmanes nem contemplativos bons e virtuosos

que, após terem conhecido e compreendido diretamente por eles mesmos, proclamam este mundo e o próximo.' Isto é entendimento incorreto.

6. "E o que, *bhikkhus*, é entendimento correto? Entendimento correto, eu digo, tem duas partes: existe o entendimento correto que está sujeito às impurezas, que participa dos méritos, amadurece onde existe apego; e existe o entendimento correto que é nobre, imaculado, supramundano, um elemento do caminho.

7. "E o que, *bhikkhus*, é o entendimento correto que está sujeito às impurezas, que participa dos méritos, amadurece onde existe apego? 'Existe aquilo que é dado e o que é oferecido e o que é sacrificado; existe fruto e resultado de boas e más ações; existe este mundo e o outro mundo; existe a mãe e o pai; existem seres que renascem espontaneamente; existem no mundo brâmanes e contemplativos bons e virtuosos que, após terem conhecido e compreendido diretamente por eles mesmos, proclamam este mundo e o próximo.' Esse é o entendimento correto que está sujeito às impurezas, que participa dos méritos, amadurece onde existe apego.

8. "E o que, *bhikkhus*, é o entendimento correto que é nobre, imaculado, supramundano, um elemento do caminho? A sabedoria, a faculdade da sabedoria, o poder da sabedoria, o fator da iluminação da investigação dos fenômenos, o entendimento correto como elemento do caminho na mente daquele que é nobre, cuja mente é imaculada, que possui o nobre caminho e está desenvolvendo o nobre caminho: esse é o entendimento correto que é nobre, imaculado, supramundano, um elemento do caminho.

9. "A pessoa faz o esforço para abandonar o entendimento incorreto e penetrar o entendimento correto: esse é o esforço correto da pessoa. A pessoa com atenção plena abandona o entendimento incorreto e penetra e permanece com o entendimento correto: essa é a atenção plena de uma pessoa. Assim essas três qualidades - entendimento correto, esforço correto e atenção plena correta – giram em torno do entendimento correto."

(Pensamento)

10. "Aqui, *bhikkhus*, o entendimento correto vem primeiro. E como é que o entendimento correto vem primeiro? A pessoa compreende o pensamento incorreto como pensamento incorreto e pensamento correto como pensamento correto: esse é o entendimento correto de uma pessoa.

11. E o que, *bhikkhus*, é pensamento incorreto? O pensamento da sensualidade, o pensamento da má vontade, o pensamento da crueldade: isso é pensamento incorreto.

12. "E o que, *bhikkhus*, é pensamento correto? Pensamento correto, eu digo, tem duas partes: existe o pensamento correto que está sujeito às impurezas, que participa dos méritos, amadurece onde existe apego; e existe o pensamento correto que é nobre, imaculado, supramundano, um elemento do caminho.

13. “E o que, *bhikkhus*, é o pensamento correto que está sujeito às impurezas, que participa dos méritos, amadurece onde existe apego? O pensamento da renúncia, o pensamento da não má vontade e o pensamento da não crueldade: esse é o pensamento correto que está sujeito às impurezas ... amadurece onde existe apego.

14. “E o que, *bhikkhus*, é o pensamento correto que é nobre, imaculado, supramundano, um elemento do caminho? O pensamento, idéia, intenção, absorção mental, fixação mental, direção da mente, formação verbal naquele cuja mente é nobre, cuja mente é imaculada, que possui o nobre caminho e está desenvolvendo o nobre caminho: esse é o pensamento correto que é nobre ... um elemento do caminho.

15. "A pessoa faz o esforço para abandonar o pensamento incorreto e penetrar no pensamento correto: esse é o esforço correto da pessoa. A pessoa com atenção plena abandona o pensamento incorreto e penetra e permanece no pensamento correto: essa é a atenção plena correta da pessoa. Dessa forma essas três qualidades - entendimento correto, esforço correto e atenção plena correta – giram em torno do pensamento correto."

(Linguagem)

16. “Aqui, *bhikkhus*, o entendimento correto vem primeiro. E como é que o entendimento correto vem primeiro? A pessoa compreende a linguagem incorreta como linguagem incorreta e linguagem correta como linguagem correta: esse é o entendimento correto.

17. “E o que, *bhikkhus*, é linguagem incorreta? Linguagem mentirosa, linguagem maliciosa, linguagem grosseira e linguagem frívola: isto é linguagem incorreta.

18. “E o que, *bhikkhus*, é linguagem correta? Linguagem correta, eu digo, tem duas partes: existe a linguagem correta que está sujeita às impurezas, que participa dos méritos, amadurece onde existe apego; e existe a linguagem correta que é nobre, imaculada, supramundana, um elemento do caminho.

19. “E o que, *bhikkhus*, é a linguagem correta que está sujeita às impurezas, que participa dos méritos, amadurece onde existe apego? Abstinência de linguagem mentirosa, abstinência de linguagem maliciosa, abstinência de linguagem grosseira, abstinência de linguagem frívola: essa é a linguagem correta que está sujeita às impurezas ... amadurece onde existe apego.

20. “E o que, *bhikkhus*, é a linguagem correta que é nobre, imaculada, supramundana, um elemento do caminho? A desistência dos quatro tipos de uso impróprio da linguagem, a privação, a contenção, a abstinência deles naquele cuja mente é nobre, cuja mente é imaculada, que possui o nobre caminho e está desenvolvendo o nobre caminho: essa é a linguagem correta que é nobre ... um elemento do caminho.

21. "A pessoa faz o esforço para abandonar a linguagem incorreta e penetrar a linguagem correta: esse é o esforço correto da pessoa. A pessoa com atenção plena abandona a linguagem incorreta e penetra e permanece com a linguagem correta: essa é a atenção

plena correta da pessoa. Assim essas três qualidades - entendimento correto, esforço correto e atenção plena correta – giram em torno da linguagem correta."

(Ação)

22. "Aqui, *bhikkhus*, o entendimento correto vem primeiro. E como é que o entendimento correto vem primeiro? A pessoa compreende a ação incorreta como ação incorreta e ação correta como ação correta: esse é o entendimento correto."

23. "E o que, *bhikkhus*, é ação incorreta? Matar seres vivos, tomar aquilo que não é dado e comportamento impróprio em relação aos prazeres sensuais: essa é a ação incorreta.

24. "E o que, *bhikkhus*, é ação correta? Ação correta, eu digo, tem duas partes: existe a ação correta que está sujeita às impurezas, que participa dos méritos, amadurece onde existe apego; e existe a ação correta que é nobre, imaculada, supramundana, um elemento do caminho.

25. E o que, *bhikkhus*, é a ação correta que está sujeita às impurezas, que participa dos méritos, amadurece onde existe apego? Abster-se de matar seres vivos, abster-se de tomar aquilo que não é dado, abster-se de comportamento impróprio em relação aos prazeres sensuais: essa é a ação correta que está sujeita às impurezas ... amadurece onde existe apego.

26. "E o que, *bhikkhus*, é a ação correta que é nobre, imaculada, supramundana, um elemento do caminho? A desistência dos três tipos de comportamento impróprio com o corpo, a privação, a contenção, a abstinência deles naquele cuja mente é nobre, cuja mente é imaculada, que possui o nobre caminho e está desenvolvendo o nobre caminho: essa é a ação correta que é nobre ... um elemento do caminho.

27. "A pessoa faz o esforço para abandonar a ação incorreta e penetrar na ação correta: esse é o esforço correto da pessoa. A pessoa com atenção plena abandona a ação incorreta e entra e permanece na ação correta: essa é a atenção plena correta da pessoa. Assim essas três qualidades - entendimento correto, esforço correto e atenção plena correta – giram em torno da ação correta."

(Modo de Vida)

28. "Aqui, *bhikkhus*, o entendimento correto vem primeiro. E como é que o entendimento correto vem primeiro? A pessoa compreende modo de vida incorreto como modo de vida incorreto e modo de vida correto como modo de vida correto: esse é o entendimento correto."

29. "E o que, *bhikkhus*, é modo de vida incorreto? Maquinar, lisonjear, insinuar, desdenhar e perseguir o ganho com o ganho: isso é modo de vida incorreto.

30. “E o que, *bhikkhus*, é modo de vida correto? Modo de vida correto, eu digo, tem duas partes: existe o modo de vida que está sujeito às impurezas, que participa dos méritos, amadurece onde existe apego; e existe o modo de vida correto que é nobre, imaculado, supramundano, um elemento do caminho.

31. E o que, *bhikkhus*, é o modo de vida correto que está sujeito às impurezas, que participa dos méritos, amadurece onde existe apego? Aqui, *bhikkhus*, um nobre discípulo abandona o modo de vida incorreto e ganha a vida através do modo de vida correto: esse é o modo de vida correto que está sujeito às impurezas ... amadurece onde existe apego.

32. “E o que, *bhikkhus*, é o modo de vida correto que é nobre, imaculado, supramundano, um elemento do caminho? A desistência do modo de vida incorreto, a privação, a contenção, a abstinência naquele cuja mente é nobre, cuja mente é imaculada, que possui o nobre caminho e está desenvolvendo o nobre caminho: esse é o modo de vida correto que é nobre ... um elemento do caminho.

33. "A pessoa faz esforço para abandonar o modo de vida incorreto e penetrar no modo de vida correto: esse é o esforço correto da pessoa. A pessoa com atenção plena abandona o modo de vida incorreto e entra e permanece no modo de vida correto: essa é a atenção plena correta da pessoa. Assim essas três qualidades - entendimento correto, esforço correto e atenção plena correta – giram em torno do modo de vida correto."

(Os Quarenta Notáveis)

34. “Aqui, *bhikkhus*, o entendimento correto vem primeiro. E como o entendimento correto vem primeiro? Naquele que possui entendimento correto, o pensamento correto surge; naquele que possui pensamento correto, a linguagem correta surge; naquele que possui linguagem correta, a ação correta surge; naquele que possui a ação correta, o modo de vida correto surge; naquele que possui modo de vida correto, o esforço correto surge; naquele que possui o esforço correto, a atenção plena correta surge; naquele que possui atenção plena correta, a concentração correta surge; naquele que possui a concentração correta, o conhecimento correto surge; naquele que possui conhecimento correto, a libertação correta surge. Dessa forma *bhikkhus*, o caminho do discípulo que se encontra no treinamento superior possui oito elementos, o *arahant* possui dez elementos. [xlv](#)

35. “Aqui, *bhikkhus*, o entendimento correto vem primeiro. E como o entendimento correto vem primeiro? Naquele que possui entendimento correto, o entendimento incorreto é abolido e os vários estados ruins e prejudiciais que se originam do entendimento incorreto como condição, também são abandonados e os vários estados benéficos que se originam do entendimento correto como condição, são realizados através do desenvolvimento.

“Naquele que possui pensamento correto, o pensamento incorreto é abandonado e os vários estados ruins e prejudiciais que se originam do pensamento incorreto como condição, também são abandonados e os vários estados benéficos que se originam do pensamento correto como condição, são realizados através do desenvolvimento.

“Naquele que possui linguagem correta, a linguagem incorreta é abandonada ... Naquele que possui ação correta, a ação incorreta é abandonada ... Naquele que possui modo de vida correto, o modo de vida incorreto é abandonado ... Naquele que possui esforço correto, o esforço incorreto é abandonado ... Naquele que possui atenção plena correta, a atenção plena incorreta é abandonada ... Naquele que possui concentração correta, a concentração incorreta é abandonada ... Naquele que possui conhecimento correto, o conhecimento incorreto é abandonado ... Naquele que possui libertação correta, a libertação incorreta é abandonada e os vários estados ruins e prejudiciais, que se originam da libertação incorreta como condição, também são abandonados e os vários estados benéficos que se originam da libertação correta como condição, são realizados através do desenvolvimento.

36. “Dessa forma, *bhikkhus*, há vinte fatores benéficos e vinte fatores prejudiciais. [xlvi](#) Este discurso do Dhamma acerca dos Quarenta Notáveis foi colocado em movimento e não poderá ser detido por nenhum contemplativo ou brâmane, *deva* ou *Mara* ou *Brahma* ou qualquer um no mundo.

37. “*Bhikkhus*, se algum contemplativo ou brâmane pensar que este discurso acerca dos Quarenta Notáveis deva ser censurado ou rejeitado, então existem dez deduções legítimas das suas afirmações que proporcionam razões para censurá-lo no aqui e agora. Se essa pessoa censurar o entendimento correto, então ela honra e louva aqueles contemplativos e brâmanes que possuem entendimento incorreto. Se essa pessoa censurar o pensamento correto, então ela honra e louva aqueles contemplativos e brâmanes que possuem pensamento incorreto. Se essa pessoa censurar a linguagem correta ... a ação correta ... o modo de vida correto ... o esforço correto ... a atenção plena correta ... a concentração correta ... o conhecimento correto ... a libertação correta, então ela honra e louva aqueles contemplativos e brâmanes que possuem a libertação incorreta. Se algum contemplativo ou brâmane pensar que este discurso acerca dos Quarenta Notáveis deva ser censurado ou rejeitado, então estas são dez deduções legítimas das suas afirmações que proporcionam razões para censurá-lo no aqui e agora.

38. “*Bhikkhus*, mesmo os mestres de Okkala, Vassa e Bhañña, que acreditam na doutrina da não causalidade, a doutrina da não ação e a doutrina do niilismo, não pensariam que este discurso do Dhamma acerca dos Quarenta Notáveis deva ser censurado ou rejeitado. Por que isso? Pelo medo da crítica, ataque e confrontação.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## *118 Anapanasati Sutta*

A Atenção Plena na Respiração



A meditação da atenção plena na respiração

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no palácio da mãe de Migara, no Parque do Oriente, junto com muitos discípulos sêniores bem conhecidos - Veneráveis Sariputta, Maha Moggallana, Maha Kassapa, Maha Kaccana, Maha Kotthita, Maha Kappina, Maha Cunda, Anuruddha, Revata, Ananda, e outros discípulos sêniores bem conhecidos.

2. Naquela ocasião, os *bhikkhus* sêniores ensinavam e instruíam os *bhikkhus* júniores; alguns ensinavam e instruíam dez *bhikkhus* júniores, alguns ensinavam e instruíam vinte ... trinta ... quarenta *bhikkhus* júniores. E os *bhikkhus* júniores, ensinados e instruídos pelos *bhikkhus* sêniores, atingiram sucessivos estágios de distinção.

3. Naquela ocasião – no décimo quinto dia do *Uposatha*, na noite de lua cheia da cerimônia do *Pavarana* [xlvi](#) - o Abençoado estava sentado ao ar livre, rodeado pela Sangha dos *bhikkhus*, quando observando cuidadosamente a silenciosa Sangha dos *bhikkhus*, ele assim falou:

4. "*Bhikkhus*, estou contente com esse progresso. Minha mente está satisfeita com esse progresso. Portanto, estimulem ainda mais energia para atingir o que não foi atingido, para alcançar o que não foi alcançado, para realizar o que não foi realizado. Eu esperarei aqui em Savatthi pela lua cheia do quarto mês de *Komudi*." [xlviii](#)

5. Os *bhikkhus* das redondezas ouviram: "O Abençoado esperará, lá em Savatthi, pela lua cheia do quarto mês do *Komudi*". Então os *bhikkhus* das redondezas partiram no devido tempo para Savatthi para ver o Abençoado.

6. E os *bhikkhus* sêniores ensinaram e instruíam ainda mais intensivamente os *bhikkhus* júniores; alguns ensinavam e instruíam dez *bhikkhus* júniores, outros vinte ... trinta ... quarenta *bhikkhus* júniores. E os *bhikkhus* júniores, ensinados e instruídos pelos *bhikkhus* sêniores alcançaram sucessivos estágios de distinção.

7. Naquela ocasião – o décimo quinto dia do *Uposatha*, a noite de lua cheia do quarto mês do *Komudi* – o Abençoado estava sentado ao ar livre circundado pela Sangha de *bhikkhus*. Então observando a silenciosa Sangha de *bhikkhus* ele falou:

8. "*Bhikkhus* esta Sangha está livre da fala inconseqüente, esta Sangha está livre da tagarelice. Ela é sólida como o cerne. Assim é esta Sangha dos *bhikkhus*, assim é esta assembléia. Uma assembléia como essa é merecedora de dádivas, merecedora de hospitalidade, merecedora de oferendas, merecedora de saudações com reverência, um campo inigualável de mérito para o mundo, assim é esta Sangha dos *bhikkhus*, assim é esta assembléia. Esta assembléia é uma comunidade tal que uma pequena oferenda se transforma num grande fruto e uma grande oferenda se transforma num fruto ainda maior – assim é esta Sangha de *bhikkhus*, assim é esta assembléia. Uma assembléia assim é rara, difícil de se encontrar neste mundo – assim é essa Sangha de *bhikkhus*, assim é esta assembléia. Por uma assembléia assim, valeria a pena uma longa viagem com um grande

carregamento de alimentos para poder vê-la – assim é esta Sangha de *bhikkhus*, assim é esta assembléia.

9. "Nesta Sangha de *bhikkhus* existem *bhikkhus* que são *arahants*, livres das impurezas e que têm vivido a vida santa, fizeram o que deve ser feito, depuseram o fardo, alcançaram o verdadeiro objetivo, destruíram os grilhões da existência e estão completamente libertados através do conhecimento supremo – esses *bhikkhus* estão aqui nesta Sangha de *bhikkhus*.

10. "Nesta Sangha de *bhikkhus* existem *bhikkhus* que, com a destruição dos cinco primeiros grilhões, devem renascer espontaneamente (nas Moradas Puras) e lá realizar o *parinibbana*, sem nunca mais retornar desse mundo – esses *bhikkhus* estão aqui nesta Sangha de *bhikkhus*.

11. "Nesta Sangha de *bhikkhus* existem *bhikkhus* que com a destruição dos três grilhões e com a atenuação da cobiça, raiva e delusão, são os que “retornarão uma vez”, retornando uma vez a esse mundo para dar fim ao sofrimento – tais *bhikkhus* estão aqui nesta Sangha de *bhikkhus*.

12. "Nesta Sangha de *bhikkhus* existem *bhikkhus* que com a destruição dos três grilhões, são os que “entraram na correnteza”, não mais destinados aos mundos inferiores, com o destino fixo, eles têm a iluminação como destino – tais *bhikkhus* estão aqui nessa Sangha de *bhikkhus*.

13. "Nesta Sangha de *bhikkhus* existem *bhikkhus* que permanecem dedicados ao desenvolvimento dos quatro fundamentos da atenção plena – tais *bhikkhus* estão aqui nessa Sangha de *bhikkhus*. Nesta Sangha de *bhikkhus* existem *bhikkhus* que permanecem devotados ao desenvolvimento dos quatro tipos de esforço correto ... das quatro bases do poder espiritual ... das cinco faculdades ... dos cinco poderes ... dos sete fatores para a iluminação ... do Nobre Caminho Óctuplo – tais *bhikkhus* estão aqui nessa Sangha de *bhikkhus*.

14. “Nesta Sangha de *bhikkhus* existem *bhikkhus* que permanecem dedicados ao desenvolvimento do amor-bondade ... da compaixão ... da alegria altruísta ... da equanimidade ... da meditação sobre temas repulsivos ... da percepção da impermanência – tais *bhikkhus* estão aqui nessa Sangha de *bhikkhus*. Nesta Sangha de *bhikkhus* existem *bhikkhus* que permanecem dedicados ao desenvolvimento da atenção plena na respiração.

(A Atenção Plena na Respiração)

15. "*Bhikkhus*, a atenção plena na respiração quando desenvolvida e cultivada traz grandes frutos e grandes benefícios. A atenção plena na respiração quando desenvolvida e cultivada realiza os quatro fundamentos da atenção plena. Os quatro fundamentos da atenção plena quando desenvolvidos e cultivados realizam os sete fatores da iluminação. Os sete fatores da iluminação quando desenvolvidos e cultivados realizam o verdadeiro conhecimento e a libertação.

16. "Como, *bhikkhus*, a atenção plena na respiração é desenvolvida e cultivada de modo que traga grandes frutos e grandes benefícios?

17. "Aqui um *bhikkhu*, dirigindo-se à floresta, ou à sombra de uma árvore, ou a um local isolado; senta-se com as pernas cruzadas, mantém o corpo ereto e estabelecendo a plena atenção à sua frente, ele inspira com atenção plena justa, ele expira com atenção plena justa.

18. "Inspirando longo, ele compreende: 'eu inspiro longo'; ou expirando longo, ele compreende: 'eu expiro longo.' Inspirando curto, ele compreende: 'eu inspiro curto'; ou expirando curto, ele compreende: 'eu expiro curto.' Ele treina assim: 'eu inspiro experienciando todo o corpo [da respiração]'; ele treina assim: 'eu expiro experienciando todo o corpo [da respiração].' Ele treina assim: 'eu inspiro tranquilizando a formação do corpo [da respiração]'; ele treina assim: 'eu expiro tranquilizando a formação do corpo [da respiração].'

19. "Ele treina assim: 'eu inspiro experienciando êxtase'; ele treina assim: 'eu expiro experienciando êxtase.' [xlix](#) Ele treina assim: 'eu inspiro experienciando a felicidade'; ele treina assim: 'eu expiro experienciando a felicidade.' Ele treina assim: 'eu inspiro experienciando a formação da mente'; ele treina assim: 'eu expiro experienciando a formação da mente.' Ele treina assim: 'eu inspiro tranquilizando a formação da mente'; ele treina assim: eu expiro tranquilizando a formação da mente.'

20. "Ele treina assim: 'eu inspiro experienciando a mente'; ele treina assim: 'eu expiro experienciando a mente.' Ele treina assim: 'eu inspiro satisfazendo a mente'; ele treina assim: 'eu expiro satisfazendo a mente.' Ele treina assim: 'eu inspiro concentrando a mente'; ele treina assim: eu expiro concentrando a mente.' Ele treina assim: 'eu inspiro libertando a mente'; ele treina assim: eu expiro libertando a mente.' [l](#)

21. "Ele treina assim: 'eu inspiro contemplando a impermanência'; ele treina assim: 'eu expiro contemplando a impermanência.' Ele treina assim: 'eu inspiro contemplando o desaparecimento'; ele treina assim: 'eu expiro contemplando o desaparecimento.' Ele treina assim: 'eu inspiro contemplando a cessação'; ele treina assim: 'eu expiro contemplando a cessação.' Ele treina assim: 'eu inspiro contemplando a renúncia'; ele treina assim: 'eu expiro contemplando a renúncia.' [li](#)

22. "*Bhikkhus*, assim é como a atenção plena na respiração é desenvolvida e cultivada de modo que traga grandes frutos e grandes benefícios.

(A Realização dos Quatro Fundamentos da Atenção Plena)

23. "Como, *bhikkhus*, a atenção plena na respiração é desenvolvida e cultivada de modo que realize os quatro fundamentos da atenção plena?

24. "*Bhikkhus*, sempre que um *bhikkhu*, inspirando longo, compreende: ‘eu inspiro longo,’ ou expirando longo, compreende: ‘eu expiro longo,’ inspirando curto, compreende: ‘eu inspiro curto,’ ou expirando curto, compreende: ‘eu expiro curto’; ele treina assim: ‘eu inspiro experienciando todo o corpo (da respiração)’; ele treina assim: ‘eu expiro experienciando todo o corpo (da respiração)’; ele treina assim: ‘eu inspiro tranquilizando a formação do corpo’; ele treina assim: ‘eu expiro tranquilizando a formação do corpo’ – nessa ocasião um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Eu digo que esse é um corpo entre os corpos, ou seja, a inspiração e a expiração. Por isso, nessa ocasião um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo.

25. "*Bhikkhus*, quando um *bhikkhu* treina assim: ‘eu inspiro experienciando o êxtase’; ele treina assim: ‘eu expiro experienciando o êxtase’; ele treina assim: ‘eu inspiro experienciando a felicidade’; ele treina assim: ‘eu expiro experienciando a felicidade’; ele treina assim: ‘eu inspiro experienciando a formação da mente’; ele treina assim: ‘eu expiro experienciando a formação da mente’; ele treina assim: ‘eu inspiro tranquilizando a formação da mente’; ele treina assim: ‘eu expiro tranquilizando a formação da mente’ – nessa ocasião um *bhikkhu* permanece contemplando sensações como sensações, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Eu digo que essa é uma certa sensação entre as sensações, ou seja, a cuidadosa atenção à inspiração e à expiração. Por isso, nessa ocasião, um *bhikkhu* permanece contemplando sensações como sensações, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo.

26. "*Bhikkhus*, quando um *bhikkhu* treina assim: ‘eu inspiro experienciando a mente’; ele treina assim: ‘eu expiro experienciando a mente’; ele treina assim: ‘eu inspiro satisfazendo a mente’; ele treina assim: ‘eu expiro satisfazendo a mente’; ele treina assim: ‘eu inspiro concentrando a mente’; ele treina assim: ‘eu expiro concentrando a mente’; ele treina assim: ‘eu inspiro libertando a mente’; ele treina assim: ‘eu expiro libertando a mente’ – nessa ocasião um *bhikkhu* permanece contemplando a mente como mente, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Eu digo que não há o desenvolvimento da atenção plena na respiração naquele que é desatento e desprovido de plena consciência. É por isso que nessa ocasião, um *bhikkhu* permanece contemplando a mente como mente, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo.

27. "*Bhikkhus*, quando, um *bhikkhu* treina assim: ‘eu inspiro contemplando a impermanência’; ele treina assim: ‘eu expiro contemplando a impermanência’; ele treina assim: ‘eu inspiro contemplando o desaparecimento’; ele treina assim: ‘eu expiro contemplando o desaparecimento’; ele treina assim: ‘eu inspiro contemplando a cessação’; ele treina assim: ‘eu expiro contemplando a cessação’; ele treina assim: ‘eu inspiro contemplando a renúncia’; ele treina assim: ‘eu expiro contemplando a renúncia’ – nessa ocasião, um *bhikkhu* permanece contemplando objetos mentais como objetos

mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Tendo visto através da sabedoria o abandono da cobiça e desprazer, ele é aquele que observa atento com equanimidade. É por isso que nessa ocasião um *bhikkhu* permanece contemplando objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo.

28. "*Bhikkhus*, é quando a atenção plena na respiração é desenvolvida e cultivada desse modo que esta realiza os quatro fundamentos da atenção plena.

(A Realização dos Sete Fatores da Iluminação)

29. "E como *Bhikkhus*, os quatro fundamentos da atenção plena são desenvolvidos e cultivados de modo que realizem os sete fatores da iluminação?

30. "*Bhikkhus*, quando um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo – nessa ocasião a atenção plena constante é estabelecida naquele *bhikkhu*. Sempre que a atenção plena constante tenha sido estabelecida num *bhikkhu*, nessa ocasião o fator da iluminação da atenção plena é estimulado pelo *bhikkhu*; nessa ocasião o *bhikkhu* desenvolve o fator da iluminação da atenção plena; nessa ocasião o fator da iluminação da atenção plena alcança a sua plenitude através do desenvolvimento naquele *bhikkhu*.

31. "Permanecendo assim com atenção plena, ele investiga aquele *dhamma* com sabedoria, ele o examina, faz uma análise. Sempre que um *bhikkhu* permanece assim com atenção plena, nessa ocasião o fator da iluminação da investigação dos fenômenos é estimulado pelo *bhikkhu*; nessa ocasião o *bhikkhu* desenvolve o fator da iluminação da investigação dos fenômenos; nessa ocasião o fator da iluminação da investigação dos fenômenos alcança a sua plenitude através do desenvolvimento naquele *bhikkhu*.

32. "Enquanto ele investiga aquele *dhamma* com sabedoria, ele o examina, faz uma análise, a energia dele é estimulada sem enfraquecimento. Sempre que a energia de um *bhikkhu* é estimulada sem enfraquecimento enquanto ele investiga aquele *dhamma* com sabedoria, nessa ocasião o fator da iluminação da energia é estimulado pelo *bhikkhu*; nessa ocasião o *bhikkhu* desenvolve o fator da iluminação da energia; nessa ocasião o fator da iluminação da energia alcança a sua plenitude através do desenvolvimento naquele *bhikkhu*.

33. "Quando a energia dele é estimulada, surge nele o êxtase. Sempre que o êxtase surge num *bhikkhu* cuja energia é estimulada, nessa ocasião o fator da iluminação do êxtase é estimulado pelo *bhikkhu*; nessa ocasião o *bhikkhu* desenvolve o fator da iluminação do êxtase; nessa ocasião o fator da iluminação do êxtase alcança a sua plenitude através do desenvolvimento naquele *bhikkhu*.

34. “Naquele cuja mente está elevada pelo êxtase o corpo fica calmo e a mente fica tranqüila. Sempre que o corpo fica calmo e a mente fica tranqüila num *bhikkhu* cuja mente está elevada pelo êxtase, nessa ocasião o fator da iluminação da tranqüilidade é estimulado pelo *bhikkhu*; nessa ocasião o *bhikkhu* desenvolve o fator da iluminação da tranqüilidade; nessa ocasião o fator da iluminação da tranqüilidade alcança a sua plenitude através do desenvolvimento naquele *bhikkhu*.
35. “Naquele em que o corpo está calmo e que sente felicidade a mente se torna concentrada. Sempre que a mente fica concentrada num *bhikkhu* cujo corpo está calmo e que sente felicidade, nessa ocasião o fator da iluminação da concentração é estimulado pelo *bhikkhu*; nessa ocasião o *bhikkhu* desenvolve o fator da iluminação da concentração; nessa ocasião o fator da iluminação da concentração alcança a sua plenitude através do desenvolvimento naquele *bhikkhu*.
36. “Ele olha de perto com equanimidade para a mente assim concentrada. Sempre que um *bhikkhu* olhe de perto para a mente assim concentrada, nessa ocasião o fator da iluminação da equanimidade é estimulado pelo *bhikkhu*; nessa ocasião o *bhikkhu* desenvolve o fator da iluminação da equanimidade; nessa ocasião o fator da iluminação da equanimidade alcança a sua plenitude através do desenvolvimento naquele *bhikkhu*.
37. "*Bhikkhus*, sempre que um *bhikkhu* permanecer contemplando as sensações como sensações, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo ... (repetir como no verso 30-36) nessa ocasião o fator da iluminação da equanimidade alcança a sua plenitude através do desenvolvimento naquele *bhikkhu*.
38. "*Bhikkhus*, sempre que um *bhikkhu* permanecer contemplando a mente como a mente, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo ... (repetir como no verso 30-36) nessa ocasião o fator da iluminação da equanimidade alcança a sua plenitude através do desenvolvimento naquele *bhikkhu*.
39. "*Bhikkhus*, sempre que um *bhikkhu* permanecer contemplando objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo ... (repetir como no verso 30-36) nessa ocasião o fator da iluminação da equanimidade alcança a sua plenitude através do desenvolvimento naquele *bhikkhu*.
40. "*Bhikkhus*, é quando os quatro fundamentos da atenção plena são desenvolvidos e cultivados desse modo que estes realizam os sete fatores da iluminação.

(A Realização do Verdadeiro Conhecimento e da Libertação)

41. "E como, *bhikkhus*, os sete fatores da iluminação são desenvolvidos e cultivados de modo que realizem o verdadeiro conhecimento e libertação?

42. "Aqui, *bhikkhus*, um *bhikkhu* desenvolve o fator da iluminação da atenção plena, que tem como base o afastamento, desapego e cessação que amadurece no abandono. Ele desenvolve o fator da iluminação da investigação dos fenômenos ... o fator da iluminação da energia ... o fator da iluminação do êxtase ... o fator da iluminação da tranqüilidade ... o fator da iluminação da concentração ... o fator da iluminação da equanimidade, que tem como base o afastamento, desapego e cessação que amadurece no abandono.

43. "*Bhikkhus*, é quando os sete fatores da iluminação são desenvolvidos e cultivados desse modo que estes realizam o verdadeiro conhecimento e libertação."

Isto foi o que o Abençoado disse. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com a s palavras do Abençoado.

## 119 *Kayagatasati Sutta*

### A Atenção Plena no Corpo

A prática da atenção plena no corpo

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Então, inúmeros *bhikkhus* estavam sentados no salão de reuniões, onde eles se reuniram após a refeição, depois de terem esmolado alimentos, quando esta discussão teve início: "É maravilhoso, amigos, é admirável, como foi dito pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, que a atenção plena no corpo, quando desenvolvida e cultivada, produz grandes frutos e grandes benefícios."

No entanto, essa conversa foi interrompida pois o Abençoado, ao anoitecer, levantou da meditação e foi até o salão de reuniões e sentou num assento que havia sido preparado. Então, ele se dirigiu aos *bhikkhus* assim: "*Bhikkhus*, por qual discussão vocês estão reunidos aqui agora? E qual foi a conversa que foi interrompida?"

"Aqui, venerável senhor, estávamos sentados no salão de reuniões, onde nos reunimos após a refeição, depois de termos esmolado alimentos, quando esta discussão teve início: 'É maravilhoso, amigos, é admirável, como foi dito pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, que a atenção plena no corpo, quando desenvolvida e cultivada, produz grandes frutos e grandes benefícios.' Essa era a nossa discussão, venerável senhor, que foi interrompida quando o Abençoado chegou."

3. "E como, *bhikkhus*, é desenvolvida a atenção plena no corpo para que produza grandes frutos e grandes benefícios?

(ATENÇÃO PLENA NA RESPIRAÇÃO)

4. Aqui, um *bhikkhu*, dirigindo-se à floresta, ou à sombra de uma árvore, ou a um local isolado; senta-se com as pernas cruzadas, mantém o corpo ereto e estabelecendo a plena

atenção à sua frente, ele inspira com atenção plena justa, ele expira com atenção plena justa. Inspirando longo, ele compreende : ‘Eu inspiro longo’; ou expirando longo, ele compreende: ‘Eu expiro longo.’ Inspirando curto, ele compreende: ‘Eu inspiro curto’; ou expirando curto, ele compreende: ‘Eu expiro curto.’ Ele treina assim: ‘Eu inspiro experienciando todo o corpo [da respiração]’; ele treina assim: ‘Eu expiro experienciando todo o corpo [da respiração].’ Ele treina assim: ‘Eu inspiro tranquilizando a formação do corpo [da respiração]’; ele treina assim: ‘Eu expiro tranquilizando a formação do corpo [da respiração].’ Assim como um torneiro habilidoso ou seu aprendiz, quando faz uma volta longa, compreende: ‘Eu faço uma volta longa’; ou, quando faz uma volta curta, compreende: ‘Eu faço uma volta curta’; da mesma forma, inspirando longo, um *bhikkhu* compreende: ‘Eu inspiro longo’ ... ele treina assim: ‘Eu expiro tranquilizando a formação do corpo.’ Enquanto ele assim permanece diligente, ardente e decidido, as memórias e intenções baseadas na vida em família são abandonadas; com o seu abandono a sua mente se estabiliza no seu interior, se acalma, é trazida para a unicidade e fica concentrada. Assim é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

#### (AS QUATRO POSTURAS)

5. "Novamente, *bhikkhus*, quando caminhando, um *bhikkhu* compreende: ‘Eu estou caminhando’; quando em pé, ele compreende: ‘Eu estou em pé’; quando sentado, ele compreende: ‘Eu estou sentado’; quando deitado, ele compreende: ‘Eu estou deitado’; ou ele compreende a postura do corpo conforme for o caso. Enquanto ele assim permanece diligente, ardente e decidido, as memórias e intenções baseadas na vida em família são abandonadas ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

#### (PLENA CONSCIÊNCIA)

6. "Novamente, *bhikkhus*, um *bhikkhu* age com plena consciência ao ir para a frente e retornar; age com plena consciência ao olhar para frente e desviar o olhar; age com plena consciência ao dobrar e estender os membros; age com plena consciência ao carregar o manto externo, o manto superior, a tigela; age com plena consciência ao comer, beber, mastigar e saborear; age com plena consciência ao urinar e defecar; age com plena consciência ao caminhar, ficar em pé, sentar, dormir, acordar, falar e permanecer em silêncio. Enquanto ele assim permanece diligente, ardente e decidido, as memórias e intenções baseadas na vida em família são abandonadas ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

#### (REPULSA – AS PARTES DO CORPO)

7. "Novamente, *bhikkhus*, um *bhikkhu* examina esse mesmo corpo para cima, a partir da sola dos pés, e para baixo, a partir do topo dos cabelos limitado pela pele e repleto de muitos tipos de coisas repulsivas, portanto: ‘Neste corpo existem cabelos, pêlos do corpo, unhas, dentes, pele, carne, tendões, ossos, tutano, rins, coração, fígado, diafragma, baço, pulmões, intestino grosso, intestino delgado, conteúdo do estômago, fezes, bÍlis, fleuma, pus, sangue, suor, gordura, lágrimas, saliva, muco, líquido sinovial, e urina.’ Como se houvesse um saco com uma abertura em uma extremidade, cheio de vários tipos de grãos,



como arroz sequilho, arroz vermelho, feijões, ervilhas, milhete e arroz branco, e um homem com vista boa o abrisse e examinasse: ‘Isto é arroz sequilho, arroz vermelho, feijões, ervilhas, milhete e arroz branco’; do mesmo modo um *bhikkhu* examina esse mesmo corpo ... repleto de muitos tipos de coisas repulsivas: ‘Neste corpo existem cabelos ... e urina.’ Enquanto ele assim permanece diligente, ardente e decidido, as memórias e intenções baseadas na vida em família são abandonadas ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

#### (ELEMENTOS)

8. "Novamente, *bhikkhus*, um *bhikkhu* examina esse mesmo corpo que, não importando sua posição ou postura, consiste de elementos da seguinte forma: ‘Neste corpo existe o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo e o elemento ar.’ Do mesmo modo, como se um açougueiro habilidoso ou seu aprendiz tivesse matado uma vaca e estivesse sentado numa encruzilhada com a vaca em pedaços; assim também um *bhikkhu* examina esse mesmo corpo que ... consiste de elementos, portanto: ‘Neste corpo existe o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo e o elemento ar.’ Enquanto ele assim permanece diligente, ardente e decidido, as memórias e intenções baseadas na vida em família são abandonadas ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

#### (AS NOVE CONTEMPLAÇÕES DO CEMITÉRIO)

9. "Novamente, *bhikkhus*, como se ele visse um cadáver jogado num cemitério, um, dois ou três dias depois de morto, inchado, lívido e esvaindo matéria, um *bhikkhu* compara seu mesmo corpo com ele: ‘Este corpo também tem a mesma natureza, se tornará igual, não está isento desse destino.’ Enquanto ele assim permanece diligente ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

10. "Novamente, como se ele visse um cadáver jogado num cemitério, sendo devorado por corvos, gaviões, abutres, cães, chacais ou vários tipos de vermes, um *bhikkhu* compara o seu corpo com ele: ‘Este corpo também tem a mesma natureza, se tornará igual, não está isento desse destino. Enquanto ele assim permanece diligente ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

11-14. "Novamente, *bhikkhus*, como se ele visse um cadáver jogado num cemitério, um esqueleto com carne e sangue, que se mantém unido por tendões ... um esqueleto descarnado lambuzado de sangue, que se mantém unido por tendões ... um esqueleto descarnado e sem sangue que se mantém unido por tendões ... ossos desconectados espalhados em todas as direções – aqui um osso da mão, ali um osso do pé, aqui um osso da perna, ali um osso da coxa, aqui um osso da bacia, ali um osso da coluna vertebral, aqui uma costela, ali um osso do peito, aqui um osso do braço, ali um osso do ombro, aqui um osso do pescoço, ali um osso da mandíbula, aqui um dente, ali um crânio - um *bhikkhu* compara o seu corpo com ele, portanto: ‘Este corpo também tem a mesma natureza, se tornará igual, não está isento desse destino.’ Enquanto ele assim permanece diligente ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

15-17. "Novamente, *bhikkhus*, como se ele visse um cadáver jogado num cemitério, os ossos brancos desbotados, cor de conchas ... ossos amontoados, com mais de um ano ... ossos apodrecidos e esfarelados convertidos em pó, um *bhikkhu* compara o seu corpo com ele, portanto: 'Este corpo também tem a mesma natureza, se tornará igual, não está isento desse destino.' Enquanto ele assim permanece diligente ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

#### (OS JHANAS)

18. "Novamente, *bhikkhus*, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Ele permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Não há nada em todo o corpo que não esteja permeado pelo êxtase e felicidade nascidos do afastamento. É como se um banhista habilidoso ou seu aprendiz vertesse pó de banho numa bacia de latão e o misturasse, borrifando com água de tempos em tempos, de forma que essa bola de pó de banho - saturada, carregada de umidade, permeada por dentro e por fora - no entanto não pingasse; assim, o *bhikkhu* permeia, cobre e preenche o corpo com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento ... Enquanto ele assim permanece diligente ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

19. "Novamente, *bhikkhus*, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Ele permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Não há nada em todo o corpo que não esteja permeado pelo êxtase e felicidade nascidos da concentração. Como um lago sendo alimentado por uma fonte de água interna, não tendo um fluxo de água do leste, oeste, norte, ou sul, nem os céus periodicamente fornecendo chuvas abundantes, de modo que a fonte de água interna permeia e impregna, cobre e preenche o lago de água fresca, sem que nenhuma parte do lago não esteja permeada pela água fresca; assim também o *bhikkhu* permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com o êxtase e felicidade nascidos da concentração ... Enquanto ele assim permanece diligente ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

20. "Novamente, *bhikkhus*, abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: 'Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.' Ele permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com a felicidade despojada do êxtase, de forma que não exista nada em todo o corpo que não esteja permeado com a felicidade despojada do êxtase. Como num lago que tenha flores de lótus azuis, brancas ou vermelhas, podem existir algumas flores de lótus azuis, brancas, ou vermelhas que, nascidas e tendo crescido na água, permanecem imersas na água e florescem sem sair de dentro da água, de forma que elas permanecem permeadas e impregnadas, cobertas e preenchidas com

água fresca da raiz até a ponta, e nada dessas flores de lótus azuis, brancas ou vermelhas permanece sem estar permeado pela água fresca; assim também o *bhikkhu* permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com a felicidade despojada de êxtase ... Enquanto ele assim permanece diligente ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

21. "Novamente, *bhikkhus*, com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. Ele permanece permeando o corpo com a mente pura e luminosa, de forma que não exista nada em todo o corpo que não esteja permeado pela mente pura e luminosa. Como se um homem estivesse enrolado da cabeça aos pés com um tecido branco de forma que não houvesse nenhuma parte do corpo que não estivesse coberta pelo tecido branco; assim também o *bhikkhu* permanece permeando o corpo com a mente pura e luminosa. Não há nada no corpo que não esteja permeado por essa mente pura e luminosa. Enquanto ele assim permanece diligente ... Assim também é como um *bhikkhu* desenvolve a atenção plena no corpo.

#### (PROGRESSO ATRAVÉS DA ATENÇÃO PLENA NO CORPO)

22. "*Bhikkhus*, qualquer um que tenha desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, incluiu dentro de si mesmo todos os estados hábeis que existem, que compartilham do verdadeiro conhecimento: Como alguém, que tenha estendido a sua mente sobre o grande oceano, terá incluído dentro dela todos os rios que fluem para aquele oceano; assim também qualquer um que tenha desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, incluiu dentro de si mesmo todos os estados hábeis que existem, que compartilham do verdadeiro conhecimento.

23. "*Bhikkhus*, se uma pessoa não tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, *Mara* encontrará uma oportunidade e um suporte nela. Suponham que um homem arremessasse uma pedra pesada sobre um monte de argila molhada. O que vocês pensam, *bhikkhus*? Aquela pedra pesada penetraria dentro daquele monte de argila molhada?" – "Sim, venerável senhor" – "Do mesmo modo, *bhikkhus*, se uma pessoa não tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, *Mara* encontrará uma oportunidade e um suporte nela."

24. "Suponha que houvesse um pedaço de madeira seca e viesse um homem com um pau para acender um fogo, pensando: 'Eu vou acender um fogo, eu irei produzir calor.' O que vocês pensam, *bhikkhus*? Aquele homem conseguiria acender um fogo e produzir calor esfregando o pau naquele pedaço de madeira seca?" – "Sim, venerável senhor." – "Do mesmo modo, *bhikkhus*, se uma pessoa não tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, *Mara* encontrará uma oportunidade e um suporte nela."

25. "Suponha que houvesse um jarro vazio sobre um suporte e um homem viesse com um suprimento de água. O que vocês pensam, *bhikkhus*? O homem poderia encher o jarro com água?" – "Sim, venerável senhor." – "Do mesmo modo, *bhikkhus*, se uma pessoa

não tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, *Mara* encontrará uma oportunidade e um suporte nela.”

26. "*Bhikkhus*, se uma pessoa tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, *Mara* não encontrará uma oportunidade e um suporte nela. Suponham que um homem arremessasse uma bola leve, de linha, numa porta feita de madeira sólida. O que vocês pensam, *bhikkhus*? Aquela bola leve, de linha, seria capaz de penetrar aquela porta feita de madeira sólida?" – "Não, venerável senhor." – "Do mesmo modo, *bhikkhus*, se uma pessoa tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, *Mara* não encontrará uma oportunidade e um suporte nela.”

27. "Suponha que houvesse um pedaço de madeira verde úmida e viesse um homem com um pau para acender um fogo, pensando: 'Eu vou acender um fogo, eu irei produzir calor.' O que vocês pensam, *bhikkhus*? Aquele homem conseguiria acender um fogo e produzir calor esfregando o pau naquele pedaço de madeira verde úmida?" - "Não, venerável senhor." – "Da mesma forma, *bhikkhus*, se uma pessoa tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, *Mara* não encontrará uma oportunidade e um suporte nela.”

28. "Suponha que houvesse, sobre um suporte, um jarro com água até a borda, de tal forma que corvos pudessem beber nele, e um homem viesse com um suprimento de água. O que vocês pensam, *bhikkhus*? O homem poderia colocar água no jarro?" - "Não, venerável senhor." – "Da mesma forma, *bhikkhus*, se uma pessoa tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, *Mara* não encontrará uma oportunidade e um suporte nela.”

29. "*Bhikkhus*, se uma pessoa tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, e ela inclinar a sua mente para a realização de qualquer estado que possa ser realizado por meio do conhecimento direto, ela terá habilidade para experimentar qualquer aspecto desse estado, pois existe uma base adequada. Suponha que houvesse, sobre um suporte, um jarro com água até a borda de tal forma que corvos pudessem beber nele. Sempre que algum homem forte entornasse o jarro sairia água?" – "Sim, venerável senhor." – "Da mesma forma, *bhikkhus*, se uma pessoa tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo, então ao inclinar a sua mente para a realização de qualquer estado que possa ser realizado por meio do conhecimento direto, ela terá habilidade para experimentar qualquer aspecto desse estado, pois existe uma base adequada.”

30. "Suponha que houvesse um reservatório quadrado num terreno plano, circundado por um dique cheio de água até a borda, de tal forma que corvos pudessem beber nele. Sempre que algum homem forte afrouxasse o dique sairia água?" - "Sim, venerável senhor." – "Da mesma forma, *bhikkhus*, se uma pessoa tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo ... ela terá habilidade para experimentar qualquer aspecto desse estado, pois existe uma base adequada.”

31. "Suponha que houvesse uma carruagem num terreno plano numa encruzilhada, com puros-sangues arreados e a aguilhada preparada, de forma que um adestrador habilidoso,

um cocheiro domador de cavalos pudesse montar nela e, tomando as rédeas na mão esquerda e a aguilhada na mão direita, pudesse ir e regressar por qualquer caminho quando ele quisesse. Da mesma forma, *bhikkhus*, se uma pessoa tiver desenvolvido e cultivado a atenção plena no corpo ... ela terá habilidade para experimentar qualquer aspecto desse estado, pois existe uma base adequada.”

#### (BENEFÍCIOS DA ATENÇÃO PLENA NO CORPO)

32. “*Bhikkhus*, quando a atenção plena no corpo tiver sido praticada repetidas vezes, desenvolvida, cultivada, feito um veículo, uma base, estabilizada, exercitada e aperfeiçoada, estes dez benefícios podem ser esperados. Quais dez?

33. (i) “Ele se torna um conquistador do descontentamento e do deleite, e o descontentamento não o conquista, ele permanece subjugando o descontentamento sempre que este surgir.

34. (ii) “Ele se torna um conquistador do medo e do terror, e o medo e o terror não o conquistam, ele permanece subjugando o medo e o terror sempre que estes surgirem.

35. (iii) “Ele suporta o frio e o calor, fome e sede e o contato com moscas, mosquitos, vento, sol e coisas rastejantes; ele suporta palavras hostis e indesejáveis e sensações corporais que são dolorosas, torturantes, penetrantes, cortantes, desagradáveis, agonizantes e que ameaçam a vida.

36. (iv) “Ele obtém de acordo com a sua vontade, sem problemas ou dificuldades, os quatro *jhanas* que constituem a mente superior e proporcionam um estado prazeroso aqui e agora.

37. (v) “Ele exerce os vários tipos de poderes supra-humanos: tendo sido um, ele se torna vários; tendo sido vários, ele se torna um; ele aparece e desaparece; ele cruza sem nenhum problema uma parede, um cercado, uma montanha ou através do espaço; ele mergulha e sai da terra como se fosse água; ele caminha sobre a água sem afundar como se fosse terra; sentado de pernas cruzadas ele cruza o espaço como se fosse um pássaro; com a sua mão ele toca e acaricia a lua e o sol tão forte e poderoso; ele exerce poderes corporais até mesmo nos distantes mundos de Brahma..

38. (vi) “Com o elemento do ouvido divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ele ouve ambos os tipos de sons, os divinos e os humanos, aqueles distantes bem como os próximos.

39. (vii) “Ele compreende as mentes de outros seres, de outras pessoas, abarcando-as com a sua própria mente. Ele compreende uma mente afetada pelo desejo como afetada pelo desejo e uma mente não afetada pelo desejo como não afetada pelo desejo; Ele compreende uma mente afetada pela raiva como afetada pela raiva e uma mente não afetada pela raiva como não afetada pela raiva; Ele compreende uma

mente afetada pela delusão como afetada pela delusão e uma mente não afetada pela delusão como não afetada pela delusão; Ele compreende uma mente contraída como contraída e uma mente distraída como distraída; Ele compreende uma mente transcendente como transcendente e uma mente não transcendente como não transcendente; Ele compreende uma mente superável como superável e uma mente não superável como não superável; Ele compreende uma mente concentrada como concentrada e uma mente não concentrada como não concentrada; Ele compreende uma mente libertada como libertada e uma mente não libertada como não libertada.

40. (viii) “Ele se recorda das suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos, três nascimentos, quatro, cinco, dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, cem, mil, cem mil, muitos ciclos cósmicos de contração, muitos ciclos cósmicos de expansão, muitos ciclos cósmicos de contração e expansão, ‘Lá eu tive tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo desse estado, eu renasci ali. Ali eu também tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu renasci aqui.’ Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes.

41. (ix) “Por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados. Ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações.

42. (x) “Compreendendo por si mesmo com conhecimento direto, ele, aqui e agora, entra e permanece na libertação da mente e na libertação através da sabedoria que são imaculadas, com a destruição de todas as impurezas.

43. “*Bhikkhus*, quando a atenção plena no corpo tiver sido praticada repetidas vezes, desenvolvida, cultivada, feito um veículo, uma base, estabilizada, exercitada e aperfeiçoada, esses dez benefícios podem ser esperados.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## *120 Sankharupapatti Sutta*

### Renascimento pela Aspiração

Como cada um pode renascer de acordo com as suas aspirações

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, eu ensinarei para vocês o renascimento de acordo com as próprias aspirações, ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer.” – “Sim, venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

3. “Aqui, *bhikkhus*, um *bhikkhu* possui fé, virtude, aprendizado, generosidade <sup>lii</sup> e sabedoria. Ele pensa: ‘Oh! Que com a dissolução do corpo, depois da morte, eu possa renascer na companhia dos nobres prósperos!’ Ele fixa a mente nisso, estabelece isso, desenvolve isso. Essa sua aspiração e fixação, assim desenvolvida e cultivada, conduzem ao seu reaparecimento lá. Esse, *bhikkhus*, é o caminho, o modo que conduz ao renascimento lá.

4-5. “Outra vez, um *bhikkhu* possui fé ... e sabedoria. Ele pensa: ‘Oh! Que com a dissolução do corpo, depois da morte, eu possa renascer na companhia dos brâmanes prósperos!’ ... na companhia dos chefes de família prósperos!’ Ele fixa a mente nisso ... Esse, *bhikkhus*, é o caminho, o modo que conduz ao renascimento lá.

6. “Outra vez, um *bhikkhu* possui fé ... e sabedoria. Ele ouve que os *devas* dos Quatro Grandes Reis possuem vida longa, são belos e desfrutam de muita felicidade. Ele pensa: ‘Oh! Que com a dissolução do corpo, depois da morte, eu possa renascer na companhia dos *devas* dos Quatro Grandes Reis!’ Ele fixa a mente nisso ... Esse, *bhikkhus*, é o caminho, o modo que conduz ao renascimento lá.

7-11. “Outra vez, um *bhikkhu* possui fé ... e sabedoria. Ele ouve que os *devas* do Trinta e Três ... os *devas* de Yama ... os *devas* de Tusita ... os *devas* que se deliciam com a criação ... os *devas* que exercem o poder sobre a criação dos outros possuem vida longa, são belos, e desfrutam de muita felicidade. Ele pensa: ‘Oh! Que com a dissolução do corpo, depois da morte, eu possa renascer na companhia dos *devas* que exercem o poder sobre a criação dos outros!’ Ele fixa a mente nisso ... Esse, *bhikkhus*, é o caminho, o modo que conduz ao renascimento lá.

12. “Outra vez, um *bhikkhu* possui fé ... e sabedoria. Ele ouve que o *Brahma* de Mil possui vida longa, é belo e desfruta de muita felicidade. Agora, o *Brahma* de Mil permanece determinado a penetrar um sistema cósmico com mil mundos e permanece determinado a penetrar os seres que ali renasceram. Tal qual um homem com boa visão pode tomar com a mão uma noz e examiná-la, da mesma forma o *Brahma* de Mil permanece determinado a penetrar um sistema cósmico com mil [mundos], e permanece determinado a penetrar os seres que ali renasceram. O *bhikkhu* pensa: ‘Oh! Que com a dissolução do corpo, depois da morte, eu possa renascer na companhia do *Brahma* de Mil!’ Ele fixa a mente nisso ... Esse, *bhikkhus*, é o caminho, o modo que conduz ao renascimento lá.

13-16. “Outra vez, um *bhikkhu* possui fé ... e sabedoria. Ele ouve que o *Brahma* de Dois Mil ... o *Brahma* de Três Mil ... o *Brahma* de Quatro Mil ... o *Brahma* de Cinco Mil possui vida longa, é belo e desfruta de muita felicidade. Agora, o *Brahma* de Cinco Mil permanece determinado a penetrar um sistema cósmico com cinco mil mundos e permanece determinado a penetrar os seres que ali renasceram. Tal qual um homem com

boa visão pode tomar com a mão cinco nozes e examiná-las, da mesma forma o *Brahma* de Cinco Mil permanece determinado a penetrar um sistema cósmico com cinco mil [mundos] e permanece determinado a penetrar os seres que ali renasceram. O *bhikkhu* pensa: ‘Oh! Que com a dissolução do corpo, depois da morte, eu possa renascer na companhia do *Brahma* de Cinco Mil!’ Ele fixa a mente nisso ... Esse, *bhikkhus*, é o caminho, o modo que conduz ao renascimento lá.

17. “Outra vez, um *bhikkhu* possui fé ... e sabedoria. Ele ouve que o *Brahma* de Dez Mil possui vida longa, é belo e desfruta de muita felicidade. Agora, o *Brahma* de Dez Mil permanece determinado a penetrar um sistema cósmico com dez mil mundos e permanece determinado a penetrar os seres que ali renasceram. Tal qual uma bela pedra de berilo da mais pura água, com oito facetas, bem lapidada, sobre um brocado vermelho, brilha, radia e cintila, da mesma maneira o *Brahma* de Dez Mil permanece determinado a penetrar um sistema cósmico com dez mil [mundos] e permanece determinado a penetrar os seres que ali renasceram. O *bhikkhu* pensa: ‘Oh! Que com a dissolução do corpo, depois da morte, eu possa renascer na companhia do *Brahma* de Dez Mil!’ Ele fixa a mente nisso ... Esse, *bhikkhus*, é o caminho, o modo que conduz ao renascimento lá.

18. “Outra vez, um *bhikkhu* possui fé ... e sabedoria. Ele ouve que o *Brahma* de Cem Mil possui vida longa, é belo e desfruta de muita felicidade. Agora, o *Brahma* de Cem Mil permanece determinado a penetrar um sistema cósmico com cem mil mundos e permanece determinado a penetrar os seres que ali renasceram. Tal qual um ornamento feito com ouro puro, trabalhado na fornalha com habilidade por um ourives experto, sobre um brocado vermelho, brilha, radia e cintila, da mesma maneira o *Brahma* de Cem Mil permanece determinado a penetrar um sistema cósmico com cem mil [mundos] e permanece determinado a penetrar os seres que ali renasceram. O *bhikkhu* pensa: ‘Oh! Que com a dissolução do corpo, depois da morte, eu possa renascer na companhia do *Brahma* de Cem Mil!’ Ele fixa a mente nisso ... Esse, *bhikkhus*, é o caminho, o modo que conduz ao renascimento lá.

19-32. “Outra vez, um *bhikkhu* possui fé ... e sabedoria. Ele ouve que os *devas* da Radiância ... os *devas* da Radiância Limitada .... os *devas* da Radiância Imensurável ... os *devas* que Emanam Radiância ... os *devas* da Glória ... os *devas* da Glória Limitada ... os *devas* da Glória Imensurável ... os *devas* da Glória Refulgente ... os *devas* do Grande Fruto ... os *devas* de Aviha ... os *devas* de Atappa ... os *devas* de Sudassa ... os *devas* de Sudassi ... os *devas* de Akanittha possuem vida longa, são belos e desfrutam de muita felicidade. Ele pensa: ‘Oh! Que com a dissolução do corpo, depois da morte, eu possa renascer na companhia dos *devas* Akanittha!’ Ele fixa a mente nisso ... Esse, *bhikkhus*, é o caminho, o modo que conduz ao renascimento lá.

33-36. “Outra vez, um *bhikkhu* possui fé ... e sabedoria. Ele ouve que os *devas* da base do espaço infinito ... os *devas* da base da consciência infinita ... os *devas* da base do nada ... os *devas* da base da nem percepção, nem não percepção possuem vida longa, duram muito tempo e desfrutam de muita felicidade. Ele pensa: ‘Oh! Que com a dissolução do corpo, depois da morte, eu possa renascer na companhia dos *devas* da base da nem



percepção, nem não percepção!’ Ele fixa a mente nisso ... Esse, *bhikkhus*, é o caminho, o modo que conduz ao renascimento lá.

37. “Outra vez, *bhikkhus*, um *bhikkhu* possui fé, virtude, aprendizado, generosidade e sabedoria. Ele pensa: ‘Oh! Que realizando por mim mesmo através do conhecimento direto, eu possa aqui e agora entrar e permanecer na libertação da mente e na libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição das impurezas!’ E por ter realizado por si mesmo através do conhecimento direto, ele aqui e agora entra e permanece na libertação da mente e na libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição de todas as impurezas. *Bhikkhus*, esse *bhikkhu* não renasce em nenhum lugar de modo nenhum.” [liii](#)

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## *121 Culasuññata Sutta* O Pequeno Discurso sobre o Vazio

A descida genuína, não distorcida, pura, para o vazio.

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no Parque do Oriente, no Palácio da mãe de Migara.

2. Então, quando anoiteceu, o venerável Ananda se levantou da meditação, foi até o Abençoado e, após cumprimentá-lo, sentou a um lado e disse:

3. “Venerável senhor, em certa ocasião o Abençoado estava no país dos Sakyas em uma cidade chamada Nagaraka. Lá, venerável senhor, eu ouvi e aprendi isto dos próprios lábios do Abençoado: ‘Agora, Ananda, com frequência eu permaneço no vazio.’ Eu ouvi isso da forma correta, venerável senhor, aprendi da forma correta, prestei atenção da forma correta, recordei da forma correta?”

“Com certeza, Ananda, você ouviu da forma correta, aprendeu da forma correta, prestou atenção da forma correta e recordou da forma correta. Como antes, Ananda, também agora com frequência permaneço no vazio.

4. “Ananda, da mesma forma como este palácio da mãe de Migara está vazio de elefantes, bois, cavalos e éguas, vazio de ouro e prata, vazio da assembléia de homens e mulheres e existe apenas a presença desse não vazio, isto é, a unicidade da Sangha dos *bhikkhus*; assim também, um *bhikkhu* – não dando atenção à percepção do vilarejo, não dando atenção à percepção de pessoas – dá atenção à unicidade da percepção da floresta. A mente dele entra nessa percepção da floresta e adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Ele compreende assim: ‘Todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção do vilarejo, essas não estão presentes aqui; todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção de pessoas, essas não estão presentes aqui. Existe apenas este tanto de perturbação, isto é, a unicidade da percepção da floresta.’ Ele

compreende: ‘Este campo de percepção está vazio da percepção do vilarejo; este campo de percepção está vazio da percepção de pessoas. Está presente apenas este não vazio, isto é, a unicidade da percepção da floresta.’ Assim, ele considera como vazio aquilo que não está ali, mas com relação ao que permanece ali ele compreende da seguinte forma: ‘Isto está presente.’ Portanto, Ananda, essa é a penetração genuína, não distorcida, pura, do vazio.

5. “Outra vez, Ananda, um *bhikkhu* - não dando atenção à percepção de pessoas, não dando atenção à percepção da floresta – dá atenção à unicidade da percepção da terra. A mente dele entra nessa percepção da terra e adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Da mesma forma como a pele de um touro se torna livre de dobras quando é completamente esticada com cem pregadores; assim também, um *bhikkhu* – não dando atenção a nenhum dos sulcos e vazios desta terra, aos rios e ravinas, às regiões com tocos e espinhos, às montanhas e terrenos irregulares – dá atenção à unicidade da percepção da terra. A mente dele entra nessa percepção da terra e adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Ele compreende assim: ‘Todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção de pessoas, essas não estão presentes aqui; todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção da floresta, essas não estão presentes aqui. Existe apenas este tanto de perturbação, isto é, a unicidade da percepção da terra.’ Ele compreende: ‘Este campo de percepção está vazio da percepção de pessoas; este campo de percepção está vazio da percepção da floresta. Está presente apenas este não vazio, isto é, a unicidade da percepção da terra.’ Assim, ele considera como vazio aquilo que não está ali, mas com relação ao que permanece ali ele compreende da seguinte forma: ‘Isto está presente.’ Portanto, Ananda, essa é a penetração genuína, não distorcida, pura, do vazio.

6. “Outra vez, Ananda, um *bhikkhu* - não dando atenção à percepção da floresta, não dando atenção à percepção da terra – dá atenção à unicidade da percepção da base do espaço infinito. A mente dele entra nessa percepção da base do espaço infinito e adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Ele compreende assim: ‘Todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção da floresta, essas não estão presentes aqui; todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção da terra, essas não estão presentes aqui. Existe apenas este tanto de perturbação, isto é, a unicidade da percepção da base do espaço infinito.’ Ele compreende: ‘Este campo de percepção está vazio da percepção da floresta; este campo de percepção está vazio da percepção da terra. Está presente apenas este não vazio, isto é, a unicidade da percepção da base do espaço infinito.’ Assim, ele considera como vazio aquilo que não está ali, mas com relação ao que permanece ali ele compreende da seguinte forma: ‘Isto está presente.’ Portanto, Ananda, essa é a penetração genuína, não distorcida, pura, do vazio.

7. “Outra vez, Ananda, um *bhikkhu* - não dando atenção à percepção da terra, não dando atenção à percepção da base do espaço infinito – dá atenção à unicidade da percepção da base da consciência infinita. A mente dele entra nessa percepção da base da consciência infinita e adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Ele compreende assim: ‘Todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção da terra, essas não estão presentes aqui; todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção da

base do espaço infinito, essas não estão presentes aqui. Existe apenas este tanto de perturbação, isto é, a unicidade da percepção da base da consciência infinita.’ Ele compreende: ‘Este campo de percepção está vazio da percepção da terra; este campo de percepção está vazio da percepção da base do espaço infinito. Está presente apenas este não vazio, isto é, a unicidade da percepção da base da consciência infinita.’ Assim, ele considera como vazio aquilo que não está ali, mas com relação ao que permanece ali ele compreende da seguinte forma: ‘Isto está presente.’ Portanto, Ananda, essa é a penetração genuína, não distorcida, pura, do vazio.

8. “Outra vez, Ananda, um *bhikkhu* - não dando atenção à percepção da base do espaço infinito, não dando atenção à percepção da base da consciência infinita – dá atenção à unicidade da percepção da base do nada. A mente dele entra nessa percepção da base do nada e adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Ele compreende assim: ‘Todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção da base do espaço infinito, essas não estão presentes aqui; todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção da base da consciência infinita, essas não estão presentes aqui. Existe apenas este tanto de perturbação, isto é, a unicidade da percepção da base do nada.’ Ele compreende: ‘Este campo de percepção está vazio da percepção da base do espaço infinito; este campo de percepção está vazio da percepção da base da consciência infinita. Está presente apenas este não vazio, isto é, a unicidade da percepção da base do nada.’ Assim, ele considera como vazio aquilo que não está ali, mas com relação ao que permanece ali ele compreende da seguinte forma: ‘Isto está presente.’ Portanto, Ananda, essa é a penetração genuína, não distorcida, pura, do vazio.

9. “Outra vez, Ananda, um *bhikkhu* - não dando atenção à percepção da base da consciência infinita, não dando atenção à percepção da base do nada – dá atenção à unicidade da percepção da base da nem percepção, nem não percepção. A mente dele entra nessa percepção da base da nem percepção, nem não percepção e adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Ele compreende assim: ‘Todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção da base da consciência infinita, essas não estão presentes aqui; todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção da base do nada, essas não estão presentes aqui. Existe apenas este tanto de perturbação, isto é, a unicidade da percepção da base da nem percepção, nem não percepção.’ Ele compreende: ‘Este campo de percepção está vazio da percepção da base da consciência infinita; este campo de percepção está vazio da percepção da base do nada. Está presente apenas este não vazio, isto é, a unicidade da percepção da base da nem percepção, nem não percepção.’ Assim, ele considera como vazio aquilo que não está ali, mas com relação ao que permanece ali ele compreende da seguinte forma: ‘Isto está presente.’ Portanto, Ananda, essa é a penetração genuína, não distorcida, pura, do vazio.

10. “Outra vez, Ananda, um *bhikkhu* - não dando atenção à percepção da base do nada, não dando atenção à percepção da base da nem percepção, nem não percepção – dá atenção à unicidade da concentração da mente sem sinais. A mente dele entra nessa concentração da mente sem sinais e adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Ele compreende assim: ‘Todas as perturbações que possam existir, que dependem da percepção da base do nada, essas não estão presentes aqui; todas as perturbações que

possam existir, que dependem da percepção da base da nem percepção, nem não percepção, essas não estão presentes aqui. Existe apenas este tanto de perturbação, isto é, aquela conectada com as seis bases que dependem deste corpo e estão condicionadas pela vida.’ Ele compreende: ‘Este campo de percepção está vazio da percepção da base do nada; este campo de percepção está vazio da percepção da base da nem percepção, nem não percepção. Está presente apenas este não vazio, isto é, aquele conectado com as seis bases que dependem deste corpo e estão condicionadas pela vida.’ Assim, ele considera como vazio aquilo que não está ali, mas com relação ao que permanece ali ele compreende da seguinte forma: ‘Isto está presente.’ Portanto, Ananda, essa é a penetração genuína, não distorcida, pura, do vazio.

11. “Outra vez, Ananda, um *bhikkhu* - não dando atenção à percepção da base do nada, não dando atenção à percepção da base da nem percepção, nem não percepção – dá atenção à unicidade da concentração sem sinais da mente. A mente dele entra nessa concentração sem sinais da mente e adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Ele compreende assim: ‘Esta concentração sem sinais da mente é condicionada e produzida pela volição. Mas tudo que é condicionado e produzido pela volição é impermanente, sujeito à cessação.’ Ao compreender e ver dessa forma, a mente dele está libertada da impureza do desejo sensual, da impureza de ser/existir, e da impureza da ignorância. Quando ela está libertada surge o conhecimento: ‘Libertada.’ Ele compreende que: ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

12. “Ele compreende assim: ‘Todas as perturbações que possam existir, que dependem da impureza do desejo sensual, essas não estão presentes aqui; todas as perturbações que possam existir, dependentes da impureza de ser/existir, essas não estão presentes aqui; todas as perturbações que possam existir, dependentes da impureza da ignorância, essas não estão presentes aqui. Existe apenas este tanto de perturbação, isto é, aquela conectada com as seis bases dependentes deste corpo e condicionadas pela vida.’ Ele compreende: ‘Este campo de percepção está vazio da impureza do desejo sensual; este campo de percepção está vazio da impureza de ser/existir; este campo de percepção está vazio da impureza da ignorância. Está presente apenas este não vazio, isto é, aquele conectado com as seis bases dependentes deste corpo e condicionadas pela vida.’ Assim, ele considera como vazio daquilo que não está ali, mas com relação ao que ali permanece, ele compreende da seguinte forma: ‘Isto está presente.’ Portanto, Ananda, essa é a penetração genuína, não distorcida, pura, do vazio, supremo e insuperável.

13. “Ananda, todos os contemplativos e brâmanes que no passado entraram e permaneceram no vazio puro, supremo e insuperável, todos entraram e permaneceram neste mesmo vazio puro, supremo e insuperável. Todos os contemplativos e brâmanes que no futuro entrarão e permanecerão no vazio puro, supremo e insuperável, todos entrarão e permanecerão neste mesmo vazio puro, supremo e insuperável. Todos os contemplativos e brâmanes que no presente entram e permanecem no vazio puro, supremo e insuperável, todos entram e permanecem neste mesmo vazio puro, supremo e insuperável. Portanto, Ananda, você deveria treinar dessa forma: ‘Nós entraremos e permaneceremos no vazio puro, supremo e insuperável.’”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## *122 Mahasuññata Sutta* O Grande Discurso sobre o Vazio

A necessidade do isolamento de forma a permanecer no vazio

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava entre os Sakyas em Kapilavatthu, no Parque de Nigrodha.

2. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Kapilavatthu para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Kapilavatthu e de haver retornado, após a refeição ele foi passar o resto do dia na moradia do Sakya Kalakhemaka. Agora, naquela ocasião havia muitos lugares para descanso na moradia do Sakya Kalakhemaka. Quando o Abençoado viu aquilo, ele pensou: “Existem muitos lugares para descanso preparados na moradia do Sakya Kalakhemaka. Muitos *bhikkhus* vivem aqui?”

Agora, naquela ocasião o venerável Ananda, junto com muitos outros *bhikkhus*, estava ocupado fazendo mantos na casa do Sakya Ghata. Então ao anoitecer, o Abençoado saiu do seu isolamento e foi até a casa do Sakya Ghata. Lá ele sentou num assento que havia sido preparado e perguntou ao venerável Ananda:

“Ananda, existem muitos lugares para descanso preparados na moradia do Sakya Kalakhemaka. Muitos *bhikkhus* vivem lá?”

“Venerável senhor, muitos lugares para descanso foram preparados na moradia do Sakya Kalakhemaka. Muitos *bhikkhus* vivem lá. Agora é a época em que devemos fazer os mantos, venerável senhor.”

3. ‘Ananda, um *bhikkhu* não brilha pelo deleite com as companhias, ao buscar o deleite com as companhias, pela dedicação ao deleite com as companhias; pelo deleite com a sociedade, ao buscar o deleite com a sociedade, pela dedicação ao deleite com a sociedade. Na verdade, Ananda, não é possível que um *bhikkhu* que se deleite com as companhias, busque o deleite com as companhias, seja dedicado ao deleite com as companhias; que se deleite com a sociedade, busque o deleite com a sociedade, seja dedicado ao deleite com a sociedade, possa alguma vez obter, de acordo com a sua vontade, sem problemas ou dificuldades, a felicidade da renúncia, a felicidade do afastamento, a felicidade da paz, a felicidade da iluminação. Mas pode-se esperar que quando um *bhikkhu* vive só, afastado da sociedade, ele irá obter de acordo com a sua vontade, sem problemas ou dificuldades, a felicidade da renúncia, a felicidade do afastamento, a felicidade da paz, a felicidade da iluminação.

4. “Na verdade, Ananda, não é possível que um *bhikkhu* que se deleite com as companhias, busque o deleite com as companhias, seja dedicado ao deleite com as companhias; que se deleite com a sociedade, busque o deleite com a sociedade, seja dedicado ao deleite com a sociedade, possa alguma vez entrar e permanecer na libertação da mente que é temporária e prazerosa ou na libertação da mente que é perpétua e inabalável. <sup>liv</sup> Mas pode-se esperar que quando um *bhikkhu* vive só, afastado da sociedade, ele irá entrar e permanecer na libertação da mente que é temporária e prazerosa ou na libertação da mente que é perpétua e inabalável.

5. “Eu não vejo nem mesmo um único tipo de forma, Ananda, de cuja mudança e alteração não surja a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero naquele que a cobeie e que com ela se deleite.

6. “No entanto, Ananda, existe esse estado descoberto pelo *Tathagata*: entrar e permanecer no vazio interior não dando atenção a qualquer sinal. Se, estando o *Tathagata* nesse estado, ele é visitado por *bhikkhus* ou *bhikkhunis*, por discípulos leigos homens ou mulheres, por reis ou ministros de reis, por sacerdotes de outras seitas ou seus discípulos, então com a mente propendendo para o afastamento, tendendo e inclinando para o afastamento, recolhida, deliciando-se com a renúncia e tendo aniquilado completamente as coisas que são a base para as impurezas, o *Tathagata* sempre conversa com eles visando dispensá-los.

7. “Portanto, Ananda, se um *bhikkhu* desejasse: ‘Que eu entre e permaneça no vazio interior,’ ele deveria estabilizar a mente no seu interior, acalmá-la, trazê-la para a unicidade e concentrá-la. E como ele estabiliza, acalma, unifica e concentra a mente no seu interior?

8. “Aqui, Ananda, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana* ... no segundo *jhana* ... no terceiro *jhana* ... no quarto *jhana* que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. Assim é como um *bhikkhu* estabiliza, acalma, unifica e concentra a mente no seu interior.

9. “Então ele dá atenção ao vazio interior. Enquanto ele está dando atenção ao vazio interior, a sua mente não entra no vazio interior ou adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Sendo assim, ele compreende desta forma: ‘Enquanto estou dando atenção ao vazio interior, minha mente não entra no vazio interior ou adquire confiança, se estabiliza e se liberta.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo.

“Ele dá atenção ao vazio exterior ... Ele dá atenção ao vazio interior e exterior ... Ele dá atenção à imperturbabilidade. Enquanto ele está dando atenção à imperturbabilidade, a sua mente não entra na imperturbabilidade ou adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Sendo assim, ele compreende desta forma: ‘Enquanto estou dando atenção à imperturbabilidade, minha mente não entra na imperturbabilidade ou adquire confiança, se estabiliza e se liberta.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo.

10. “Então, aquele *bhikkhu*, deve estabilizar a mente no seu interior, acalmá-la, unificá-la e concentrá-la no mesmo objeto de concentração de antes. Então ele dá atenção ao vazio interior. Enquanto ele está dando atenção ao vazio interior, a sua mente entra no vazio interior e adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Sendo assim, ele compreende desta forma: ‘Enquanto estou dando atenção ao vazio interior, minha mente entra no vazio interior e adquire confiança, se estabiliza e se liberta.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo.

“Ele dá atenção ao vazio exterior ... Ele dá atenção ao vazio interior e exterior ... Ele dá atenção à imperturbabilidade. Enquanto ele está dando atenção à imperturbabilidade, a sua mente entra na imperturbabilidade e adquire confiança, se estabiliza e se liberta. Sendo assim, ele compreende desta forma: ‘Enquanto estou dando atenção à imperturbabilidade, minha mente entra na imperturbabilidade e adquire confiança, se estabiliza e se liberta.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo.

11. “Quando um *bhikkhu* está assim, se a sua mente se inclinar para caminhar, ele caminha, pensando: ‘Enquanto estou assim caminhando, nenhum estado prejudicial de cobiça e tristeza irá me assaltar.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo. E quando um *bhikkhu* está assim, se a sua mente se inclinar para ficar em pé, ele fica em pé ... se a sua mente se inclinar para sentar, ele senta ... se a sua mente se inclinar para deitar, ele deita, pensando: ‘Enquanto estou assim deitado, nenhum estado prejudicial de cobiça e tristeza irá me assaltar.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo.

12. “Quando um *bhikkhu* está assim, se a sua mente se inclinar para conversar, ele decide: ‘Essa conversa é baixa, vulgar, grosseira, ignóbil, não traz benefício e não conduz ao desencantamento, desapego, cessação, paz, conhecimento direto, iluminação e *nibbana*, isto é, conversa sobre reis, ladrões, ministros de estado, exércitos, alarmes e batalhas; comida e bebida, roupas, mobília, ornamentos e perfumes, parentes; veículos; vilarejos, vilas, cidades, o campo; mulheres e heróis; as fofocas das ruas e do poço; contos dos mortos; contos da diversidade (discussões filosóficas do passado e futuro), a criação do mundo e do mar e falar sobre a existência ou não das coisas: desse tipo de conversa eu não participo.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo.

“Mas ele decide: ‘Aqueles conversas que tratam da obliteração, que favorecem a libertação da mente, que conduzem ao completo desencantamento, desapego, cessação, paz, conhecimento direto, iluminação e *nibbana*, isto é, conversas sobre querer pouco, satisfação, afastamento, distância da sociedade, despertar a energia, virtude, concentração, sabedoria, libertação, conhecimento e visão da libertação: desse tipo de conversa eu participo.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo.

13. “Quando um *bhikkhu* está assim, se a sua mente se inclinar para pensar, ele decide: ‘Esses pensamentos são baixos, vulgares, grosseiros, ignóbeis, não trazem benefício e não conduzem ao desencantamento, desapego, cessação, paz, conhecimento direto, iluminação e *nibbana*, isto é, pensamentos de desejo sensual, pensamentos de má vontade, pensamentos de crueldade: esse tipo de pensamentos eu não penso.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo.

“Mas ele decide: ‘Aqueles pensamentos que são nobres e emancipadores e que conduzem aquele que pratica de acordo com eles à completa destruição do sofrimento, isto é, pensamentos de renúncia, pensamentos de não má vontade e pensamentos de não crueldade: esse tipo de pensamentos eu penso.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo.

14. “Ananda, existem esses cinco elementos do prazer sensual. Quais são os cinco? Formas percebidas pelo olho que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostadas, conectadas com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Sons percebidos pelo ouvido ... Aromas percebidos pelo nariz ... Sabores percebidos pela língua ... Tangíveis percebidos pelo corpo que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Esses são os cinco elementos do prazer sensual.

15. “Aqui um *bhikkhu* deve sempre examinar a sua própria mente da seguinte forma: ‘Existe alguma excitação mental relativa a esses cinco elementos do prazer sensual que surge em mim em alguma ocasião?’ Se, ao examinar a sua mente, o *bhikkhu* compreende que: ‘A excitação mental relativa a esses cinco elementos do prazer sensual surge em mim em certas ocasiões,’ então ele compreende que: ‘O desejo e a cobiça por esses cinco elementos do prazer sensual não foram abandonados por mim.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo. Mas se, ao examinar a sua mente, o *bhikkhu* compreende que: ‘Nenhuma excitação mental relativa a esses cinco elementos do prazer sensual surge em mim em nenhuma ocasião,’ então ele compreende que: ‘O desejo e a cobiça por esses cinco elementos do prazer sensual foram abandonados por mim.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo.

16. “Ananda, existem esses cinco agregados influenciados pelo apego, em relação aos quais um *bhikkhu* deve permanecer contemplando a origem e a cessação da seguinte forma: ‘Assim é a forma material ... sensação ... percepção ... formações ... consciência, essa é a sua origem, essa é a sua cessação.’

17. “Ao permanecer contemplando a origem e a cessação desses cinco agregados influenciados pelo apego, a presunção ‘eu sou’, baseada nesses cinco agregados influenciados pelo apego, é abandonada por ele. Quando isso ocorre, aquele *bhikkhu* compreende que: ‘A presunção ‘eu sou’, baseada nesses cinco agregados influenciados pelo apego, foi abandonada por mim.’ Dessa forma ele possui plena consciência daquilo.

18. “Esses estados possuem uma base totalmente benéfica; eles são nobres, supramundanos e inacessíveis a *Mara*.

19. “O que você pensa, Ananda? Qual o bem que um discípulo vê em buscar a companhia do Mestre mesmo quando este lhe diz para ir embora?”



“Venerável senhor, os ensinamentos têm o Abençoado como origem, como guia e como refúgio. Seria bom se o Abençoado pudesse explicar o significado dessas palavras. Tendo ouvido do Abençoado, os *bhikkhus* o recordarão.”

20. “Ananda, um discípulo não deve procurar a companhia do Mestre para ouvir os sumários, versos e análises. Por que isso? Por muito tempo, Ananda, você aprendeu os ensinamentos, lembrou-se deles, recitou-os verbalmente, examinou-os com a mente, penetrando-os bem através do entendimento. Mas um discurso que lide com a obliteração, que favoreça a libertação da mente e que conduza ao completo desencantamento, desapego, cessação, paz, conhecimento direto, iluminação e *nibbana*, isto é, um discurso sobre querer pouco, satisfação, afastamento, distância da sociedade, despertar a energia, virtude, concentração, sabedoria, libertação, conhecimento e visão da libertação: por conta desse tipo de discurso um discípulo deve buscar a companhia do Mestre mesmo quando este lhe diga para ir embora.

21. “Sendo assim, Ananda, a ruína de um mestre pode ocorrer, a ruína de um pupilo pode ocorrer e a ruína daquele que vive a vida santa pode ocorrer.

22. “E como ocorre a ruína de um mestre? Nesse caso um certo mestre busca um local afastado onde ficar: na floresta, à sombra de uma árvore, uma montanha, uma ravina, uma caverna em uma encosta, um cemitério, um matagal, um espaço aberto, uma cabana vazia. Enquanto ele vive assim afastado, brâmanes e chefes de família da cidade e do campo o visitam e como resultado ele se desvia do seu caminho, se torna cheio de desejo, sucumbe à cobiça e reverte à gratificação dos prazeres sensuais. Diz-se que esse mestre foi arruinado pela ruína do próprio mestre. Ele foi abatido por estados ruins e prejudiciais que contaminam, trazem a renovação de ser/existir, criam problemas, amadurecem no sofrimento e conduzem ao futuro nascimento, envelhecimento e morte. Assim é como ocorre a ruína de um mestre.

23. “E como ocorre a ruína de um pupilo? Um pupilo daquele mestre, emulando o afastamento do mestre, busca um local afastado onde ficar: na floresta ... uma cabana. Enquanto ele vive assim afastado, brâmanes e chefes de família da cidade e do campo o visitam e como resultado ele se desvia do seu caminho, se torna cheio de desejo, sucumbe à cobiça e reverte à gratificação dos prazeres sensuais. Se diz que esse pupilo foi arruinado pela ruína do próprio pupilo. Ele foi abatido por estados ruins e prejudiciais que contaminam, trazem a renovação de ser/existir, criam problemas, amadurecem no sofrimento e conduzem ao futuro nascimento, envelhecimento e morte. Assim é como ocorre a ruína do pupilo.

24. “E como ocorre a ruína daquele que vive a vida santa? Nesse caso um *Tathagata* aparece no mundo, um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele busca um local afastado onde ficar: na floresta ... uma cabana. Enquanto ele vive assim afastado, brâmanes e chefes de família da cidade e do campo o visitam, no entanto ele não se desvia do seu caminho ou se torna cheio de desejo, nem sucumbe à

cobiça ou reverte à gratificação dos prazeres sensuais. Mas um discípulo desse mestre, emulando o afastamento do mestre, busca um local afastado onde ficar: na floresta ... uma cabana. Enquanto ele vive assim afastado, brâmanes e chefes de família da cidade e do campo o visitam e como resultado ele se desvia do seu caminho, se torna cheio de desejo, sucumbe à cobiça e à gratificação dos prazeres sensuais. Se diz que esse que vive a vida santa foi arruinado pela ruína daquele que vive a vida santa. Ele foi abatido por estados ruins e prejudiciais que contaminam, trazem a renovação de ser/existir, criam problemas, amadurecem no sofrimento e conduzem ao futuro nascimento, envelhecimento e morte. Assim é como ocorre a ruína daquele que vive a vida santa. E nesse caso, Ananda, a ruína daquele que vive a vida santa tem um resultado mais doloroso, um resultado mais amargo do que a ruína do mestre ou a ruína do pupilo e pode até conduzir à perdição.

25. “Portanto, Ananda, comporte-se em relação a mim com amabilidade, não com hostilidade. Isso o conduzirá à sua felicidade e bem-estar por muito tempo. E como os discípulos se comportam em relação ao Mestre com hostilidade, não com amabilidade? Nesse caso, Ananda, compassivo e buscando o seu bem-estar, o Mestre ensina o Dhamma aos seus discípulos por compaixão: ‘Isto é para o seu bem-estar. Isto é para a sua felicidade.’ Os seus discípulos não querem ouvir ou dar-lhe ouvidos ou empenhar a mente em compreendê-lo; eles erram e se afastam dos ensinamentos do Mestre. Dessa forma os discípulos se comportam com hostilidade em relação ao Mestre, não com amabilidade.

26. E como os discípulos se comportam em relação ao Mestre com amabilidade, não com hostilidade? Nesse caso, Ananda, compassivo e buscando o seu bem estar, o Mestre ensina o Dhamma aos seus discípulos por compaixão: ‘Isto é para o seu bem-estar. Isto é para a sua felicidade.’ Os seus discípulos querem ouvir e lhe dão ouvidos e empenham a mente em compreendê-lo; eles não erram e não se afastam dos ensinamentos do Mestre. Dessa forma os discípulos se comportam com amabilidade em relação ao Mestre, não com hostilidade. Portanto, Ananda, comporte-se em relação a mim com amabilidade, não com hostilidade. Isso o conduzirá à sua felicidade e bem-estar por muito tempo.

27. “Eu não o tratarei como o oleiro trata a argila crua molhada. Repetidamente contendo-o, eu falarei com você, Ananda. Repetidamente admoestando-o, eu falarei com você, Ananda. Aqueles com o núcleo sólido agüentam o teste.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## *123 Acchariya-abbhuta Sutta*

Maravilhoso e Admirável

Os eventos que acompanharam o nascimento do futuro Buda

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Agora, um grande número de *bhikkhus* estavam sentados no salão de assembleias, onde eles haviam se reunido depois de retornar da esmola de alimentos, após a refeição, quando esta discussão teve início: “É maravilhoso, amigos, é admirável, quão poderoso e hábil é o *Tathagata*! Pois ele é capaz de saber sobre os Budas do passado – que realizaram o *Parinibbana*, eliminaram [o emaranhado da] proliferação, cortaram o desejo, deram fim ao ciclo, e superaram todo o sofrimento – que para aqueles Abençoados, o nascimento deles havia sido assim, os seus nomes foram esses, os seus clãs foram esses, as suas virtudes eram assim, o estado deles [de concentração] era assim, a sabedoria deles era assim, a sua permanência [nas realizações] era assim, a libertação deles foi assim.”

Quando isso foi dito, o venerável Ananda disse para os *bhikkhus*: “Amigos, os *Tathagatas* são maravilhosos e possuem qualidades maravilhosas. Os *Tathagatas* são admiráveis e possuem qualidades admiráveis.”

No entanto, a discussão deles foi interrompida pois o Abençoado se levantou da meditação ao anoitecer, foi até o salão de assembleias e sentou num assento que havia sido preparado. Então, ele se dirigiu aos *bhikkhus* da seguinte forma: “*Bhikkhus*, qual é o assunto que faz com que vocês estejam sentados juntos aqui agora? E qual é a discussão que foi interrompida?”

“Aqui, venerável senhor, estávamos sentados no salão de assembleias, onde nos havíamos reunido depois de retornar da esmola de alimentos, após a refeição, quando esta discussão teve início: “É maravilhoso, amigos, é admirável quão poderoso e hábil é o *Tathagata* ...’ Quando isso foi dito, venerável senhor, o venerável Ananda nos disse: ‘Amigos, os *Tathagatas* são maravilhosos e possuem qualidades maravilhosas. Os *Tathagatas* são admiráveis e possuem qualidades admiráveis.’ Essa era a nossa discussão, venerável senhor, que foi interrompida quando o Abençoado chegou.”

Então o Abençoado se dirigiu ao venerável Ananda: “Em sendo assim, Ananda, explique de forma mais completa as qualidades maravilhosas e admiráveis de um *Tathagata*.”

3. “Eu ouvi e aprendi isto, venerável senhor, da própria boca do Abençoado: ‘Plenamente atento e plenamente consciente, Ananda, o *Bodhisatta* renasceu no paraíso de *Tusita*.’ Que plenamente atento e plenamente consciente o *Bodhisatta* renasceu no paraíso de *Tusita* – isso eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

4. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Plenamente atento e plenamente consciente, o *Bodhisatta* permaneceu no paraíso de *Tusita*.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

5. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Durante toda a duração do seu tempo de vida o *Bodhisatta* permaneceu no paraíso de *Tusita*.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

6. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Plenamente atento e plenamente consciente, o *Bodhisatta* faleceu no paraíso de *Tusita* e descendeu no ventre da sua mãe.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

7. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Quando o *Bodhisatta* faleceu no paraíso de *Tusita* e descendeu no ventre da sua mãe, então uma grande e imensurável luz superando o esplendor dos *devas* apareceu no mundo com as suas divindades, *Maras* e *Brahmas*, com os seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e povo. E mesmo nos intervalos abismais entre os mundos, vazios, sombrios e completamente escuros, onde a lua e o sol, apesar de fortes e poderosos, não são capazes de fazer prevalecer a sua luz – lá também apareceu uma grande e imensurável luminosidade superando o esplendor dos *devas*. E os seres que ali nasceram perceberam uns aos outros através daquela luz: “Então outros seres, de fato, surgiram aqui.” E este imenso universo se agitou, sacudiu e tremeu e lá também apareceu uma luminosidade grande e imensurável superando o esplendor dos *devas*.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

8. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Quando o *Bodhisatta* descendeu no ventre da sua mãe, quatro jovens *devas* vieram protegê-lo nos quatro cantos de modo que nenhum humano ou não humano, ou qualquer um, pudessem causar dano ao *Bodhisatta* ou à mãe dele.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

9. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Quando o *Bodhisatta* descendeu no ventre da sua mãe, ela se tornou virtuosa de forma intrínseca, abstendo-se de matar seres vivos, de tomar aquilo que não é dado, da conduta imprópria com relação aos prazeres sensuais, da linguagem mentirosa e do vinho, álcool e outros embriagantes, que causam a negligência.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

10. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Quando o *Bodhisatta* descendeu no ventre da sua mãe, nenhum pensamento sensual surgiu nela com relação aos homens, e ela esteve inacessível a qualquer homem que tivesse uma mente lasciva.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

11. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Quando o *Bodhisatta* descendeu no ventre da sua mãe, ela obteve os cinco elementos do prazer sensual e assim provida e dotada, ela deles desfrutou.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

12. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Quando o *Bodhisatta* descendeu no ventre da sua mãe, nenhum tipo de aflição surgiu nela, ela esteve feliz e livre do cansaço corporal. Ela viu o *Bodhisatta* no seu ventre com todos os seus membros, sem estar desprovido de qualquer faculdade. Suponham que um fio azul, amarelo, vermelho, branco ou marrom fosse passado por uma fina gema de berilo da mais

pura água, com oito facetas, bem lapidada, e um homem com boa visão a tomasse nas mãos e examinasse assim: “Esta é uma fina gema de berilo da mais pura água, com oito facetas, bem lapidada e através dela passa esse fio azul, amarelo, vermelho, branco ou marrom”; da mesma forma quando o *Bodhisatta* descendeu no ventre da sua mãe ... Ela viu o *Bodhisatta* no seu ventre com todos os seus membros, sem estar desprovido de qualquer faculdade.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

13. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Sete dias após o nascimento do *Bodhisatta*, a sua mãe morreu e renasceu no paraíso de *Tusita*.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

14. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Outras mulheres dão à luz depois de carregar o feto no ventre por nove ou dez meses, mas não a mãe do *Bodhisatta*. A mãe do *Bodhisatta* deu à luz depois de carregá-lo no ventre por exatos dez meses.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

15. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Outras mulheres dão à luz sentadas ou deitadas, mas não a mãe do *Bodhisatta*. A mãe do *Bodhisatta* deu à luz em pé.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

16. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Quando o *Bodhisatta* saiu do ventre da sua mãe, primeiro *devas* o receberam e depois os seres humanos.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

17. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Quando o *Bodhisatta* saiu do ventre da sua mãe, ele não tocou a terra. Os quatro jovens *devas* o receberam e o colocaram à frente da sua mãe dizendo: “Alegre-se, rainha, um filho com grande poder acaba de nascer.”’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

18. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Quando o *Bodhisatta* saiu do ventre da sua mãe, ele saiu imaculado, sem manchas de água ou humores ou sangue ou qualquer tipo de impureza, limpo e imaculado. Suponham que houvesse uma gema colocada sobre um tecido de Kasi, então a gema não iria manchar o tecido ou o tecido a gema. Por que isso? Devido à pureza de ambos. Da mesma forma quando o *Bodhisatta* saiu do ventre da sua mãe ... limpo e imaculado.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

19. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Quando o *Bodhisatta* saiu do ventre da sua mãe, dois jatos de água apareceram jorrando do céu, um frio e o outro quente, para banhar o *Bodhisatta* e a sua mãe.’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

20. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Assim que o *Bodhisatta* saiu do ventre da sua mãe, ele ficou em pé, firme com os pés sobre a terra; então ele caminhou sete passos para o norte, e com um pára-sol branco mantido sobre si, ele inspecionou cada quadrante e pronunciou as palavras do Líder do Rebanho: “Eu sou o superior no mundo; Eu sou o melhor no mundo; Eu sou o primeiro no mundo. Este é o meu último nascimento; agora não haverá outro devir para mim.”’ Isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.

21. “Eu ouvi e aprendi isto da própria boca do Abençoado: ‘Quando o *Bodhisatta* saiu do ventre da sua mãe, então uma grande e imensurável luminosidade superando o esplendor dos *devas* apareceu no mundo com as suas divindades, *Maras* e *Brahmas*, com os seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e povo. E mesmo nos intervalos abismais entre os mundos, vazios, sombrios e completamente escuros, onde a lua e o sol, apesar de fortes e poderosos, não são capazes de fazer prevalecer a sua luz – lá também apareceu uma grande e imensurável luminosidade superando o esplendor dos *devas*. E os seres que ali nasceram perceberam uns aos outros através daquela luz: “Então outros seres, de fato, surgiram aqui.” E este imenso universo se agitou, sacudiu e tremeu e lá também apareceu uma luminosidade grande e imensurável superando o esplendor dos *devas*.’ Que quando o *Bodhisatta* saiu do ventre da sua mãe, então uma grande e imensurável luminosidade superando o esplendor dos *devas* apareceu ... isso também eu me lembro como uma qualidade maravilhosa e admirável do Abençoado.”

22. “Em sendo assim, Ananda, lembre-se disto também como uma qualidade maravilhosa e admirável do *Tathagata*: Aqui, Ananda, para o *Tathagata* as sensações são conhecidas quando elas surgem, enquanto estão presentes, quando desaparecem; as percepções são conhecidas quando elas surgem, enquanto estão presentes, quando desaparecem; os objetos mentais são conhecidos quando eles surgem, enquanto estão presentes, quando desaparecem. Lembre-se disso também, Ananda, como uma qualidade maravilhosa e admirável do *Tathagata*.”

23. “Venerável senhor, visto que para o Abençoado as sensações são conhecidas quando elas surgem, enquanto estão presentes, quando desaparecem; as percepções são conhecidas quando elas surgem, enquanto estão presentes, quando desaparecem; os pensamentos são conhecidos quando eles surgem, enquanto estão presentes, quando desaparecem – isso também eu me lembrarei como uma qualidade maravilhosa e admirável do *Tathagata*.”

Isso foi o que disse o venerável Ananda. O Mestre aprovou. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do venerável Ananda.

## 124 *Bakkula Sutta*

Bakkula

O venerável Bakkula descreve as suas práticas ascéticas

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o venerável Bakkula estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos.

2. Então, Acela Kassapa, um antigo companheiro do venerável Bakkula na sua vida laica, foi até o venerável Bakkula e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado e perguntou ao venerável Bakkula:

3. “Amigo Bakkula, quanto tempo faz que você seguiu a vida santa?”

“São oitenta anos desde que segui a vida santa, amigo.”

“Amigo Bakkula, nesses oitenta anos quantas vezes você teve relações sexuais?”

“Amigo Kassapa, você não deveria fazer uma pergunta desse tipo. Você deveria fazer uma pergunta deste tipo: ‘Amigo Bakkula, nesses oitenta anos quantas vezes as percepções de desejo sexual surgiram em você?’”

“Amigo Bakkula, nesses oitenta anos quantas vezes as percepções de desejo sexual surgiram em você?”

“Amigo Kassapa, nos oitenta anos desde que segui a vida santa eu não me recordo de nenhuma percepção de desejo sexual ter surgido em mim uma vez sequer.”

[Que nos oitenta anos, desde que ele seguiu a vida santa, o venerável Bakkula não se recorde de nenhuma percepção de desejo sexual ter surgido nele uma vez sequer – disso nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula.] <sup>lv</sup>

4-5. “Amigo Kassapa, nos oitenta anos desde que segui a vida santa eu não me recordo de nenhuma percepção de má vontade ... de nenhuma percepção de crueldade ter surgido em mim uma vez sequer.”

[Que nos oitenta anos, desde que ele seguiu a vida santa, o venerável Bakkula não se recorde de nenhuma percepção de má vontade ... nenhuma percepção de crueldade ter surgido nele uma vez sequer – disso nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula.]

6. “Amigo Kassapa, nos oitenta anos desde que segui a vida santa eu não me recordo de nenhum pensamento de desejo sexual ter surgido em mim uma vez sequer.”

[ ... disso também nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula.]

7-8. “Amigo Kassapa, nos oitenta anos desde que segui a vida santa eu não me recordo de nenhum pensamento de má vontade ... de nenhum pensamento de crueldade ter surgido em mim uma vez sequer.”

[ ... disso também nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula]

9-15. “Amigo Kassapa, nos oitenta anos desde que segui a vida santa eu não me recordo de nenhuma vez ter aceito um manto dum chefe de família ... de nenhuma vez ter usado um manto dado por um chefe de família ... de nenhuma vez ter cortado um manto com uma tesoura ... de nenhuma vez ter costurado um manto com uma agulha ... de nenhuma vez ter tingido um manto com corante ... de nenhuma vez ter confeccionado um manto no dia de *kathina* ... de nenhuma vez ter trabalhado na confecção de mantos para os companheiros na vida santa.”

[ ... disso também nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula.]

16-19. “Amigo, nos oitenta anos desde que segui a vida santa eu não me recordo de nenhuma vez ter aceito um convite para uma refeição ... de nenhuma vez ter tido o pensamento: ‘Oh, que alguém me convide para uma refeição!’ ... de nenhuma vez ter-me sentado dentro de uma casa ... de nenhuma vez ter comido dentro de uma casa.”

[ ... disso também nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula.]

20-25. “Amigo, nos oitenta anos desde que segui a vida santa eu não me recordo de nenhuma vez ter apreendido os sinais ou detalhes de uma mulher ... de nenhuma vez ter ensinado o Dhamma para uma mulher, mesmo que fossem quatro versos duma estrofe ... de nenhuma vez ter ido até o alojamento das *bhikkhunis* ... de nenhuma vez ter ensinado o Dhamma para uma *bhikkhuni* ... de nenhuma vez ter ensinado o Dhamma para uma aprendiz ... de nenhuma vez ter ensinado o Dhamma para uma noviça.”

[ ... disso também nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula.]

26-29. “Amigo, nos oitenta anos desde que segui a vida santa eu não me recordo de nenhuma vez ter dado a admissão na vida santa ... de nenhuma vez ter dado a admissão completa ... de nenhuma vez ter dado dependência ... de nenhuma vez ter tido um noviço me acompanhando.”

[ ... disso também nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula.]

30-37. “Amigo, nos oitenta anos desde que segui a vida santa eu não me recordo de nenhuma vez ter-me banhado numa casa de banhos ... de nenhuma vez ter-me banhado com pó de banho .. de nenhuma vez ter desempenhado a tarefa de massagear os membros dos meus companheiros na vida santa ... de nenhuma vez uma aflição ter surgido em mim, ainda que pelo tempo que leva para ordenhar uma vaca ... de nenhuma vez ter



tomado medicamentos, ainda que um pedaço de uma noz ... de nenhuma vez ter usado uma almofada ... de nenhuma vez ter arrumado uma cama ... de nenhuma vez para o retiro das chuvas ter entrado em residência num alojamento dentro dum vilarejo.”

[ ... disso também nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula.]

38. “Amigo, durante sete dias depois de ter seguido a vida santa eu me alimentei de comida esmolada como um devedor; no oitavo dia o conhecimento supremo surgiu.”

[Que durante sete dias o venerável Bakkula tenha se alimentado de comida esmolada como um devedor; e que no oitavo dia o conhecimento supremo tenha surgido nele - disso também nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula.]

39. [Então Acela Kassapa disse:] “Eu receberia a admissão neste Dhamma e Disciplina, eu receberia a admissão completa.” E Acela Kassapa recebeu a admissão neste Dhamma e Disciplina, ele recebeu a admissão completa. Permanecendo só, isolado, diligente, ardente e decidido, em pouco tempo, ele alcançou e permaneceu no objetivo supremo da vida santa pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmo no aqui e agora. Ele soube: “O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.” E o venerável Kassapa se tornou um dos *arahants*.

40. Então, numa outra ocasião, o venerável Bakkula tomou uma chave e foi de cela em cela, dizendo: “Venham, veneráveis senhores; venham, veneráveis senhores. Hoje realizarei o *parinibbana*.”

[Que o venerável Bakkula tenha tomado uma chave e tenha ido de cela em cela, dizendo: “Venham, veneráveis senhores; venham, veneráveis senhores. Hoje realizarei o *parinibbana*” -disso também nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula]

41. Então, sentado no meio da Sangha de *bhikkhus*, o venerável Bakkula realizou o *parinibbana*.

[Que sentado no meio da Sangha de *bhikkhus*, o venerável Bakkula tenha realizado o *parinibbana* - disso também nos lembraremos como uma qualidade maravilhosa e admirável do venerável Bakkula.] [lvi](#)

## 125 Dantabhumi Sutta

O Grau dos Domados

O Buda explica como ele doma os seus discípulos

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos.

2. Agora, naquela ocasião o noviço Aciravata estava vivendo numa cabana na floresta. Então o Príncipe Jayasena, enquanto perambulava e caminhava fazendo exercício, foi até o noviço Aciravata e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado e disse para o noviço Aciravata: “Mestre Aggivessana, eu ouvi que um *bhikkhu* que aqui permanece diligente, ardente e decidido pode alcançar a unificação da mente.”

“Assim é, príncipe, assim é. Um *bhikkhu* que aqui permanece diligente, ardente e decidido pode alcançar a unificação da mente.”

3. “Seria bom se o Mestre Aggivessana pudesse me ensinar o Dhamma tal como ele o ouviu e compreendeu.”

“Eu não posso ensinar-lhe o Dhamma, príncipe, tal como o ouvi e compreendi. Pois se eu lhe fosse ensinar o Dhamma tal como o ouvi e compreendi, você não iria entender o significado das minhas palavras e isso seria fatigante e problemático para mim.”

4. “Que o Mestre Aggivessana me ensine o Dhamma tal como ele o ouviu e compreendeu. Talvez eu possa entender o significado das suas palavras.”

“Eu ensinarei o Dhamma, príncipe, tal como eu o ouvi e compreendi. Se você puder entender o significado das minhas palavras, isso será bom. Mas se você não puder entender o significado, então deixe estar e não me faça mais perguntas a respeito.”

5. Então o noviço Aciravata ensinou o Dhamma ao Príncipe Jayasena tal como ele o ouviu e compreendeu. Depois dele ter falado, o Príncipe Jayasena observou: “É impossível, Mestre Aggivessana, não pode ser que um *bhikkhu* que permanece diligente, ardente e decidido possa alcançar a unificação da mente.” Então, tendo declarado ao noviço Aciravata que aquilo era impossível e que não poderia acontecer, o Príncipe Jayasena levantou do seu assento e partiu.

6. Pouco depois do Príncipe Jayasena ter partido, o noviço Aciravata foi até o Abençoado. Depois de cumprimentá-lo, ele sentou a um lado e relatou toda a conversa com o Príncipe Jayasena. Quando ele terminou, o Abençoado disse:

7. “Aggivessana, como é possível que o Príncipe Jayasena, vivendo no meio dos prazeres sensuais, desfrutando dos prazeres sensuais, sendo devorado por pensamentos de prazeres sensuais, sendo consumido pela febre dos prazeres sensuais, empenhado na busca por prazeres sensuais, possa saber, ver ou compreender aquilo que deve ser entendido através da renúncia, visto através da renúncia, alcançado através da renúncia, realizado através da renúncia? Isso é impossível.

8. “Suponha Aggivessana, que houvesse dois elefantes, ou cavalos, ou bois, que estivessem bem domados e bem disciplinados, e dois elefantes, ou cavalos, ou bois, que estivessem indomados e indisciplinados. O que você pensa Aggivessana? Os dois elefantes, ou cavalos, ou bois, que estivessem bem domados e bem disciplinados, estando amansados eles adquiririam o comportamento dos domados, eles obteriam o grau dos domados?” – “Sim, venerável senhor.” – “E os dois elefantes, ou cavalos, ou bois, que estivessem indomados e indisciplinados, estando indomados eles adquiririam o comportamento dos domados, eles obteriam o grau dos domados, igual aos dois elefantes, ou cavalos, ou bois que estavam bem domados e bem disciplinados?” – “Não, venerável senhor.” – “Assim também, Aggivessana, é impossível que o Príncipe Jayasena, vivendo no meio dos prazeres sensuais, ... possa saber, ver ou compreender aquilo que deve ser entendido através da renúncia, visto através da renúncia, alcançado através da renúncia, realizado através da renúncia.

9. “Suponha, Aggivessana, que houvesse uma montanha alta não muito distante de um vilarejo ou cidade e dois amigos saíssem do vilarejo ou cidade e fossem até a montanha. Tendo chegado, um dos amigos permaneceria no pé da montanha enquanto que o outro subiria até o topo. Então o amigo que permaneceu embaixo no pé da montanha diria ao amigo que estava no topo: ‘Bem, amigo, o que você está vendo, estando em pé no topo da montanha?’ E o outro responderia: ‘Em pé no topo da montanha, amigo, eu vejo belos parques, belos bosques, belas campinas e belos lagos.’ Então o primeiro amigo diria: ‘É impossível, amigo, não pode ser que estando em pé no topo da montanha você possa ver belos parques, belos bosques, belas campinas e belos lagos.’

“Então o outro amigo desceria até o pé da montanha, tomaria o seu amigo pelo braço e o ajudaria a subir até o topo da montanha. Depois de dar a ele alguns momentos para que recuperasse a respiração, ele perguntaria: ‘Bem, amigo, estando aqui em pé no topo da montanha, o que você vê?’ E o seu amigo responderia: ‘Em pé no topo da montanha, amigo, eu vejo belos parques, belos bosques, belas campinas e belos lagos.’ Então o outro diria: ‘Amigo, há pouco ouvi você dizer: “É impossível, amigo, não pode ser que estando em pé no topo da montanha você possa ver belos parques, belos bosques, belas campinas e belos lagos.” Mas agora mesmo ouvi você dizer: “Em pé no topo da montanha, amigo, eu vejo belos parques, belos bosques, belas campinas e belos lagos.”’ Então o primeiro amigo responderia: ‘Como eu estava obstruído por esta montanha elevada, amigo, eu não via aquilo que havia para ser visto.’”

10. “Assim também, Aggivessana, o Príncipe Jayasena está obstruído, impedido, bloqueado e envolvido por uma massa ainda maior que essa – a massa da ignorância. Portanto, é impossível que o Príncipe Jayasena, vivendo no meio dos prazeres sensuais, ... possa saber, ver ou compreender aquilo que deve ser entendido através da renúncia, visto através da renúncia, alcançado através da renúncia, realizado através da renúncia.

11. “Aggivessana, se esses dois símiles lhe tivessem ocorrido com (relação a) o Príncipe Jayasena, ele teria espontaneamente adquirido confiança em você, e tendo confiança ele teria lhe mostrado confiança.”

12. “Suponha, Aggivessana, que um nobre rei ungido se dirija ao seu mateiro da seguinte forma: ‘Bom mateiro, monte no elefante real, entre na floresta de elefantes e quando você vir um elefante da floresta, amarre-o pelo pescoço ao elefante real.’ Tendo respondido ‘Sim, senhor,’ o mateiro monta no elefante real, entra na floresta de elefantes e ao ver um elefante da floresta ele o amarra pelo pescoço ao elefante real. O elefante real o conduz para o descampado. É assim que um elefante da floresta vem para o descampado; pois o elefante da floresta se apega à floresta dos elefantes.

“Então o mateiro informa ao nobre rei ungido: ‘Senhor, o elefante da floresta veio para o descampado.’ O rei se dirige ao seu domesticador de elefantes da seguinte forma: ‘Venha, bom domesticador de elefantes, domestique o elefante da floresta. Subjugue os seus hábitos da floresta, subjugue as suas memórias e intenções da floresta, subjugue a sua aflição, cansaço e febre por ter deixado a floresta. Faça com que ele se delicie com a cidade, inculque nele os hábitos compatíveis com os seres humanos.’ Tendo respondido ‘Sim, senhor,’ o domesticador de elefantes planta um grande poste na terra e amarra nele o elefante pelo pescoço de modo a subjugar os seus hábitos da floresta ... e para inculcar nele os hábitos compatíveis com os seres humanos.

“Então o domesticador de elefantes se dirige ao elefante com palavras que são gentis, que agradam aos ouvidos, carinhosas, que penetram o coração, que são corteses, desejadas por muitos e que agradam a muitos. Quando o elefante da floresta é dirigido com tais palavras, ele ouve, dá atenção e esforça a mente para compreender. O domesticador de elefantes em seguida o recompensa com forragem e água. Quando o elefante da floresta aceita dele a forragem e a água, o domesticador de elefantes sabe: ‘Agora o elefante do rei irá viver!’

“Então o domesticador de elefantes o treina mais assim: ‘Levante isto, abaixe isto!’ Quando o elefante real obedece as ordens do seu domesticador para levantar e abaixar e executa as suas instruções, o domesticador de elefantes o treina mais assim: ‘Vá para frente, vá para trás!’ Quando o elefante real obedece as ordens do seu domesticador para ir para frente e para trás e executa as suas instruções, o domesticador de elefantes o treina mais assim: ‘Fique em pé, sente!’ Quando o elefante real obedece as ordens do seu domesticador para ficar em pé e sentar e executa as suas instruções, o domesticador de elefantes o treina mais na tarefa chamada imperturbabilidade. Ele amarra uma imensa tábua na tromba dele; um homem com uma lança senta sobre o seu pescoço; homens com lanças nas mãos o cercam por todos os lados; e o próprio domesticador de elefantes fica em pé à frente dele segurando uma grande lança. Quando o elefante está sendo treinado na tarefa da imperturbabilidade, ele não move as suas patas dianteiras nem as traseiras; ele não move os seus quartos dianteiros nem os traseiros; ele não move a cabeça, orelhas, presas, rabo ou tromba. O elefante do rei é capaz de suportar os golpes de lanças, golpes de espadas, golpes de flechas, golpes de outros seres, e o ruído retumbante de tambores, timbales, trombetas e tantãs. Tendo eliminado todas as falhas e defeitos, purificado as imperfeições, ele é digno do rei, de servir ao rei, considerado como um dos fatores de um rei.

13 “Assim também, Aggivessana, um Tathagata surge no mundo, um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *maras* e *brahmas*, esta população com seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e o povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada.

14. "Um chefe de família ou o filho de um chefe de família ou alguém nascido em algum outro clã ouve o Dhamma. Ouvindo o Dhamma ele adquire convicção no *Tathagata*. Possuindo essa fé ele reflete da seguinte forma: 'A vida em família é confinada, um caminho empoeirado; a vida santa é como o ar livre. Não é fácil viver em casa e praticar a vida santa completamente perfeita, totalmente pura, como uma concha polida. E se eu raspasse o meu cabelo e barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa.' Então após algum tempo ele abandona a sua fortuna, grande ou pequena; deixa o seu círculo de parentes, grande ou pequeno; raspa o seu cabelo e barba, veste o manto de cor ocre e segue a vida santa. É dessa forma que um nobre discípulo vem para o descampado; pois *devas* e humanos se apegam aos cinco elementos do prazer sensual.

15. “Então o *Tathagata* o disciplina mais da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, seja virtuoso, contido pelas regras do *Patimokkha*, seja perfeito na conduta e na sua esfera de atividades, temendo a menor falha, treine adotando os preceitos de virtude.’

16. “Quando, Aggivessana, o nobre discípulo é virtuoso ... teme a menor falha e treina adotando os preceitos de virtude então o *Tathagata* o disciplina mais da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, ao ver uma forma com o olho, não se agarre aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade do olho descuidada, você será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza. Pratique a contenção, proteja a faculdade do olho, empenhe-se na contenção da faculdade do olho. Ao ouvir um som com o ouvido ... Ao cheirar um aroma com o nariz ... Ao saborear um sabor com a língua ... Ao tocar algo tangível com o corpo ... Ao conscientizar um objeto mental com a mente, não se agarre aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade da mente descuidada, você será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza. Pratique a contenção, proteja a faculdade da mente, empenhe-se na contenção da faculdade da mente.’

17. “Quando, Aggivessana, o nobre discípulo guarda as portas dos meios dos sentidos então o *Tathagata* o disciplina mais da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, seja moderado na alimentação. Refletindo de maneira sábia, o alimento não deve ser tomado como forma de diversão ou para embriaguez, tampouco com o objetivo de embelezamento e para ser mais atraente, somente com o propósito de manter a resistência e continuidade desse corpo, como forma de dar um fim ao desconforto e para auxiliar a vida santa. Considerando: ‘Dessa forma darei um fim às antigas sensações (de fome) sem despertar

novas sensações (de comida em excesso) e serei saudável e sem culpa e viverei em comodidade.””

18. “Quando, Aggivessana, o nobre discípulo é moderado na alimentação então o *Tathagata* o disciplina mais da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, seja dedicado à vigilância. Durante o dia, enquanto estiver caminhando para lá e para cá e sentado, purifique a sua mente dos estados obstrutivos. Na primeira vigília da noite, e enquanto estiver caminhando para lá e para cá e sentado, purifique a sua mente dos estados obstrutivos. Na segunda vigília da noite você deve se deitar para dormir, no seu lado direito, na postura do leão com um pé sobre o outro, atento e plenamente consciente, após anotar na sua mente o horário para levantar. Após levantar-se, na terceira vigília da noite, enquanto estiver caminhando para cá e para lá e sentado, purifique a sua mente dos estados obstrutivos.’

19. “Quando, Aggivessana, o nobre discípulo é vigilante então o *Tathagata* o disciplina mais da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, possua atenção plena e consciência plena. Aja com plena consciência ao ir para a frente e retornar; aja com plena consciência ao olhar para frente e desviar o olhar; aja com plena consciência ao dobrar e estender os membros; aja com plena consciência ao carregar o manto externo, o manto superior, a tigela; aja com plena consciência ao comer, beber, mastigar e saborear; aja com plena consciência ao urinar e defecar; aja com plena consciência ao caminhar, ficar em pé, sentar, dormir, acordar, falar e permanecer em silêncio.’

20. “Quando, Aggivessana, o nobre discípulo possui atenção plena e consciência plena então o *Tathagata* o disciplina mais da seguinte forma: ‘Venha *bhikkhu*, busque um lugar isolado: na floresta, à sombra de uma árvore, uma montanha, uma ravina, uma caverna em uma encosta, um cemitério, um matagal, um espaço aberto, uma cabana vazia.’

21. “Ele procura um local isolado: na floresta .... uma cabana. Depois de esmolar alimentos, após a refeição, ele senta com as pernas cruzadas, mantém o corpo ereto e estabelece a plena atenção à sua frente. Abandonando a cobiça pelo mundo, ele permanece com a mente livre de cobiça; ele purifica sua mente da cobiça. Abandonando a má vontade ele permanece com a mente livre de má vontade, compadecido pelo bem-estar de todos seres vivos; ele purifica sua mente da má vontade. Abandonando a preguiça e o torpor, ele permanece livre da preguiça e do torpor, percebendo a luz, e plenamente consciente; ele purifica sua mente da preguiça e do torpor. Abandonando a inquietação e a ansiedade, ele permanece calmo com a mente em paz; ele purifica sua mente da inquietação e da ansiedade. Abandonando a dúvida, ele assim permanece tendo superado a dúvida, sem perplexidade em relação a qualidades mentais hábeis; ele purifica a mente da dúvida.

22. “Tendo assim abandonado esses 5 obstáculos, imperfeições da mente que enfraquecem a sabedoria, ele permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando as sensações como sensações ... a mente como mente ... objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente

consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. [lvii](#)

23. “Da mesma forma, Aggivessana, que o domesticador de elefantes planta um grande poste na terra e amarra nele o elefante pelo pescoço de modo a subjugar os seus hábitos da floresta ... e para inculcar nele os hábitos compatíveis com os seres humanos, os quatro fundamentos da atenção plena são as ataduras para a mente do nobre discípulo, para subjugar os seus hábitos baseados na vida em família, subjugar as suas memórias e intenções da vida em família, subjugar a sua aflição, cansaço e febre por ter deixado a vida em família e para que ele possa realizar o verdadeiro caminho e realizar *nibbana*.

24. “Então o *Tathagata* o disciplina mais: ‘Venha, *bhikkhu*, permaneça contemplando o corpo como um corpo mas não pense pensamentos conectados com o corpo; permaneça contemplando as sensações como sensações mas não pense pensamentos conectados com as sensações; permaneça contemplando a mente como mente mas não pense pensamentos conectados com a mente; permaneça contemplando objetos mentais como objetos mentais mas não pense pensamentos conectados com objetos mentais.’

25. “Silenciando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana* [lviii](#) ... no terceiro *jhana* ... no quarto *jhana*.

26. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento da recordação de vidas passadas. Ele se recorda das suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos, três nascimentos, quatro, cinco, dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, cem, mil, cem mil, muitos ciclos cósmicos de contração, muitos ciclos cósmicos de expansão, muitos ciclos cósmicos de contração e expansão, ‘Lá eu tive tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo desse estado, eu renasci ali. Ali eu também tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu renasci aqui.’ Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes.

27. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do falecimento e reaparecimento dos seres. Por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados. Ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações desta forma: ‘Esses seres – dotados de má conduta com o corpo, linguagem e mente, que insultam os nobres, com o entendimento incorreto e realizando ações sob a influência do entendimento incorreto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Porém estes seres - dotados de boa conduta com o corpo, linguagem e mente, que não insultam os nobres, com o entendimento correto e realizando ações sob a influência do entendimento correto – com

a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num destino feliz, no paraíso.’ Dessa forma - por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano - ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, e ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações.

28. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do fim das impurezas mentais. Ele compreende como na verdade é que: ‘Isto é sofrimento’; ele compreende como na verdade é que: ‘Esta é a origem do sofrimento’; ele compreende como na verdade é que: ‘Esta é a cessação do sofrimento’; ele compreende como na verdade é que: ‘Este é o caminho que conduz à cessação do sofrimento’; ele compreende como na verdade é que: ‘Essas são impurezas mentais’; ele compreende como na verdade é que: ‘Esta é a origem das impurezas’; ele compreende como na verdade é que: ‘Esta é a cessação das impurezas’; ele compreende como na verdade é que: ‘Este é o caminho que conduz à cessação das impurezas.’

29. “Ao conhecer e ver, a sua mente está livre da impureza do desejo sensual, da impureza de ser/existir, da impureza da ignorância. Quando ela está libertada surge o conhecimento, ‘Libertada.’ Ele compreende que ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

30. “Esse *bhikkhu* é capaz de agüentar o frio e o calor, fome e sede, o contato com moscas, mosquitos, vento, sol e criaturas rastejantes; ele é capaz de agüentar palavras ditas de forma grosseira, desagradáveis e sensações no corpo que são dolorosas, penetrantes, torturantes, desagradáveis, perigosas e que ameaçam a vida. Tendo eliminado toda cobiça, raiva e delusão e purificado as imperfeições, ele é merecedor de dádivas, merecedor de hospitalidade, merecedor de oferendas, merecedor de saudações com reverência, um campo inigualável de mérito para o mundo.

31. “Se, Aggivessana, o elefante real morre velho indomesticado e indisciplinado, então ele é considerado um elefante velho que morreu uma morte indomesticada. Se o elefante real morre na meia idade indomesticado e indisciplinado, então ele é considerado um elefante na meia idade que morreu uma morte indomesticada. Se o elefante real morre jovem indomesticado e indisciplinado, então ele é considerado um elefante jovem que morreu uma morte indomesticada. Da mesma forma, Aggivessana, se um *bhikkhu* sênior morre com as impurezas não destruídas, então ele é considerado um *bhikkhu* sênior que morreu uma morte indomesticada. Se um *bhikkhu* intermediário morre com as impurezas não destruídas, então ele é considerado um *bhikkhu* intermediário que morreu uma morte indomesticada. Se um *bhikkhu* júnior morre com as impurezas não destruídas, então ele é considerado um *bhikkhu* júnior que morreu uma morte indomesticada.

32. “Se, Aggivessana, o elefante real morre velho bem domesticado e bem disciplinado, então ele é considerado um elefante velho que morreu uma morte domesticada. Se o elefante real morre na meia idade bem domesticado e bem disciplinado, então ele é considerado um elefante na meia idade que morreu uma morte domesticada. Se o elefante real morre jovem bem domesticado e bem disciplinado, então ele é considerado um



elefante jovem que morreu uma morte domesticada. Da mesma forma, Aggivessana, se um *bhikkhu* sênior morre com as impurezas destruídas, então ele é considerado um *bhikkhu* sênior que morreu uma morte domesticada. Se um *bhikkhu* intermediário morre com as impurezas destruídas, então ele é considerado um *bhikkhu* intermediário que morreu uma morte domesticada. Se um *bhikkhu* júnior morre com as impurezas destruídas, então ele é considerado um *bhikkhu* júnior que morreu uma morte domesticada.

Isso foi o que disse o Abençoado. O noviço Aciravata ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## 126 *Bhumija Sutta* Bhumija

Uma série de símiles para ilustrar o Nobre Caminho Óctuplo

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos.
2. Então, ao amanhecer, o venerável Bhumija se vestiu e tomando a tigela e o manto externo foi até a casa do Príncipe Jayasena e sentou num assento que havia sido preparado.
3. Então, o Príncipe Jayasena foi até o venerável Bhumija e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado e disse para o venerável Bhumija: “Mestre Bhumija, existem alguns contemplativos e brâmanes que fazem estas afirmações e possuem estas idéias: ‘Se alguém fizer uma aspiração [lix](#) e viver a vida santa, será incapaz de obter qualquer fruto; se alguém não fizer nenhuma aspiração e viver a vida santa, ainda assim será incapaz de obter qualquer fruto; se alguém fizer e não fizer uma aspiração e viver a vida santa, ainda assim será incapaz de obter qualquer fruto; se alguém nem fazer uma aspiração, nem não fazer uma aspiração e viver a vida santa, ainda assim será incapaz de obter qualquer fruto.’ O que o venerável mestre Bhumija diz disso, o que ele declara?”
4. “Eu não ouvi, nem aprendi isso da boca do Abençoado, príncipe. Mas é possível que o Abençoado dissesse isto: ‘Se alguém fizer uma aspiração e viver a vida santa sem sabedoria, será incapaz de obter qualquer fruto; se alguém não fizer nenhuma aspiração e viver a vida santa sem sabedoria, ainda assim será incapaz de obter qualquer fruto; se alguém fizer e não fizer uma aspiração e viver a vida santa sem sabedoria, ainda assim será incapaz de obter qualquer fruto; se alguém nem fazer uma aspiração, nem não fazer uma aspiração e viver a vida santa sem sabedoria, ainda assim será incapaz de obter qualquer fruto. No entanto, se alguém fizer uma aspiração e viver a vida santa com sabedoria, será capaz de obter algum fruto; se alguém não fizer nenhuma aspiração e viver a vida santa com sabedoria, ainda assim será capaz de obter algum fruto; se alguém fizer e não fizer uma aspiração e viver a vida santa com sabedoria, ainda assim será capaz

de obter algum fruto; se alguém nem fizer uma aspiração, nem não fizer uma aspiração e viver a vida santa com sabedoria, ainda assim será capaz de obter algum fruto.”

5. “Se o professor do mestre Bhumija afirma isso, se ele declara isso, então com certeza parece que o mestre do venerável Bhumija se destaca de todos os contemplativos e brâmanes comuns.”

6. Então o Príncipe Jayasena serviu o venerável Bhumija da sua própria tigela de arroz doce.

7. Depois, quando o venerável Bhumija retornou da sua ronda de esmolar alimentos, após a refeição, ele foi até o Abençoado. Após cumprimentá-lo, ele sentou a um lado e relatou o que havia ocorrido, adicionando: “Venerável senhor, eu espero que ao ter sido perguntado tal questão e respondido dessa forma, eu tenha dito aquilo que foi dito pelo Abençoado e que eu não o tenha deturpado com algo contrário aos fatos. Eu espero que tenha explicado de acordo com o Dhamma, de tal modo que nada que dê margem à censura possa de forma legítima ser deduzido da minha declaração.”

8. “Com certeza, Bhumija, ao ter sido perguntado tal questão e respondido dessa forma, você disse aquilo que foi dito por mim e não me deturpou com algo contrário aos fatos. Você explicou de acordo com o Dhamma de tal modo que nada que dê margem à censura possa de forma legítima ser deduzido da sua declaração.

9. “Quaisquer contemplativos e brâmanes, que possuam entendimento incorreto, pensamento incorreto, linguagem incorreta, ação incorreta, modo de vida incorreto, esforço incorreto, atenção plena incorreta e concentração incorreta, se eles fizerem uma aspiração e viverem a vida santa, ... se eles não fizerem nenhuma aspiração e viverem a vida santa, ... se eles fizerem e não fizerem uma aspiração e viverem a vida santa, ... se eles nem fizerem uma aspiração, nem não fizerem uma aspiração e viverem a vida santa, serão incapazes de obter qualquer fruto. Por que isso? Porque esse (caminho incorreto) não é um método adequado para obter frutos.

10. “Suponham um homem que precisasse de óleo, estivesse buscando óleo, perambulasse procurando por óleo, colocasse cascalho num balde, borrifasse o cascalho com água e o espremesse. Então, se ele fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ele seria incapaz de obter qualquer óleo; se ele não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria incapaz de obter qualquer óleo; se ele fizesse e não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria incapaz de obter qualquer óleo; se ele nem fizesse uma aspiração e nem não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria incapaz de obter qualquer óleo. Por que isso? Porque essa (forma de agir) não é um método adequado para obter óleo. Do mesmo modo, quaisquer contemplativos e brâmanes que possuam entendimento incorreto ... serão incapazes de obter qualquer fruto.

11. “Suponham um homem que precisasse de leite, estivesse buscando leite, perambulasse procurando por leite, agarrasse os chifres de uma vaca. Então, se ele fizesse

uma aspiração ... se ele não fizesse uma aspiração ... se ele fizesse e não fizesse uma aspiração ... se ele nem fizesse uma aspiração e nem não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria incapaz de obter qualquer leite. Por que isso? Porque essa (forma de agir) não é um método adequado para obter leite. Do mesmo modo, quaisquer contemplativos e brâmanes que possuam entendimento incorreto ... serão incapazes de obter qualquer fruto.

12. “Suponham um homem que precisasse de manteiga, estivesse buscando manteiga, perambulasse procurando por manteiga, despejasse água em uma desnatadeira e a desnatasse com um pau. Então, se ele fizesse uma aspiração ... se ele não fizesse uma aspiração ... se ele fizesse e não fizesse uma aspiração ... se ele nem fizesse uma aspiração e nem não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria incapaz de obter qualquer manteiga. Por que isso? Porque essa (forma de agir) não é um método adequado para obter manteiga. Do mesmo modo, quaisquer contemplativos e brâmanes que possuam entendimento incorreto ... serão incapazes de obter qualquer fruto.

13. “Suponham um homem que precisasse de fogo, estivesse buscando fogo, perambulasse procurando por fogo, esfregasse dois pedaços de madeira verde molhados. Então, se ele fizesse uma aspiração ... se ele não fizesse uma aspiração ... se ele fizesse e não fizesse uma aspiração ... se ele nem fizesse uma aspiração e nem não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria incapaz de obter qualquer fogo. Por que isso? Porque essa (forma de agir) não é um método adequado para obter fogo. Do mesmo modo, quaisquer contemplativos e brâmanes que possuam entendimento incorreto ... serão incapazes de obter qualquer fruto.

14. “Quaisquer contemplativos e brâmanes que possuam entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta e concentração correta, se eles fizerem uma aspiração e viverem a vida santa, serão capazes de obter algum fruto; se eles não fizerem nenhuma aspiração e viverem a vida santa, ainda assim serão capazes de obter algum fruto; se eles fizerem e não fizerem uma aspiração e viverem a vida santa, ainda assim serão capazes de obter algum fruto; se eles nem fizerem uma aspiração, nem não fizerem uma aspiração e viverem a vida santa, ainda assim serão capazes de obter algum fruto. Por que isso? Porque esse (caminho correto) é um método adequado para obter frutos.

15. “Suponham um homem que precisasse de óleo, estivesse buscando óleo, perambulasse procurando por óleo, colocasse sementes de gergelim em um balde, borrifasse o gergelim com água e o espremesse. Então, se ele fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ele seria capaz de obter algum óleo; se ele não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria capaz de obter algum óleo; se ele fizesse e não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria capaz de obter algum óleo; se ele nem fizesse uma aspiração e nem não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria capaz de obter algum óleo. Por que isso? Porque essa (forma de agir) é um método adequado para obter óleo. Do mesmo modo, quaisquer

contemplativos e brâmanes que possuam entendimento correto ... serão capazes de obter algum fruto.

16. “Suponham um homem que precisasse de leite, estivesse buscando leite, perambulasse procurando por leite, agarrasse o ubre de uma vaca. Então, se ele fizesse uma aspiração ... se ele não fizesse uma aspiração ... se ele fizesse e não fizesse uma aspiração ... se ele nem fizesse uma aspiração e nem não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria capaz de obter algum leite. Por que isso? Porque essa (forma de agir) é um método adequado para obter leite. Do mesmo modo, quaisquer contemplativos e brâmanes que possuam entendimento correto ... serão capazes de obter algum fruto.

17. “Suponham um homem que precisasse de manteiga, estivesse buscando manteiga, perambulasse procurando por manteiga, despejasse leite em uma desnatadeira e o desnatasse com um pau. Então, se ele fizesse uma aspiração ... se ele não fizesse uma aspiração ... se ele fizesse e não fizesse uma aspiração ... se ele nem fizesse uma aspiração e nem não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria capaz de obter alguma manteiga. Por que isso? Porque essa (forma de agir) é um método adequado para obter manteiga. Do mesmo modo, quaisquer contemplativos e brâmanes que possuam entendimento correto ... serão capazes de obter algum fruto.

18. “Suponham um homem que precisasse de fogo, estivesse buscando fogo, perambulasse procurando por fogo, esfregasse dois pedaços de madeira secos. Então, se ele fizesse uma aspiração ... se ele não fizesse uma aspiração ... se ele fizesse e não fizesse uma aspiração ... se ele nem fizesse uma aspiração e nem não fizesse uma aspiração e agisse de acordo, ainda assim ele seria capaz de obter algum fogo. Por que isso? Porque essa (forma de agir) é um método adequado para obter fogo. Da mesma forma, quaisquer contemplativos e brâmanes que possuam entendimento correto ... serão capazes de obter algum fruto.

19. “Bhumija, se esses quatro símiles lhe tivessem ocorrido com (relação a) o Príncipe Jayasena, ele teria espontaneamente adquirido confiança em você, e tendo confiança ele teria lhe mostrado confiança.”

“Venerável senhor, como poderiam esses quatro símiles ter ocorrido a mim com (relação a) o Príncipe Jayasena da forma como eles ocorrem para o Abençoado, visto que eles são espontâneos e nunca foram ouvidos antes?”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Bhumija ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## *127 Anuruddha Sutta*

Anuruddha

A diferença entre a libertação imensurável e a libertação transcendente

1. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Então o carpinteiro Pancakanga se dirigiu a um certo homem da seguinte forma: “Venha, bom homem, vá até o venerável Anuruddha, preste uma homenagem em meu nome com a sua cabeça aos pés dele, e diga: ‘Venerável senhor, o carpinteiro Pancakanga homenageia o venerável Anuruddha com a cabeça aos seus pés e diz: “Venerável senhor, que o venerável Anuruddha junto com outros três, consinta em aceitar a refeição de amanhã do carpinteiro Pancakanga; e que o venerável Anuruddha possa chegar pontualmente já que o carpinteiro Pancakanga está muito ocupado e tem muito trabalho para fazer para o rei.”’”

“Sim, senhor,” aquele homem respondeu e foi até o venerável Anuruddha. Depois de cumprimentar o venerável Anuruddha, ele sentou a um lado e comunicou a sua mensagem. O venerável Anuruddha concordou em silêncio.

3. Então, quando havia terminado a noite, ao amanhecer, o venerável Anuruddha se vestiu e tomando a sua tigela e o manto externo foi até a casa do carpinteiro Pancakanga, sentando num assento que havia sido preparado. Então, com as próprias mãos, o carpinteiro Pancakanga serviu e satisfez o venerável Anuruddha com os vários tipos de boa comida. Em seguida, quando o venerável Anuruddha havia terminado de comer e retirado a mão da sua tigela, o carpinteiro Pancakanga sentou a um lado, num assento mais baixo, e disse para o venerável Anuruddha:

4. “Veja, venerável senhor, *bhikkhus* sêniores vieram até mim e disseram: ‘Chefe de família, desenvolva a libertação imensurável da mente’; e alguns *bhikkhus* disseram: ‘Chefe de família, desenvolva a libertação transcendente da mente.’ Venerável senhor, a libertação imensurável da mente e a libertação transcendente da mente – esses estados são distintos no significado e distintos no nome, ou eles possuem o mesmo significado e são distintos apenas no nome?”

5. “Explique o modo como você entende, chefe de família. Depois disso será aclarado para você.”

“Venerável senhor, eu penso da seguinte forma: a libertação imensurável da mente e a libertação transcendente da mente – esses estados possuem o mesmo significado e são distintos apenas no nome.”

6. “Chefe de família, a libertação imensurável da mente e a libertação transcendente da mente – são estados distintos no significado e distintos no nome. E deve ser compreendido da seguinte forma como esses estados são distintos no significado e distintos no nome.

7. “O que, chefe de família, é a libertação imensurável da mente? Aqui um *bhikkhu* com o coração pleno de amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade,

permanece permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Isso é chamado de libertação imensurável da mente.

8. “E o que, chefe de família, é a libertação transcendente da mente? Neste caso um *bhikkhu* permanece resoluto sobre uma área do tamanho da raiz de uma árvore, permeando-a com a mente transcendente: isso é chamado de libertação transcendente da mente. Aqui um *bhikkhu* permanece resoluto sobre uma área do tamanho da raiz de duas ou três árvores, permeando-a com a mente transcendente: isso é chamado de libertação transcendente da mente. Aqui um *bhikkhu* permanece resoluto sobre uma área do tamanho de um vilarejo, permeando-a com a mente transcendente ... uma área do tamanho de dois ou três vilarejos ... uma área do tamanho de um reino majestoso ... uma área do tamanho de dois ou três reinos majestosos ... uma área do tamanho de um continente circundado pelo oceano, permeando-a com a mente transcendente: isso também é chamado de libertação transcendente da mente. Desta maneira, chefe de família, pode ser compreendido como esses estados são distintos no significado e distintos no nome.

9. “Existem, chefes de família, esses quatro tipos de ressurgimento (num futuro estado) de ser. Quais quatro? Aqui alguém permanece resoluto e permeando a ‘radiância limitada’; na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce na companhia dos *devas* da Radiância Limitada. Aqui alguém permanece resoluto e permeando a ‘radiância imensurável’; na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce na companhia dos *devas* da Radiância Imensurável. Aqui alguém permanece resoluto e permeando a ‘radiância contaminada’; na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce na companhia dos *devas* da Radiância Contaminada. Aqui alguém permanece resoluto e permeando a ‘radiância pura’; na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce na companhia dos *devas* da Radiância Pura. Esses são os quatro tipos de ressurgimento (num futuro estado) de ser.

10. “Há uma ocasião, chefe de família, em que esses *devas* se reúnem num lugar. Quando eles estão reunidos num lugar, uma diferença na sua coloração pode ser discernida mas não há diferença na sua luminosidade. Como se um homem trouxesse várias lamparinas de azeite para uma casa, uma diferença na chama das lamparinas poderia ser discernida mas nenhuma diferença na sua luminosidade.

11. “Há uma ocasião, chefe de família, em que esses *devas* dali desaparecem. Quando eles se dispersam, uma diferença na sua coloração pode ser discernida e também uma diferença na sua luminosidade. Como se um homem removesse aquelas várias lamparinas de azeite da casa, uma diferença na chama das lamparinas poderia ser discernida e também uma diferença na sua luminosidade.

12. “A esses *devas* não lhes ocorre que: ‘Esta nossa vida é permanente, irá durar para sempre, ou ela é eterna,’ no entanto, em qualquer lugar em que eles se estabeleçam, eles ali encontram o deleite. Como quando moscas são levadas numa vara ou num cesto, a elas não lhes ocorre que: ‘Esta nossa vida é permanente, irá durar para sempre, ou ela é eterna,’ no entanto, em qualquer lugar em que aquelas moscas se estabeleçam, elas ali encontram o deleite.”

13. Quando isso foi dito, o venerável Abhiya Kaccana disse para o venerável Anuruddha: “Muito bem, venerável Anuruddha, eu ainda tenho algo mais para perguntar: Todos esses seres luminosos são *devas* de Radiância Limitada ou alguns são *devas* de Radiância Imensurável?”

“Devido ao fator responsável pelo renascimento, amigo Kaccana, alguns são *devas* de Radiância Limitada, alguns são *devas* de Radiância Imensurável.”

14. “Venerável Anuruddha, qual é a causa e razão porque dentre esses *devas* que renasceram numa única ordem de *devas*, alguns são *devas* de Radiância Limitada e alguns são *devas* de Radiância Imensurável?”

“Quanto a isso, amigo Kaccana, responderei com uma pergunta em retorno. Responda como quiser. O que você pensa, amigo Kaccana? Quando um *bhikkhu* permanece resoluto sobre uma área do tamanho da raiz de uma árvore, permeando-a com a mente transcendente, e um outro *bhikkhu* permanece resoluto sobre uma área do tamanho da raiz de duas ou três árvores, permeando-a com a mente transcendente – qual desses tipos de desenvolvimento mental é mais transcendente?” – “O segundo, venerável senhor.”

“O que você pensa, amigo Kaccana? Quando um *bhikkhu* permanece resoluto sobre uma área do tamanho da raiz de duas ou três árvores, permeando-a com a mente transcendente, e um outro *bhikkhu* permanece resoluto sobre uma área do tamanho de um vilarejo, permeando-a com a mente transcendente ... uma área do tamanho de dois ou três vilarejos ... uma área do tamanho de um reino majestoso ... uma área do tamanho de dois ou três reinos majestoso ... uma área do tamanho de um continente circundado pelo oceano, permeando-a com a mente transcendente - qual desses tipos de desenvolvimento mental é mais transcendente?” – “O último, venerável senhor.”

“Essa é a causa e razão, amigo Kaccana, porque dentre esses *devas* que renasceram numa única ordem de *devas*, alguns são *devas* de Radiância Limitada e alguns são *devas* de Radiância Imensurável.

15. “Muito bem, venerável Anuruddha, eu ainda tenho algo mais para perguntar: Todos esses seres luminosos são *devas* de Radiância Contaminada ou alguns são *devas* de Radiância Pura?”

“Devido ao fator responsável pelo renascimento, amigo Kaccana, algumas são *devas* de Radiância Contaminada, algumas são *devas* de Radiância Pura.”

16. “Venerável Anuruddha, qual é a causa e razão porque dentre esses *devas* que renasceram numa única ordem de *devas*, algumas são *devas* de Radiância Contaminada e algumas são *devas* de Radiância Pura?”

“Nesse caso, amigo Kaccana, explicarei com um símile pois alguns homens sábios compreendem o significado de um enunciado através de um símile. Suponha que uma lamparina de azeite esteja queimando com um azeite impuro e um pavio impuro; devido à impureza do azeite e do pavio ela arde com debilidade. Assim também, aqui um *bhikkhu* permanece resoluto e permeando uma área com uma luminosidade contaminada. A sua inércia corporal não foi completamente apaziguada, a sua preguiça e torpor não foram completamente eliminados, a sua inquietação e ansiedade não foram completamente removidos; devido a isso ele medita, como se fosse, com debilidade. Na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce na companhia dos *devas* da Radiância Contaminada.

Suponha que uma lamparina de azeite esteja queimando com um azeite puro e um pavio puro; devido à pureza do azeite e do pavio ela não arde com debilidade. Assim também, aqui um *bhikkhu* permanece resoluto e permeando uma área com uma luminosidade pura. A sua inércia corporal foi completamente apaziguada, a sua preguiça e torpor foram completamente eliminados, a sua inquietação e ansiedade foram completamente removidos; devido a isso ele medita, como se fosse, com luminosidade. Na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce na companhia dos *devas* da Radiância Pura.

“Essa é a causa e razão, amigo Kaccana, porque dentre esses *devas* que renascem numa única ordem de *devas*, alguns são *devas* de Radiância Contaminada e alguns são *devas* de Radiância Pura.

17. Quando isso foi dito, o venerável Abhiya Kaccana disse para o venerável Anuruddha: “Muito bem, venerável Anuruddha. O venerável Anuruddha não diz: ‘Assim ouvi’ ou ‘Deve ser assim.’ Ao invés disso, o venerável Anuruddha diz: ‘Estes *devas* são assim e aqueles *devas* são assim.’ Ocorre-me, venerável senhor, que o venerável Anuruddha com certeza se associou com esses *devas*, dirigiu-lhes a palavra e com eles manteve conversações.”

“Certamente, amigo Kaccana, as suas palavras são ofensivas e descorteses, mas ainda assim vou responder. Durante muito tempo me associei com esses *devas*, dirigi a palavra e mantive conversações com elas.”

18. Quando isso foi dito, o venerável Abhiya Kaccana disse para o carpinteiro Pancakanga: “É um ganho para você, chefe de família, é um grande ganho para você ter abandonado o seu estado de dúvida e ter tido a oportunidade de ouvir este discurso do Dhamma.”

## *128 Upakkilesa Sutta* Imperfeições



Como viver em concórdia e o cultivo dos *jhanas*

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Kosambi no Parque de Ghosita.
2. Agora, naquela ocasião os *bhikkhus* de Kosambi estavam envolvidos em rixas e brigas, mergulhados em discussões, apunhalando uns aos outros usando as palavras como adagas.
3. Então um certo *bhikkhu* foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo ficou em pé a um lado e disse: “Venerável senhor, os *bhikkhus* aqui em Kosambi estão envolvidos em rixas e brigas, mergulhados em discussões, apunhalando uns aos outros usando as palavras como adagas. Seria bom, venerável senhor, se o Abençoado pudesse ir até aqueles *bhikkhus* por compaixão.” O Abençoado consentiu em silêncio.
4. Então o Abençoado foi até aqueles *bhikkhus* e disse: “Basta, *bhikkhus*, que não haja rixas, brigas ou disputas.” Quando isso foi dito um certo *bhikkhu* disse para o Abençoado: “Espere, venerável senhor! Que o Abençoado, o Senhor do Dhamma, viva em paz dedicado a uma estada prazerosa aqui e agora. Nós é que somos os responsáveis por esta rixa, briga e disputa.”
5. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Kosambi para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Kosambi e de haver retornado, após a refeição, ele arrumou o seu lugar de descanso, tomou a tigela e o manto externo e enquanto ainda estava em pé proferiu os seguintes versos:

6. “Quando muitas vozes gritam ao mesmo tempo  
ninguém se considera um tolo;  
embora a Sangha esteja sendo dividida  
ninguém se considera culpado.

Eles esqueceram a linguagem judiciosa,  
eles falam obcecados apenas pelas palavras.  
Com as bocas desenfreadas,  
eles vociferam de acordo com a sua vontade;  
ninguém sabe o que os conduz a agir assim.

‘Ele me maltratou, ele me golpeou,  
ele me derrotou, ele me roubou,’ -  
para aqueles que abrigam pensamentos como esses  
a raiva nunca será apaziguada.

Pois neste mundo a raiva nunca é  
apaziguada com outras ações enraivecidas.  
Ela é apaziguada pela não-raiva:  
essa é a lei imutável e atemporal.

Há os que não percebem

que nós teremos um fim nesse mundo,  
mas aqueles que percebem isso,  
têm suas desavenças apaziguadas.

Infratores e assassinos,  
aqueles que roubam gado, cavalos, riquezas,  
aqueles que pilham todo o reino -  
quando até mesmo eles podem agir em conjunto  
porque vocês não são capazes de fazer isso?

Se para a prática você encontrar um amigo  
prudente, virtuoso e sábio,  
permaneça com ele com atenção plena e alegria,  
superando todas as dificuldades.

Se para a prática não for encontrado um amigo  
prudente, virtuoso e sábio,  
tal como um rei que deixa para trás a terra conquistada,  
caminhe só, como um elefante solitário na floresta.

Melhor é permanecer só  
pois não há companheirismo com os tolos.  
Sem fazer o mal, despreocupado,  
permaneça só tal como o elefante na floresta.”

7. Então, tendo proferido esses versos enquanto ainda estava em pé, o Abençoado foi até o vilarejo de Balakalonakara. Naquela ocasião o venerável Bhagu estava no vilarejo de Balakalonakara. Quando o venerável Bhagu o viu chegando à distância, preparou um assento e água para lavar os pés. O Abençoado sentou no assento que havia sido preparado e lavou os pés. O venerável Bhagu cumprimentou o Abençoado e sentou a um lado, o Abençoado disse: “Eu espero que você esteja bem, *bhikkhu*, eu espero que você tenha conforto, eu espero que você não esteja enfrentando dificuldades para obter comida esmolada.”

“Eu estou bem, Abençoado, eu tenho conforto e não tenho enfrentado dificuldades para obter comida esmolada.”

Então o Abençoado instruiu, motivou, estimulou e encorajou o venerável Bhagu com um discurso do Dhamma, depois do que, ele levantou do seu assento e foi para o Parque do Bambual no Oriente.

8. Agora naquela ocasião o venerável Anuruddha, o venerável Nandiya e o venerável Kimbila estavam no Parque do Bambual no Oriente. [lx](#) O guarda do Parque viu o Abençoado chegando à distância e disse: “Não entre neste parque, contemplativo. Aqui há três membros de clãs que estão buscando o que lhes pode trazer benefício. Não os perturbe.”

9. O venerável Anuruddha ouviu o guarda do parque conversando com o Abençoado e disse: “Amigo guarda, não deixe o Abençoado do lado de fora. Ele é o nosso Mestre, o Abençoado, que veio.” Então o venerável Anuruddha foi até o venerável Nandiya e o venerável Kimbila e disse: ‘Venham para fora, veneráveis senhores, venham para fora! O nosso Mestre, o Abençoado, veio.’

10. Então todos os três foram receber o Abençoado. Um tomou a sua tigela e o manto externo, outro preparou um assento e o outro verteu água para lavar os pés. O Abençoado sentou no assento que havia sido preparado e lavou os pés. Então aqueles três veneráveis homenagearam o Abençoado e sentaram a um lado, e o Abençoado disse: “Eu espero que todos vocês estejam bem, Anuruddha, eu espero que vocês tenham conforto, eu espero que vocês não estejam enfrentando dificuldades para obter comida esmolada.”

“Nós estamos bem, Abençoado, nós temos conforto e não temos enfrentado dificuldades para obter comida esmolada.”

11. “Eu espero, Anuruddha, que vocês estejam vivendo em concórdia, com respeito mútuo, sem disputas, combinando como leite e água, considerando um ao outro com bondade.”

“Com certeza, venerável senhor, nós estamos vivendo em concórdia, com respeito mútuo, sem disputas, combinando como leite e água, considerando um ao outro com bondade.”

“Mas, Anuruddha, como vocês vivem assim?”

12. “Venerável senhor, quanto a isso, eu penso da seguinte forma: ‘É um ganho para mim, é um grande ganho para mim que eu esteja vivendo a vida santa com estes companheiros.’ Eu pratico atos com amor bondade com o corpo, em público e em particular, em relação a esses veneráveis; Eu pratico atos com amor bondade com a linguagem, em público e em particular, em relação a esses veneráveis; Eu pratico atos com amor bondade com a mente, em público e em particular, em relação a esses veneráveis. Eu considero: ‘Porque não deveria deixar de lado aquilo que quero fazer e fazer aquilo que esses veneráveis querem fazer?’ Então deixo de lado aquilo que quero fazer e faço aquilo que esses veneráveis querem fazer. Nós temos corpos distintos, venerável senhor, mas somos únicos na mente.”

O venerável Nandiya e o venerável Kimbila falaram cada um da mesma forma, adicionando: “Assim é como, venerável senhor, nós estamos vivendo em concórdia, com respeito mútuo, sem disputas, combinando como leite e água, considerando um ao outro com bondade.”

13. “Muito bem Anuruddha, eu espero que vocês permaneçam diligentes, ardentes e decididos.”

“Com certeza, venerável senhor, nós permanecemos diligentes, ardentes e decididos.”

“Mas, Anuruddha, como é que vocês assim permanecem?”

14. “Venerável senhor, quanto a isso, qualquer um de nós que primeiro retorne do vilarejo com comida esmolada prepara os assentos, prepara a água de beber e de limpeza, e coloca o balde de sobras no seu lugar. Qualquer um de nós que retorne por último come qualquer comida que tenha sobrado, se ele assim desejar, de outro modo ele joga aquilo fora onde não haja vegetação ou despeja na água onde não haja vida. Ele guarda os assentos e a água de beber e de limpeza. Ele guarda o balde de sobras depois de lavá-lo e varre o refeitório. Qualquer um que perceber que os jarros com água para beber, água para limpeza ou água para a latrina estão com o nível baixo ou vazios, toma as providências necessárias. Se eles forem excessivamente pesados, ele chama alguém através de um sinal com a mão e o outro vem ajudá-lo, mas por conta disso nós não irrompemos em conversação. E a cada cinco dias nós sentamos juntos uma noite inteira para discutir o Dhamma. Assim é como permanecemos diligentes, ardentes e decididos.”

15. “Muito bem Anuruddha. Mas enquanto vocês assim permanecem diligentes, ardentes e decididos, vocês alcançaram algum estado supra-humano, uma distinção no conhecimento e visão dignos dos nobres, uma estada confortável?”

“Venerável senhor, enquanto assim permanecemos diligentes, ardentes e decididos, reconhecemos e vemos a luz e as formas. <sup>ixi</sup> Depois a luz e as formas desaparecem, mas nós ainda não temos habilidade e compreendemos esses nimittas.”

16. “Anuruddha, vocês devem tornar-se proficientes com relação a esses nimittas. Antes da minha iluminação, quando eu ainda era apenas um *Bodhisatta* não iluminado, eu também reconhecia e via a luz e as formas. Depois a luz e as formas desapareciam. Eu pensava: ‘Qual é a causa e condição pela qual a luz e as formas desaparecem?’ Então considerava o seguinte: ‘A dúvida surgiu em mim e devido à dúvida a minha concentração decaiu; quando a minha concentração decaiu, a luz e as formas desapareceram. Devo agir de tal modo que a dúvida não surja em mim novamente.’”

17. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente, ardente e decidido, reconhecia e via a luz e as formas. Depois a luz e a forma desapareciam. Eu pensava: ‘Qual é a causa e condição pela qual a luz e as formas desaparecem?’ Então considerava o seguinte: ‘A desatenção surgiu em mim e devido à desatenção a minha concentração decaiu; quando a minha concentração decaiu, a luz e as formas desapareceram. Devo agir de tal modo que nem a dúvida, nem a desatenção surjam em mim novamente.’”

18. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente, ardente e decidido, reconhecia e via a luz e as formas. Depois a luz e as formas desapareciam. Eu pensava: ‘Qual é a causa e condição pela qual a luz e a forma desaparecem?’ Então considerava o seguinte: ‘A preguiça e o torpor surgiram em mim e devido à preguiça e torpor a minha concentração decaiu; quando a minha concentração decaiu, a luz e as formas desapareceram. Devo agir de tal modo que nem a dúvida, nem a desatenção, nem a preguiça e o torpor surjam em mim novamente.’”

19. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente ... considerava o seguinte: ‘O medo surgiu em mim, e devido ao medo a minha concentração decaiu; quando a minha concentração decaiu, a luz e a forma desapareceram.’ Suponha que um homem parta para uma jornada e criminosos surjam de ambos os lados; então o medo surgiria nele devido a isso. Da mesma forma, o medo surgiu em mim ... a luz e as formas desapareceram. [Então considerei o seguinte:] ‘Devo agir de tal modo que nem a dúvida, nem a desatenção, nem a preguiça e o torpor, nem o medo surjam em mim novamente.’

20. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente ... considerava o seguinte: ‘A elação surgiu em mim e devido à elação a minha concentração decaiu; quando a minha concentração decaiu, a luz e as formas desapareceram.’ Suponha que um homem procurando pela porta de entrada para um tesouro escondido, encontre de repente cinco portas de entrada para um tesouro escondido; então a elação surgiria nele devido a isso. Da mesma forma, a elação surgiu em mim ... a luz e as formas desapareceram. [Então considerei o seguinte:] ‘Devo agir de tal modo que nem a dúvida, nem a desatenção ... nem o medo, nem a elação surjam em mim novamente.’

21. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente ... considerava o seguinte: ‘A inércia surgiu em mim e devido à inércia a minha concentração decaiu; quando a minha concentração decaiu, a luz e as formas desapareceram.’ ‘Devo agir de tal modo que nem a dúvida, nem a desatenção ... nem a elação, nem a inércia surjam em mim novamente.’

22. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente ... considerava o seguinte: ‘Uma energia excessiva surgiu em mim e devido ao excesso de energia a minha concentração decaiu; quando a minha concentração decaiu, a luz e a forma desapareceram.’ Suponha que um homem agarrasse uma codorna com força, com ambas as mãos, ela morreria ali mesmo naquele instante. Da mesma forma, uma energia excessiva surgiu em mim ... a luz e as formas desapareceram. [Então considerei o seguinte:] ‘Devo agir de tal modo que nem a dúvida nem a desatenção ... nem a inércia, nem a energia excessiva surjam em mim novamente.’

23. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente ... considerava o seguinte: ‘Uma energia deficiente surgiu em mim e devido à deficiência de energia a minha concentração decaiu; quando a minha concentração decaiu, a luz e a forma desapareceram.’ Suponha que um homem agarrasse uma codorna frouxamente, ela sairia voando das mãos dele. Da mesma forma, uma energia deficiente surgiu em mim ... a luz e as formas desapareceram. [Então considerei o seguinte:] ‘Devo agir de tal modo que nem a dúvida nem a desatenção ... nem a energia excessiva nem a energia deficiente surjam em mim novamente.’

24. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente ... considerava o seguinte: ‘a querença surgiu em mim e devido à querença a minha concentração decaiu; quando a minha concentração decaiu, a luz e as formas desapareceram.’ ‘Devo agir de tal modo que nem a dúvida, nem a desatenção ... nem a energia deficiente, nem a querença surjam em mim novamente.’

25. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente ... considerava o seguinte: ‘A percepção da diversidade surgiu em mim e devido a percepção da diversidade a minha concentração decaiu; quando a minha concentração decaiu, a luz e as formas desapareceram.’ ‘Devo agir de tal modo que nem a dúvida, nem a desatenção ... nem a querença, nem a percepção da diversidade surjam em mim novamente.’

26. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente ... considere o seguinte: ‘A reflexão excessiva em relação às formas surgiu em mim e devido à reflexão excessiva em relação às formas a minha concentração decaiu; quando a minha concentração decaiu, a luz e a forma desapareceram.’ ‘Devo agir de tal modo que nem a dúvida, nem a desatenção ... nem a percepção da diversidade, nem a reflexão excessiva em relação às formas surjam em mim novamente.’

27. “Quando, Anuruddha, compreendi que a dúvida é uma imperfeição da mente, eu abandonei a dúvida, uma imperfeição da mente. Quando compreendi que a desatenção ... preguiça e torpor ... medo ... elação ... inércia ... energia excessiva ... energia deficiente ... querença ... percepção da diversidade ... reflexão excessiva em relação às formas, eu abandonei a reflexão excessiva em relação às formas, uma imperfeição da mente.

28. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente, ardente e decidido, reconhecia a luz mas não via as formas, via as formas mas não reconhecia a luz, até mesmo durante uma noite toda ou um dia todo, ou um dia e uma noite toda. Eu pensei: ‘Qual é a causa e condição disso?’ Então considere da seguinte forma: ‘Na ocasião em que não dou atenção ao *nimitta* da forma, mas dou atenção ao *nimitta* da luz, então reconheço a luz, mas não vejo as formas. Na ocasião em que não dou atenção ao *nimitta* da luz, mas dou atenção ao *nimitta* da forma, então vejo as formas, mas não reconheço a luz, até mesmo durante uma noite toda, ou um dia todo, ou um dia e uma noite toda.’

29. “Enquanto, Anuruddha, eu permanecia diligente, ardente e decidido, percebia a luz limitada e via as formas limitadas; eu percebia a luz imensurável e via as formas imensuráveis, até mesmo durante uma noite toda ou um dia todo, ou um dia e uma noite toda. Eu pensava: ‘Qual é a causa e condição disso?’ Então considere da seguinte forma: ‘Na ocasião em que a concentração é limitada, minha visão é limitada e com a visão limitada percebo a luz limitada e as formas limitadas. Mas na ocasião em que a concentração é imensurável, minha visão é imensurável e com a visão imensurável reconheço a luz imensurável e vejo as formas imensuráveis, até mesmo durante uma noite toda ou um dia todo, ou um dia e uma noite toda.’

30. “Quando, Anuruddha, compreendi que a dúvida é uma imperfeição da mente, eu abandonei a dúvida, uma imperfeição da mente. Quando compreendi que a desatenção ... preguiça e torpor ... medo ... elação ... inércia ... energia excessiva ... energia deficiente ... querença ... percepção da diversidade ... reflexão excessiva em relação às formas, eu abandonei a reflexão excessiva em relação às formas, uma imperfeição da mente; então pensei: ‘Eu abandonei essas imperfeições da mente. Agora desenvolverei a concentração de três modos.’

31. “E assim, Anuruddha, desenvolvi a concentração com o pensamento aplicado e o pensamento sustentado; desenvolvi a concentração sem pensamento aplicado, mas apenas com o pensamento sustentado; desenvolvi a concentração sem o pensamento aplicado e sem o pensamento sustentado; desenvolvi a concentração com êxtase; desenvolvi a concentração sem êxtase; desenvolvi a concentração acompanhada pela felicidade; desenvolvi a concentração acompanhada pela equanimidade. [lxii](#)

32. “Quando, Anuruddha, eu desenvolvi a concentração com o pensamento aplicado e com o pensamento sustentado ... quando desenvolvi a concentração acompanhada pela equanimidade, o conhecimento e visão surgiram em mim: ‘A minha libertação é inabalável; este é o meu último nascimento; agora não há mais vir a ser a nenhum estado.’”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Anuruddha ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## *129 Balapandita Sutta*

Homens Sábios e Homens Tolos

Os destinos dos tolos e dos sábios

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

(O TOLO)

2. “*Bhikkhus*, existem essas três características de um tolo, sinais de um tolo, atributos de um tolo. Quais três? Aqui, um tolo é aquele que pensa pensamentos prejudiciais, diz palavras prejudiciais e pratica atos prejudiciais. Se um tolo não fosse assim, como poderia o sábio reconhecê-lo desta forma: ‘Esta pessoa é uma tola, uma pessoa falsa’?”

3. “Um tolo sente dor e tristeza aqui e agora de três formas. Se um tolo estiver sentado numa assembléia, numa rua, ou numa praça, e as pessoas ali estiverem discutindo certos assuntos relevantes e pertinentes, então, se o tolo é alguém que mata seres vivos, toma aquilo que não é dado, se comporta de forma imprópria em relação aos prazeres sensuais, diz mentiras e se entrega ao vinho, álcool e outros embriagantes, que causam a negligência, ele pensa: ‘Essas pessoas estão discutindo certos assuntos relevantes e pertinentes; essas coisas podem ser encontradas em mim, eu sou visto engajando-me nessas coisas.’ Esse é o primeiro tipo de dor e tristeza que um tolo sente aqui e agora.

4. “Novamente, quando o acusado de um roubo é preso, um tolo vê os reis aplicando nele diversos tipos de tortura: açoitando com chicotes, golpeando com vara, golpeando com clavas; as mãos são cortadas, os pés são cortados, as mãos e os pés são cortados; as orelhas são cortadas, o nariz é cortado, as orelhas e o nariz são cortados; ele é sujeito ao ‘pote de mingau,’ ao ‘barbeado com a concha polida,’ à ‘boca de Rahu,’ à ‘grinalda

ardente,’ à ‘mão ardente,’ às ‘lâminas de capim,’ à ‘túnica de casca de árvore,’ ao ‘antílope,’ aos ‘ganchos de carne,’ às ‘moedas,’ à ‘conserva em desinfetante’ ao ‘pino que gira,’ ao ‘colchão de palha enrolado’; ele é molhado com óleo fervente, atirado para ser devorado pelos cães, empalado vivo em estaca, decapitado com uma espada. Então o tolo pensa assim: ‘Devido a ações prejudiciais como essas, quando o acusado de um roubo é preso, os reis aplicam nele diversos tipos de tortura: eles o açoitam com chicotes ... e o decapitam com uma espada. Essas coisas podem ser encontradas em mim, eu sou visto engajando-me nessas coisas.’ Esse é o segundo tipo de dor e tristeza que um tolo sente aqui e agora.

5. “Novamente, quando um tolo está na sua cadeira, ou na sua cama, ou descansando no chão, então as ações prejudiciais que ele cometeu no passado – as condutas impróprias com o corpo, linguagem e mente – o cobrem, estendem sobre ele e o envelopam. Tal como a sombra de uma grande montanha ao anoitecer cobre, se estende sobre a terra e a envelopa. Então o tolo pensa: ‘Eu não fiz o bem, eu não fiz aquilo que é benéfico, eu não fiz de mim mesmo um abrigo contra a aflição. Eu fiz aquilo que é prejudicial, eu fiz aquilo que é cruel, eu fiz aquilo que é mau. Quando falecer, eu irei para o destino daqueles que não fizeram o bem ... que fizeram aquilo que é mau.’ Ele se entristece, fica angustiado e lamenta, ele chora batendo no peito e fica perturbado. Esse é o terceiro tipo de dor e tristeza que um tolo sente aqui e agora.

6. “Um tolo que se entregou à conduta imprópria através do corpo, linguagem e mente, na dissolução do corpo, após a morte, renasce num estado de privação, num destino infeliz, até mesmo no inferno.

#### (INFERNO)

7. “Se fôssemos falar corretamente de alguma coisa que é: ‘absolutamente indesejada, absolutamente não querida, absolutamente desagradável,’ é do inferno que, falando corretamente, isso deveria ser dito, tanto assim que é difícil encontrar um símile para o sofrimento no inferno.”

Quando isso foi dito, um *bhikkhu* perguntou ao Abençoado: ‘Mas, venerável senhor, pode um símile ser dado?’

8. “Pode, *bhikkhu*,” o Abençoado disse. “*Bhikkhus*, suponham que alguns homens prendessem um acusado de roubo e o apresentassem ao Rei, dizendo: ‘Senhor, aqui está um preso acusado de roubo. Ordene a punição que deseja para ele.’ Então o rei diria: ‘Vão homens, e, pela manhã, atirem nele cem lanças.’ Assim, pela manhã, eles atirariam nele cem lanças. Ao meio dia o rei diria, ‘Homens, como está aquele prisioneiro?’ – ‘Ele ainda está vivo majestade.’ Então o rei diria, ‘Vão homens, e atirem nele mais cem lanças.’ Assim, eles atirariam nele mais cem lanças ao meio dia. Ao anoitecer o rei diria, ‘Homens, como está aquele prisioneiro?’ – ‘Ele ainda está vivo majestade.’ Então o rei diria, ‘Vão homens, e atirem nele mais cem lanças ao anoitecer.’ Assim, ao anoitecer, eles atirariam nele mais cem lanças. Agora o que vocês pensam, *bhikkhus*: aquele



homem, tendo sido atingido por trezentas lanças ao longo do dia, experimentaria dor e tristeza devido a isso?”

“Venerável senhor, mesmo se ele fosse atingido por apenas uma lança ele experimentaria dor e tristeza devido a isso, o que não dizer de trezentas lanças.”

9. Então, tomando uma pequena pedra do tamanho da sua mão, o Abençoado disse aos *bhikkhus* o seguinte: “O que vocês pensam *bhikkhus*? O que é maior, esta pequena pedra que tomei, do tamanho da minha mão, ou o Himalaia, o rei das montanhas?”

“Venerável senhor, a pequena pedra que o Abençoado tomou, do tamanho da sua mão, não se compara com o Himalaia, o rei das montanhas; ela não é sequer uma fração, não há comparação.”

“Da mesma forma, *bhikkhus*, a dor e tristeza que o homem experimentaria por ser atingido por trezentas lanças não se compara com o sofrimento do inferno; elas não são sequer uma fração, não há comparação.

10. “Agora os guardiões do inferno o torturam com os cinco espetos. Eles atravessam a mão com um espeto incandescente, eles atravessam a outra mão com um espeto incandescente, eles atravessam um pé com um espeto incandescente, eles atravessam o outro pé com um espeto incandescente, eles atravessam a barriga com um espeto incandescente. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

11. “Em seguida os guardiões do inferno o arremessam ao solo e o aparam com machados. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

12. “Em seguida os guardiões do inferno o colocam com os pés para cima e a cabeça para baixo e o aparam com enxós. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

13. “Em seguida os guardiões do inferno arreiam-no a uma carruagem e conduzem-no para cá e para lá pelo chão esbraseado, em chamas e ardente. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

14. “Em seguida os guardiões do inferno fazem com que ele suba e desça um grande amontoado de carvão em brasa, em chamas e ardente. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

15. “Em seguida os guardiões do inferno o mergulham com os pés para cima e a cabeça para baixo num caldeirão com metal fervendo, queimando, em chamas e ardente. Ele é cozido num redemoinho de vapor. E enquanto ele é ali cozido num redemoinho de vapor, ele é movido ora para cima, ora para baixo e ora para o lado. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

16. “Em seguida os guardiões do inferno o arremessam no Grande Inferno. Agora quanto ao Grande Inferno, *bhikkhus*:

Possui quatro cantos e está construído  
com quatro portas, uma de cada lado,  
cercado por paredes de ferro em todos os lados  
e cerrado com um teto de ferro.  
O piso também é feito de ferro  
e aquecido até que brilhe como o fogo.  
A extensão é um total de cem léguas  
que está envolta de forma completa.

17. “*Bhikkhus*, eu poderia descrever o inferno de muitas formas. Tanto assim que é difícil encontrar um símile para o sofrimento no inferno.

(O REINO ANIMAL)

18. “*Bhikkhus*, há animais que se alimentam de capim. Eles se alimentam cortando o capim fresco ou seco com os dentes. E quais animais se alimentam de capim? Elefantes, cavalos, bois, burros, bodes e gamos, e outros animais semelhantes. Um tolo que antes aqui se deliciava com os sabores e praticou ações prejudiciais, com a dissolução do corpo, após a morte, renasce na companhia de animais que se alimentam de capim.

19. “Há animais que se alimentam de esterco. Eles cheiram o esterco à distância e correm na sua direção, pensando: ‘Podemos comer, podemos comer!’ Tal como os brâmanes que correm para o cheiro de um sacrifício pensando: ‘Podemos comer, podemos comer!’ assim também esses animais que se alimentam de esterco cheiram o esterco à distância e correm na sua direção, pensando: ‘Podemos comer, podemos comer!’ E quais animais se alimentam de esterco? Aves, porcos, cães e chacais, e outros animais semelhantes. Um tolo que antes aqui se deliciava com os sabores e praticou ações prejudiciais, com a dissolução do corpo, após a morte, renasce na companhia de animais que se alimentam de esterco.

20. “Há animais que nascem, envelhecem e morrem na escuridão. E quais animais nascem, envelhecem e morrem na escuridão? Mariposas noturnas, larvas e minhocas, e outros animais semelhantes. Um tolo que antes aqui se deliciava com os sabores e praticou ações prejudiciais, com a dissolução do corpo, após a morte, renasce na companhia de animais que nascem, envelhecem e morrem na escuridão.

21. “Há animais que nascem, envelhecem e morrem na água. E quais animais nascem, envelhecem e morrem na água? Peixes, tartarugas e crocodilos e outros animais semelhantes. Um tolo que antes aqui se deliciava com os sabores e praticou ações prejudiciais, com a dissolução do corpo, após a morte, renasce na companhia de animais que nascem, envelhecem e morrem na água.

22. “Há animais que nascem, envelhecem e morrem na imundície. E quais animais nascem, envelhecem e morrem na imundície? Aqueles animais que nascem, envelhecem e morrem num peixe apodrecido, ou num corpo apodrecido, ou numa massa de farinha apodrecida, ou numa fossa, ou num esgoto. Um tolo que antes aqui se deliciava com os sabores e praticou ações prejudiciais, com a dissolução do corpo, após a morte, renasce na companhia de animais que nascem, envelhecem e morrem na imundície.

23. “*Bhikkhus*, eu poderia descrever o reino animal de muitas formas. Tanto assim que é difícil encontrar um símile para o sofrimento no reino animal.

24. “Suponham que um homem lançasse no oceano uma bóia com um único furo. Um vento do leste a empurraria para o oeste, um vento do oeste a empurraria para o leste. Um vento do norte a empurraria para o sul, um vento do sul a empurraria para o norte. E suponham que houvesse uma tartaruga cega. Ela viria para a superfície uma vez a cada cem anos. Agora o que vocês pensam: aquela tartaruga cega, vindo para a superfície uma vez a cada cem anos, colocaria o seu pescoço naquela bóia com um único furo?”

“Ela poderia, venerável senhor, uma vez ou outra ao final de um longo período.”

“*Bhikkhus*, a tartaruga cega demoraria menos tempo para colocar o pescoço naquela bóia com um único furo do que um tolo, uma vez na perdição, demoraria para recuperar o estado humano, eu digo. Por que isso? Porque ali não há a prática do Dhamma, não há a prática do que é virtuoso, não se age de forma benéfica, não se realizam méritos. Prevalece o devorar mútuo e o massacre dos mais fracos.

25. “Se, uma vez ou outra, ao final de um longo período, aquele tolo retornar ao estado humano, será numa família inferior que ele irá renascer - uma família de *sudras*, de cesteiros de bambu, de caçadores, de consertadores de carruagens, ou de lixeiros – uma família pobre na qual há pouco para comer e beber e que sobrevive com dificuldades, na qual a comida e roupas são obtidas com dificuldades; e ele será feio, antiestético, deformado, doente crônico - peticego ou com as mãos deformadas, ou coxo, ou paralítico. Ele não será um daqueles que ganham comida, bebida, roupas e veículos; grinaldas, perfumes e unguentos; cama, moradia e lamparinas. Ele se dedica à conduta imprópria com o corpo, linguagem e mente. Tendo feito isso, com a dissolução do corpo, após a morte, ele renasce num estado de privação, num destino infeliz, na perdição, até mesmo no inferno.

26. “*Bhikkhus*, suponham que um jogador infeliz na sua primeira jogada perca o seu filho e esposa e todas as suas posses, e além disso seja ele mesmo escravizado, mas mesmo uma jogada infeliz como essa é insignificante; é uma jogada muito mais infeliz quando

um tolo se comporta de forma imprópria através do corpo, linguagem e mente, e tendo agido assim, na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce num estado de privação, num destino infeliz, na perdição, até mesmo no inferno. Essa é a completa perfeição do grau dos tolos.

### (O SÁBIO)

27. “*Bhikkhus*, existem esses três atributos de um sábio, sinais de um sábio, atributos de um sábio. Quais três? Aqui um sábio é aquele que pensa pensamentos benéficos, diz palavras benéficas e pratica ações benéficas. Se um sábio não fosse assim, como poderia o sábio reconhecê-lo desta forma: ‘Esta pessoa é uma pessoa sábia, uma pessoa verdadeira’? Pelo fato de um sábio ser aquele que pensa pensamentos benéficos, diz palavras benéficas e pratica ações benéficas, o sábio o reconhece desta forma: ‘Esta pessoa é uma pessoa sábia, uma pessoa verdadeira.’

28. “Um sábio sente prazer e alegria aqui e agora de três formas. Se um sábio estiver sentado numa assembléia, numa rua, ou numa praça, e as pessoas ali estiverem discutindo certos assuntos relevantes e pertinentes, então, se o sábio é alguém que se abstém de matar seres vivos, se abstém de tomar aquilo que não é dado, se abstém de se comportar de forma imprópria em relação aos prazeres sensuais, se abstém de dizer mentiras e se abstém de se entregar ao vinho, álcool e outros embriagantes, que causam a negligência, ele pensa: ‘Essas pessoas estão discutindo certos assuntos relevantes e pertinentes; essas coisas não são encontradas em mim, e eu não sou visto engajando-me nessas coisas.’ Esse é o primeiro tipo de prazer e alegria que um sábio sente aqui e agora.

29. “Novamente, quando o acusado de um roubo é preso, um sábio vê os reis aplicando nele diversos tipos de tortura ... (igual ao verso 4) ... Então o sábio pensa assim: ‘Devido a ações prejudiciais como essas, quando o acusado de um roubo é preso, os reis aplicam nele diversos tipos de tortura: eles o açoitam com chicotes ... e o decapitam com uma espada. Essas coisas não são encontradas em mim, e eu não sou visto engajando-me nessas coisas.’ Esse é o segundo tipo de prazer e alegria que um sábio sente aqui e agora.

30. “Novamente, quando um sábio está na sua cadeira, ou na sua cama, ou descansando no chão, então, as ações benéficas que ele cometeu no passado – as condutas apropriadas com o corpo, linguagem e mente – o cobrem, se estendem sobre ele e o envelopam. Tal como a sombra de uma grande montanha ao anoitecer cobre, se estende sobre a terra e a envelope. Então, o sábio pensa: ‘Eu não fiz aquilo que é prejudicial, eu não fiz aquilo que é cruel, eu não fiz aquilo que é mau. Eu fiz aquilo que é bom, eu fiz aquilo que é benéfico, eu fiz de mim mesmo um abrigo contra a aflição. Quando falecer, eu irei para o destino daqueles que não fizeram aquilo que é prejudicial ... que fizeram de si mesmo um abrigo contra a aflição.’ Ele não se entristece, não fica angustiado e lamenta, ele não chora batendo no peito e não fica perturbado. Esse é o terceiro tipo de prazer e alegria que um sábio sente aqui e agora.

31. “Um sábio que se entregou à conduta apropriada através do corpo, linguagem e mente, na dissolução do corpo, após a morte, renasce num destino feliz, até mesmo no paraíso.

#### (PARAÍSO)

32. “Se fôssemos falar corretamente de alguma coisa que é: ‘absolutamente desejada, absolutamente querida, absolutamente agradável,’ é do paraíso que, falando corretamente, isso deveria ser dito, tanto assim que é difícil encontrar um símile para a felicidade no paraíso.”

Quando isso foi dito, um *bhikkhu* perguntou ao Abençoado: ‘Mas, venerável senhor, pode um símile ser dado?’

33. “Pode, *bhikkhu*,” o Abençoado disse. “*Bhikkhus*, suponham que um Monarca que Gira a Roda possuísse os sete tesouros e os quatro tipos de poder e devido a isso ele experimentasse prazer e alegria.

34. “Quais são os sete tesouros? Aqui, quando um rei nobre ungido lavou a cabeça no *Upasatha* do décimo quinto dia e ascendeu até a câmara no topo do palácio para o *Upasatha*, a Roda Preciosa surge para ele, com mil raios, com a roda, o cubo, completa em todos os aspectos. Ao vê-la o rei nobre ungido pensa: ‘Eu ouvi que quando um rei nobre ungido tiver lavado a cabeça no *Upasatha* do décimo quinto dia e tiver ascendido até a câmara no topo do palácio para o *Upasatha*, e ali aparecer a roda preciosa com mil raios, com a roda, o cubo, completa em todos os aspectos, então ele se tornará um Monarca que gira a roda. Eu sou então um Monarca que gira a roda?’

35. “Então, levantando-se do seu assento e depois de arrumar o manto externo sobre o ombro, o rei nobre ungido toma um vaso com água com a mão esquerda, borrija a roda preciosa com a mão direita e diz: ‘Gire para adiante, boa roda preciosa; triunfe, boa roda preciosa!’ Então a roda gira para adiante na direção leste e o Monarca que gira a roda a segue com o seu exército. Agora em qualquer região que a roda pare, ali o Monarca que gira a roda estabelece residência com o seu exército. E aqueles que antes a ele se opunham na região leste vêm até o Monarca que gira a roda e dizem: ‘Venha, grande rei; bem vindo, grande rei; comande, grande rei; aconselhe, grande rei.’ O Monarca que gira a roda assim diz: ‘Vocês não devem matar seres vivos; vocês não devem tomar aquilo que não for dado; vocês não devem agir de forma imprópria em relação aos prazeres sensuais; vocês não devem dizer mentiras; vocês não devem beber bebidas embriagantes; sejam moderados na alimentação.’ E aqueles que antes a ele se opunham na região leste se tornam seus súditos.

“Então, a roda mergulha no oceano do leste e emerge outra vez. E nisso, ela gira para adiante, na direção sul ... E aqueles que se opunham na região sul se submetem ao Monarca que gira a roda. Então, a roda mergulha no oceano do sul e emerge outra vez. E nisso, ela gira para adiante, na direção oeste ... E aqueles que se opunham na região oeste se submetem ao Monarca que gira a roda. Então, a roda mergulha no oceano do oeste e

emerge outra vez. E nisso, ela gira para adiante na direção norte ... E aqueles que se opunham na região norte se submetem ao Monarca que gira a roda.

“Agora, quando a roda preciosa triunfa sobre a terra de oceano a oceano, ela retorna para a capital real e permanece como que presa pelo eixo ao portão do principal palácio do Monarca que gira a roda, como um adorno no portão do palácio principal. Assim é como a roda preciosa aparece para um Monarca que gira a roda.

36. “Então, o elefante precioso aparece para o Monarca que gira a roda, todo branco, com postura sétupla, com poderes supra-humanos, voando através do espaço, o rei dos elefantes chamado ‘*Uposatha*.’ Ao vê-lo, a mente do Monarca que gira a roda tem confiança nele assim: ‘Seria maravilhoso montar no elefante, se ele se submetesse ao treinamento!’ Então o elefante precioso se submete ao treinamento como um fino elefante puro-sangue bem domesticado há muito tempo. E assim sucede que o Monarca que gira a roda, ao testar o elefante precioso, monta nele pela manhã e depois de atravessar toda a terra até a margem do oceano, retorna à capital real para a refeição matinal. Assim é como o elefante precioso aparece para um Monarca que gira a roda.

37. “Então, o cavalo precioso aparece para o Monarca que gira a roda, todo branco, com a cabeça negra e lustrosa e a crina como a erva munja, com poderes supra-humanos, voando através do espaço, o rei dos cavalos chamado ‘*Valahaka*’, [‘Nuvem de Tormenta’]. Ao vê-lo, a mente do Monarca que gira a roda tem confiança nele assim: ‘Seria maravilhoso montar no cavalo, se ele se submetesse ao treinamento!’ Então o cavalo precioso se submete ao treinamento tal como um fino cavalo puro-sangue bem domesticado há muito tempo. E assim sucede que o Monarca que gira a roda, ao testar o cavalo precioso, monta nele pela manhã e depois de atravessar toda a terra até a margem do oceano, retorna à capital real para a refeição matinal. Assim é como o cavalo real aparece para um Monarca que gira a roda.

38. “Então, a jóia preciosa aparece para o Monarca que gira a roda. A jóia é um fino berilo da mais pura água, com oito facetas, bem lapidada. Agora, a luminosidade da jóia preciosa se espalha ao redor por uma légua. E assim acontece que quando o Monarca que gira a roda está testando a jóia preciosa, ele coloca em formação o seu exército e instalando a jóia no topo do seu estandarte, ele sai nas trevas e escuridão da noite. Então, todos os [habitantes dos] vilarejos próximos começam o seu trabalho por meio da luz, pensando que é dia. Assim é como a jóia preciosa aparece para um Monarca que gira a roda.

39. “Então, a mulher preciosa aparece para o Monarca que gira a roda, bela, atraente e graciosa, possuindo a complexão da suprema beleza, nem muito alta nem muito baixa, nem muito magra nem muito robusta, nem muito escura nem muito clara, superando a beleza humana, sem alcançar a beleza divina. O toque da mulher preciosa é tal que se iguala a um tufo de paina ou um tufo de algodão. Quando está frio os membros dela estão quentes; quando está quente os membros dela estão frios. Do seu corpo emana o perfume do sândalo e da sua boca o perfume do lótus. Ela se levanta antes do Monarca que gira a roda e se deita depois dele. Ela é ávida por servir, com conduta agradável e com a

linguagem doce. Como ela nunca é infiel ao Monarca que gira a roda, sequer em pensamento, como poderia ela sê-lo com o corpo? Assim é como a mulher preciosa aparece para um Monarca que gira a roda.

40. “Então, o tesoureiro precioso aparece para o Monarca que gira a roda. O olho divino nascido do *kamma* passado se manifesta nele e através deste ele vê depósitos ocultos de tesouros, com e sem proprietários. Ele se aproxima do Monarca que gira a roda e diz: ‘Senhor, fique tranqüilo. Eu tomarei conta dos seus assuntos financeiros.’ E assim acontece quando o Monarca que gira a roda está testando o tesoureiro precioso, ele embarca num navio e saindo pelo rio Ganges, no meio da correnteza ele diz para o tesoureiro precioso: ‘Eu preciso de ouro e lingotes, tesoureiro.’ – ‘Então, senhor, deixe que o barco seja dirigido para uma das margens.’ – ‘Tesoureiro, na verdade é aqui que preciso de ouro e lingotes.’ Então o tesoureiro precioso mergulha ambas as mãos na água e ergue um pote cheio de ouro e lingotes e diz para o Monarca que gira a roda: ‘Isso é o suficiente, senhor? O oferecido é suficiente, o ofertado é suficiente?’ – ‘Isso é suficiente, tesoureiro, o suficiente foi feito, o suficiente foi ofertado.’ Assim é como o tesoureiro precioso aparece para um Monarca que gira a roda.

41. “Então, o conselheiro precioso aparece para o Monarca que gira a roda, sábio, esperto e sagaz, capaz de fazer com que o Monarca que gira a roda promova aquilo que é digno de ser promovido, de descartar aquilo que deve ser descartado, e de estabelecer aquilo que deve ser estabelecido. Ele se aproxima do Monarca que gira a roda e diz: ‘Senhor, fique tranqüilo. Eu o aconselharei.’ Assim é como o conselheiro precioso aparece para um Monarca que gira a roda.

“Esses são os sete tesouros que um Monarca que gira a roda possui.

42. “Quais são os quatro tipos de poder? Primeiro um Monarca que gira a roda é belo, atraente e elegante, possuindo a complexão da beleza suprema, e ele supera todos os outros homens nesse aspecto. Esse é o primeiro tipo de poder que um Monarca que gira a roda possui.

43. “Segundo, um Monarca que gira a roda vive por muito tempo superando todos os outros homens nesse aspecto. Esse é o segundo tipo de poder que um Monarca que gira a roda possui.

44. “Terceiro, um Monarca que gira a roda está livre das enfermidades e aflições, possuindo boa digestão que não é nem muito fria, nem muito quente, ele supera todos os outros homens nesse aspecto. Esse é o terceiro tipo de poder que um Monarca que gira a roda possui.

45. “Quarto, um Monarca que gira a roda é querido e estimado pelos brâmanes e chefes de família. Tal como um pai é querido e estimado pelos seus filhos, assim também um Monarca que gira a roda é querido e estimado pelos brâmanes e chefes de família. Brâmanes e chefes de família também são queridos e estimados pelo Monarca que gira a roda. Tal como os filhos são queridos e estimados pelo seu pai, assim também brâmanes

e chefes de família são queridos e estimados pelo Monarca que gira a roda. Certa vez um Monarca que gira a roda estava num parque das delícias com o seu exército completo. Então os brâmanes e chefes de família foram até ele e disseram o seguinte: ‘Senhor, conduza devagar para que possamos vê-lo por mais tempo.’ E assim ele disse para o seu cocheiro: ‘Cocheiro, conduza mais devagar para que eu possa ver os brâmanes e chefes de família por mais tempo.’ Esse é o quarto tipo de poder que um Monarca que gira a roda possui.

“Esses são os quatro tipos de poder que um Monarca que gira a roda possui.”

46. “O que vocês pensam, *bhikkhus*? Um Monarca que gira a roda experimenta prazer e alegria por possuir esses sete tesouros e esses quatro tipos de poder?”

“Venerável senhor, um Monarca que gira a roda experimentaria prazer e alegria por possuir apenas um tesouro, o que dizer de sete tesouros e quatro tipos de poder.”

47. Então, tomando uma pequena pedra do tamanho da sua mão, o Abençoado disse aos *bhikkhus* o seguinte: “O que vocês pensam *bhikkhus*? O que é maior, esta pequena pedra que tomei, do tamanho da minha mão, ou o Himalaia, o rei das montanhas?”

“Venerável senhor, a pequena pedra que o Abençoado tomou, do tamanho da sua mão, não se compara com o Himalaia, o rei das montanhas; ela não é nem mesmo uma fração, não há comparação.”

“Da mesma forma, *bhikkhus*, o prazer e alegria, que um Monarca que gira a roda experimenta por possuir os sete tesouros e os quatro tipos de poder, não se compara com a felicidade do paraíso; eles não são nem uma fração, não há comparação.”

48. “Se, uma vez ou outra, ao final de um longo período, aquele sábio retornar ao estado humano, é numa família superior que ele irá renascer - uma família *khattiya* afluente, uma família brâmane afluente, ou uma família de um chefe de família afluente – uma família que é rica, com grande riqueza e posses, com ouro e prata em abundância, com tesouros e mercadorias em abundância, com riqueza e grãos em abundância; e ele será belo, atraente, possuindo beleza e complexão supremas. Ele será um daqueles que ganham comida, bebida, roupas e veículos; grinaldas, perfumes e ungüentos; cama, moradia e lamparinas; ele se comportará de forma apropriada através do corpo, linguagem e mente, e tendo agido assim, na dissolução do corpo, após a morte, ele renascerá num destino feliz, até mesmo no paraíso.

49. “*Bhikkhus*, suponham que um jogador feliz na sua primeira jogada ganhe uma grande fortuna, mas mesmo uma jogada feliz como essa é insignificante; é uma jogada muito mais feliz quando um sábio se comporta de forma apropriada através do corpo, linguagem e mente, e tendo agido assim, na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce num destino feliz, até mesmo no paraíso. Essa é a completa perfeição do grau do sábio.



Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 130 *Devaduta Sutta*

### Os Mensageiros Divinos

Os cinco mensageiros divinos

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, suponham que houvesse duas casas com portas e um homem com boa visão parado entre elas visse as pessoas entrando nas casas e saindo, indo e vindo. Da mesma forma, por meio do olho divino, que é purificado e sobrepuja o humano, eu vi seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados. Eu compreendi como os seres prosseguem de acordo com as suas ações desta forma: ‘Esses seres – que eram dotados de boa conduta com o corpo, linguagem e mente, que não insultaram os nobres, com o entendimento correto e que realizaram ações sob a influência do entendimento correto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num bom destino, no paraíso. Ou esses seres – que eram dotados de boa conduta com o corpo, linguagem e mente, que não insultaram os nobres, com o entendimento correto e que realizaram ações sob a influência do entendimento correto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram entre os seres humanos. Mas esses seres – que eram dotados de má conduta com o corpo, linguagem e mente, que insultaram os nobres, com o entendimento incorreto e que realizaram ações sob a influência do entendimento incorreto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram no reino dos fantasmas. Ou esses seres – que eram dotados de má conduta ... com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram no mundo animal. Ou esses seres – que eram dotados de má conduta ... com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno.’

3. Agora os guardiões do inferno agarram esse ser pelos braços e o apresentam ao Rei Yama, dizendo: ‘Senhor, este homem maltratou a mãe dele, maltratou o pai dele, maltratou contemplativos, maltratou brâmanes; ele não demonstrou respeito pelos anciões do seu clã. Que o rei ordene o seu castigo.’

4. “Então o Rei Yama o pressiona, questiona e examina com relação ao primeiro mensageiro divino: ‘Bom homem, você não viu o primeiro mensageiro divino aparecer no mundo?’ <sup>lxiii</sup> Ele diz: ‘Eu não vi, venerável senhor.’ Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, você nunca viu no mundo um jovem tenro bebê deitado de costas, emporcalhado com o próprio excremento e urina?’ Ele diz: ‘Eu vi, venerável senhor.’

“Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, nunca lhe ocorreu, um homem inteligente e maduro, que: “Eu também estou sujeito ao nascimento, eu não estou livre do nascimento: sem dúvida, será melhor que eu faça o bem através do corpo, linguagem e mente”?’ Ele diz: ‘Eu fui incapaz, venerável senhor, eu fui negligente.’ Então o Rei Yama diz: ‘Bom

homem, devido à negligência você não fez o bem através do corpo, linguagem e mente. Com certeza, eles irão tratá-lo de acordo com a sua negligência. Mas essa sua ação prejudicial não foi cometida pela sua mãe, ou seu pai, ou seu irmão, ou sua irmã, ou pelos seus amigos e companheiros, ou pelos seus pares e parentes, ou pelos contemplativos e brâmanes, ou pelos *devas*: essa ação prejudicial foi cometida por você mesmo, e você mesmo experimentará o resultado dela.’

5. “Então, depois de pressioná-lo, questioná-lo e examiná-lo com relação ao primeiro mensageiro divino, o Rei Yama o pressiona, questiona e examina com relação ao segundo mensageiro divino: ‘Bom homem, você não viu o segundo mensageiro divino aparecer no mundo?’ Ele diz: ‘Eu não vi, venerável senhor.’ Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, você nunca viu no mundo um homem, ou uma mulher, com oitenta, noventa, ou cem anos, envelhecido, curvado como o suporte de um telhado, apoiando-se sobre uma bengala, cambaleante, frágil, a juventude perdida, os dentes quebrados, o cabelo grisalho, pouco cabelo, careca, enrugado, com os membros todos manchados?’ Ele diz: ‘Eu vi, venerável senhor.’

“Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, nunca lhe ocorreu, um homem inteligente e maduro, que: “Eu também estou sujeito ao envelhecimento, eu não estou livre do envelhecimento: sem dúvida, será melhor que eu faça o bem através do corpo, linguagem e mente”?’ Ele diz: ‘Eu fui incapaz, venerável senhor, eu fui negligente.’ Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, devido à negligência você não fez o bem através do corpo, linguagem e mente. Com certeza, eles irão tratá-lo de acordo com a sua negligência. Mas essa sua ação prejudicial não foi cometida pela sua mãe ... ou pelos *devas*: essa ação prejudicial foi cometida por você mesmo, e você mesmo experimentará o resultado dela.’

6. “Então, depois de pressioná-lo, questioná-lo e examiná-lo com relação ao segundo mensageiro divino, o Rei Yama o pressiona, questiona e examina com relação ao terceiro mensageiro divino: ‘Bom homem, você não viu o terceiro mensageiro divino aparecer no mundo?’ Ele diz: ‘Eu não vi, venerável senhor.’ Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, você nunca viu no mundo um homem, ou uma mulher, aflito, sofrendo e gravemente enfermo, deitado emporcalhado no seu próprio excremento e urina, erguido por uns e deitado por outros?’ Ele diz: ‘Eu vi, venerável senhor.’

“Então, o Rei Yama diz: ‘Bom homem, nunca lhe ocorreu, um homem inteligente e maduro, que: “Eu também estou sujeito à enfermidade, eu não estou livre da enfermidade: sem dúvida, será melhor que eu faça o bem através do corpo, linguagem e mente”?’ Ele diz: ‘Eu fui incapaz, venerável senhor, eu fui negligente.’ Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, devido à negligência você não fez o bem através do corpo, linguagem e mente. Com certeza, eles irão tratá-lo de acordo com a sua negligência. Mas essa sua ação prejudicial não foi cometida pela sua mãe ... ou pelos *devas*: essa ação prejudicial foi cometida por você mesmo, e você mesmo irá experimentar o resultado dela.’

7. “Então, depois de pressioná-lo, questioná-lo e examiná-lo com relação ao terceiro mensageiro divino, o Rei Yama o pressiona, questiona e examina com relação ao quarto

mensageiro divino: ‘Bom homem, você não viu o quarto mensageiro divino aparecer no mundo?’ Ele diz: ‘Eu não vi, venerável senhor.’ Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, você nunca viu no mundo, quando o acusado de um roubo é preso, os reis aplicam diversos tipos de tortura: açoitam com chicotes, golpeiam com vara, golpeiam com clavas; as mãos são cortadas, os pés são cortados, as mãos e os pés são cortados; as orelhas são cortadas, o nariz é cortado, as orelhas e o nariz são cortados; ele é sujeito ao ‘pote de mingau,’ ao ‘barbeado com a concha polida,’ à ‘boca de Rahu,’ à ‘grinalda ardente,’ à ‘mão ardente,’ às ‘lâminas de capim,’ à ‘túnica de casca de árvore,’ ao ‘antílope,’ aos ‘ganchos de carne,’ às ‘moedas,’ à ‘conserva em desinfetante’ ao ‘pino que gira,’ ao ‘colchão de palha enrolado’; ele é molhado com óleo fervente, atirado para ser devorado pelos cães, empalado vivo em estaca, decapitado com uma espada?’ Ele diz: ‘Eu vi, venerável senhor.’

“Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, nunca lhe ocorreu, um homem inteligente e maduro, que: “Aqueles que praticam ações ruins estão sujeitos a vários tipos de tortura aqui e agora; então o que acontecerá depois da morte? Sem dúvida, será melhor que eu faça o bem através do corpo, linguagem e mente”?’ Ele diz: ‘Eu fui incapaz, venerável senhor, eu fui negligente.’ Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, devido à negligência você não fez o bem através do corpo, linguagem e mente. Com certeza, eles irão tratá-lo de acordo com a sua negligência. Mas essa sua ação prejudicial não foi cometida pela sua mãe ... ou pelos *devas*: essa ação prejudicial foi cometida por você mesmo, e você mesmo experimentará o resultado dela.’

8. “Então depois de pressioná-lo, questioná-lo e examiná-lo com relação ao quarto mensageiro divino, o Rei Yama o pressiona, questiona e examina com relação ao quinto mensageiro divino: ‘Bom homem, você não viu o quinto mensageiro divino aparecer no mundo?’ Ele diz: ‘Eu não vi, venerável senhor.’ Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, você nunca viu no mundo um homem, ou uma mulher, morto faz um dia, dois dias, três dias, inchado, lívido, ressumando matéria?’ Ele diz: ‘Eu vi, venerável senhor.’

“Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, nunca lhe ocorreu, um homem inteligente e maduro, que: “Eu também estou sujeito à morte, eu não estou livre da morte: com certeza será melhor que eu faça o bem através do corpo, linguagem e mente”?’ Ele diz: ‘Eu fui incapaz, venerável senhor, eu fui negligente.’ Então o Rei Yama diz: ‘Bom homem, devido à negligência você não fez o bem através do corpo, linguagem e mente. Com certeza, eles irão tratá-lo de acordo com a sua negligência. Mas essa sua ação prejudicial não foi cometida pela sua mãe ... ou pelos *devas*: essa ação prejudicial foi cometida por você mesmo, e você mesmo experimentará o resultado dela.’

9. “Então depois de pressioná-lo, questioná-lo e examiná-lo com relação ao quinto mensageiro divino, o Rei Yama ficou em silêncio.

10. “Agora, os guardiões do inferno torturam-no com os cinco espetos. Eles atravessam a mão dele com um espeto incandescente, atravessam a outra mão com um espeto incandescente, atravessam um pé com um espeto incandescente, atravessam o outro pé com um espeto incandescente, atravessam a barriga com um espeto incandescente.

Assim, ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

11. “Em seguida, os guardiões do inferno arremessam-no ao solo e aparam-no com machados. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

12. “Em seguida, os guardiões do inferno colocam-no com os pés para cima e a cabeça para baixo e aparam-no com enxós. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

13. “Em seguida, os guardiões do inferno arreiam-no a uma carruagem e conduzem-no para cá e para lá pelo chão esbraseado, em chamas e ardente. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

14. “Em seguida, os guardiões do inferno fazem com que ele suba e desça um grande amontoado de carvão em brasa, em chamas e ardente. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado

15. “Em seguida, os guardiões do inferno o mergulham com os pés para cima e a cabeça para baixo num caldeirão com metal fervendo, queimando, em chamas e ardente. Ele é cozido num redemoinho de vapor. E enquanto ele é ali cozido num redemoinho de vapor, ele é movido ora para cima, ora para baixo e ora para o lado. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

16. “Em seguida os guardiões do inferno o arremessam no Grande Inferno. Agora, quanto ao Grande Inferno, bhikkhus:

Possui quatro cantos e está construído  
com quatro portas, uma de cada lado,  
cercado por paredes de ferro em todos os lados  
e cerrado com um teto de ferro.  
O piso também é feito de ferro  
e aquecido até que brilhe como o fogo.  
A extensão é um total de cem léguas  
que está envolta de forma completa.

17. “Agora, as chamas que surgem da parede do leste do Grande Inferno são lançadas contra a parede do oeste. As chamas que surgem da parede do oeste do Grande Inferno são lançadas contra a parede do leste. As chamas que surgem da parede do norte do Grande Inferno são lançadas contra a parede do sul. As chamas que surgem da parede do sul do Grande Inferno são lançadas contra a parede do norte. As chamas que surgem do

piso do Grande Inferno são lançadas contra o teto. E as chamas que surgem do teto do Grande Inferno são lançadas contra o piso. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

18. “Em algum momento, *bhikkhus*, depois de passado um longo período, há uma ocasião em que a porta do leste do Grande inferno é aberta. Ele corre para lá com rapidez. Ao correr a sua pele externa arde, a sua pele interna arde, a sua carne arde, os seus tendões ardem, os seus ossos se convertem em fumaça; e o mesmo ocorre ao levantar o pé. Quando por fim ele alcança a porta, esta é fechada. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

“Em algum momento, *bhikkhus*, depois de passado um longo período, há uma ocasião em que a porta do oeste do Grande inferno é aberta ... a porta do norte ... a porta do sul do Grande inferno é aberta. Ele corre para lá com rapidez ... Quando por fim ele alcança a porta, esta é fechada. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

19. “Em algum momento, *bhikkhus*, depois de passado um longo período, há uma ocasião em que a porta do leste do Grande inferno é aberta. Ele corre para lá com rapidez. Ao correr a sua pele externa arde, a sua pele interna arde, a sua carne arde, os seus tendões ardem, os seus ossos se convertem em fumaça; e o mesmo ocorre ao levantar o pé. Ele sai por aquela porta.

20. “Em seguida ao Grande Inferno encontra-se o imenso Inferno de Excrementos. Ele cai naquilo. Nesse Inferno de Excrementos, criaturas com os dentes como agulhas perfuram a sua pele externa e perfuram a sua pele interna, perfuram a sua carne e perfuram os seus tendões, perfuram os seus ossos e devoram a sua medula. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

21. “Em seguida ao Inferno de Excrementos encontra-se o imenso Inferno de Bragas Incandescentes. Ele cai naquilo. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

22. “Em seguida ao Inferno de Bragas encontra-se a imensa floresta de árvores Simbali, uma légua em altura, cobertas com espinhos com o tamanho equivalente a dezesseis dedos, queimando, ardendo, inflamando e brilhando. Eles fazem com que ele suba e desça nessas árvores. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

23. “Em seguida à floresta de árvores Simbali encontra-se a imensa floresta de árvores com folhas espada. Ele vai para lá. As folhas, agitadas pelo vento, cortam as suas mãos e cortam os seus pés e elas cortam as suas mãos e pés; elas cortam as suas orelhas e cortam o seu nariz e cortam as suas orelhas e nariz. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

24. “Em seguida à floresta de árvores com folhas espada encontra-se um grande rio com água cáustica. Ele cai naquilo. Lá ele é arrastado correnteza acima e ele é arrastado correnteza abaixo e ele é arrastado correnteza acima e abaixo. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

25. “Em seguida os guardiões do inferno o agarram com um gancho, e arremessam-no sobre o solo, perguntando: ‘Bom homem, o que você quer?’ Ele diz: ‘Eu tenho fome, veneráveis senhores.’ Então os guardiões do inferno abrem a boca dele com tenazes incandescentes, queimando, ardendo e brilhando, e arremessam na sua boca uma bola de metal incandescente, queimando, ardendo e brilhando. Ela queima os seus lábios, queima a sua boca, queima a sua garganta, queima o seu estomago e é expelida por baixo arrastando consigo o intestino delgado e o grosso. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado.

26. “Em seguida os guardiões do inferno perguntam: ‘Bom homem, o que você quer?’ Ele diz: ‘Eu tenho sede, veneráveis senhores.’ Então os guardiões do inferno abrem a boca dele com tenazes incandescentes, queimando, ardendo e brilhando, e despejam na sua boca cobre derretido incandescente, queimando, ardendo e brilhando. Este queima os seus lábios, queima a sua boca, queima a sua garganta, queima o seu estomago e é expelido por baixo arrastando consigo o intestino delgado e o grosso. Assim ele sente sensações dolorosas, torturantes e penetrantes. No entanto, ele não morre enquanto aquela ação prejudicial não tiver esgotado o seu resultado..

27. “Então, os guardiões do inferno o arremessam de novo no Grande Inferno.

28. “Já aconteceu do Rei Yama pensar: ‘Aqueles no mundo que praticam ações ruins e prejudiciais de fato sofrem esses vários tipos de tortura. Ah! Que eu possa alcançar o estado humano, que um *Tathagata*, um *arahant*, perfeitamente iluminado, possa aparecer no mundo, que eu possa servir ao Abençoado, que o Abençoado me ensine o Dhamma e que eu possa compreender o Dhamma do Abençoado!’

29. “*Bhikkhus*, eu lhes digo isso não como algo que ouvi de algum outro contemplativo ou brâmane. Eu digo isso como algo que na verdade eu compreendi, vi e descobri por mim mesmo.”

30. Isso foi o que o Abençoado disse. Quando o Sublime disse isso, o Mestre disse mais:

“Embora alertados pelos mensageiros divinos,  
muitos são negligentes,  
e as pessoas de fato sofrerão por muito tempo  
uma vez que tenham ido para o mundo inferior.

Mas quando através dos mensageiros divinos  
as boas pessoas aqui nesta vida são advertidas,  
elas não permanecem na ignorância  
mas praticam bem o nobre Dhamma.

O apego elas vêm com temor  
pois este produz o nascimento e a morte;  
e através do não apego elas são libertadas  
com a destruição do nascimento e morte.

Elas permanecem com a felicidade pois estão seguras  
e realizam *nibbana* aqui e agora.  
Elas superam todo o medo e a raiva;  
elas evadem todo o sofrimento.”

### *131 Bhaddekaratta Sutta*

Uma Única Noite Excelente

O Buda enfatiza o esforço no momento presente para desenvolver o insight

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, eu ensinarei para vocês o sumário e a análise ‘Daquele que teve uma única Noite Excelente.’ Ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer” – “Sim, venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

3. “Que ninguém reviva o passado  
ou no futuro coloque as suas esperanças;  
pois o passado foi deixado para trás  
e o futuro ainda não foi alcançado.  
Ao invés disso, que ele veja com insight  
cada estado surgido no presente;  
que ele compreenda isso e tenha certeza disso,  
invencível, inabalável.  
Hoje o esforço tem que ser feito;  
amanhã a Morte poderá vir, quem sabe?  
Não há barganha com a Mortalidade  
que a mantenha, com a sua horda, fora disso,  
mas aquele que permanece assim ardente,  
decidido, durante o dia, durante a noite -

é ele, disse o Sábio em Paz, [lxiv](#)  
que teve uma única noite excelente.

4. “Como, *bhikkhus*, uma pessoa revive o passado? Pensando, ‘Eu tinha tal forma material no passado,’ ela se delicia com isso. Pensando ‘Eu tinha tal sensação no passado,’ ... ‘Eu tinha tal percepção no passado,’ ... ‘Eu tinha tais formações volitivas no passado,’ ... ‘Eu tinha tal consciência no passado,’ ela se delicia com isso. Assim é como uma pessoa revive o passado.

5. “E como, *bhikkhus*, uma pessoa não revive o passado? Pensando, ‘Eu tinha tal forma material no passado,’ ela não se delicia com isso. Pensando ‘Eu tinha tal sensação no passado,’ ... ‘Eu tinha tal percepção no passado,’ ... ‘Eu tinha tais formações volitivas no passado,’ ... ‘Eu tinha tal consciência no passado,’ ela não se delicia com isso. Assim é como uma pessoa não revive o passado.

6. “E como, *bhikkhus*, uma pessoa coloca as suas esperanças no futuro? Pensando, ‘Que eu tenha tal forma material no futuro,’ ela se delicia com isso. Pensando, ‘Que eu tenha tal sensação no futuro,’ ... ‘Que eu tenha tal percepção no futuro,’ ... ‘Que eu tenha tais formações volitivas no futuro,’ ... ‘Que eu tenha tal consciência,’ ela se delicia com isso. Assim é como uma pessoa coloca as suas esperanças no futuro.

7. “E como, *bhikkhus*, uma pessoa não coloca as suas esperanças no futuro? Pensando, ‘Que eu tenha tal forma material no futuro,’ ela não se delicia com isso. Pensando, ‘Que eu tenha tal sensação no futuro,’ ... ‘Que eu tenha tal percepção no futuro,’ ... ‘Que eu tenha tais formações volitivas no futuro,’ ... ‘Que eu tenha tal consciência,’ ela não se delicia com isso. Assim é como uma pessoa não coloca as suas esperanças no futuro.

8. “E como, *bhikkhus*, uma pessoa é derrotada em relação aos estados que tenham surgido no presente? Aqui *bhikkhus*, uma pessoa comum sem instrução que não respeita os nobres, que não é proficiente nem treinada no Dhamma deles, considera a forma material ... a sensação ... a percepção ... as formações volitivas ... a consciência como o eu, ou o eu como possuído de consciência, ou a consciência como estando no eu, ou o eu como estando na consciência. Assim é como uma pessoa é derrotada em relação aos estados que tenham surgido no presente.

9. “E como, *bhikkhus*, uma pessoa é invencível em relação aos estados surgidos no presente? Aqui *bhikkhus* um nobre discípulo bem instruído que respeita os nobres, que é proficiente e treinado no Dhamma deles, não considera a forma material ... a sensação ... a percepção ... as formações volitivas ... a consciência como o eu, ou o eu como possuído de consciência, ou a consciência como estando no eu, ou o eu como estando na consciência. Assim é como uma pessoa é invencível em relação aos estados que tenham surgido no presente..

10. “Que ninguém reviva o passado  
ou no futuro coloque as suas esperanças;  
pois o passado foi deixado para trás



e o futuro ainda não foi alcançado.  
Ao invés disso, que ele veja com insight  
cada estado surgido no presente;  
que ele compreenda isso e tenha certeza disso,  
invencível, inabalável.  
Hoje o esforço tem que ser feito;  
amanhã a Morte poderá vir, quem sabe?  
Não há barganha com a Mortalidade  
que a mantenha, com a sua horda, fora disso,  
mas aquele que permanece assim ardente,  
decidido, durante o dia, durante a noite -  
é ele, disse o Sábio em Paz,  
que teve uma única noite excelente.

11. “Portanto, foi com referência a isso que foi dito: ‘*Bhikkhus*, eu ensinarei para vocês o sumário e a explicação “Daquele que teve uma única Noite Excelente.””

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 132 *Anandabhaddekaratta Sutta*

### Ananda e Uma Única Noite Excelente

Ananda enfatiza a necessidade de esforço no momento presente

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Agora naquela ocasião o venerável Ananda estava instruindo, motivando, estimulando e encorajando os *bhikkhus* com um discurso do Dhamma no salão de assembleias. Ele estava recitando o sumário e a análise ‘Daquele que teve uma única Noite Excelente.’

Então, ao anoitecer, o Abençoado levantou da meditação e foi até o salão de assembleias. Ele sentou num assento que havia sido preparado e perguntou aos *bhikkhus*: “*Bhikkhus*, quem estava instruindo, motivando, estimulando e encorajando os *bhikkhus* com um discurso do Dhamma no salão de assembleias? Quem estava recitando o sumário e a análise ‘Daquele que teve uma única Noite Excelente.’?”

“Era o venerável Ananda, venerável senhor.”

Então o Abençoado perguntou ao venerável Ananda: “Ananda, como você estava instruindo, motivando, estimulando e encorajando os *bhikkhus* com um discurso do Dhamma, e recitando o sumário e a análise ‘Daquele que teve uma única Noite Excelente.’?”

3-10. “Eu estava dizendo isto, venerável senhor:

‘Que ninguém reviva o passado...  
(Igual ao [MN 131.3-10](#))  
que teve uma única noite excelente.’

11. “Eu estava instruindo, motivando, estimulando e encorajando os *bhikkhus* com um discurso do Dhamma assim, e recitando o sumário e a análise ‘Daquele que teve uma única Noite Excelente’ assim.”

“Muito bem, Ananda! É bom que você tenha instruído, motivado, estimulado e encorajado os *bhikkhus* com um discurso do Dhamma assim, e recitado o sumário e a análise ‘Daquele que teve uma única Noite Excelente’ assim:

12-19. “Que ninguém reviva o passado...  
(Igual ao MN 131.3-10)  
que teve uma única noite excelente.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

### *133 Mahakaccanabhaddekaratta Sutta*

Maha Kaccana e Uma Única Noite Excelente

Maha Kaccana enfatiza a necessidade de esforço no momento presente

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Rajagaha no Parque das Termas Quentes. Então, quando estava próximo do amanhecer, o venerável Samiddhi foi até as termas quentes para se banhar. Depois do banho ele saiu da água e ficou em pé vestido com um manto, secando os membros. E assim, quando a noite estava bem avançada, um certo *deva* com belíssima aparência que iluminou toda a área das Termas Quentes, se aproximou do venerável Samiddhi. Ficando em pé a um lado, o *deva* disse:

2. “*Bhikkhu*, você se lembra do sumário e da análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente’?”

“Amigo, eu não me lembro do sumário e da análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ Mas, amigo, você se lembra do sumário e da análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente’?”

“*Bhikkhu*, eu também não me lembro do sumário e da análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ Mas, *bhikkhu*, você se lembra dos versos ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente’?”

“Amigo, eu não me lembro dos versos ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ Mas, amigo, você se lembra dos versos ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente’?”

“*Bhikkhu*, eu também não me lembro dos versos ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ Mas, *bhikkhu*, aprenda o sumário e a análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ *Bhikkhu*, obtenha proficiência no sumário e na análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ *Bhikkhu*, lembre-se do sumário e da análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ *Bhikkhu*, o sumário e a análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente’ traz benefício, faz parte dos fundamentos da vida santa.”

Isso foi o que o *deva* disse e em seguida desapareceu de vez.

3. Então, ao amanhecer, o venerável Samiddhi foi até o Abençoado. Depois de cumprimentá-lo, ele sentou a um lado e relatou ao Abençoado tudo que havia ocorrido, e disse: “Seria bom, venerável senhor, se o Abençoado me ensinasse o sumário e a análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’”

4. “Então, *bhikkhu*, ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.” – “Sim, venerável senhor,” o venerável Samiddhi respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

5. “Que ninguém reviva o passado  
ou no futuro coloque as suas esperanças;  
pois o passado foi deixado para trás  
e o futuro ainda não foi alcançado.  
Ao invés disso, que ele veja com insight  
cada estado surgido no presente;  
que ele compreenda isso e tenha certeza disso,  
invencível, inabalável.  
Hoje o esforço tem que ser feito;  
amanhã a Morte poderá vir, quem sabe?  
Não há barganha com a Mortalidade  
que a mantenha, com a sua horda, fora disso,  
mas aquele que permanece assim ardente,  
decidido, durante o dia, durante a noite -  
é ele, disse o Sábio em Paz,  
que teve uma única noite excelente.

6. Isso foi o que o Abençoado disse. Tendo dito isso, ele levantou do seu assento e foi para a sua moradia.

7. Então, pouco tempo depois do Abençoado ter partido, os *bhikkhus* consideraram: “Agora, amigos, o Abençoado se levantou do seu assento e foi para a sua moradia depois de expor um sumário sem analisar o seu significado em detalhe. Agora, quem irá analisar o significado em detalhe?” Então eles consideraram: “O venerável Maha Kaccana é elogiado pelo Mestre e estimado pelos seus sábios companheiros da vida santa. Ele é capaz de analisar o significado em detalhe. E se fôssemos até ele e pedíssemos a explicação do significado disso.”

8. Então os *bhikkhus* foram até o venerável Maha Kaccana e o cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, eles se sentaram num lado e contaram o que havia acontecido, adicionando: "Que o venerável Maha Kaccana nos explique isso."

9. [O venerável Maha Kaccana respondeu:] "Amigos, é como se um homem que precisa de madeira, procurasse madeira, perambulasse em busca de madeira, pensasse que a madeira deveria ser procurada entre os galhos e as folhas de uma grande árvore que possui madeira, depois de haver passado por cima da sua raiz e tronco. O mesmo ocorre com vocês, veneráveis senhores, que pensam que eu deva ser perguntado sobre o significado disso, depois de terem passado pelo Abençoado, estando cara a cara com o Mestre. Pois, conhecer, o Abençoado conhece; ver, ele vê; ele é visão, ele é conhecimento, ele é o Dhamma, ele é o sagrado; ele é o que diz, o que proclama, o que elucida o significado, o que provê o imortal, o senhor do Dhamma, o *Tathagata*. Aquele foi o momento quando vocês deveriam ter perguntado ao Abençoado o significado. Aquilo que ele dissesse vocês deveriam se lembrar."

10. "Certamente, amigo Kaccana, conhecer, o Abençoado conhece; ver, ele vê; ele é visão ... o *Tathagata*. Aquele foi o momento quando nós deveríamos ter perguntado ao Abençoado o significado. Aquilo que ele nos dissesse nós deveríamos nos lembrar. No entanto, o venerável Maha Kaccana é elogiado pelo Mestre e estimado pelos seus sábios companheiros da vida santa. O venerável Maha Kaccana é capaz de expor o significado, em detalhe, desse sumário dito pelo Abençoado. Que o venerável Maha Kaccana possa expor isso, sem que isso seja um problema."

11. "Então, amigos, ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer." – "Sim, amigo," os *bhikkhus* responderam. O venerável Maha Kaccana disse o seguinte:

12. "Amigos, quando o Abençoado se levantou do seu assento e foi para a sua moradia depois de expor um sumário sem analisar o seu significado em detalhe, isto é: :

‘Que ninguém reviva o passado ...  
que teve uma única noite excelente,’

eu entendo que o significado em detalhe é o seguinte:

13. "Como, amigos, uma pessoa revive o passado? Pensando, ‘Meu olho e as formas eram assim no passado,’ [lxv](#) a consciência dela fica atada pelo desejo e cobiça por aquilo. Devido à consciência dela estar atada pelo desejo e cobiça, a pessoa se delicia com aquilo. Quando ela se delicia com aquilo, ela revive o passado.

Pensando, ‘Meu ouvido e os sons eram assim no passado ... Meu nariz e os aromas ... Minha língua e os sabores ... Meu corpo e os tangíveis ... Minha mente e os objetos mentais eram assim no passado,’ a consciência dela fica atada pelo desejo e cobiça por aquilo. Devido à consciência dela estar atada pelo desejo e cobiça, a pessoa se delicia com aquilo. Quando ela se delicia com aquilo, ela revive o passado.

14. “Como uma pessoa não revive o passado? Pensando, ‘Meu olho e as formas eram assim no passado,’ a consciência dela não fica atada pelo desejo e cobiça por aquilo. Devido à consciência dela não estar atada pelo desejo e cobiça, a pessoa não se delicia com aquilo. Quando ela não se delicia com aquilo, ela não revive o passado.

Pensando, ‘Meu ouvido e os sons eram assim no passado ... Meu nariz e os aromas ... Minha língua e os sabores ... Meu corpo e os tangíveis ... Minha mente e os objetos mentais eram assim no passado,’ a consciência dela não fica atada pelo desejo e cobiça por aquilo. Devido à consciência dela não estar atada pelo desejo e cobiça, a pessoa não se delicia com aquilo. Quando ela não se delicia com aquilo, ela não revive o passado.

15. “E como, amigos, uma pessoa coloca as suas esperanças no futuro? Pensando, ‘Que meu olho e as formas sejam assim no futuro,’ ela empenha o seu coração em obter aquilo que ainda não foi alcançado. Como ela assim empenha o seu coração, ela se delicia com aquilo. Quando ela se delicia com aquilo, ela coloca as suas esperanças no futuro.

Pensando, ‘Que meu ouvido e os sons sejam assim no futuro ... Meu nariz e os aromas ... Minha língua e os sabores ... Meu corpo e os tangíveis ... Minha mente e os objetos mentais sejam assim no futuro,’ ela empenha o seu coração em obter aquilo que ainda não foi alcançado. Como ela assim empenha o seu coração, ela se delicia com aquilo. Quando ela se delicia com aquilo, ela coloca as suas esperanças no futuro.

16. “E como, amigos, uma pessoa não coloca as suas esperanças no futuro? Pensando, ‘Que meu olho e as formas sejam assim no futuro,’ ela não empenha o seu coração em obter aquilo que ainda não foi alcançado. Como ela assim não empenha o seu coração, ela não se delicia com aquilo. Quando ela não se delicia com aquilo, ela não coloca as suas esperanças no futuro.

Pensando, ‘Que meu ouvido e os sons sejam assim no futuro ... Meu nariz e os aromas ... Minha língua e os sabores ... Meu corpo e os tangíveis ... Minha mente e os objetos mentais sejam assim no futuro,’ ela não empenha o seu coração em obter aquilo que ainda não foi alcançado. Como ela assim não empenha o seu coração, ela não se delicia com aquilo. Quando ela não se delicia com aquilo, ela não coloca as suas esperanças no futuro.

17. “E como, *bhikkhus*, uma pessoa é derrotada em relação aos estados que tenham surgido no presente? Em relação ao olho e às formas que surgem no presente, a consciência dela fica atada pelo desejo e cobiça por aquilo que surge no presente. Devido à consciência dela estar atada pelo desejo e cobiça, a pessoa se delicia com aquilo. Quando ela se delicia com aquilo, ela é derrotada em relação aos estados que tenham surgido no presente.

Em relação ao ouvido e aos sons que surgem no presente ... ao nariz e aos aromas ... à língua e aos sabores ... ao corpo e aos tangíveis ... à mente e aos objetos mentais que surgem no presente, a consciência dela fica atada pelo desejo e cobiça por aquilo que surge no presente. Devido à consciência dela estar atada pelo desejo e cobiça, a pessoa se

delicia com aquilo. Quando ela se delicia com aquilo, ela é derrotada em relação aos estados que tenham surgido no presente.

18. “E como uma pessoa é invencível em relação aos estados surgidos no presente? Em relação ao olho e às formas que surgem no presente, a consciência dela não fica atada pelo desejo e cobiça por aquilo que surge no presente. Devido à consciência dela não estar atada pelo desejo e cobiça, a pessoa não se delicia com aquilo. Quando ela não se delicia com aquilo, ela é invencível em relação aos estados que tenham surgido no presente.

Em relação ao ouvido e aos sons que surgem no presente ... ao nariz e aos aromas ... à língua e aos sabores ... ao corpo e aos tangíveis ... à mente e aos objetos mentais que surgem no presente, a consciência dela não fica atada pelo desejo e cobiça por aquilo que surge no presente. Devido à consciência dela não estar atada pelo desejo e cobiça, a pessoa não se delicia com aquilo. Quando ela não se delicia com aquilo, ela é invencível em relação aos estados que tenham surgido no presente.

19. “Amigos, quando o Abençoado se levantou do seu assento e foi para a sua moradia depois de expor um sumário sem analisar o seu significado em detalhe, isto é:

‘Que ninguém reviva o passado ...  
que teve uma única noite excelente,’

é assim como eu entendo o significado em detalhe. Agora, amigos, se vocês quiserem, podem ir até o Abençoado perguntar-lhe qual o significado disso. Exatamente aquilo que o Abençoado explicar é o que vocês deverão se lembrar.”

20. Então os *bhikkhus*, tendo se alegrado e se deliciado com as palavras do venerável Maha Kaccana, levantaram dos seus assentos e foram até o Abençoado. Após homenageá-lo, eles sentaram a um lado e relataram ao Abençoado aquilo que havia ocorrido depois que ele havia partido, adicionando o seguinte: “Então, venerável senhor, fomos até o venerável Maha Kaccana e lhe perguntamos sobre o significado. O venerável Maha Kaccana nos explicou o significado com estes termos, afirmações e frases.”

21. “Maha Kaccana é sábio, *bhikkhus*, Maha Kaccana possui muita sabedoria. Se vocês me tivessem perguntado o significado, eu teria explicado da mesma forma que Maha Kaccana explicou. Esse é o significado e é assim como vocês deverão se lembrar.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

### *134 Lomasakangiyabhaddekaratta Sutta*

Lomasakangiya e Uma Única Noite Excelente

O Buda enfatiza a necessidade de esforço no momento presente

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Agora, naquela ocasião o venerável Lomasakangiya estava no país dos Sakyas em Kapilavatthu no Parque de Nigrodha.

2. E assim, quando a noite estava bem avançada, Candana, um jovem *deva* com belíssima aparência que iluminou toda a área do Parque de Nigrodha, se aproximou do venerável Lomasakangiya. Ficando em pé a um lado, Candana disse:

“*Bhikkhu*, você se lembra do sumário e da análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’?”

“Amigo, eu não me lembro do sumário e da análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ Mas, amigo, você se lembra do sumário e da análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’?”

“*Bhikkhu*, eu também não me lembro do sumário e da análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ Mas, *bhikkhu*, você se lembra dos versos ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’?”

“Amigo, eu não me lembro dos versos ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ Mas, amigo, você se lembra dos versos ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’?”

“*Bhikkhu*, eu me lembro dos versos ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’

“Mas, amigo, como você se lembra dos versos ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’?”

“*Bhikkhu*, certa vez o Abençoado estava entre os *devas* do paraíso dos Trinta e Três, na pedra de Mármore Vermelha, ao pé da árvore Paricchattaka. Lá, o Abençoado recitou o sumário e a análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente’ para os *devas* do paraíso do Trinta e Três:

3. ‘Que ninguém reviva o passado  
ou no futuro coloque as suas esperanças;  
pois o passado foi deixado para trás  
e o futuro ainda não foi alcançado.  
Ao invés disso, que ele veja com insight  
cada estado surgido no presente;  
que ele compreenda isso e tenha certeza disso,  
invencível, inabalável.  
Hoje o esforço tem que ser feito;  
amanhã a Morte poderá vir, quem sabe?  
Não há barganha com a Mortalidade  
que a mantenha, com a sua horda, fora disso,  
mas aquele que permanece assim ardente,

decidido, durante o dia, durante a noite -  
é ele, disse o Sábio em Paz,  
que teve uma única noite excelente.’

4. “*Bhikkhu*, eu me lembro dos versos ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ *Bhikkhu*, aprenda o sumário e a análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ *Bhikkhu*, obtenha proficiência no sumário e na análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ *Bhikkhu*, lembre-se do sumário e da análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’ *Bhikkhu*, o sumário e a análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente’ traz benefício, faz parte dos fundamentos da vida santa.”

Isso foi o que Candana disse e em seguida desapareceu de vez.

5. Então, ao amanhecer, o venerável Lomasakangiya arrumou o seu local de descanso e tomando a tigela e o manto externo foi caminhando em etapas até Savatthi. Ele por fim chegou em Savatthi e foi até o Abençoado no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Depois de cumprimentá-lo, ele sentou a um lado e relatou ao Abençoado tudo que havia ocorrido, e disse: “Seria bom, venerável senhor, se o Abençoado me ensinasse o sumário e a análise ‘Daquele que teve Uma Única Noite Excelente.’”

6. “*Bhikkhu*, você conhece aquele jovem *deva*?”

“Não, venerável senhor.”

“*Bhikkhu*, o nome daquele jovem *deva* é Candana. Ele tem consideração pelo Dhamma, dá atenção, ocupa toda a sua mente com isso, ouve com os ouvidos atentos. Portanto, *bhikkhu*, ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

“Sim, venerável senhor,” o venerável Lomasakangiya respondeu. O Abençoado disse o seguinte

7-14. “Que ninguém reviva o passado...  
(Repetir todo o [MN 131.3-10](#) até:)  
que teve uma única noite excelente.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Lomasakangiya ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

### *135 Culakammavibhanga Sutta* A Pequena Análise da Ação

*Kamma* é o responsável pela boa fortuna e pela desgraça dos seres

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.



2. Então o estudante brâmane Subha, o filho de Todeyya, foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado e perguntou ao Abençoado:

3. "Mestre Gotama, qual é a causa e condição pela qual os seres humanos são vistos como inferiores ou superiores? Pois, as pessoas podem ter vida curta ou vida longa, podem ser doentias ou saudáveis, feias ou bonitas, sem poder ou poderosas, pobres ou ricas, nascidas em classes inferiores ou superiores, tolas ou sábias."

4. "Estudante, os seres são os donos das suas ações, herdeiros das suas ações, nascem das suas ações, estão atados às suas ações, possuem as suas ações como refúgio. São as ações que distinguem os seres entre inferiores ou superiores."

"Eu não compreendo em detalhe o significado da afirmação do Mestre Gotama, aquilo que foi dito de forma resumida sem explicar o significado em detalhe. Seria bom se o Mestre Gotama me ensinasse o Dhamma de forma que eu pudesse entender em detalhe o significado da afirmação do Mestre Gotama."

"Então, estudante, ouça e preste muita atenção ao que vou dizer."

"Sim, senhor," o estudante brâmane Subha respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

5. "Neste caso, estudante, um homem ou mulher tira a vida de outros seres, um homicida, sanguinário, dedicado a golpes e violência, demonstrando nenhuma piedade com os seres vivos. Porque ele realiza e se empenha em tal ação, com a dissolução do corpo, após a morte, ele renasce num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Mas se na dissolução do corpo, após a morte, ele não renasce num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno, e ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, terá vida curta. Esse é o modo, estudante, que conduz à vida curta, isto é, a pessoa tira a vida de outros seres, um homicida, sanguinário, dedicado a golpes e violência, demonstrando nenhuma piedade com os seres vivos.

6. "Mas neste caso, estudante, um homem ou mulher abandonando tirar a vida de outros seres, se abstém de tirar a vida de outros seres; ele permanece com a sua vara e arma postas de lado, bondoso e gentil, compassivo com todos os seres vivos. Porque ele realiza e se empenha em tal ação, com a dissolução do corpo, após a morte, ele renasce num destino feliz, até mesmo no paraíso. Mas se na dissolução do corpo, após a morte, ele não renasce num destino feliz, no paraíso, e ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, terá vida longa. Esse é o modo, estudante, que conduz à vida longa, isto é, a pessoa deixa de matar seres vivos, se abstém de matar seres vivos; com a vara e a arma postas de lado, gentil e afável, ela permanece compassiva com todos os seres vivos.

7. "Neste caso, estudante, um homem ou mulher é dado a ferir os seres com a mão, com pedras, com um pau, ou com uma faca. Porque ele realiza e se empenha em tal ação, com

a dissolução do corpo, após a morte, ele renasce num estado de privação, num destino infeliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, será doentio. Esse é o modo, estudante, que conduz à falta de saúde, isto é, a pessoa é dada a ferir seres com a mão, com pedras, com um pau, ou com uma faca.

8. "Mas neste caso, estudante, um homem ou mulher, não é dado a ferir seres com a mão, com pedras, com um pau, ou com uma faca. Porque ele realiza e se empenha em tal ação, com a dissolução do corpo, após a morte, ele renasce num destino feliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, será saudável. Esse é o modo, estudante, que conduz à saúde, isto é, a pessoa não é dada a ferir seres com a mão, com pedras, com um pau, ou com uma faca.

9. "Neste caso, estudante, um homem ou mulher possui um caráter raivoso e irritadiço; mesmo quando criticado apenas um pouco, ele se ofende, se torna enraivecido, hostil e ressentido e demonstra raiva, ódio e amargor. Porque ele realiza e se empenha em tal ação ... ele renasce num estado de privação, num destino infeliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, será feio. Esse é o modo, estudante, que conduz à feiúra, isto é, a pessoa possui um caráter raivoso e irritadiço ... e demonstra raiva, ódio e amargor.

10. "Mas neste caso, estudante, um homem ou mulher não possui um caráter raivoso e irritadiço; mesmo quando muito criticado, ele não se ofende, não se torna enraivecido, hostil e ressentido e não demonstra raiva, ódio e amargor. Porque ele realiza e se empenha em tal ação ... ele renasce num destino feliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, será belo. Esse é o modo, estudante, que conduz à beleza, isto é, a pessoa não possui um caráter raivoso e irritadiço... e não demonstra raiva, ódio e amargor.

11. "Neste caso, estudante, um homem ou mulher é invejoso, alguém que tem inveja, ressentimento, fica enciumado com o ganho, honraria, respeito, reverências, saudações e veneração recebidos pelos outros. Porque ele realiza e se empenha em tal ação ... ele renasce num estado de privação, num destino infeliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, não terá poder. Esse é o modo, estudante, que conduz a não ter poder, isto é, a pessoa é invejosa ... fica enciumada com o ganho, honraria, respeito, reverências, saudações e veneração recebidos pelos outros.

12. "Mas neste caso, estudante, um homem ou mulher não é invejoso, alguém que não tem inveja, ressentimento, não fica enciumado com o ganho, honraria, respeito, reverências, saudações e veneração recebidos pelos outros. Porque ele realiza e se empenha em tal ação ... ele renasce num destino feliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, terá poder. Esse é o modo, estudante, que conduz ao poder, isto é, a pessoa não é invejosa ... não fica enciumada com o ganho, honraria, respeito, reverências, saudações e veneração recebidos pelos outros.

13. "Neste caso, estudante, um homem ou mulher não dá alimentos, bebidas, roupas, carruagens, ornamentos, perfumes, ungüentos, camas, moradias e lamparinas para os contemplativos e brâmanes. Porque ele realiza e se empenha em tal ação ... ele renasce num estado de privação, num destino infeliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, será pobre. Esse é o caminho, estudante, que conduz à pobreza, isto é, a pessoa não dá alimentos ... e lamparinas para os contemplativos e brâmanes.

14. "Mas neste caso, estudante, um homem ou mulher dá alimentos ... e lamparinas para os contemplativos e brâmanes. Porque ele realiza e se empenha em tal ação ... ele renasce num destino feliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, será rico. Esse é o modo, estudante, que conduz à riqueza, isto é, a pessoa dá alimentos ... e lamparinas para os contemplativos e brâmanes.

15. "Neste caso, estudante, um homem ou mulher é obstinado e arrogante; ele não demonstra respeito com quem merece respeito, ele não se levanta para aqueles em cuja presença ele deve se levantar, não oferece o assento a quem merece um assento, não oferece passagem a quem se deve dar passagem e não honra, respeita, reverencia e venera alguém que deva ser honrado, respeitado, reverenciado e venerado. Porque ele realiza e se empenha em tal ação ... ele renasce num estado de privação, num destino infeliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, nascerá numa classe inferior. Esse é o modo, estudante, que conduz à classe inferior, isto é, a pessoa é obstinada e arrogante ... e não honra, respeita, reverencia e venera alguém que deva ser honrado, respeitado, reverenciado e venerado.

16. "Mas neste caso, estudante, um homem ou mulher não é obstinado e arrogante; ele demonstra respeito com quem merece respeito, ele se levanta para aqueles em cuja presença ele deve se levantar, oferece o assento a quem merece um assento, oferece passagem a quem se deve dar passagem e honra, respeita, reverencia e venera alguém que deva ser honrado, respeitado, reverenciado e venerado. Porque ele realiza e se empenha em tal ação ... ele renasce num destino feliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, nascerá numa classe superior. Esse é o modo, estudante, que conduz à classe superior, isto é, a pessoa não é obstinada e arrogante ... e honra, respeita, reverencia e venera alguém que deva ser honrado, respeitado, reverenciado e venerado

17. "Neste caso, estudante, um homem ou mulher ao visitar um contemplativo ou brâmane, não pergunta: 'Venerável senhor, o que é benéfico? O que é prejudicial? O que é passível de crítica? O que não é passível de crítica? O que deve ser cultivado? O que não deve ser cultivado? Que tipo de ação causará o meu próprio dano e sofrimento por muito tempo? Que tipo de ação causará o meu bem-estar e felicidade por muito tempo?' Porque ele realiza e se empenha em tal ação ... ele renasce num estado de privação, num destino infeliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, será tolo. Esse é o modo, estudante, que conduz à tolice, isto é, a pessoa não visita um contemplativo ou brâmane e não faz aquelas perguntas.

18. "Mas neste caso, estudante, um homem ou mulher ao visitar um contemplativo ou brâmane, pergunta: 'Venerável senhor, o que é benéfico? ... Que tipo de ação causará o meu bem-estar e felicidade por muito tempo?' Porque ele realiza e se empenha em tal ação ... ele renasce num destino feliz ... Mas se ao invés disso ele retornar ao estado humano, então onde quer que ele nasça, será sábio. Esse é o modo, estudante, que conduz à sabedoria, isto é, a pessoa visita um contemplativo ou brâmane e faz aquelas perguntas.

19. "Portanto, estudante, o modo que conduz à vida curta faz com que as pessoas tenham vida curta, o modo que conduz à vida longa faz com que as pessoas tenham vida longa; o modo que conduz à falta de saúde faz com que as pessoas sejam doentias, o modo que conduz à saúde faz com que as pessoas sejam saudáveis; o modo que conduz à feiúra faz com que as pessoas sejam feias, o modo que conduz à beleza faz com que as pessoas sejam belas; o modo que conduz à falta de poder faz com que as pessoas não tenham poder, o modo que conduz ao poder faz com que as pessoas tenham poder; o modo que conduz à pobreza faz com que as pessoas sejam pobres, o modo que conduz à riqueza faz com que as pessoas sejam ricas; o modo que conduz ao nascimento numa classe inferior faz com que as pessoas nasçam numa classe inferior, o modo que conduz ao nascimento numa classe superior faz com que as pessoas nasçam numa classe superior; o modo que conduz à tolice faz com que as pessoas sejam tolas, o modo que conduz à sabedoria faz com que as pessoas sejam sábias.

20. "Os seres são os donos das suas ações, estudante, herdeiros das suas ações, nascem das suas ações, estão atados às suas ações, possuem as suas ações como refúgio. É a ação que distingue os seres entre inferiores ou superiores."

21. Quando isso foi dito, o estudante brâmane Subha, filho de Todeyya, disse para o Abençoado: "Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama me aceite como um discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida."

## *136 Mahakammavibhanga Sutta*

### *A Grande Análise da Ação*

As sutis complexidades na atuação de *kamma*

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos.

2. Agora, naquela ocasião o venerável Samiddhi estava vivendo em uma cabana na floresta. Então o errante Potaliputta, enquanto perambulava e caminhava fazendo exercício, foi até o venerável Samiddhi e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa

amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado e disse para o venerável Samiddhi:

“Amigo Samiddhi, eu ouvi e aprendi o seguinte da própria boca do contemplativo Gotama: ‘A ação corporal é inútil, a ação verbal é inútil, somente a ação mental é real’. E: ‘Existe aquela realização que quando alcançada a pessoa não sente absolutamente nenhuma sensação.’” [lxvi](#)

“Não fale assim, amigo Potaliputta, não diga isso. Não deturpe o Abençoado; não é bom deturpar o Abençoado. O Abençoado não falaria dessa forma.”

“Quanto tempo faz desde que você adotou a vida santa, amigo Samiddhi?”

“Não faz muito tempo, amigo: três anos”.

“Então, o que diremos aos *bhikkhus* sêniores quando um *bhikkhu* júnior imagina que o Mestre deva ser defendido dessa forma? Amigo Samiddhi, tendo cometido uma ação intencional com o corpo, linguagem ou mente, o que a pessoa sente?”

“Tendo cometido uma ação intencional com o corpo, linguagem ou mente, a pessoa sofre, amigo Potaliputta”.

Então, nem aprovando ou desaprovando o que havia sido dito pelo venerável Samiddhi, o errante Potaliputta levantou do seu assento e partiu.

3. Pouco depois que o errante Potaliputta havia partido, o venerável Samiddhi foi até o venerável Ananda e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado e relatou toda a conversa com o errante Potaliputta. Depois que ele falou, o venerável Ananda lhe disse: “Amigo Samiddhi, esta conversa deve ser relatada para o Abençoado. Venha, vamos até o Abençoado e vamos contar-lhe isso. Uma vez explicado pelo Abençoado, nós o recordaremos.” “Sim, amigo”, o venerável Samiddhi respondeu.

4. Então o venerável Ananda e o venerável Samiddhi foram juntos até o Abençoado e após cumprimentá-lo, eles sentaram a um lado e o venerável Ananda relatou toda a conversa entre o venerável Samiddhi e o errante Potaliputta.

5. Quando ele havia terminado, o Abençoado disse ao venerável Ananda: “Ananda, eu sequer me recordo de alguma vez ter visto o errante Potaliputta, portanto, como poderia ter ocorrido essa conversa? A pergunta feita pelo errante Potaliputta deveria ter sido analisada antes de ser respondida, essa pessoa tola não respondeu a pergunta de forma completa.

6. Quando isso foi dito, o venerável Udayin disse para o Abençoado: “Venerável senhor, talvez o venerável Samiddhi tenha falado dessa forma referindo-se ao (princípio): ‘Tudo que é sentido é sofrimento’.” [lxvii](#)

Então o Abençoado dirigiu-se ao venerável Ananda: “Você vê Ananda, como esse tolo Udayin interfere. Eu sabia, Ananda, que esse tolo Udayin iria interferir indevidamente exatamente agora. Desde o princípio o errante Potaliputta havia perguntado acerca dos três tipos de sensações. Esse tolo Samiddhi teria respondido corretamente ao errante Potaliputta se, quando perguntado como foi, ele tivesse explicado que: ‘Amigo Potaliputta, tendo cometido uma ação intencional com o corpo, linguagem ou mente (cujo resultado é) para ser sentido como prazer, a pessoa sente prazer. Tendo cometido uma ação intencional com o corpo, linguagem ou mente (cujo resultado é) para ser sentido como dor, a pessoa sente dor. Tendo cometido uma ação intencional com o corpo, linguagem ou mente (cujo resultado é) para ser sentido como nem prazer, nem dor, a pessoa sente nem prazer, nem dor.’ Mas quem são esses tolos e desatentos errantes de outras seitas, para entender o grande discurso sobre a ação do *Tathagata*? Você deveria ouvir, Ananda, o *Tathagata* expor o grande discurso sobre a ação.”

7. “Este é o momento, Abençoado, este é o momento, Iluminado, para que o Abençoado exponha o grande discurso sobre a ação. Tendo ouvido do Abençoado, os *bhikkhus* o recordarão.”

"Então ouça, Ananda, e preste muita atenção ao que vou dizer.”

“Sim, venerável senhor,” o venerável Ananda respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

8. “Ananda, existem quatro tipos de pessoas que podem ser encontradas no mundo. Quais quatro? Aqui uma pessoa mata seres vivos, toma aquilo que não é dado, tem conduta imprópria em relação aos prazeres sensuais, diz mentiras, fala com malícia, fala de forma grosseira, fala de forma frívola; é cobiçosa, possui a mente cheia de má vontade e tem entendimento incorreto. Na dissolução do corpo após a morte, ela renasce num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno.

“Mas, aqui uma pessoa mata seres vivos ... e tem entendimento incorreto. Na dissolução do corpo após a morte, ela renasce em um destino feliz, até mesmo no paraíso.

“Aqui uma pessoa se abstém de matar seres vivos, de tomar aquilo que não é dado, da conduta imprópria em relação aos prazeres sensuais, de dizer mentiras, de falar com malícia, de falar de forma grosseira, de falar de forma frívola; ela não é cobiçosa, ela não possui a mente cheia de má vontade e tem entendimento correto. Na dissolução do corpo após a morte, ela renasce em um destino feliz, até mesmo no paraíso.

“Mas, aqui uma pessoa se abstém de matar seres vivos ... e tem entendimento correto. Na dissolução do corpo após a morte, ela renasce num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno.

9. “Aqui, Ananda, através do ardor, esforço, devoção, diligência e atenção correta, um contemplativo ou brâmane alcança uma tal concentração da mente que, quando a sua mente está concentrada, com o olho divino que é purificado e ultrapassa o humano, ele vê

aquela pessoa que matava seres vivos ... e que tinha entendimento incorreto, e ele vê que na dissolução do corpo, após a morte, ela renasceu num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Ele diz o seguinte: ‘De fato existem ações prejudiciais, existe o resultado da conduta prejudicial; pois eu vi uma pessoa que aqui matou seres vivos ... e que tinha entendimento incorreto, e eu vejo que na dissolução do corpo, após a morte, ela renasceu em um estado de privação ... até mesmo no inferno. Ele diz o seguinte: ‘Na dissolução do corpo, após a morte, todos aqueles que matam seres vivos ... e que têm entendimento incorreto renascem em um estado de privação ... até mesmo no inferno. Aqueles que assim o entendem, entendem corretamente; aqueles que pensam de outra forma estão enganados.’ Dessa forma, com obstinação, ele se atém ao que ele, por si mesmo, entendeu, viu e descobriu, insistindo que: ‘Somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

10. “Mas aqui, Ananda, através do ardor, esforço ... um contemplativo ou brâmane alcança uma tal concentração da mente que, quando a sua mente está concentrada, com o olho divino que é purificado e ultrapassa o humano, ele vê aquela pessoa que matava seres vivos ... e que tinha entendimento incorreto, e ele vê que na dissolução do corpo, após a morte, ela renasceu em um destino feliz, até mesmo no paraíso. Ele diz o seguinte: ‘De fato não existem ações prejudiciais, não existe o resultado da conduta prejudicial; pois eu vi uma pessoa que aqui matou seres vivos ... e que tinha entendimento incorreto, e eu vejo que na dissolução do corpo, após a morte, ela renasceu em um destino feliz, até mesmo no paraíso.’ Ele diz o seguinte: ‘Na dissolução do corpo, após a morte, todos aqueles que matam seres vivos ... e que têm entendimento incorreto renascem em um destino feliz, até mesmo no paraíso. Aqueles que assim o entendem, entendem corretamente; aqueles que pensam de outra forma estão enganados.’ Dessa forma, com obstinação, ele se atém ao que ele, por si mesmo, entendeu, viu e descobriu, insistindo que: ‘Somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

11. “Aqui, Ananda, através do ardor, esforço ... um contemplativo ou brâmane alcança uma tal concentração da mente que, quando a sua mente está concentrada, com o olho divino que é purificado e ultrapassa o humano, ele vê aquela pessoa que se absteve de matar seres vivos ... e que tinha entendimento correto, e ele vê que na dissolução do corpo, após a morte, ela renasceu em um destino feliz, até mesmo no paraíso. Ele diz o seguinte: ‘De fato existem boas ações, existe o resultado da boa conduta; pois eu vi uma pessoa que aqui se absteve de matar seres vivos ... e que tinha entendimento correto, e eu vejo que na dissolução do corpo, após a morte, ela renasceu em um destino feliz, até mesmo no paraíso.’ Ele diz o seguinte: ‘Na dissolução do corpo, após a morte, todos aqueles que se abstêm de matar seres vivos ... e que têm entendimento correto renascem em um destino feliz, até mesmo no paraíso. Aqueles que assim o entendem, entendem corretamente; aqueles que pensam de outra forma estão enganados.’ Dessa forma, com obstinação, ele se atém ao que ele, por si mesmo, entendeu, viu e descobriu, insistindo que: ‘Somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

12. “Aqui, Ananda, através do ardor, esforço ... um contemplativo ou brâmane alcança uma tal concentração da mente que, quando a sua mente está concentrada, com o olho divino que é purificado e ultrapassa o humano, ele vê aquela pessoa que se absteve de

matar seres vivos ... e que tinha entendimento correto, e ele vê que na dissolução do corpo, após a morte, ela renasce num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Ele diz o seguinte: ‘De fato não existem boas ações, não existe o resultado da boa conduta; pois eu vi uma pessoa que aqui se absteve de matar seres vivos ... e que tinha entendimento correto, e eu vejo que na dissolução do corpo, após a morte, ela renasceu num estado de privação ... até mesmo no inferno.’ Ele diz o seguinte: ‘Na dissolução do corpo, após a morte, todos aqueles que se abstêm de matar seres vivos ... e que têm entendimento correto renascem em um estado de privação ... até mesmo no inferno. Aqueles que assim o entendem, entendem corretamente; aqueles que pensam de outra forma estão enganados.’ Dessa forma, com obstinação, ele se atém ao que ele, por si mesmo, entendeu, viu e descobriu, insistindo que: ‘Somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso.’

13. “Então, Ananda, quando um contemplativo ou brâmane diz: ‘De fato existem ações prejudiciais, existe resultado da conduta prejudicial.’ Eu lhe concedo isso. Quando ele diz: ‘Eu vi uma pessoa que aqui matava seres vivos ... e que tinha entendimento incorreto, e eu vejo que na dissolução do corpo após a morte, ela renasceu num estado de privação ... até mesmo no inferno,’ eu também lhe concedo isso. Mas quando ele diz que: ‘Na dissolução do corpo, após a morte, todos que matam seres vivos ... e que têm entendimento incorreto renascem num estado de privação ... até mesmo no inferno,’ eu não lhe concedo isso. E quando ele diz: ‘Aqueles que assim o entendem, entendem corretamente; aqueles que pensam de outra forma estão enganados,’ eu também não lhe concedo isso. E quando ele com obstinação, se atém ao que ele, por si mesmo, entendeu, viu e descobriu, insistindo que: ‘Somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso,’ eu também não lhe concedo isso. Por que isso? Porque, Ananda, o conhecimento do *Tathagata* sobre a grande explicação da ação é diferente.

14. “Então, Ananda, quando um contemplativo ou brâmane diz: ‘De fato não existem ações prejudiciais, não existe resultado da conduta prejudicial.’ Eu não lhe concedo isso. Quando ele diz: ‘Eu vi uma pessoa que aqui matava seres vivos ... e que tinha entendimento incorreto, e eu vejo que na dissolução do corpo após a morte, ela renasceu em um destino feliz ... até mesmo no paraíso,’ eu lhe concedo isso. Mas quando ele diz que: ‘Na dissolução do corpo, após a morte, todos que matam seres vivos ... e que têm entendimento incorreto renascem em um destino feliz ... até mesmo no paraíso,’ eu não lhe concedo isso. E quando ele diz: ‘Aqueles que assim o entendem, entendem corretamente; aqueles que pensam de outra forma estão enganados,’ eu também não lhe concedo isso. E quando ele com obstinação, se atém ao que ele, por si mesmo, entendeu, viu e descobriu, insistindo que: ‘Somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso,’ eu também não lhe concedo isso. Por que isso? Porque, Ananda, o conhecimento do *Tathagata* sobre a grande explicação da ação é diferente.

15. “Então, Ananda, quando um contemplativo ou brâmane diz: ‘De fato existem boas ações, existe resultado da boa conduta.’ Eu lhe concedo isso. Quando ele diz: ‘Eu vi uma pessoa que aqui se absteve de matar seres vivos ... e que tinha entendimento correto, e eu vejo que na dissolução do corpo após a morte, ela renasceu em um destino feliz ... até mesmo no paraíso,’ eu também lhe concedo isso. Mas quando ele diz que: ‘Na dissolução



do corpo, após a morte, todos que se abstêm de matar seres vivos ... e que têm entendimento correto renascem em um destino feliz ... até mesmo no paraíso,' eu não lhe concedo isso. E quando ele diz: 'Aqueles que assim o entendem, entendem corretamente; aqueles que pensam de outra forma estão enganados,' eu também não lhe concedo isso. E quando ele com obstinação, se atém ao que ele por si mesmo entendeu, viu e descobriu, insistindo que: 'Somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso,' eu também não lhe concedo isso. Por que isso? Porque, Ananda, o conhecimento do *Tathagata* sobre a grande explicação da ação é diferente.

16. "Então, Ananda, quando um contemplativo ou brâmane diz: 'De fato não existem boas ações, não existe resultado da boa conduta.' Eu não lhe concedo isso. Quando ele diz: 'Eu vi uma pessoa que aqui se absteve de matar seres vivos ... e que tinha entendimento correto, e eu vejo que na dissolução do corpo após a morte, ela renasceu num estado de privação ... até mesmo no inferno,' eu lhe concedo isso. Mas quando ele diz que: 'Na dissolução do corpo, após a morte, todos que se abstêm de matar seres vivos ... e que têm entendimento correto renascem num estado de privação ... até mesmo no inferno,' eu não lhe concedo isso. E quando ele diz: 'Aqueles que assim o entendem, entendem corretamente; aqueles que pensam de outra forma estão enganados,' eu também não lhe concedo isso. E quando ele com obstinação, se atém ao que ele, por si mesmo entendeu, viu e descobriu, insistindo que: 'Somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso,' eu também não lhe concedo isso. Por que isso? Porque, Ananda, o conhecimento do *Tathagata* sobre a grande explicação da ação é diferente.

17. "Então, Ananda, [lxviii](#) quanto à pessoa que matava seres vivos ... e que tinha entendimento incorreto e que na dissolução do corpo, após a morte, renasceu num estado de privação ... até mesmo no inferno: ou antes ela cometeu uma ação prejudicial para ser sentida como dolorosa, ou depois ela cometeu uma ação prejudicial para ser sentida como dolorosa, ou no momento da morte ela adquiriu e assumiu o entendimento incorreto. Por causa disso, na dissolução do corpo, após a morte, ela renasceu num estado de privação ... até mesmo no inferno. E desde que ela, aqui, matou seres vivos ... e manteve o entendimento incorreto, ela irá experimentar o resultado disso ou no aqui e agora, ou no próximo renascimento, ou em alguma existência subsequente.

18. "Então, Ananda, quanto à pessoa que matava seres vivos ... e que tinha entendimento incorreto e que na dissolução do corpo, após a morte, renasceu em um destino feliz ... até mesmo no paraíso: ou antes ela cometeu uma ação boa para ser sentida como prazerosa, ou depois ela cometeu uma ação boa para ser sentida como prazerosa, ou no momento da morte ela adquiriu e assumiu o entendimento correto. Por causa disso, na dissolução do corpo, após a morte, ela renasceu em um destino feliz ... até mesmo no paraíso. Mas desde que ela, aqui, matou seres vivos ... e manteve o entendimento incorreto, ela irá experimentar o resultado disso ou no aqui e agora, ou no próximo renascimento, ou em alguma existência subsequente.

19. "Então, Ananda, quanto à pessoa que se absteve de matar seres vivos ... e que tinha entendimento correto e que na dissolução do corpo, após a morte, renasceu em um destino feliz ... até mesmo no paraíso: ou antes ela cometeu uma ação boa para ser sentida

como prazerosa, ou depois ela cometeu uma ação boa para ser sentida como prazerosa, ou no momento da morte ela adquiriu e assumiu o entendimento correto. Por causa disso, na dissolução do corpo, após a morte, ela renasceu em um destino feliz ... até mesmo no paraíso. E desde que ela, aqui, se absteve de matar seres vivos ... e manteve o entendimento correto, ela irá experimentar o resultado disso ou no aqui e agora, ou no próximo renascimento, ou em alguma existência subsequente.

20. “Então, Ananda, quanto à pessoa que se absteve de matar seres vivos ... e que tinha entendimento correto e que na dissolução do corpo, após a morte, renasceu num estado de privação ... até mesmo no inferno: ou antes ela cometeu uma ação prejudicial para ser sentida como dolorosa, ou depois ela cometeu uma ação prejudicial para ser sentida como dolorosa, ou no momento da morte ela adquiriu e assumiu o entendimento incorreto. Por causa disso, na dissolução do corpo, após a morte, ela renasceu num estado de privação ... até mesmo no inferno. E desde que ela, aqui, se absteve de matar seres vivos ... e manteve o entendimento correto, ela irá experimentar o resultado disso, ou no aqui e agora, ou no próximo renascimento, ou em alguma existência subsequente.

21. “Dessa forma, Ananda, existe a ação que é incapaz (de produzir bom resultado) e parece ser incapaz; existe a ação que é incapaz (de produzir bom resultado) e parece ser capaz; existe a ação que é capaz (de produzir bom resultado) e parece ser capaz; existe a ação que é capaz (de produzir bom resultado) e parece ser incapaz. [lxix](#)

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## *137 Salayatānavibhaṅga Sutta*

### A Análise das Seis Bases

As seis bases dos sentidos internas e externas, os seis tipos de contato e consciência, etc.

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, eu ensinarei para vocês a análise das seis bases. Ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer.” – “Sim, venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

3. “As seis bases internas devem ser compreendidas. As seis bases externas devem ser compreendidas. As seis classes de consciência devem ser compreendidas. As seis classes de contato devem ser compreendidas. Os dezoito tipos de examinação mental devem ser compreendidos. As trinta e seis posições dos seres devem ser compreendidas. Nesse sentido, ao depender disso, abandonem aquilo. Há três fundamentos da atenção plena que o Nobre cultiva, cultivando-os o Nobre é um mestre apto a ensinar um grupo. Dentre os mestres, ele é aquele chamado de mestre incomparável de pessoas preparadas para serem treinadas. Este é o sumário da análise das seis bases.

4. “‘As seis bases internas devem ser compreendidas.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Há a base do olho ... ouvido ... nariz ... língua ... corpo ... mente.’

5. “‘As seis bases externas devem ser compreendidas.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Há a base da forma ... som ... aroma ... sabor ... tangível ... objeto mental.’

6. “‘As seis classes de consciência devem ser compreendidas.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Na dependência do olho e das formas, a consciência no olho surge; na dependência do ouvido e dos sons, a consciência no ouvido surge; na dependência do nariz e dos aromas, a consciência no nariz surge; na dependência da língua e dos sabores, a consciência na língua surge; na dependência do corpo e dos tangíveis, a consciência no corpo surge; na dependência da mente e dos objetos mentais, a consciência na mente surge.’

7. “‘As seis classes de contato devem ser compreendidas.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Há o contato no olho ... no ouvido ... no nariz ... na língua ... no corpo ... na mente.’

8. “‘Os dezoito tipos de examinação mental devem ser compreendidos.’ <sup>lxx</sup> Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Ao ver uma forma com o olho, ele examina uma forma produtora de alegria, ele examina uma forma produtora de tristeza, ele examina uma forma produtora de equanimidade. Ao ouvir um som com o ouvido ... Ao cheirar um aroma com o nariz ... Ao saborear um sabor com a língua ... Ao tocar um tangível com o corpo ... Ao conscientizar um objeto mental com a mente, ele examina um objeto mental produtor de alegria, ele examina um objeto mental produtor de tristeza, ele examina um objeto mental produtor de equanimidade. Portanto, há seis tipos de examinação com alegria, seis tipos de examinação com tristeza e seis tipos de examinação com equanimidade.’

9. “‘As trinta e seis posições dos seres devem ser compreendidas.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Há seis tipos de alegria baseados na vida em família e seis tipos de alegria baseados na renúncia. <sup>lxxi</sup> Há seis tipos de tristeza baseados na vida em família e seis tipos de tristeza baseados na renúncia. Há seis tipos de equanimidade baseados na vida em família e seis tipos de equanimidade baseados na renúncia.

10. “Em vista disso, quais são os seis tipos de alegria baseados na vida em família? Quando alguém considera como uma aquisição a aquisição de formas conscientizadas através do olho que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostadas e associadas com o mundano – ou quando alguém se recorda daquilo que foi adquirido no passado e que já passou, cessou e mudou – a alegria surge. Uma alegria como essa é chamada de alegria baseada na vida em família.

“Quando alguém considera como uma aquisição a aquisição de sons conscientizados através do ouvido ... a aquisição de aromas conscientizados através do nariz ... a aquisição de sabores conscientizados através da língua ... a aquisição de tangíveis

conscientizados através do corpo ... a aquisição de objetos mentais conscientizados através da mente que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados e associados com o mundano – ou quando alguém se recorda daquilo que foi adquirido no passado e que já passou, cessou e mudou – a alegria surge. Uma alegria como essa é chamada de alegria baseada na vida em família. Esses são os seis tipos de alegria baseados na vida em família.

11. “Em vista disso, quais são os seis tipos de alegria baseados na renúncia? Quando, compreendendo a impermanência, mudança, desaparecimento e cessação das formas, a pessoa vê como na verdade é, com correta sabedoria, que as formas do passado e de agora, são todas impermanentes, insatisfatórias e sujeitas à mudança, a alegria surge. Uma alegria como essa é chamada de alegria baseada na renúncia.

“Quando, compreendendo a impermanência, mudança, desaparecimento e cessação dos sons ... dos aromas ... dos sabores ... dos tangíveis ... dos objetos mentais, a pessoa vê como na verdade é, com correta sabedoria, que os objetos mentais do passado e de agora, são todos impermanentes, insatisfatórios e sujeitos à mudança, a alegria surge. Uma alegria como essa é chamada de alegria baseada na renúncia. Esses são os seis tipos de alegria baseados na renúncia.

12. “Em vista disso, quais são os seis tipos de tristeza baseados na vida em família? Quando alguém considera como uma não aquisição a não aquisição de formas conscientizadas através do olho que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostadas e associadas com o mundano – ou quando alguém se recorda daquilo que não foi adquirido no passado e que já passou, cessou e mudou – a tristeza surge. Uma tristeza como essa é chamada de tristeza baseada na vida em família.

“Quando alguém considera como uma não aquisição a não aquisição de sons conscientizados através do ouvido ... a não aquisição de aromas conscientizados através do nariz ... a não aquisição de sabores conscientizados através da língua ... a não aquisição de tangíveis conscientizados através do corpo ... a não aquisição de objetos mentais conscientizados através da mente que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados e associados com o mundano – ou quando alguém se recorda daquilo que não foi adquirido no passado e que já passou, cessou e mudou – a tristeza surge. Uma tristeza como essa é chamada de tristeza baseada na vida em família. Esses são os seis tipos de tristeza baseados na vida em família.

13. “Em vista disso, quais são os seis tipos de tristeza baseados na renúncia? Quando, compreendendo a impermanência, mudança, desaparecimento e cessação das formas, a pessoa vê como na verdade é, com correta sabedoria, que as formas do passado e de agora, são todas impermanentes, insatisfatórias e sujeitas à mudança, a pessoa gera a aspiração pela libertação suprema assim: ‘Quando irei penetrar e permanecer naquela base que os nobres agora penetram e permanecem?’ [lxxii](#) Naquele que assim gera a aspiração pela libertação suprema, a tristeza surge tendo essa aspiração como condição. Uma tristeza como essa é chamada de tristeza baseada na renúncia.

“Quando, compreendendo a impermanência, mudança, desaparecimento e cessação dos sons ... dos aromas ... dos sabores ... dos tangíveis ... dos objetos mentais, a pessoa vê como na verdade é, com correta sabedoria, que os objetos mentais do passado e de agora, são todos impermanentes, insatisfatórios e sujeitos à mudança, a pessoa gera a aspiração pela libertação suprema assim: ‘Quando irei penetrar e permanecer naquela base que os nobres agora penetram e permanecem?’ Naquele que assim gera a aspiração pela libertação suprema, a tristeza surge tendo essa aspiração como condição. Uma tristeza como essa é chamada de tristeza baseada na renúncia. Esses são os seis tipos de tristeza baseados na renúncia.

14. “Em vista disso, quais são os seis tipos de equanimidade baseados na vida em família? Ao ver uma forma com o olho, a equanimidade surge numa pessoa comum, tola e obcecada, numa pessoa comum sem instrução, que não conquistou as suas limitações ou que não conquistou o resultado [das ações] e que está cega ao perigo. Uma equanimidade como essa não transcende a forma; é por isso que ela é chamada de equanimidade baseada na vida em família.

“Ao ouvir um som com o ouvido ... Ao cheirar um aroma com o nariz ... Ao saborear um sabor com a língua ... Ao tocar um tangível com o corpo ... Ao conscientizar um objeto mental com a mente, a equanimidade surge numa pessoa comum, tola e obcecada, numa pessoa comum, sem instrução, que não conquistou as suas limitações ou que não conquistou o resultado [das ações] e que está cega ao perigo. Uma equanimidade como essa não transcende os objetos mentais; é por isso que ela é chamada de equanimidade baseada na vida em família. Esses são os seis tipos de equanimidade baseados na vida em família.

15. “Em vista disso, quais são os seis tipos de equanimidade baseados na renúncia? Quando, compreendendo a impermanência, mudança, desaparecimento e cessação das formas, a pessoa vê como na verdade é, com correta sabedoria, que as formas do passado e de agora, são todas impermanentes, insatisfatórias e sujeitas à mudança, a equanimidade surge. Uma equanimidade como essa transcende a forma; é por isso que ela é chamada de equanimidade baseada na renúncia.

“Quando, compreendendo a impermanência, mudança, desaparecimento e cessação dos sons ... dos aromas ... dos sabores ... dos tangíveis ... dos objetos mentais, a pessoa vê como na verdade é, com correta sabedoria, que os objetos mentais do passado e de agora, são todos impermanentes, insatisfatórios e sujeitos à mudança, a equanimidade surge. Uma equanimidade como essa transcende os objetos mentais; é por isso que ela é chamada de equanimidade baseada na renúncia. Esses são os seis tipos de equanimidade baseados na renúncia.

“Assim foi em referência a isso que foi dito: ‘As trinta e seis posições dos seres devem ser compreendidas.’

16. “‘Em vista disso, ao depender disso, abandonem aquilo.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Aqui, *bhikkhus*, ao depender e confiar nos seis tipos de

alegria baseados na renúncia, abandonem e superem os seis tipos de alegria baseados na vida em família. É assim que estes são abandonados; é assim que estes são superados. Ao depender e confiar nos seis tipos de tristeza baseados na renúncia, abandonem e superem os seis tipos de tristeza baseados na vida em família. É assim que estes são abandonados; é assim que estes são superados. Ao depender e confiar nos seis tipos de equanimidade baseados na renúncia, abandonem e superem os seis tipos de equanimidade baseados na vida em família. É assim que estes são abandonados; é assim que estes são superados.

“Ao depender e confiar nos seis tipos de alegria baseados na renúncia, abandonem e superem os seis tipos de tristeza baseados na renúncia. É assim que estes são abandonados; é assim que estes são superados. Ao depender e confiar nos seis tipos de equanimidade baseados na renúncia, abandonem e superem os seis tipos de alegria baseados na renúncia. É assim que estes são abandonados; é assim que estes são superados.

17. “Há, *bhikkhus*, a equanimidade que é diversificada, baseada na diversidade, e existe a equanimidade que é unificada, baseada na unidade.

18. “E o que *bhikkhus*, é a equanimidade que é diversificada, baseada na diversidade? Há equanimidade em relação a formas, sons, aromas, sabores e tangíveis. Essa, *bhikkhus* é a equanimidade que é diversificada, baseada na diversidade.

19. “E o que *bhikkhus*, é a equanimidade que é unificada, baseada na unidade? Há equanimidade em relação à base do espaço infinito, à base da consciência infinita, à base do nada, à base da nem percepção, nem não percepção. Essa, *bhikkhus* é a equanimidade que é unificada, baseada na unidade.

20. “Aqui, *bhikkhus*, ao depender e confiar na equanimidade que é unificada, baseada na unidade, abandonem e superem a equanimidade que é diversificada, baseada na diversidade. É assim que esta é abandonada; é assim que esta é superada.

“*Bhikkhus*, ao depender e confiar na não identificação, [lxxiii](#) abandonem e superem a equanimidade que é unificada, baseada na unidade. É assim que esta é abandonada; é assim que esta é superada.

“Assim foi em referência a isso que foi dito: ‘Em vista disso, ao depender disso, abandonem aquilo.’

21. “‘Há três fundamentos da atenção plena que o Nobre cultiva, cultivando-os o Nobre é um mestre apto a ensinar um grupo.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso?

22. “Aqui, *bhikkhus*, compassivo e buscando o bem-estar deles, o Mestre ensina o Dhamma aos discípulos por compaixão: ‘Isto é para o seu bem-estar; isto é para a sua felicidade.’ Os discípulos dele não querem escutar ou dar ouvidos, ou esforçar a mente para compreender; eles erram e se afastam da Revelação do Mestre. Devido a isso, o *Tathagata* não fica satisfeito e não sente satisfação; no entanto ele permanece imóvel,

com atenção plena e plena consciência. Este, *bhikkhus*, é denominado o primeiro fundamento da atenção plena que o Nobre cultiva e cultivando-a o Nobre é um mestre apto a ensinar um grupo.

23. “Além disso, *bhikkhus*, compassivo e buscando o bem-estar deles, o Mestre ensina o Dhamma aos discípulos por compaixão: ‘Isto é para o seu bem-estar; isto é para a sua felicidade.’ Alguns discípulos dele não querem escutar ou dar ouvidos, ou esforçar a mente para compreender; eles erram e se afastam da Revelação do Mestre. Alguns discípulos dele escutam e dão ouvidos e esforçam a mente para compreender; eles não erram e não se afastam da Revelação do Mestre. Devido a isso o *Tathagata* não fica satisfeito e não sente satisfação, e ele não fica insatisfeito e não sente insatisfação, permanecendo livre tanto da satisfação como da insatisfação, ele permanece equânime, com atenção plena e plena consciência. Este, *bhikkhus*, é denominado o segundo fundamento da atenção plena que o Nobre cultiva, cultivando-a o Nobre é um mestre apto a ensinar um grupo.

24. “Além disso, *bhikkhus*, compassivo e buscando o bem-estar deles, o Mestre ensina o Dhamma aos discípulos por compaixão: ‘Isto é para o seu bem-estar; isto é para a sua felicidade.’ Os discípulos dele escutam e dão ouvidos e esforçam a mente para compreender; eles não erram e não se afastam da Revelação do Mestre. Devido a isso o *Tathagata* fica satisfeito e sente satisfação; no entanto, ele permanece imóvel, com atenção plena e plena consciência. Este, *bhikkhus*, é denominado o terceiro fundamento da atenção plena que o Nobre cultiva, cultivando-a o Nobre é um mestre apto a ensinar um grupo.

25. “‘Dentre os mestres ele é aquele chamado de líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Guiado pelo domesticador de elefantes, *bhikkhus*, o elefante a ser domesticado vai numa direção – leste, oeste, norte ou sul. Guiado pelo domesticador de cavalos, *bhikkhus*, o cavalo a ser domesticado vai numa direção – leste, oeste, norte ou sul. Guiado pelo domesticador de bois, *bhikkhus*, o boi a ser domesticado vai numa direção – leste, oeste, norte ou sul.

26. “*Bhikkhus*, guiado pelo *Tathagata*, um *arahant*, perfeitamente iluminado, o discípulo a ser treinado vai em oito direções.

“Possuindo forma material, ele vê a forma: essa é a primeira direção. Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior: essa é a segunda direção. Ele está decidido apenas pelo belo: essa é a terceira direção. Com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, com a não atenção às percepções da diversidade, consciente que o ‘espaço é infinito,’ ele entra e permanece na base do espaço infinito: essa é a quarta direção. Com a completa superação da base do espaço infinito, consciente que a ‘consciência é infinita,’ ele entra e permanece na base da consciência infinita: essa é a quinta direção. Com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ ele entra e permanece na base do nada: essa é a sexta direção. Com a completa superação da base do nada, ele entra e

permanece na base da nem percepção, nem não percepção: essa é a sétima direção. Com a completa superação da base da nem percepção, nem não percepção, ele entra e permanece na cessação da sensação e percepção: essa é a oitava direção.

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 138 Uddesavibhanga Sutta

### A Análise de um Sumário

Maha Kaccana explica um sumário dito pelo Buda sobre o treinamento da mente

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, eu lhes ensinarei um sumário e uma análise. Ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer.” – “Sim, venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

3. “*Bhikkhus*, um *bhikkhu* deve examinar as coisas de uma tal forma que enquanto as examina, a sua consciência não fique distraída e dispersa externamente, nem estabelecida internamente, e por não se apegar a nada ele não fique agitado. Se a consciência dele não estiver distraída e dispersa externamente, nem estabelecida internamente, e por não se apegar a nada ele não se tornar agitado, então para ele não existirá a origem do sofrimento – o nascimento, o envelhecimento e morte no futuro.”

4. Isso foi o que o Abençoado disse. Tendo dito isso, ele levantou do seu assento e foi para a sua moradia.

5. Então, pouco tempo depois do Abençoado haver partido, os *bhikkhus* consideraram: “Agora, amigos, O Abençoado levantou do seu assento e foi para a sua moradia depois de expor um sumário sem analisar o seu significado em detalhe. Agora quem irá analisar o significado em detalhe?” Então eles consideraram: “O venerável Maha Kaccana é elogiado pelo Mestre e é estimado pelos seus sábios companheiros da vida santa. Ele será capaz de analisar o significado em detalhe. E se nós fossemos até ele e pedíssemos a explicação do significado disso.”

6. Então os *bhikkhus* foram até o venerável Maha Kaccana e o cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, eles sentaram a um lado e contaram o que havia acontecido, adicionando: “Que o venerável Maha Kaccana nos explique isso.”

7. [O venerável Maha Kaccana respondeu:] “Amigos, é como se um homem que precisa de madeira, procurasse madeira, perambulasse em busca de madeira, pensasse que a madeira deveria ser procurada entre os galhos e as folhas de uma grande árvore que possui madeira, depois de haver passado por cima da sua raiz e tronco. O mesmo ocorre



com vocês, veneráveis senhores, que pensam que eu deva ser perguntado sobre o significado disso, depois de terem passado pelo Abençoado, estando cara a cara com o Mestre. Pois, conhecer, o Abençoado conhece; ver, ele vê; ele é visão, ele é conhecimento, ele é o Dhamma, ele é o sagrado; ele é o que diz, o que proclama, o que elucida o significado, o que provê o imortal, o senhor do Dhamma, o *Tathagata*. Aquele foi o momento quando vocês deveriam ter perguntado ao Abençoado o significado. O que ele dissesse vocês deveriam se lembrar."

8. "Certamente, amigo Kaccana, conhecer, o Abençoado conhece; ver, ele vê; ele é visão ... o *Tathagata*. Aquele foi o momento quando nós deveríamos ter perguntado ao Abençoado o significado. O que ele nos dissesse nós deveríamos nos lembrar. No entanto o venerável Maha Kaccana é elogiado pelo Mestre e estimado pelos seus sábios companheiros da vida santa. O venerável Maha Kaccana é capaz de analisar o significado, em detalhe, desse sumário dito pelo Abençoado. Que o venerável Maha Kaccana possa expor isso, sem que isso seja um problema."

9. "Então ouçam, amigos, e prestem muita atenção ao que vou dizer." "Sim amigo," os *bhikkhus* responderam. O venerável Maha Kaccana disse o seguinte:

10. "Porque, amigos, a consciência é chamada de 'distraída e dispersa externamente'? Neste caso, quando um *bhikkhu* vê uma forma com o olho, se a sua consciência segue atrás do sinal da forma, está atada, presa, agrilhoadada e vinculada com o sinal da forma, então a sua consciência é chamada de 'distraída e dispersa externamente.'

"Quando ele ouve um som com o ouvido ... cheira um aroma com o nariz ... saboreia um sabor com a língua ... toca um tangível com o corpo ... percebe um objeto mental com a mente, se a sua consciência segue atrás do sinal do objeto mental, está atada, presa, agrilhoadada e vinculada com o sinal do objeto mental, então a sua consciência é chamada de 'distraída e dispersa externamente.'

11. "E como, amigos, a consciência é chamada 'não distraída e dispersa externamente'? Neste caso, quando um *bhikkhu* vê uma forma com o olho, se a sua consciência não segue atrás do sinal da forma, não está atada, presa, agrilhoadada e vinculada com o sinal da forma, então a sua consciência é chamada de 'não distraída e dispersa externamente.'

"Quando ele ouve um som com o ouvido ... cheira um aroma com o nariz ... saboreia um sabor com a língua ... toca um tangível com o corpo ... percebe um objeto mental com a mente, se a sua consciência não segue atrás do sinal do objeto mental, não está atada, presa, agrilhoadada e vinculada com o sinal do objeto mental, então a sua consciência é chamada de 'não distraída e dispersa externamente.'

12. "E porque, amigos, a mente é chamada 'estabelecida internamente'? [lxxiv](#) Neste caso, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Se a sua consciência segue atrás do êxtase e felicidade nascidos do afastamento, estiver atada, presa,

agrilhoada e vinculada com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento, então a sua mente será chamada de ‘estabelecida internamente.’

13. “Além disso, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Se a sua consciência segue atrás do êxtase e felicidade nascidos da concentração ... então a sua mente será chamada de ‘estabelecida internamente.’

14. “Além disso, abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: ‘Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.’ Se a sua consciência segue atrás da equanimidade ... então a sua mente será chamada de ‘estabelecida internamente.’

15. “Além disso, com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. Se a sua consciência segue atrás da nem felicidade, nem sofrimento, estiver atada, presa, agrilhoada e vinculada com a nem felicidade, nem sofrimento, então a sua mente será chamada de ‘estabelecida internamente.’ Assim é como a mente é chamada de ‘estabelecida internamente.’

16. “E porque, amigos, a mente é chamada de ‘não estabelecida internamente’? [lxxv](#) Neste caso, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado dos estados prejudiciais, entra e permanece no primeiro *jhana* ... Se a sua consciência não segue atrás do êxtase e prazer nascidos do afastamento ... então a sua mente será chamada de ‘não estabelecida internamente.’

17. “Além disso, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana* ... Se a sua consciência não segue atrás do êxtase e prazer nascidos da concentração ... então a sua mente será chamada de ‘não estabelecida internamente.’

18. “Além disso, abandonando o êxtase, um *bhikkhu* ... entra e permanece no terceiro *jhana* ... Se a sua consciência não segue atrás da equanimidade ... então a sua mente será chamada de ‘não estabelecida internamente.’

19. “Além disso, com o completo desaparecimento da felicidade ... um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana* ... Se a sua consciência não segue atrás da nem felicidade, nem sofrimento, não estiver atada, presa agrilhoada e vinculada com a nem felicidade, nem sofrimento, então a sua mente será chamada de ‘não estabelecida internamente.’ Assim é como a mente é chamada de ‘não estabelecida internamente.’

20. “Porque, amigos, existe agitação devido ao apego? Neste caso uma pessoa comum sem instrução que não respeita os nobres, que não é proficiente nem treinada no Dhamma

deles, considera a forma material como sendo o eu, ou o eu como possuído de forma material, ou a forma material como estando no eu, ou o eu como estando na forma material. Essa forma material muda e se altera. Com a forma material mudando e se alterando, a sua consciência se preocupa com essa mudança. Estados mentais agitados nascidos da preocupação com a mudança da forma material surgem ao mesmo tempo e permanecem obcecando a mente. Como a mente dele está obcecada, ele fica ansioso, angustiado e preocupado e devido ao apego ele se torna agitado.

“Ele considera a sensação como sendo o eu ... Ele considera a percepção como sendo o eu ... Ele considera as formações como sendo o eu ... Ele considera a consciência como sendo o eu, ou o eu como possuído de consciência, ou a consciência como estando no eu, ou o eu como estando na consciência. Essa consciência muda e se altera. Com a consciência mudando e se alterando, a sua consciência se preocupa com essa mudança. Estados mentais agitados nascidos da preocupação com a mudança da consciência surgem ao mesmo tempo e permanecem obcecando a mente. Como a mente dele está obcecada, ele fica ansioso, angustiado e preocupado e devido ao apego ele se torna agitado. Assim é como existe agitação devido ao apego.

21. “E porque, amigos, existe a não agitação devido ao não apego? Neste caso um nobre discípulo bem instruído, que respeita os nobres, que é proficiente e treinado no Dhamma deles, não considera a forma material como sendo o eu, ou o eu como possuído de forma material, ou a forma material como estando no eu, ou o eu como estando na forma material. Essa forma material muda e se altera. Com a forma material mudando e se alterando, a sua consciência não se preocupa com essa mudança. Estados mentais agitados nascidos da preocupação com a mudança da forma material não surgem ao mesmo tempo e não permanecem obcecando a mente. Como a mente dele não está obcecada, ele não fica ansioso, angustiado e preocupado e devido ao não apego ele não se torna agitado.

“Ele não considera a sensação como sendo o eu ... Ele não considera a percepção como sendo o eu ... Ele não considera as formações como sendo o eu ... Ele não considera a consciência como sendo o eu, ou o eu como possuído de consciência, ou a consciência como estando no eu, ou o eu como estando na consciência. Essa consciência muda e se altera. Com a consciência mudando e se alterando, a sua consciência não se preocupa com essa mudança. Estados mentais agitados nascidos da preocupação com a mudança da consciência não surgem ao mesmo tempo e não permanecem obcecando a mente. Como a mente dele não está obcecada, ele não fica ansioso, angustiado e preocupado e devido ao não apego ele não se torna agitado. Assim é como existe a não agitação devido ao não apego.

22. “Amigos, quando o Abençoado se levantou do seu assento e foi para a sua moradia depois de expor um sumário sem analisar o seu significado em detalhe, isto é: ‘*Bhikkhus*, um *bhikkhu* deve examinar as coisas de uma tal forma que enquanto as examina, a sua consciência não fique distraída e dispersa externamente nem estabelecida internamente, e por não se apegar a nada ele não fique agitado, dessa maneira não irá ocorrer nele a origem do sofrimento – o nascimento, envelhecimento e morte no futuro,’ é assim como

eu entendo o significado em detalhe. Agora, amigos, se vocês quiserem, podem ir até o Abençoado e perguntar qual o significado disso. Exatamente aquilo que o Abençoado explicar é o que vocês deverão se lembrar."

23. Então os *bhikkhus*, tendo se alegrado e se deliciado com as palavras do venerável Maha Kaccana, levantaram-se dos seus assentos e foram até o Abençoado. Após cumprimentá-lo, eles sentaram a um lado e relataram ao Abençoado aquilo que havia ocorrido depois que ele havia partido, adicionando o seguinte: "Então, venerável senhor, fomos até o venerável Maha Kaccana e lhe perguntamos sobre o significado. O venerável Maha Kaccana nos explicou o significado com estes termos, afirmações e frases."

24. "Maha Kaccana é sábio, *bhikkhus*, Maha Kaccana possui muita sabedoria. Se vocês me tivessem perguntado o significado, eu teria analisado da mesma forma que Maha Kaccana analisou. Esse é o significado e é assim como vocês deverão se lembrar."

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 139 Aranavibhanga Sutta

### A Análise do Não Conflito

As coisas que conduzem a conflitos e aquilo que evita os conflitos

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. "*Bhikkhus*, eu ensinarei para vocês a análise do não conflito. Ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer." – "Sim, venerável senhor," os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

3. A pessoa não deve buscar os prazeres sensuais que são baixos, vulgares, grosseiros, ignóbeis e que não trazem benefício; e não deve buscar a mortificação que é dolorosa, ignóbil e que não traz benefício. O Caminho do Meio descoberto pelo Tathagata evita ambos os extremos; proporcionando visão, proporcionando conhecimento, conduzindo à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*. A pessoa deve saber o que deve ser enaltecido e o que deve ser depreciado e sabendo isso, não deve enaltecer nem depreciar mas deve apenas ensinar o Dhamma. A pessoa deve saber como definir o prazer e sabendo isso, deve buscar o prazer dentro de si. A pessoa não deve falar com a linguagem dissimulada, e não deve falar com a linguagem não dissimulada, severa. A pessoa deve falar sem pressa, não com pressa. A pessoa não deve insistir no idioma local, e não deve anular o uso popular. Esse é o sumário da análise do não conflito.

4. "A pessoa não deve buscar os prazeres sensuais que são baixos, vulgares, grosseiros, ignóbeis e que não trazem benefício; e a pessoa não deve buscar a mortificação que é dolorosa, ignóbil e que não traz benefício." Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso?

“A busca do prazer, cuja satisfação está vinculada aos desejos sensuais - baixos, vulgares, grosseiros, ignóbeis e que não trazem benefício – é um estado atormentado pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e é o caminho errado. Desengajar-se da busca do prazer, cuja satisfação está vinculada aos desejos sensuais - baixos, vulgares, grosseiros, ignóbeis e que não trazem benefício – é um estado sem sofrimento, aflição, desespero e febre e é o caminho correto.

“A busca da mortificação - dolorosa, ignóbil e que não traz benefício - é um estado atormentado pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e é o caminho errado. Desengajar-se da busca da mortificação - dolorosa, ignóbil e que não traz benefício – é um estado sem sofrimento, aflição, desespero e febre e é o caminho correto.

5. “O Caminho do Meio descoberto pelo *Tathagata* evita ambos os extremos; proporcionando visão, proporcionando conhecimento, conduzindo à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? É exatamente este Nobre Caminho Óctuplo; isto é, entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta.

6. “A pessoa deve saber o que deve ser enaltecido e o que deve ser depreciado e sabendo ambos, não deve enaltecer nem depreciar mas deve apenas ensinar o Dhamma.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso?

7. “Como, *bhikkhus*, ocorre o enaltecimento, a depreciação e o fracasso em ensinar apenas o Dhamma? Quando a pessoa diz: ‘Todos aqueles que estão buscando o prazer, cuja satisfação está vinculada aos desejos sensuais – baixos ... que não trazem benefício - estão atormentados pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e entraram pelo caminho errado,’ a pessoa estará depreciando alguém. Quando a pessoa diz: ‘Todos aqueles que não estão buscando o prazer, cuja satisfação está vinculada aos desejos sensuais – baixos ... que não trazem benefício – não estão atormentados pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e entraram pelo caminho correto,’ a pessoa estará enaltecendo alguém.

“Quando a pessoa diz: ‘Todos aqueles que estão buscando a mortificação - dolorosa, ignóbil e que não traz benefício - estão atormentados pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e entraram pelo caminho errado,’ a pessoa estará depreciando alguém. Quando a pessoa diz: ‘Todos aqueles que não estão buscando a mortificação - dolorosa, ignóbil e que não traz benefício - não estão atormentados pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e entraram pelo caminho correto,’ a pessoa estará enaltecendo alguém.

“Quando a pessoa diz: ‘Todos aqueles que não abandonaram o grilhão de ser/existir estão atormentados pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e entraram pelo caminho errado,’ a pessoa estará depreciando alguém. Quando a pessoa diz: ‘Todos aqueles que abandonaram o grilhão de ser/existir - não estão atormentados pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e entraram pelo caminho correto,’ a pessoa estará enaltecendo alguém.

Assim é como ocorre o enaltecimento, a depreciação e o fracasso em ensinar apenas o Dhamma.

8. “E como, *bhikkhus*, não ocorre nem o enaltecimento, nem a depreciação mas apenas o ensino do Dhamma? Quando a pessoa não diz: ‘Todos aqueles que estão buscando o prazer, cuja satisfação está vinculada aos desejos sensuais ... entraram pelo caminho errado,’ mas ao invés disso diz: ‘A busca é um estado atormentado pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e é o caminho errado,’ então, ela só ensina o Dhamma. [lxxvi](#) Quando a pessoa não diz: ‘Todos aqueles que não estão buscando a mortificação ... entraram pelo caminho correto,’ mas ao invés disso diz: ‘Não buscar é um estado não atormentado pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e é o caminho certo,’ então ela só ensina o Dhamma.

“Quando a pessoa não diz: ‘Todos aqueles que não abandonaram o grilhão de ser/existir ... entraram pelo caminho errado,’ mas ao invés disso diz: ‘Enquanto o grilhão de ser/existir não for abandonado, o ser/existir também não será abandonado,’ então ela só ensina o Dhamma. Quando a pessoa não diz: ‘Todos aqueles que abandonaram o grilhão de ser/existir ... entraram pelo caminho correto,’ mas ao invés disso diz: ‘Quando o grilhão de ser/existir for abandonado, o ser/existir também será abandonado,’ então ela só ensina o Dhamma.

9. “‘A pessoa deve saber como definir o prazer e sabendo isso, deve buscar o prazer dentro de si.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso?

“*Bhikkhus*, existem esses cinco elementos do prazer sensual. Quais cinco? Formas percebidas pelo olho ... sons percebidos pelo ouvido ... aromas percebidos pelo nariz ... sabores percebidos pela língua ... tangíveis percebidos pelo corpo que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Esses são os cinco elementos do prazer sensual. Agora o prazer e a alegria que surgem na dependência desses cinco elementos do prazer sensual é chamado de prazer sensual – um prazer baixo, um prazer grosseiro, um prazer ignóbil. Eu digo desse tipo de prazer que ele não deve ser perseguido, ele não deve ser desenvolvido, ele não deve ser cultivado, ele deve ser temido.

“Aqui, *bhikkhus*, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana* ... no segundo *jhana* ... no terceiro *jhana* ... no quarto *jhana*. A isto se denomina a felicidade da renúncia, a felicidade do afastamento, a felicidade da paz, a felicidade da iluminação. Eu digo desse tipo de prazer que ele deve ser perseguido, ele deve ser desenvolvido, ele deve ser cultivado e ele não deve ser temido.

“Portanto, foi com referência a isso que foi dito: ‘A pessoa deve saber como definir o prazer e sabendo isso, deve buscar o prazer dentro de si.’

10. “‘A pessoa não deve falar com a linguagem dissimulada, e não deve falar com a linguagem não dissimulada, severa.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso?

“Aqui, *bhikkhus*, quando a pessoa sabe que a linguagem dissimulada não é a verdade, é incorreta e não traz benefício, ela não deve de forma nenhuma utilizá-la. Quando a pessoa sabe que a linguagem dissimulada é a verdade, é correta e não traz benefício, ela deve tentar não utilizá-la. Mas quando a pessoa sabe que a linguagem dissimulada é a verdade, é correta e traz benefício, ela poderá utilizá-la, sabendo o momento apropriado para fazê-lo.

“Aqui, *bhikkhus*, quando a pessoa sabe que a linguagem não dissimulada, severa, não é a verdade, é incorreta e não traz benefício, ela não deve de forma nenhuma utilizá-la. Quando a pessoa sabe que a linguagem não dissimulada, severa, é a verdade, é correta e não traz benefício, ela deve tentar não utilizá-la. Mas quando a pessoa sabe que a linguagem não dissimulada, severa, é a verdade, é correta e traz benefício, ela poderá utilizá-la, sabendo o momento apropriado para fazê-lo.

11. “‘A pessoa deve falar sem pressa, não com pressa.’ Assim foi dito. E com referência a o que foi dito isso?

“Aqui, *bhikkhus*, quando a pessoa fala com pressa, o corpo fica cansado e a mente fica excitada, a voz fica tensa, a garganta fica rouca e a linguagem de quem fala com pressa fica obscura e difícil de entender.

“Aqui, *bhikkhus*, quando a pessoa fala sem pressa, o corpo não fica cansado nem a mente fica excitada, a voz não fica tensa nem a garganta fica rouca e a linguagem de quem fala sem pressa é clara e fácil de entender.

12. “‘A pessoa não deve insistir no idioma local, e não deve anular o uso popular.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso?

“Como, *bhikkhus*, ocorre a insistência no idioma local e a anulação do uso popular? Nesse caso, *bhikkhus*, em diferentes localidades eles chamam a mesma coisa um ‘prato’ (*pati*), uma ‘tigela’ (*patta*), um ‘vasilhame’ (*vittha*), um ‘pires’ (*serava*), uma ‘panela’ (*dharopa*), um ‘pote’ (*pona*), uma ‘caneca’ (*hana*) ou uma ‘bacia’ (*pisila*). Assim, seja qual for a denominação em tal e tal localidade, a pessoa fala de forma correspondente, aderindo com firmeza àquela expressão e insistindo que: ‘Somente isso é correto; todo o restante é errado.’ Assim é como ocorre a insistência no idioma local e a anulação do uso popular. [lxvii](#)

“E como, *bhikkhus*, não ocorre a insistência no idioma local nem a anulação do uso popular? Nesse caso, *bhikkhus*, em diferentes localidades eles chamam a mesma coisa um ‘prato’ ... ‘bacia’. Assim seja qual for a denominação em tal e tal localidade, sem aderir àquela expressão a pessoa fala de forma correspondente, pensando: ‘Estes veneráveis, parece, estão falando com referência a isto.’ Assim é como não ocorre a insistência no idioma local nem a anulação do uso popular.

13. “Aqui, *bhikkhus*, a busca do prazer, cuja satisfação está vinculada aos desejos sensuais - baixos, vulgares, grosseiros, ignóbeis e que não trazem benefício – é um estado atormentado pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e é o caminho errado. Portanto, este é um estado com conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, desengajar-se da busca do prazer, cuja satisfação está vinculada aos desejos sensuais - baixos, vulgares, grosseiros, ignóbeis e que não trazem benefício – é um estado sem sofrimento, aflição, desespero e febre e é o caminho correto. Portanto, este é um estado sem conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, a busca da mortificação - dolorosa, ignóbil e que não traz benefício - é um estado atormentado pelo sofrimento, aflição, desespero e febre e é o caminho errado. Portanto, este é um estado com conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, desengajar-se da busca da mortificação - dolorosa, ignóbil e que não traz benefício – é um estado sem sofrimento, aflição, desespero e febre e é o caminho correto. Portanto, este é um estado sem conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, o Caminho do Meio descoberto pelo *Tathagata* evita ambos os extremos; proporcionando visão, proporcionando conhecimento, conduzindo à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*. É um estado sem sofrimento ... e é o caminho correto. Portanto, este é um estado sem conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, o enaltecimento, a depreciação e o fracasso em ensinar apenas o Dhamma é um estado atormentado pelo sofrimento ... e é o caminho errado. Portanto, este é um estado com conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, nem enaltecendo, nem depreciando, mas apenas ensinando o Dhamma é um estado sem sofrimento ... e é o caminho correto. Portanto, este é um estado sem conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, o prazer sensual – um prazer baixo, um prazer grosseiro, um prazer ignóbil - é um estado atormentado pelo sofrimento ... Portanto, este é um estado com conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, a felicidade da renúncia, a felicidade do afastamento, a felicidade da paz, a felicidade da iluminação, é um estado sem sofrimento ... Portanto, este é um estado sem conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, a linguagem dissimulada que não é a verdade, é incorreta e não traz benefício é um estado atormentado pelo sofrimento ... Portanto, este é um estado com conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, a linguagem dissimulada que é a verdade, é correta e não traz benefício, é um estado atormentado pelo sofrimento ... Portanto, este é um estado com conflito.



“Aqui, *bhikkhus*, a linguagem dissimulada que é a verdade, é correta e traz benefício, é um estado sem sofrimento ... Portanto, este é um estado sem conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, a linguagem não dissimulada, severa, que não é a verdade, é incorreta e não traz benefício, é um estado atormentado pelo sofrimento ... Portanto, este é um estado com conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, a linguagem não dissimulada, severa, que é a verdade, é correta e não traz benefício, é um estado atormentado pelo sofrimento ... Portanto, este é um estado com conflito.

“Aqui, *bhikkhus*, a linguagem não dissimulada, severa, que é a verdade, é correta e traz benefício, é um estado sem sofrimento ... Portanto, este é um estado sem conflito.

“Aqui *bhikkhus*, a linguagem de alguém que fala com pressa é um estado atormentado pelo sofrimento ... Portanto, este é um estado com conflito.

“Aqui *bhikkhus*, a linguagem de alguém que fala sem pressa é um estado sem sofrimento ... Portanto, este é um estado sem conflito.

“Aqui *bhikkhus*, a insistência no idioma local e a anulação do uso popular é um estado atormentado pelo sofrimento ... Portanto, este é um estado com conflito.

“Aqui *bhikkhus*, a não insistência no idioma local, nem a anulação do uso popular, é um estado sem sofrimento ... Portanto, este é um estado sem conflito.

14. “Portanto, *bhikkhus*, vocês devem treinar da seguinte forma: ‘Devemos conhecer o estado com conflito e devemos conhecer o estado sem conflito e conhecendo ambos, devemos tomar o caminho sem conflito.’ Agora, *bhikkhus*, Subhuti é um membro de um clã que tomou o caminho sem conflito.” [lxxviii](#)

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## *140 Dhatuvibhanga Sutta*

### A Análise dos Elementos

Um discurso sobre os elementos

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava perambulando pela região de Magadha e acabou chegando em Rajagaha. Lá ele se dirigiu até o oleiro Bhaggava e lhe disse:

2. "Se não for inconveniente para você, Bhaggava, eu ficarei por uma noite na sua oficina." "Não é nenhum inconveniente para mim, venerável senhor, porém há um errante

que já está residindo lá. Se ele concordar, então fique por quanto tempo quiser, venerável senhor."

3. Agora, o membro de um clã com o nome de Pukkusati havia deixado a vida em família e partido para viver a vida santa por sua fé no Abençoado, e naquela ocasião era ele quem já havia ocupado a oficina do oleiro. Então o Abençoado foi até Pukkusati e lhe disse:

"Se não lhe for inconveniente, *bhikkhu*, eu ficarei por uma noite na oficina".

"A oficina é espaçosa, amigo. Que o venerável fique pelo tempo que quiser."

4. Então o Abençoado entrou na oficina do oleiro, arrumou uma cobertura de capim a um lado, sentou-se cruzando as pernas, mantendo seu corpo ereto, colocando a atenção plena à sua frente. Então o Abençoado passou a maior parte da noite sentado (em meditação) e Pukkusati também passou a maior parte da noite sentado (em meditação). Então o Abençoado pensou: "Esse membro de um clã possui uma conduta que inspira confiança. E se eu o questionasse?" Assim ele perguntou:

5. "Por dedicação a quem, *bhikkhu*, você adotou a vida santa? Quem é o seu mestre? O Dhamma de quem você professa?"

"Existe, meu amigo, o contemplativo Gotama, um filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando um clã Sakya. Agora, acerca desse contemplativo Gotama existe essa boa reputação: 'Esse Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime.' Eu adotei a vida santa por dedicação a esse Abençoado. Esse Abençoado é o meu mestre. É o Dhamma desse Abençoado que eu professo."

"Mas, *bhikkhu*, onde está agora esse Abençoado – um *arahant*, perfeitamente iluminado?"

"Existe, meu amigo, uma cidade nas terras do norte cujo nome é Savatthi. Lá é onde o Abençoado – um *arahant*, perfeitamente iluminado – está agora."

"Mas, *bhikkhu*, você já viu esse Abençoado antes? Vendo-o, você o reconheceria?"

"Não, amigo, eu nunca vi o Abençoado antes, e não o reconheceria se o visse."

6. Então o pensamento ocorreu ao Abençoado: "É por dedicação a mim que este membro de um clã adotou a vida santa. E se eu lhe ensinasse o Dhamma?" Assim ele disse o seguinte:

"*Bhikkhu*, eu lhe ensinarei o Dhamma. Ouça e preste muita atenção ao que vou dizer."

"Sim, amigo," respondeu Pukkusati. O Abençoado disse o seguinte:

7. "Uma pessoa consiste de seis elementos, seis bases de contato e dezoito tipos de examinação mental e ela possui quatro fundamentos. As torrentes das concepções não arrastam aquele que se mantém sobre eles [fundamentos] e quando as torrentes das concepções não o arrastam ele é chamado um sábio em paz. A pessoa não deve negligenciar a sabedoria, deve preservar a verdade, deve cultivar a renúncia e treinar para a paz. Esse é o sumário da análise dos seis elementos."

8. "*Bhikkhu*, uma pessoa consiste de seis elementos.' Assim foi dito. Com referência a que foi dito isso? Há o elemento terra ... água ... fogo ... ar ... espaço ... consciência.
9. "*Bhikkhu*, uma pessoa consiste de seis bases de contato.' Assim foi dito. Com referência a que foi dito isso? Há a base de contato do olho ... do ouvido ... do nariz ... da língua ... do corpo ... da mente.
10. "*Bhikkhu*, uma pessoa consiste de dezoito tipos de examinação mental.' Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Ao ver uma forma com o olho, ele examina uma forma produtora de alegria, ele examina uma forma produtora de tristeza, ele examina uma forma produtora de equanimidade. Ao ouvir um som com o ouvido ... Ao cheirar um aroma com o nariz ... Ao saborear um sabor com a língua ... Ao tocar um tangível com o corpo ... Ao conscientizar um objeto mental com a mente, ele examina um objeto mental produtor de alegria, ele examina um objeto mental produtor de tristeza, ele examina um objeto mental produtor de equanimidade. Portanto, há seis tipos de examinação com alegria, seis tipos de examinação com tristeza e seis tipos de examinação com equanimidade.
11. "*Bhikkhu*, uma pessoa possui quatro fundamentos.' Assim foi dito. Com referência a que foi dito isso? Existe o fundamento da sabedoria ... da verdade ... da renúncia ... da paz.
12. "Uma pessoa não deve negligenciar a sabedoria, deve preservar a verdade, deve cultivar a renúncia e deve treinar para a paz' Assim foi dito. Com referência a que foi dito isso?
13. "Como, *bhikkhu*, uma pessoa não negligencia a sabedoria? Há esses seis elementos: o elemento terra ... água ... fogo ... ar ... espaço ... consciência.
14. "O que, *bhikkhu*, é o elemento terra? O elemento terra pode ser interno ou externo. O que é o elemento terra interno? Qualquer coisa interna que pertença à pessoa, que seja sólida, solidificada e pela qual exista apego, isto é, cabelos, pêlos do corpo, unhas, dentes, pele, carne, tendões, ossos, medula, rins, coração, fígado, diafragma, baço, pulmões, intestino grosso, intestino delgado, conteúdo do estômago, fezes ou qualquer outra coisa interna que pertença à pessoa, que seja sólida, solidificada e pela qual exista apego: é chamada de elemento terra interno. Agora, tanto o elemento terra interno como o elemento terra externo são simplesmente elementos terra. E isso deve ser visto como na verdade é, com correta sabedoria: 'Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.' Quando a pessoa vê dessa forma, como na verdade é, com correta sabedoria, a pessoa fica desencantada com o elemento terra e faz com que a mente fique desapegada em reação ao elemento terra.
15. "O que, *bhikkhu*, é o elemento água? O elemento água pode ser interno ou externo. Qual é o elemento água interno? Qualquer coisa interna que pertença à pessoa, que seja líquida, aquosa e pela qual exista apego, isto é, bÍlis, fleuma, pus, sangue, suor, gordura, lágrimas, óleo, saliva, muco, líquido sinovial, urina ou qualquer outra coisa interna na

pessoa, que seja líquida, aquosa e pela qual exista apego: é chamada de elemento água interno. Agora, tanto o elemento água interno como o elemento água externo são simplesmente elementos água. E isso deve ser visto como na verdade é, com correta sabedoria: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ Quando a pessoa vê dessa forma, como na verdade é, com correta sabedoria, a pessoa fica desencantada com o elemento água e faz com que a mente fique desapegada em reação ao elemento água.

16. “O que, *bhikkhu*, é o elemento fogo? O elemento fogo pode ser interno ou externo. Qual é o elemento fogo interno? Qualquer coisa interna que pertença à pessoa, que seja fogo, ardente e pela qual exista apego, isto é, aquilo pelo qual a pessoa é aquecida, envelhece e é consumida, aquilo pelo qual o que é comido, bebido, consumido e saboreado é digerido da maneira adequada ou qualquer outra coisa interna na pessoa, que seja fogo, ardente e pela qual exista apego: é chamada de elemento fogo interno. Agora, tanto o elemento fogo interno como o elemento fogo externo são simplesmente elementos fogo. E isso deve ser visto como na verdade é, com correta sabedoria: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ Quando a pessoa vê dessa forma, como na verdade é, com correta sabedoria, a pessoa fica desencantada com o elemento fogo e faz com que a mente fique desapegada em relação ao elemento fogo.

17. “O que, *bhikkhu*, é o elemento ar? O elemento ar pode ser interno ou externo. Qual é o elemento ar interno? Qualquer coisa interna, que pertença à pessoa, que seja ar, arejada e pela qual exista apego, isto é, ventos que sobem, ventos que descem, ventos no estômago, ventos nos intestinos, ventos que percorrem o corpo, a inspiração e a expiração ou qualquer outra coisa interna na pessoa que seja ar, arejada e pela qual exista apego: é chamada de elemento ar interno. Agora, tanto o elemento ar interno como o elemento ar externo são simplesmente elementos ar. E isso deve ser visto como na verdade é, com correta sabedoria: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ Quando a pessoa vê dessa forma, como na verdade é, com correta sabedoria, a pessoa fica desencantada com o elemento ar e faz com que a mente fique desapegada em relação ao elemento ar.

18. “O que, *bhikkhu*, é o elemento espaço? O elemento espaço pode ser interno ou externo. Qual é o elemento espaço interno? Qualquer coisa interna na pessoa, que seja espaço, espacial e pela qual exista apego, isto é, os buracos das orelhas, as narinas, a boca e a abertura através da qual tudo o que é comido, bebido, consumido e saboreado, engolido e agrupado é excretado por baixo; ou qualquer outra coisa interna na pessoa, que seja espaço, espacial e pela qual exista apego: é chamada de elemento espaço interno. Agora, ambos, o elemento espaço interno e o elemento espaço externo são simplesmente propriedades do espaço. E isso deve ser visto como na verdade é, com correta sabedoria: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ Quando a pessoa vê dessa forma, como na verdade é, com correta sabedoria, a pessoa fica desencantada com o elemento espaço e faz com que a mente fique desapegada em relação ao elemento espaço.

19. “Então resta somente a consciência, purificada e luminosa. O que a pessoa conscientiza com essa consciência? A pessoa conscientiza: ‘Isto é prazer’. A pessoa conscientiza: ‘Isto é dor’. A pessoa conscientiza: ‘Isto é nem prazer, nem dor’. Na

dependência de um contato que é para ser sentido como prazer, surge a sensação de prazer. Quando sente uma sensação de prazer, a pessoa compreende que 'Eu estou sentindo uma sensação de prazer'. A pessoa compreende que 'Com a cessação desse mesmo contato que é para ser sentido como prazer, a sensação concomitante – a sensação de prazer que surgiu na dependência do contato que é para ser sentido como prazer – cessa, é silenciada.' Na dependência de um contato que é para ser sentido como dor ... Na dependência de um contato que é para ser sentido nem como prazer nem como dor, surge a sensação nem de prazer nem de dor. Quando sente uma sensação nem de prazer nem de dor, a pessoa compreende que 'Eu estou sentindo uma sensação nem de prazer nem de dor'. A pessoa compreende que 'Com a cessação desse mesmo contato que é para ser sentido como nem prazer, nem dor, a sensação concomitante – a sensação nem de prazer nem de dor que surgiu na dependência do contato que é para ser sentido nem como prazer nem como dor – cessa, é silenciada.'

"*Bhikkhu*, assim como do contato e fricção de dois gravetos, o calor é gerado e o fogo aparece e da separação e disjunção desses mesmos gravetos, o calor concomitante cessa, é silenciado; da mesma forma na dependência de um contato que é para ser sentido como prazer, surge a sensação de prazer ... Na dependência de um contato que é para ser sentido como dor ... Na dependência de um contato que é para ser sentido nem como prazer nem como dor, surge uma sensação nem de prazer nem de dor ... A pessoa compreende que 'Com a cessação desse contato que é para ser sentido nem como prazer nem como dor, a sensação concomitante ... cessa, é silenciada.'

20. "Então resta somente a equanimidade, purificada e luminosa, flexível, maleável e luminosa. Suponha, *bhikkhu*, que um ourives habilidoso ou seu aprendiz preparasse uma fornalha, aquecesse um cadinho, e tomando ouro com um par de tenazes, o colocasse no cadinho. Ele sopraria periodicamente, borriaria água periodicamente, examinaria periodicamente. Esse ouro se tornaria purificado, bem refinado, perfeitamente puro, sem defeitos, livre de impurezas, flexível, maleável e luminoso. Então, qualquer ornamento que o ourives queira fazer, quer seja uma diadema, brincos, um colar ou uma corrente, o ouro serviria aos seus propósitos. Da mesma forma, *bhikkhu*, resta somente equanimidade: purificada e luminosa, flexível, maleável e luminosa.

21. "Ele compreende que: 'Se eu fosse direcionar esta equanimidade assim purificada e luminosa, para a base do espaço infinito e conseqüentemente desenvolver a mente dessa forma, então essa minha equanimidade, suportada por essa base, apegando-se a ela, permaneceria ali por muito tempo. Ele compreende que: 'Se eu fosse direcionar esta equanimidade assim purificada e luminosa, para a base da consciência infinita ... a base do nada ... a base da nem percepção nem não percepção, e conseqüentemente desenvolver a mente dessa forma, então essa minha equanimidade, suportada por essa base, apegando-se a ela, permaneceria ali por muito tempo.'

22. "Ele compreende que: 'Se eu fosse direcionar esta equanimidade assim purificada e luminosa, para a base do espaço infinito e conseqüentemente desenvolver a mente dessa forma, isso seria condicionado. Se eu fosse direcionar esta equanimidade assim purificada e luminosa, para a base da consciência infinita ... a base do nada ... a base da

nem percepção nem não percepção, e conseqüentemente desenvolver a mente dessa forma, isto seria condicionado.’ Ele não forma nenhuma condição ou não gera nenhuma volição com o propósito de ser/existir ou não ser/existir. Já que ele não forma nenhuma condição ou não gera nenhuma volição com o propósito de ser/existir ou não ser/existir, ele não se apega a nada neste mundo. Não se apegando, ele não fica agitado. Sem estar agitado, ele realiza *nibbana*. Ele compreende que ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

23. "Se ele sente uma sensação de prazer, ele compreende: ‘É impermanente; não há que agarrá-la; não existe prazer nela’. Se ele sente uma sensação de dor, ele compreende: ‘É impermanente; não há que agarrá-la; não existe prazer nela’. Se ele sente uma sensação nem de prazer nem de dor, ele compreende: ‘É impermanente; não há que agarrá-la; não existe prazer nela’.

24. "Se ele sente uma sensação de prazer, ele a sente com imparcialidade; Se ele sente uma sensação de dor, ele a sente com imparcialidade; Se ele sente uma sensação nem de prazer nem de dor, ele a sente com imparcialidade. Quando ele sente uma sensação que dá um fim ao corpo, ele compreende: ‘Eu estou sentindo uma sensação que dá um fim ao corpo.’ Quando ele sente uma sensação que dá um fim à vida, ele compreende: ‘Eu estou sentindo uma sensação que dá um fim à vida.’ Ele compreende: ‘Com a dissolução do corpo, com o fim da vida, tudo que é sentido, não sendo deleitado, irá esfriar exatamente ali.’ *Bhikkhu*, é igual a uma lamparina que queima por força do óleo e do pavio, e se o óleo e o pavio acabam, a chama se extingue por falta de combustível; da mesma forma quando ele sente uma sensação que dá um fim ao corpo ... uma sensação que dá um fim à vida, ele compreende: ‘Eu estou sentindo uma sensação que dá um fim à vida.’ Ele compreende: ‘Com a dissolução do corpo, com o fim da vida, tudo que é sentido, não sendo deleitado, irá esfriar exatamente ali.’

25. “Portanto um *bhikkhu*, possuindo essa sabedoria, possui o supremo fundamento da sabedoria. Pois isso, *bhikkhu*, é a nobre sabedoria suprema, isto é, o conhecimento da destruição de todo o sofrimento.

26. "A sua libertação, estando fundamentada na verdade, é inabalável. Pois é falso, *bhikkhu*, aquilo que possui uma natureza enganosa e é verdadeiro aquilo que possui uma natureza não enganosa - *nibbana*. Portanto, um *bhikkhu*, possuindo essa verdade possui o supremo fundamento da verdade. Pois isso, *bhikkhu*, é a nobre verdade suprema, isto é, *nibbana*, que possui uma natureza não enganosa.

27. “Antes, quando ele era ignorante, ele adquiriu e desenvolveu aquisições; [lxxix](#) agora ele as abandonou, cortou pela raiz, fez como com um tronco de palmeira eliminando-as de tal forma que não estarão mais sujeitas a um futuro surgimento. Portanto um *bhikkhu* possuindo essa renúncia possui o supremo fundamento da renúncia. Pois isso, *bhikkhu*, é a nobre renúncia suprema, isto é a renúncia a todas as aquisições.

28. “Antes, quando ele era ignorante, ele experimentou a cobiça, desejo e paixão; agora ele os abandonou, cortou pela raiz, fez como com um tronco de palmeira eliminando-os

de tal forma que não estarão mais sujeitos a um futuro surgimento. Antes, quando ele era ignorante, ele experimentou a raiva, má vontade e ódio; agora ele os abandonou, cortou pela raiz, fez como com um tronco de palmeira eliminando-os de tal forma que não estarão mais sujeitos a um futuro surgimento. Antes, quando ele era ignorante, ele experimentou a ignorância e a delusão; agora ele os abandonou, cortou pela raiz, fez como com um tronco de palmeira eliminando-os de tal forma que não estarão mais sujeitos a um futuro surgimento. Portanto um *bhikkhu* possuindo essa paz possui o supremo fundamento da paz. Pois isso, *bhikkhu*, é a nobre paz suprema, isto é a pacificação da cobiça, raiva e delusão.

29. “Assim foi com referência a isso que foi dito: ‘Ele não deve negligenciar a sabedoria, deve preservar a verdade, deve cultivar a renúncia e deve treinar para a paz.’

30. “As torrentes das concepções não arrastam aquele que se mantém sobre eles (fundamentos) e quando as torrentes das concepções não o arrastam ele é chamado um sábio em paz.” <sup>lxxx</sup> Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso?

31. “*Bhikkhu*, ‘Eu sou’ é uma concepção; ‘Eu sou isto’ é uma concepção; ‘Eu serei’ é uma concepção. ‘Eu não serei’ é uma concepção; ‘Eu possuirei forma’ é uma concepção; ‘Eu não possuirei forma’ é uma concepção; ‘Eu serei perceptivo’ é uma concepção; ‘Eu serei não perceptivo’ é uma concepção; ‘Eu serei nem perceptivo, nem não perceptivo’ é uma concepção. A concepção é uma enfermidade, a concepção é um câncer, a concepção é uma flecha. Superando todas as concepções, se diz que ele é um sábio em paz. E um sábio em paz não nasce, não envelhece, não morre, não é agitado e está livre de desejos. Pois não existe nada presente nele pelo qual ele possa renascer. <sup>lxxxi</sup> Não nascendo, como poderá envelhecer? Não envelhecendo, como poderá morrer? Não morrendo, como ficará agitado? Não ficando agitado, o que irá desejar?

32. “Portanto foi com referência a isso que foi dito: ‘As torrentes das concepções não arrastam aquele que se mantém sobre eles [fundamentos] e quando as torrentes das concepções não o arrastam ele é chamado um sábio em paz.’ *Bhikkhu*, mantenha presente na sua mente esta breve análise dos seis elementos.”

33. Após o que Pukkusati pensou: “Certamente o Mestre está comigo! Certamente o Abençoado está comigo! Certamente, o Iluminado está comigo!” Erguendo-se do seu assento, arrumando seu manto sobre um ombro, e curvando-se com a sua cabeça aos pés do Abençoado, ele disse, “Venerável senhor, uma transgressão foi cometida por mim, em que como um tolo, confuso e atrapalhado em assumir que era adequado dirigir-me ao Abençoado como ‘amigo’. Venerável senhor, que o Abençoado perdoe a minha transgressão, de forma que eu possa me conter no futuro.”

“Com certeza, *bhikkhu*, uma transgressão foi cometida por você, em que como um tolo, confuso e atrapalhado em assumir que era adequado dirigir-se a mim como ‘amigo’. Porém como você vê a sua transgressão como tal e a corrige de acordo com o Dhamma, nós o perdoamos. Pois é motivo para crescer na Disciplina do Abençoado quando vendo

uma transgressão, a pessoa faz a correção de acordo com o Dhamma e exerce contenção no futuro."

34. "Venerável senhor, eu receberia a admissão completa sob o Abençoado."

"Mas os seus mantos e tigela estão completos?"

"Venerável senhor, meus mantos e tigela não estão completos."

"*Bhikkhu*, os *Tathagatas* não dão admissão completa para aqueles cujos mantos e tigela não estão completos."

35. Então Pukkusati, tendo ficado satisfeito e contente com as palavras do Abençoado, levantou-se do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, saiu em busca de mantos e uma tigela. Então, enquanto ele procurava pelos mantos e tigela, uma vaca descontrolada o matou.

36. Então um grande número de *bhikkhus* foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentaram a um lado e disseram: "Venerável senhor, o membro de um clã Pukkusati, a quem o Abençoado instruiu com um ensino sumário, morreu. Qual o seu destino? Qual o seu percurso futuro?"

"*Bhikkhus*, o membro de um clã Pukkusati era sábio. Ele praticava de acordo com o Dhamma e não me causou problemas na interpretação do Dhamma. Com a destruição dos cinco primeiros grilhões, ele renasceu espontaneamente (nas Moradas Puras) e lá irá realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar desse mundo."

Isso foi o que o Abençoado disse. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 141 Saccavibhanga Sutta

### A Análise das Verdades

Uma análise detalhada das Quatro Nobres Verdades

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Benares, no Parque do Gamo, em Isipatana. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. "Em Benares, *bhikkhus*, no Parque do Gamo em Isipatana o *Tathagata*, um *arahant*, perfeitamente iluminado, colocou em movimento a incomparável Roda do Dhamma, [<sup>lxxxii</sup>](#) que não pode ser parada por nenhum contemplativo ou brâmane ou *deva* ou *Mara* ou *Brahma* ou ninguém no mundo – isto é, o anúncio, ensino, descrição, estabelecimento, revelação, exposição e demonstração das Quatro Nobres Verdades. Quais quatro?

3-4. "O anúncio, ensino, descrição, estabelecimento, revelação, exposição e demonstração da nobre verdade do sofrimento ... da origem do sofrimento ... da cessação do sofrimento ... do caminho que conduz à cessação do sofrimento.



5. “Cultivem a amizade de Sariputta e Mogallana *bhikkhus*; associem-se a Sariputta e Mogallana. Eles são sábios e auxiliam os seus companheiros na vida santa. Sariputta é tal como uma mãe; Mogallana é tal como uma enfermeira. Sariputta treina os companheiros para alcançar o fruto de ‘entrar na correnteza’, Mogallana para alcançar o objetivo máximo. Sariputta *bhikkhus*, é capaz de anunciar, ensinar, descrever, estabelecer, revelar, expor e demonstrar as Quatro Nobres Verdades.”

6. Assim falou o Abençoado. Tendo dito isso, o Sublime levantou-se do seu assento e foi para o seu retiro.

7. Então, pouco tempo depois do Abençoado ter ido, o venerável Sariputta dirigiu-se aos *bhikkhus* desta forma: “Amigos *bhikkhus*” – “Amigo,” os *bhikkhus* responderam ao venerável Sariputta. O venerável Sariputta disse o seguinte:

8. “Em Benares amigos, no Parque do Gamo em Isipatana o *Tathagata*, um *arahant*, perfeitamente iluminado, colocou em movimento a incomparável Roda do Dhamma ... demonstração das Quatro Nobres Verdades. Quais quatro?

9. “O anúncio ... demonstração da nobre verdade do sofrimento ... da nobre verdade da origem do sofrimento ... da nobre verdade da cessação do sofrimento ... da nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento.

10. “E o que, amigos, é a nobre verdade do sofrimento? O nascimento é sofrimento; o envelhecimento é sofrimento; a morte é sofrimento; tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero são sofrimento; não obter o que se deseja é sofrimento; em resumo, os cinco agregados influenciados pelo apego são sofrimento.

11. “E o que, amigos, é nascimento? O nascimento dos seres nas várias classes de seres, o próximo nascimento, o estabelecimento [num ventre], a geração, a manifestação dos agregados, a obtenção das bases para contato – a isto se denomina nascimento.

12. “E o que, amigos, é o envelhecimento? O envelhecimento dos seres nas várias categorias de seres, a sua idade avançada, os dentes quebradiços, os cabelos grisalhos, a pele enrugada, o declínio da vida, o enfraquecimento das faculdades – a isto se denomina envelhecimento.

13. “E o que, amigos, é a morte? O falecimento de seres nas várias categorias de seres, a sua morte, a dissolução, o desaparecimento, o morrer, a finalização do tempo, a dissolução dos agregados, o cadáver descartado – a isto se denomina morte.

14. “E o que, amigos, é a tristeza? A tristeza, entristecimento, sofrimento, tristeza interior, arrependimento interior, de alguém que sofreu alguma desgraça ou que está afetado por alguma situação dolorosa – a isto se denomina tristeza.

15. “E o que, amigos, é a lamentação? O pranto e o lamento, chorar e lamentar, o choro e a lamentação de alguém que sofreu alguma desgraça, ou que está afetado por alguma situação dolorosa – a isto se denomina lamentação.

16. “E o que, amigos, é a dor? Dor no corpo, desconforto corporal, a sensação dolorosa e desconfortável que surge do contato corporal – a isto se denomina dor.

17. “E o que, amigos, é a angústia? Dor mental, desconforto mental, a sensação dolorosa e desconfortável que surge do contato mental – a isto se denomina angústia.

18. “E o que, amigos, é o desespero? A confusão e o desespero, a tribulação e a desesperação de alguém que sofreu alguma desgraça, ou que está afetado por alguma situação dolorosa – a isto se denomina desespero.

19. “E o que, amigos, é ‘não obter o que se deseja é sofrimento’? Para os seres sujeitos ao nascimento surge o desejo: ‘Ah, que nós não estivéssemos sujeitos ao nascimento! Que o nascimento não viesse para nós!’ Mas isto não pode ser obtido pelo desejo e não obter o que se deseja é sofrimento. Para os seres sujeitos ao envelhecimento ... sujeitos à enfermidade ... sujeitos à morte ... sujeitos à tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero, surge o desejo: ‘Ah, que nós não estivéssemos sujeitos à tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero! Que a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero não surgissem para nós!’ Mas isto não pode ser obtido pelo desejo e não obter o que se deseja é sofrimento.

20. “E o que, amigos são os cinco agregados influenciados pelo apego que, em resumo, são sofrimento? Eles são: o agregado da forma material influenciado pelo apego, o agregado da sensação influenciado pelo apego, o agregado da percepção influenciado pelo apego, o agregado das formações influenciado pelo apego e o agregado da consciência influenciado pelo apego. Esses são os cinco agregados influenciados pelo apego que, em resumo, são sofrimento. A isto se denomina a nobre verdade do sofrimento.

21. “E o que, amigos, é a nobre verdade da origem do sofrimento? É o desejo, que conduz a uma renovada existência, acompanhado pela cobiça e pelo prazer, buscando o prazer aqui e ali; isto é, o desejo pelos prazeres sensuais, o desejo por ser/existir, o desejo por não ser/existir. A isto se denomina a nobre verdade da origem do sofrimento.

22. “E o que, amigos, é a nobre verdade da cessação do sofrimento? É o desaparecimento e cessação sem deixar nenhum vestígio daquele mesmo desejo, abrir mão, descartar, libertar-se, despegar desse mesmo desejo. A isto se denomina a nobre verdade da cessação do sofrimento.

23. “E o que, amigos, é a nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento? É exatamente este Nobre Caminho Óctuplo; isto é, entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta e concentração correta.

24 “E o que, amigos, é entendimento correto? Entendimento do sofrimento, entendimento da origem do sofrimento, entendimento da cessação do sofrimento e entendimento do caminho que conduz à cessação do sofrimento – a isto se denomina entendimento correto.

25. “E o que, amigos, é pensamento correto? O pensamento da renúncia, o pensamento da não má vontade e o pensamento da não crueldade – a isto se denomina pensamento correto.

26. “E o que, amigos, é linguagem correta? Abster-se da linguagem mentirosa, abster-se da linguagem maliciosa, abster-se da linguagem grosseira e abster-se de linguagem frívola – a isto se denomina linguagem correta.

27. “E o que, amigos, é ação correta? Abster-se de matar seres vivos, abster-se de tomar o que não seja dado e abster-se de conduta imprópria com relação aos prazeres sensuais – a isto se denomina ação correta.

28. “E o que, amigos, é modo de vida correto? Aqui um nobre discípulo, tendo abandonado o modo de vida incorreto, ganha o seu pão através do modo de vida correto – a isto se denomina modo de vida correto.

29 “E o que, amigos, é esforço correto? Aqui um *bhikkhu* gera desejo para que não surjam estados ruins e prejudiciais que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo em abandonar estados ruins e prejudiciais que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para que surjam estados benéficos que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para a continuidade, o não desaparecimento, o fortalecimento, o incremento e a realização através do desenvolvimento de estados benéficos que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. A isto se denomina esforço correto.

30. “E o que amigos, é atenção plena correta? Aqui um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando as sensações como sensações, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando a mente como mente, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. A isto se denomina atenção plena correta.

31. “E o que, amigos, é concentração correta? Aqui, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos

do afastamento. Abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um bhikkhu entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: ‘Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.’ Com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. A isto se denomina concentração correta.

“A isto se denomina a nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento.

32. “Em Benares, amigos, no Parque do Gamo em Isipatana o *Tathagata*, um *arahant*, perfeitamente iluminado, colocou em movimento a incomparável Roda do Dhamma, que não pode ser parada por nenhum contemplativo ou brâmane ou *deva* ou *Mara* ou *Brahma* ou ninguém no mundo – isto é, o anúncio, ensino, descrição, estabelecimento, revelação, exposição e demonstração dessas Quatro Nobres Verdades.”

Isso foi o que disse o venerável Sariputta. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do venerável Sariputta.

## 142 *Dakkhinavibhanga Sutta*

### A Análise das Oferendas

Os possíveis benefícios das oferendas

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoador estava entre os Sakyas em Kapilavatthu, no Parque de Nigrodha.

2. Então Mahapajapati Gotami tomou uma peça de tecido e foi até o Abençoador. [lxxxiii](#) Depois de cumprimentá-lo, ela sentou a um lado e disse para o Abençoador: “Venerável senhor, esta peça de tecido foi tecida por mim, esta peça de tecido foi urdida por mim, especialmente para o Abençoador. Venerável senhor, que o Abençoador aceite isso de mim por compaixão.”

Quando isso foi dito, o Abençoador respondeu: “Dê para a Sangha, Gotami. Ao doar para a Sangha, a oferenda será feita tanto para mim como para a Sangha.” [lxxxiv](#) Uma segunda vez e uma terceira vez ela disse para o Abençoador:

Venerável senhor,... aceite isso de mim por compaixão.”

Uma segunda vez e uma terceira vez o Abençoador respondeu: “Dê para a Sangha, Gotami. Ao fazer para a Sangha, a oferenda será feita tanto para mim como para a Sangha.”

3. Então o venerável Ananda disse para o Abençoado: “Venerável senhor, que o Abençoado aceite essa peça de tecido nova de Mahapajapati Gotami. Mahapajapati Gotami foi de grande ajuda para o Abençoado, venerável senhor. Sendo a irmã da sua mãe, ela foi a sua babá, sua mãe adotiva, sua ama-de-leite. Ela amamentou o Abençoado quando a sua mãe morreu. O Abençoado também tem sido de grande ajuda para Mahapajapati Gotami, venerável senhor. É por causa do Abençoado que Mahapajapati Gotami buscou refúgio no Buda, no Dhamma e na Sangha. É por causa do Abençoado que Mahapajapati Gotami se abstém de matar seres vivos, de tomar aquilo que não é dado, da conduta imprópria em relação aos prazeres sensuais, da linguagem mentirosa e se abstém do vinho, álcool e outros embriagantes, que causam a negligência. É por causa do Abençoado que Mahapajapati Gotami possui perfeita claridade, serenidade e confiança no Buda, no Dhamma e na Sangha e possui a virtude apreciada pelos nobres. [lxxxv](#) É por causa do Abençoado que Mahapajapati Gotami está livre da dúvida com relação ao sofrimento, com relação à origem do sofrimento, com relação à cessação do sofrimento e com relação ao caminho que conduz à cessação do sofrimento. O Abençoado tem sido de grande ajuda para Mahapajapati Gotami.”

4. “Assim é, Ananda, assim é! Quando uma pessoa, por causa de outrem, busca refúgio no Buda, no Dhamma e na Sangha, eu digo que não é fácil que a primeira repague a esta última homenageando-a, servindo-a, fazendo saudações com reverência e prestando serviços com cortesia, proporcionando mantos, comida esmolada, moradia e medicamentos.

“Quando uma pessoa, por causa de outrem, se abstém de matar seres vivos, de tomar aquilo que não é dado, da conduta imprópria em relação aos prazeres sensuais, da linguagem mentirosa, e se abstém do vinho, álcool e outros embriagantes, que causam a negligência, eu digo que não é fácil que a primeira repague a esta última homenageando-a, servindo-a, fazendo saudações com reverência e prestando serviços com cortesia, proporcionando mantos, comida esmolada, moradia e medicamentos.

“Quando uma pessoa, por causa de outrem, possui perfeita claridade, serenidade e confiança no Buda, no Dhamma e na Sangha e possui a virtude apreciada pelos nobres, eu digo que não é fácil que a primeira repague a esta última homenageando-a, servindo-a, fazendo saudações com reverência e prestando serviços com cortesia, proporcionando mantos, comida esmolada, moradia e medicamentos.

“Quando uma pessoa, por causa de outrem, está livre da dúvida com relação ao sofrimento, com relação à origem do sofrimento, com relação à cessação do sofrimento e com relação ao caminho que conduz à cessação do sofrimento, eu digo que não é fácil que a primeira repague a esta última homenageando-a, servindo-a, fazendo saudações com reverência e prestando serviços com cortesia, proporcionando mantos, comida esmolada, moradia e medicamentos.

5. “Há catorze tipos de oferendas pessoais, Ananda. [lxxxvi](#) Alguém faz uma oferenda para o *Tathagata*, um *arahant*, perfeitamente iluminado; esse é o primeiro tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para um *pacceka**buddha*; esse é o segundo tipo de

oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para um *arahant* discípulo do *Tathagata*; esse é o terceiro tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para aquele que entrou no caminho para a realização do fruto de *arahant*; esse é o quarto tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para aquele que não retorna; esse é o quinto tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para aquele que entrou no caminho para a realização do fruto daquele que não retorna; esse é o sexto tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para aquele que retorna apenas uma vez; esse é o sétimo tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para aquele que entrou no caminho para a realização do fruto daquele que retorna apenas uma vez; esse é o oitavo tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para aquele que entrou na correnteza; esse é o nono tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para aquele que entrou no caminho para a realização do fruto daquele que entrou na correnteza; esse é o décimo tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para alguém de fora [do Dhamma e Disciplina] que está livre da cobiça pelos prazeres sensuais; esse é o décimo primeiro tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para uma pessoa comum virtuosa; esse é o décimo segundo tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para uma pessoa comum não virtuosa; esse é o décimo terceiro tipo de oferenda pessoal. Alguém faz uma oferenda para um animal; esse é o décimo quarto tipo de oferenda pessoal.

6. “Neste caso, Ananda, ao fazer uma oferenda para um animal, pode-se esperar que a oferenda seja recompensada cem vezes. Ao fazer uma oferenda para uma pessoa comum não virtuosa, pode-se esperar que a oferenda seja recompensada mil vezes. Ao fazer uma oferenda para uma pessoa comum virtuosa, pode-se esperar que a oferenda seja recompensada cem mil vezes. Ao fazer uma oferenda para alguém de fora [do Dhamma e Disciplina] que está livre da cobiça pelos prazeres sensuais, pode-se esperar que a oferenda seja recompensada cem mil, cem mil vezes.

“Ao fazer uma oferenda para aquele que entrou no caminho para a realização do fruto daquele que entrou na correnteza, pode-se esperar que a oferenda seja recompensada de modo incalculável, imensurável. O que, então, deve ser dito de uma oferenda para aquele que entrou na correnteza? O que deve ser dito de uma oferenda para aquele que entrou no caminho para a realização do fruto daquele que retorna uma vez ... para aquele que retorna uma vez ... para aquele que entrou no caminho para a realização do fruto daquele que não retorna ... para aquele que não retorna ... para aquele que entrou no caminho para a realização do fruto de *arahant* ... um *arahant* ... um *paccekabuddha*? O que deve ser dito de uma oferenda para um *Tathagata*, um *arahant*, perfeitamente iluminado?

7. “Há sete tipos de oferendas para a Sangha, Ananda. Alguém faz uma oferenda para ambas as Sanghas, [*bhikkhus* e *bhikkhunis*], lideradas pelo Buda; esse é o primeiro tipo de oferenda para a Sangha. [lxxxvii](#) Alguém faz uma oferenda para ambas as Sanghas. [*bhikkhus* e *bhikkhunis*], depois que o *Tathagata* realizou o *parinibbana*; esse é o segundo tipo de oferenda para a Sangha. Alguém faz uma oferenda para a Sangha dos *bhikkhus*; esse é o terceiro tipo de oferenda para a Sangha. Alguém faz uma oferenda para a Sangha das *bhikkhunis*; esse é o quarto tipo de oferenda para a Sangha. Alguém faz uma oferenda, dizendo: ‘Nomeie tantos *bhikkhus* e *bhikkhunis* em meu nome para a Sangha’; esse é o quinto tipo de oferenda para a Sangha. Alguém faz uma oferenda,

dizendo: ‘Nomeie tantos *bhikkhus* em meu nome para a Sangha’; esse é o sexto tipo de oferenda para a Sangha. Alguém faz uma oferenda, dizendo: ‘Nomeie tantas *bhikkhunis* em meu nome para a Sangha’; esse é o sétimo tipo de oferenda para a Sangha.

8. “No futuro, Ananda, haverá membros do clã com o ‘pescoço amarelo,’ não virtuosos, com mau caráter. [lxxxviii](#) As pessoas farão oferendas para esses indivíduos não virtuosos em benefício da Sangha. Mesmo nesse caso, eu digo, uma oferenda feita para a Sangha é incalculável, imensurável. [lxxxix](#) E digo que de nenhuma forma uma oferenda feita para alguém individualmente poderá trazer maior recompensa do que uma oferenda feita para a Sangha.

9. “Há quatro tipos de purificação das oferendas. Quais quatro? Há a oferenda que é purificada pelo doador, mas não pelo receptor. Há a oferenda que é purificada pelo receptor, mas não pelo doador. Há a oferenda que não é purificada nem pelo doador e tampouco pelo receptor. Há a oferenda que é purificada por ambos, doador e receptor.

10. “E qual é a oferenda purificada pelo doador, mas não pelo receptor? Aqui o doador é virtuoso, de bom caráter, e o receptor é não virtuoso, de mau caráter. Assim a oferenda é purificada pelo doador, não pelo receptor.

11. “E qual é a oferenda purificada pelo receptor, mas não pelo doador? Aqui o doador é não virtuoso, de mau caráter, e o receptor é virtuoso, de bom caráter. Assim a oferenda é purificada pelo receptor, não pelo doador.

12. “E qual é a oferenda que não é purificada nem pelo doador e tampouco pelo receptor? Aqui o doador é não virtuoso, de mau caráter, e o receptor é não virtuoso, de mau caráter. Assim a oferenda não é purificada nem pelo doador e tampouco pelo receptor.

13. “E qual é a oferenda purificada por ambos, doador e receptor? Aqui o doador é virtuoso, de bom caráter, e o receptor é virtuoso, de bom caráter. Assim a oferenda é purificada por ambos, doador e receptor. Esses são os quatro tipos de purificação das oferendas.”

14. Isso foi o que disse O Abençoado. Tendo dito isso, o Mestre disse mais:

“Quando uma pessoa virtuosa faz  
para uma pessoa não virtuosa  
com o coração confiante  
uma oferenda obtida corretamente,  
depositando fé em que o fruto da ação será imenso,  
a virtude do doador purifica a oferenda.

Quando uma pessoa não virtuosa faz  
para uma pessoa virtuosa  
com o coração desconfiado  
uma oferenda obtida de modo incorreto,

e sequer deposita fé em que o fruto da ação será imenso,  
a virtude do recebedor purifica a oferenda.

Quando uma pessoa não virtuosa faz  
para uma pessoa não virtuosa  
com o coração desconfiado  
uma oferenda obtida de modo incorreto,  
e sequer deposita fé em que o fruto da ação será imenso,  
a virtude de nenhum purifica a oferenda.

Quando uma pessoa virtuosa faz  
para uma pessoa virtuosa  
com o coração confiante  
uma oferenda obtida corretamente,  
depositando fé em que o fruto da ação será imenso,  
essa oferenda, eu digo, irá frutificar plenamente.

Quando uma pessoa desapegada faz  
para uma pessoa desapegada  
com o coração confiante  
uma oferenda obtida corretamente,  
depositando fé em que o fruto da ação será imenso,  
essa oferenda, eu digo, é a melhor oferenda no mundo.”

### *143 Anathapindikovada Sutta*

#### Exortação para Anathapindika

Um discurso sobre o desapego para Anathapindika no seu leito de morte

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.
2. Agora, naquela ocasião o chefe de família Anathapindika estava atormentado, sofrendo e gravemente enfermo. Então, ele se dirigiu a um homem desta forma: "Venha, bom homem, vá até o Abençoado, homenageie-o em meu nome com a sua cabeça aos pés dele e diga: Venerável senhor, o chefe de família Anathapindika está atormentado, sofrendo e gravemente enfermo; ele homenageia o Abençoado com a cabeça aos seus pés.' Depois vá até o Venerável Sariputta, homenageie-o em meu nome com a sua cabeça aos pés dele e diga: 'Venerável senhor, o chefe de família Anathapindika está atormentado, sofrendo e gravemente enfermo; ele homenageia o Venerável Sariputta com a cabeça aos seus pés.' Então diga: 'Seria bom, venerável senhor, se o Venerável Sariputta fosse até a residência do chefe de família Anathapindika, por compaixão.'"

"Sim senhor," o homem respondeu, e foi até onde estava o Abençoado, após homenageá-lo, ele sentou a um lado e relatou a sua mensagem. Depois ele foi até o Venerável



Sariputta e após homenageá-lo ele relatou a sua mensagem. O Venerável Sariputta consentiu em silêncio.

3. Então o Venerável Sariputta se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para a residência do chefe de família Anathapindika tendo o Venerável Ananda como seu acompanhante. Tendo chegado, ele sentou em um assento que havia sido preparado e disse para o chefe de família Anathapindika: "Eu espero que você esteja melhorando, chefe de família, espero que você esteja confortável, espero que as suas sensações de dor estejam diminuindo e não aumentando e que a sua diminuição, não o seu aumento, seja evidente."

4. "Venerável Sariputta, eu não estou melhorando, não me sinto confortável. Minhas sensações de dor estão aumentando, não diminuindo, o seu aumento, não a sua diminuição é evidente. Tal como se um homem forte estivesse partindo a minha cabeça com uma espada afiada, da mesma forma, ventos violentos atravessam a minha cabeça. Eu não estou melhorando ... Tal como se um homem forte estivesse apertando uma correia de couro dura em volta da minha cabeça, da mesma forma, sinto dores violentas na minha cabeça. Eu não estou melhorando ... Tal como se um açougueiro habilidoso ou seu aprendiz cortassem o ventre de um boi com uma faca de açougueiro afiada, da mesma forma, ventos violentos estão cortando o meu ventre. Eu não estou melhorando ... Tal como se dois homens fortes agarrassem um homem mais fraco por ambos braços e o assassem sobre uma cova com carvão em brasa, da mesma forma, um fogo violento queima no meu corpo. Eu não estou melhorando, não me sinto confortável. Minhas sensações de dor estão aumentando, não diminuindo, o seu aumento, não a sua diminuição é evidente."

5. "Então chefe de família, você deve praticar da seguinte forma: 'Eu não me apegarei ao olho e a minha consciência não dependerá do olho.' Assim você deve praticar. Você deve praticar da seguinte forma: 'Eu não me apegarei ao ouvido ... Eu não me apegarei ao nariz ... Eu não me apegarei à língua ... Eu não me apegarei ao corpo ... Eu não me apegarei à mente e a minha consciência não dependerá do ouvido ... do nariz ... da língua ... do corpo ... da mente.' Assim você deve praticar.

6. "Chefe de família, você deve praticar da seguinte forma: 'Eu não me apegarei às formas ... Eu não me apegarei aos sons ... Eu não me apegarei aos aromas ... Eu não me apegarei aos sabores ... Eu não me apegarei aos tangíveis ... Eu não me apegarei aos objetos mentais e a minha consciência não dependerá das formas ... dos sons ... dos aromas ... dos sabores ... dos tangíveis ... objetos mentais.' Assim você deve praticar.

7. "Chefe de família, você deve praticar da seguinte forma: 'Eu não me apegarei à consciência no olho ... Eu não me apegarei à consciência no ouvido ... Eu não me apegarei à consciência no nariz ... Eu não me apegarei à consciência na língua ... Eu não me apegarei à consciência no corpo ... Eu não me apegarei à consciência na mente e a minha consciência não dependerá da consciência no olho ... da consciência no ouvido ... da consciência no nariz ... da consciência na língua ... da consciência no corpo ... da consciência na mente.' Assim você deve praticar.

8. “Chefe de família, você deve praticar da seguinte forma: 'Eu não me apegarei ao contato no olho ... Eu não me apegarei ao contato no ouvido ... Eu não me apegarei ao contato no nariz ... Eu não me apegarei ao contato na língua ... Eu não me apegarei ao contato no corpo ... Eu não me apegarei ao contato na mente e a minha consciência não dependerá do contato no olho ... do contato no ouvido ... do contato no nariz ... do contato na língua ... do contato no corpo ... do contato na mente.' Assim você deve praticar.

9. “Chefe de família, você deve praticar da seguinte forma: 'Eu não me apegarei à sensação que surge tendo o contato no olho como condição ... Eu não me apegarei à sensação que surge tendo o contato no ouvido como condição ... Eu não me apegarei à sensação que surge tendo o contato no nariz como condição ... Eu não me apegarei à sensação que surge tendo o contato na língua como condição ... Eu não me apegarei à sensação que surge tendo o contato no corpo como condição ... Eu não me apegarei à sensação que surge tendo o contato na mente como condição e a minha consciência não dependerá da sensação que surge tendo o contato no olho ... contato no ouvido ... contato no nariz ... contato na língua ... contato no corpo ... contato na mente como condição.' Assim você deve praticar.

10. “Chefe de família, você deve praticar da seguinte forma: 'Eu não me apegarei ao elemento terra ... Eu não me apegarei ao elemento água ... Eu não apegarei ao elemento fogo ... Eu não me apegarei ao elemento ar ... Eu não apegarei ao elemento espaço ... Eu não me apegarei ao elemento consciência e a minha consciência não dependerá do elemento terra ... água ... fogo ... ar ... espaço ... consciência.' Assim você deve praticar.

11. “Chefe de família, você deve praticar da seguinte forma: 'Eu não me apegarei à forma material ... Eu não me apegarei à sensação ... Eu não me apegarei à percepção ... Eu não me apegarei às formações ... Eu não me apegarei à consciência e a minha consciência não dependerá da forma material ... sensação ... percepção ... formações ... consciência.' Assim você deve praticar.

12. “Chefe de família, você deve praticar da seguinte forma: 'Eu não me apegarei à base do espaço infinito ... Eu não me apegarei à base da consciência infinita ... Eu não apegarei à base do nada ... Eu não me apegarei à base da nem percepção, nem não percepção e a minha consciência não dependerá da base do espaço infinito ... da base da consciência infinita .. da base do nada ... da base da nem percepção, nem não percepção.' Assim você deve praticar.

13. “Chefe de família, você deve praticar da seguinte forma: 'Eu não me apegarei a este mundo e a minha consciência não dependerá deste mundo. Eu não me apegarei ao mundo que está além e a minha consciência não dependerá do mundo que está além.' Assim você deve praticar.

14. “Chefe de família, você deve praticar da seguinte forma: 'Eu não me apegarei ao que é visto, ouvido, sentido, conscientizado, buscado, procurado, ponderado pela mente e a minha consciência não dependerá disso.' Assim você deve praticar.

15. Quando isso foi dito o chefe de família Anathapindika chorou e derramou lágrimas. Então o Venerável Ananda lhe perguntou: "Você está cedendo, chefe de família, você está afundando?"

"Eu não estou cedendo, Venerável Ananda, eu não estou afundando. Embora durante muito tempo eu tenha servido o Mestre e *bhikkhus* dignos de apreciação, nunca ouvi um discurso do Dhamma semelhante a este."

"Um discurso do Dhamma como este, chefe de família, não é dado para os discípulos leigos que se vestem de branco. Este tipo de discurso do Dhamma é dado para as pessoas que seguiram a vida santa."

"Pois então, Venerável Sariputta, permita que esse discurso do Dhamma seja dado para os discípulos leigos que se vestem de branco. Existem membros de clãs que possuem uma fina camada de poeira sobre os olhos, que estão perdidos por não ouvirem esse tipo de discurso do Dhamma. Existem aqueles que compreenderão o Dhamma."

16. Assim, depois de dar esse conselho ao chefe de família Anathapindika, o Venerável Sariputta e o Venerável Ananda levantaram-se dos seus assentos e partiram. Pouco depois que eles partiram o chefe de família Anathapindika morreu e renasceu no paraíso de *Tusita*.

17. Então quando a noite já estava bastante avançada, Anathapindika, agora um jovem *deva* com uma bela aparência, foi até o Abençoado, iluminando todo o bosque de Jeta. Depois de homenageá-lo ele ficou parado a um lado e dirigiu-se ao Abençoado em versos:

"Oh, abençoado é este bosque de Jeta,  
habitado pela sábia Sangha,  
onde reside o rei do Dhamma,  
a fonte de toda a minha felicidade.

Através da ação, conhecimento e Dhamma,  
através da virtude e modo de vida nobre -  
através disso os mortais são purificados,  
não através da linhagem ou riqueza.

Portanto uma pessoa sábia que vê  
aquilo que realmente conduz ao seu próprio bem,  
deveria investigar o Dhamma  
e purificar-se através dele.

Sariputta alcançou o cume  
em virtude, paz e sabedoria;  
qualquer *bhikkhu* que foi mais além

pode no máximo igualá-lo."

18. Isso foi o que o jovem *deva* Anathapindika disse e o Mestre aprovou. Então o jovem *deva* Anathapindika, pensando: "O Mestre me aprovou," homenageou o Abençoado e mantendo-o à sua direita, desapareceu em seguida.

19. Quando a noite havia terminado, o Abençoado dirigiu-se aos *bhikkhus* desta forma: "*Bhikkhus*, ontem à noite, quando a noite já estava bem avançada, veio ter comigo um certo *deva* com belíssima aparência que iluminou todo o bosque de Jeta. Depois de me homenagear, ele ficou em pé a um lado e dirigiu-se a mim em versos desta forma:

" Oh, abençoado é este bosque de Jeta ...  
pode no máximo igualá-lo."

Isso foi o que o jovem *deva* disse. Então o jovem *deva*, pensando: 'O Mestre me aprovou,' me homenageou e mantendo-me à sua direita, desapareceu em seguida."

20. Quando isso foi dito, o Venerável Ananda disse ao Abençoado: "Com certeza, venerável senhor, aquele jovem *deva* deve ter sido Anathapindika. Pois o chefe de família Anathapindika tinha perfeita confiança no Venerável Sariputta."

"Muito bem, Ananda! Você deduziu a conclusão correta. Aquele jovem *deva* era Anathapindika, ninguém mais."

Isso foi o que disse o Abençoado. O Venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## 144 *Channovada Sutta*

### Exortação para Channa

Channa, gravemente enfermo, se suicida

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos.

2. Agora, naquela ocasião o venerável Sariputta, o venerável Maha Cunda e o venerável Channa estavam na montanha do Pico do Abutre.

3. Naquela ocasião, o venerável Channa estava atormentado, sofrendo e gravemente enfermo. Então, ao anoitecer, o venerável Sariputta levantou da meditação, foi até o venerável Maha Cunda e disse: "Amigo Cunda, vamos até o venerável Channa para perguntar sobre a sua enfermidade." – "Sim, amigo," o venerável Maha Cunda respondeu.

4. Então, o venerável Sariputta e o venerável Maha Cunda foram até o venerável Channa e eles se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, eles

sentaram a um lado e o venerável Sariputta disse para o venerável Channa: “Eu espero que você esteja melhorando, amigo Channa, espero que você esteja confortável, espero que as suas sensações de dor estejam diminuindo e não aumentando e que a sua diminuição, não o seu aumento, seja evidente.”

5. “Amigo Sariputta, eu não estou melhorando, não me sinto confortável. Minhas sensações de dor estão aumentando, não diminuindo ... (igual ao [MN 143.4](#)) ... o seu aumento, não a sua diminuição é evidente. Eu usarei a faca; <sup>xc</sup> amigo Sariputta; eu não tenho desejo de viver.”

6. “Que o venerável Channa não use a faca. Que o venerável Channa viva. Nós queremos que o Venerável Channa viva. Se lhe falta comida adequada, eu irei em busca de comida adequada. Se lhe faltam medicamentos adequados, eu irei em busca de medicamentos adequados. Se lhe falta um assistente, eu o assistirei. Que o venerável Channa não use a faca. Que o venerável Channa viva. Nós queremos que o Venerável Channa viva.”

7. “Amigo Sariputta, não é que eu não tenha comida e medicamentos adequados ou assistência adequada. Mas, amigo Sariputta, o Mestre há muito tempo tem sido venerado por mim com amor, não sem amor; pois é apropriado que um discípulo venere o Mestre com amor, não sem amor. Amigo Sariputta, lembre-se disto: o *bhikkhu* Channa usará a faca de modo puro.” <sup>xc</sup>

8. “Nós gostaríamos de fazer algumas perguntas ao venerável Channa, se esta for uma ocasião oportuna.” – “Pergunte, amigo Sariputta, ao ouvir, eu saberei.”

9. “Amigo Channa, você considera o olho, a consciência no olho e as coisas conscientizadas pela consciência no olho assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu’? Você considera o ouvido ... o nariz ... a língua ... o corpo ... a mente, a consciência na mente e as coisas conscientizadas pela consciência na mente assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu’?”

“Amigo Sariputta, eu considero o olho, a consciência no olho e as coisas conscientizadas pela consciência no olho assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ Eu considero o ouvido ... o nariz ... a língua ... o corpo ... a mente, a consciência na mente e as coisas conscientizadas pela consciência na mente assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’”

10. “Amigo Channa, o que você viu, o que você compreendeu diretamente no olho, na consciência no olho e nas coisas conscientizadas pela consciência no olho, para considerá-los assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu’? O que você viu, o que você compreendeu diretamente no ouvido ... no nariz ... na língua ... no corpo ... na mente, na consciência na mente e nas coisas conscientizadas pela consciência na mente, para considerá-los assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu’?”

“Amigo Sariputta, é vendo a cessação, através do conhecimento direto da cessação no olho, na consciência no olho e nas coisas conscientizadas pela consciência no olho, que

eu os considero assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ É vendo a cessação, através do conhecimento direto da cessação no ouvido ... no nariz ... na língua ... no corpo ... na mente, na consciência na mente e nas coisas conscientizadas pela consciência na mente, que eu os considero assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’”

11. Quando isso foi dito, o venerável Maha Cunda disse para o venerável Channa: “Conseqüentemente, amigo Channa, esta instrução do Abençoado deve receber atenção constante: ‘Há vacilação naquele que é dependente, não há vacilação naquele que é independente; onde não há vacilação, há tranquilidade; onde há tranquilidade, não há preferências; onde não há preferências, não há ir e vir; quando não há ir e vir, não há falecimento e renascimento; quando não há falecimento e renascimento, não há o aqui nem o além, nem o que está entre os dois. Esse é o fim do sofrimento.’” [xcii](#)

12. Então, o venerável Sariputta e o venerável Maha Cunda depois de assim aconselharem o venerável Channa, levantaram dos seus assentos e partiram. E pouco depois de haverem partido, o venerável Channa usou a faca.

13. Então, o venerável Sariputta foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, o venerável Channa usou a faca. Qual será o seu destino, qual será o seu futuro percurso?”

“Sariputta, o bhikkhu Channa não declarou para você a pureza dele?”

“Venerável senhor, há um vilarejo Vajjia chamado Pubbajira. Lá o venerável Channa tinha famílias que eram amigas dele, famílias que eram íntimas dele, famílias que mereceriam censura.”

“Há essas famílias que eram amigas do *bhikkhu* Channa, Sariputta, famílias que eram íntimas dele, famílias que mereceriam censura; mas eu não digo que por isso ele seria censurável. Sariputta, quando alguém deita este corpo e se apegar a um novo corpo, então eu digo que esse alguém é censurável. Não houve nada disso no *bhikkhu* Channa; o *bhikkhu* Channa usou a faca de modo puro.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Sariputta ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## 145 Punnovada Sutta

### Exortação para Punna

Punna decide ir viver entre pessoas bárbaras em um país distante

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Então ao anoitecer, o Venerável Punna levantou-se da meditação e foi até o Abençoado. Depois de cumprimentá-lo ele sentou a um lado e disse:

2. "Venerável senhor, seria bom se o Abençoado me desse um breve conselho. Tendo ouvido o Dhamma do Abençoado, permanecerei só, isolado, diligente, ardente e decidido."

"Muito bem então Punna, ouça e preste muita atenção ao que vou dizer."

"Sim, Venerável senhor," o Venerável Punna respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

3. "Punna, existem formas conscientizadas através do olho que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostadas, conectadas com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Se um *bhikkhu* sente prazer com elas, as acolhe e permanece atado a elas, o deleite irá surgir nele. Com o surgimento do deleite, Punna, ocorre o surgimento do sofrimento, eu digo. Existem, Punna, sons conscientizados através do ouvido ... aromas conscientizados através do nariz ... sabores conscientizados através da língua ... tangíveis conscientizados através do corpo ... objetos mentais conscientizados através da mente que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Se um *bhikkhu* sente prazer com eles, os acolhe e permanece atado a eles, o deleite irá surgir nele. Com o surgimento do deleite, Punna, ocorre o surgimento do sofrimento, eu digo.

4. "Punna, existem formas conscientizadas através do olho ... sons conscientizados através do ouvido ... aromas conscientizados através do nariz ... sabores conscientizados através da língua ... tangíveis conscientizados através do corpo ... objetos mentais conscientizados através da mente que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Se um *bhikkhu* não sente prazer com eles, não os acolhe e permanece atado a eles, o deleite irá cessar nele. Com a cessação do deleite, Punna, ocorre a cessação do sofrimento, eu digo.

5. "Agora que lhe dei esse breve conselho, Punna, em que país você irá viver?"

"Venerável senhor, agora que o Abençoado me deu esse breve conselho, irei viver no país chamado Sunaparanta."

"Punna, as pessoas em Sunaparanta são bárbaras e rudes. Se elas lhe maltratarem e ameaçarem, o que você irá pensar?"

"Venerável senhor, se as pessoas em Sunaparanta me maltratarem e ameaçarem, eu pensarei que: 'Essas pessoas de Sunaparanta são excelentes, verdadeiramente excelentes, já que não me golpearam com os seus punhos.' Assim é como pensarei, Abençoado; assim é como pensarei, Iluminado."

"Mas, Punna, se as pessoas de Sunaparanta lhe golpearem com os seus punhos, o que você irá pensar então?"

"Venerável senhor, se as pessoas em Sunaparanta me golpearem com os seus punhos, eu pensarei que: 'Essas pessoas de Sunaparanta são excelentes, verdadeiramente excelentes,

já que não me golpearam com pedras.' Assim é como pensarei, Abençoado; assim é como pensarei, Iluminado."

"Mas, Punna, se as pessoas de Sunaparanta lhe golpearem com pedras, o que você irá pensar então?"

"Venerável senhor, se as pessoas em Sunaparanta me golpearem com pedras, eu pensarei que: 'Essas pessoas de Sunaparanta são excelentes, verdadeiramente excelentes, já que não me golpearam com paus.' Assim é como pensarei, Abençoado; assim é como pensarei, Iluminado."

"Mas, Punna, se as pessoas de Sunaparanta lhe golpearem com paus, o que você irá pensar então?"

"Venerável senhor, se as pessoas em Sunaparanta me golpearem com paus, eu pensarei que: 'Essas pessoas de Sunaparanta são excelentes, verdadeiramente excelentes, já que não me golpearam com facas.' Assim é como pensarei, Abençoado; assim é como pensarei, Iluminado."

"Mas, Punna, se as pessoas de Sunaparanta lhe golpearem com facas, o que você irá pensar então?"

"Venerável senhor, se as pessoas em Sunaparanta me golpearem com facas, eu pensarei que: 'Essas pessoas de Sunaparanta são excelentes, verdadeiramente excelentes, já que não me mataram com facas afiadas.' Assim é como pensarei, Abençoado; assim é como pensarei, Iluminado."

"Mas, Punna, se as pessoas de Sunaparanta lhe matarem com facas afiadas, o que você irá pensar então?"

"Venerável senhor, se as pessoas em Sunaparanta me matarem com facas afiadas, eu pensarei que: 'Houveram discípulos do Abençoado que sentindo horror, humilhação e repulsa pelo corpo e pela vida, buscaram um assassino. Mas eu obtive esse assassino mesmo sem uma busca.' Assim é como pensarei, Abençoado; assim é como pensarei, Iluminado."

6. "Muito bem, Punna! Possuindo tal autocontrole e serenidade, você será capaz de viver em Sunaparanta. Agora Punna, é o momento de fazer o que você considera deva ser feito."

7. Assim, tendo ficado satisfeito e contente com as palavras do Abençoado, o Venerável Punna levantou-se do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu. Em seguida ele arrumou a sua moradia, tomou a sua tigela e manto externo e saiu na direção de Sunaparanta. Caminhando em etapas, ele finalmente chegou em Sunaparanta para lá viver. Então, durante o retiro do período das chuvas, o Venerável Punna estabeleceu na prática quinhentos discípulos leigos homens e quinhentos



discípulos leigos mulheres e, ele próprio, realizou os três verdadeiros conhecimentos. Mais tarde, o Venerável Punna realizou o *parinibbana*.

8. Então, um número de *bhikkhus* foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, sentaram a um lado, e disseram: "Venerável senhor, o membro de um clã Punna, que havia recebido um breve conselho do Abençoado, morreu. Qual é o seu destino? Qual é o seu futuro percurso?"

"*Bhikkhus*, o membro de um clã Punna era sábio. Ele praticava de acordo com o Dhamma e não me causou problemas na interpretação do Dhamma. O membro de um clã Punna realizou o *parinibbana*."

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 146 Nandakovada Sutta

### A Exortação de Nandaka

Nandaka discursa para as *bhikkhunis* sobre a impermanência

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Então, Mahapajapati Gotami juntamente com quinhentas *bhikkhunis* foi até o Abençoado. Depois de cumprimentá-lo, ela ficou em pé a um lado e disse: "Venerável senhor, que o Abençoado instrua as *bhikkhunis*, que o Abençoado ensine as *bhikkhunis*, que o Abençoado faça um discurso do Dhamma para as *bhikkhunis*."

3. Agora, naquela ocasião os *bhikkhus* seniores estavam se revezando na instrução das *bhikkhunis*, mas o venerável Nandaka não queria instruí-las quando chegou a sua vez. Então, o Abençoado se dirigiu ao venerável Ananda: "Ananda, de quem é a vez, hoje, de instruir as *bhikkhunis*?"

"Venerável senhor, é a vez do venerável Nandaka de instruir as *bhikkhunis*, mas ele não quer instruí-las, muito embora seja a vez dele."

4. Então, o Abençoado se dirigiu ao venerável Nandaka: "Instrua as *bhikkhunis*, Nandaka. Instrua as *bhikkhunis*, Nandaka. Faça um discurso do Dhamma para as *bhikkhunis*, brâmane."

"Sim, venerável senhor," o venerável Nandaka respondeu. Então, ao amanhecer, o venerável Nandaka se vestiu e tomando a tigela e o manto externo foi para Savatthi para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Savatthi e de haver retornado, após a refeição, ele foi com um acompanhante até o Parque Rajaka. As *bhikkhunis* viram o venerável Nandaka vindo à distância e prepararam um assento e água para os pés. O venerável Nandaka sentou no assento que havia sido preparado e lavou os pés. As

*bhikkhunis* o cumprimentaram e sentaram a um lado. E quando elas sentaram o venerável Nandaka disse para as *bhikkhunis*:

5. “Irmãs, esta palestra será dada em forma de perguntas e respostas. Quando vocês compreenderem devem dizer: ‘Nós compreendemos’, quando vocês não compreenderem devem dizer: ‘Nós não compreendemos’; quando vocês tiverem dúvidas ou perplexidades vocês devem me perguntar: ‘Como é isso, venerável senhor? Qual é o significado disso?’”

“Venerável senhor, nós estamos satisfeitas e contentes pelo mestre Nandaka ter-nos convidado dessa forma.”

6. “Irmãs, o que vocês pensam? O olho é permanente ou impermanente?” – “Impermanente, venerável senhor” – “Aquilo que é impermanente é sofrimento ou felicidade?” – “Sofrimento, venerável senhor.” – “Aquilo que é impermanente, sofrimento e sujeito à mudança, é adequado que seja considerado assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu?’” – “Não, venerável senhor.”

“Irmãs, o que vocês pensam? O ouvido ... o nariz ... a língua ... o corpo ... a mente é permanente ou impermanente?” – “Impermanente, venerável senhor” – “Aquilo que é impermanente é sofrimento ou felicidade?” – “Sofrimento, venerável senhor.” – “Aquilo que é impermanente, sofrimento e sujeito à mudança, é adequado que seja considerado assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu?’” – “Não, venerável senhor. Por que isso? Porque, venerável senhor, nós já vimos isso com clareza como na verdade é, com correta sabedoria assim: ‘Essas seis bases internas são impermanentes’”

“Muito bem, irmãs! Assim é um nobre discípulo que vê como na verdade é, com correta sabedoria.

7. “Irmãs, o que vocês pensam? As formas ... sons ... aromas ... sabores ... tangíveis ... objetos mentais são permanentes ou impermanentes?” – “Impermanentes, venerável senhor” – “Aquilo que é impermanente é sofrimento ou felicidade?” – “Sofrimento, venerável senhor.” – “Aquilo que é impermanente, sofrimento e sujeito à mudança, é adequado que seja considerado assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu?’” – “Não, venerável senhor. Por que isso? Porque, venerável senhor, nós já vimos isso com clareza como na verdade é, com correta sabedoria assim: ‘Essas seis bases externas são impermanentes’”

“Muito bem, irmãs! Assim é um nobre discípulo que vê como na verdade é, com correta sabedoria.

8. “Irmãs, o que vocês pensam? A consciência no olho ... a consciência no ouvido ... a consciência no nariz ... a consciência na língua ... a consciência no corpo ... a consciência na mente é permanente ou impermanente?” – “Impermanente, venerável senhor” – “Aquilo que é impermanente é sofrimento ou felicidade?” – “Sofrimento, venerável senhor.” – “Aquilo que é impermanente, sofrimento e sujeito à mudança, é adequado que

seja considerado assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu?’” – “Não, venerável senhor. Por que isso? Porque, venerável senhor, nós já vimos isso com clareza, como na verdade é, com correta sabedoria assim: ‘Essas seis classes de consciência são impermanentes’”

“Muito bem, irmãs! Assim é um nobre discípulo que vê como na verdade é, com correta sabedoria.

9. “Irmãs, suponham que uma lamparina de azeite estivesse queimando: o seu azeite é impermanente e sujeito à mudança, o seu pavio é impermanente e sujeito à mudança, a sua chama é impermanente e sujeita à mudança e o seu brilho é impermanente e sujeito à mudança. Agora, alguém que fale corretamente diria isto: ‘Enquanto esta lamparina queima, o seu azeite, pavio e chama são impermanentes e sujeitos à mudança, mas o seu brilho é permanente, interminável, eterno e não está sujeito à mudança’?”

“Não, venerável senhor. Por que isso? Porque venerável senhor, enquanto aquela lamparina queima, o seu azeite, pavio e chama são impermanentes e sujeitos à mudança e assim o seu brilho também tem que ser impermanente e sujeito à mudança.”

“Da mesma forma, irmãs, alguém que fale corretamente diria isto: ‘Estas seis bases internas são impermanentes e sujeitas à mudança, mas a sensação prazerosa, dolorosa ou nem dolorosa, nem prazerosa que é experimentada na dependência dessas seis bases internas é permanente, interminável, eterna e não está sujeita à mudança’?”

“Não, venerável senhor. Por que isso? Porque cada sensação surge na dependência da sua condição correspondente e com a cessação da sua condição correspondente, a sensação cessa.”

“Muito bem, irmãs! Assim é um nobre discípulo que vê como na verdade é, com sabedoria adequada.

10. “Irmãs, suponham uma grande árvore plantada possuidora de cerne: a sua raiz é impermanente e sujeita à mudança, o seu tronco é impermanente e sujeito à mudança, os seus galhos e folhas são impermanentes e sujeitos à mudança, e a sua sombra é impermanente e sujeita à mudança. Agora, alguém que fale corretamente diria isto: ‘A raiz, o tronco, os galhos e folhas desta grande árvore plantada possuidora de cerne são impermanentes e sujeitos à mudança, mas a sua sombra é permanente, interminável, eterna, não sujeita à mudança’?”

“Não, venerável senhor. Por que isso? Porque venerável senhor, a raiz, o tronco, os galhos e folhas desta grande árvore plantada possuidora de cerne são impermanentes e sujeitos à mudança, assim a sua sombra também tem que ser impermanente e sujeita à mudança.”

“Da mesma forma, irmãs, alguém que fale corretamente diria isto: ‘Estas seis bases externas são impermanentes e sujeitas à mudança, mas a sensação prazerosa, dolorosa ou

nem dolorosa, nem prazerosa que é experimentada na dependência dessas seis bases externas é permanente, interminável, eterna, e não está sujeita à mudança’?”

“Não, venerável senhor. Por que isso? Porque cada sensação surge na dependência da sua condição correspondente e com a cessação da sua condição correspondente, a sensação cessa.”

“Muito bem, irmãs! Assim é um nobre discípulo que vê como na verdade é, com sabedoria adequada.

11. “Irmãs, suponham que um hábil açougueiro ou o seu aprendiz matasse uma vaca e a descarnasse com uma faca afiada de açougueiro. Sem danificar a massa interna de carne e sem danificar o couro externo, ele cortaria, separaria e trincharia os tendões internos, nervos e ligamentos com a faca afiada de açougueiro. Então, depois de cortar, separar e trincar tudo isso, ele removeria o couro externo e cobriria novamente a vaca com aquele mesmo couro. Ele falaria corretamente se dissesse: ‘Esta vaca está unida a este couro da mesma forma que antes’?”

“Não, venerável senhor. Por que isso? Porque se aquele hábil açougueiro ou o seu aprendiz matasse uma vaca ... e cortasse, separasse e trinchasse tudo aquilo, muito embora ele cubra a vaca novamente com aquele mesmo couro e diga: ‘Esta vaca está unida a este couro da mesma forma que antes,’ aquela vaca está desunida daquele couro.”

12. “Irmãs, eu citei este símile para transmitir uma idéia. A idéia é a seguinte: ‘A massa interna de carne’ é um termo para as seis bases internas. ‘O couro externo’ é um termo para as seis bases externas. ‘Os tendões internos, nervos e ligamentos’ é um termo para o prazer e a cobiça. ‘A faca afiada do açougueiro’ é um termo para a nobre sabedoria – a nobre sabedoria que corta, separa e trincha as contaminações internas, os grilhões e laços.

13. “Irmãs, há esses sete fatores da iluminação e um *bhikkhu* que através do seu desenvolvimento e cultivo os realize por si mesmo com o conhecimento direto, aqui e agora, entra e permanece na libertação da mente e libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição das impurezas. Quais são os sete? Aqui, irmãs, um *bhikkhu* desenvolve o fator da iluminação da atenção plena, que tem como base o afastamento, desapego e cessação que amadurece no abandono. Ele desenvolve o fator da iluminação da investigação dos fenômenos ... Ele desenvolve o fator da iluminação da energia ... Ele desenvolve o fator da iluminação do êxtase ... Ele desenvolve o fator da iluminação da tranquilidade ... Ele desenvolve o fator da iluminação da concentração ... Ele desenvolve o fator da iluminação da equanimidade, que tem como base o afastamento, desapego e cessação que amadurece no abandono. Esses são os sete fatores da iluminação e através do seu desenvolvimento e cultivo um *bhikkhu*, que realize por si mesmo com o conhecimento direto aqui e agora, entra e permanece na libertação da mente e libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição das impurezas.”

14. Quando o venerável Nandaka instruiu as *bhikkhunis* dessa forma, ele as dispensou dizendo: “Vão, irmãs, é hora.” Então as *bhikkhunis*, satisfeitas e contentes com as

palavras do venerável Nandaka, levantaram dos seus assentos e depois de homenagear o venerável Nandaka, mantendo-o à sua direita, partiram. Elas foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo ficaram em pé a um lado. O Abençoado disse: “Vão, irmãs, é hora.” Então as *bhikkhunis* homenagearam o Abençoado e mantendo-o à sua direita, partiram.

15. Pouco tempo depois delas terem partido o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus*: “*Bhikkhus*, da mesma forma como no décimo quarto dia do *Uposatha* as pessoas não têm dúvidas ou perplexidades quanto à Lua estar cheia ou não, visto que nessa ocasião a Lua ainda não está cheia, assim também aquelas *bhikkhunis* ficaram satisfeitas com o ensinamento do Dhamma de Nandaka, mas a intenção delas ainda não foi satisfeita.”

16-26. Então, o Abençoado se dirigiu ao venerável Nandaka: “Bem, neste caso, Nandaka, você também deveria amanhã instruir essas *bhikkhunis* exatamente da mesma forma.”

“Sim, venerável senhor,” o venerável Nandaka respondeu. Então, ao amanhecer, o venerável Nandaka se vestiu ... (repetir os versos 4-14 até ) ... Então as *bhikkhunis* homenagearam o Abençoado e mantendo-o à sua direita, partiram.

27. Pouco tempo depois delas terem partido o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus*: “*Bhikkhus*, da mesma forma como no décimo quinto dia do *Uposatha* as pessoas não têm dúvidas ou perplexidades quanto à Lua estar cheia ou não, visto que nessa ocasião a Lua está claramente cheia, assim também aquelas *bhikkhunis* ficaram satisfeitas com o ensinamento do Dhamma de Nandaka e a intenção delas foi satisfeita. *Bhikkhus*, mesmo a menos avançada dentre essas quinhentas *bhikkhunis* entrou na correnteza não mais destinada aos mundos inferiores, com o destino fixo, ela tem a iluminação como destino.

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 147 *Cularahulovada Sutta*

### A Pequena Exortação para Rahula

Rahula realiza o estado de arahant

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Então, enquanto o Abençoado estava só em meditação, o seguinte pensamento lhe ocorreu: ‘Os estados que amadurecem na libertação estão maduros em Rahula; E se eu o conduzisse para realizar a destruição das impurezas.’

Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo foi para Savatthi para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Savatthi e de haver retornado, após a refeição, ele se dirigiu ao venerável Rahula da seguinte forma:

“Leve com você o seu pano para sentar, Rahula; vamos até o Bosque dos Cegos para passar o dia.”

“Sim, venerável senhor,” o venerável Rahula respondeu, e tomando o seu pano para sentar seguiu de perto atrás do Abençoado.

Agora, naquela ocasião milhares de *devas* seguiam o Abençoado, pensando: “Hoje o Abençoado irá conduzir o venerável Rahula para realizar a destruição das impurezas.”

Então, o Abençoado foi até o Bosque dos Cegos e sentou à sombra de uma certa árvore num assento que havia sido preparado. E o venerável Rahula homenageou o Abençoado e sentou-se a um lado. O Abençoado disse para o venerável Rahula:

3. “Rahula, o que você pensa? O olho é permanente ou impermanente?” – “Impermanente, venerável senhor.” – “Aquilo que é impermanente é sofrimento ou felicidade?” – “Sofrimento, venerável senhor.” – “Aquilo que é impermanente, sofrimento e sujeito à mudança é adequado que se considere assim: “Isso é meu, isso eu sou, isso é o meu eu?” – “Não, venerável senhor.”

“Rahula, o que você pensa? As formas ... A consciência no olho ... O contato no olho ... Qualquer sensação, qualquer percepção, quaisquer formações volitivas, qualquer consciência que surja tendo o contato no olho como condição é permanente ou impermanente?” – “Impermanente, venerável senhor.” - “Aquilo que é impermanente é sofrimento ou felicidade?” – “Sofrimento, venerável senhor.” – “Aquilo que é impermanente, sofrimento e sujeito à mudança é adequado que se considere assim: “Isso é meu, isso eu sou, isso é o meu eu?” – “Não, venerável senhor.”

4-8. “Rahula, o que você pensa? O ouvido é permanente ou impermanente? ... O nariz é permanente ou impermanente? ... A língua é permanente ou impermanente? ... O corpo é permanente ou impermanente? ... Os objetos mentais ... A consciência na mente ... O contato na mente ... Qualquer sensação, qualquer percepção, quaisquer formações volitivas, qualquer consciência que surja tendo o contato na mente como condição é permanente ou impermanente?” – “Impermanente, venerável senhor.” - “Aquilo que é impermanente é sofrimento ou felicidade?” – “Sofrimento, venerável senhor.” – “Aquilo que é impermanente, sofrimento e sujeito à mudança é adequado que se considere assim: “Isso é meu, isso eu sou, isso é o meu eu?” – “Não, venerável senhor.”

9. “Vendo dessa forma, Rahula, um nobre discípulo bem instruído se desencanta do olho, se desencanta das formas, se desencanta da consciência no olho, se desencanta do contato no olho e se desencanta de qualquer sensação, qualquer percepção, quaisquer formações volitivas, qualquer consciência que surja do contato no olho como condição.

“Ele se desencanta do ouvido ... Ele se desencanta do nariz ... Ele se desencanta da língua ... Ele se desencanta do corpo ... Ele se desencanta da mente, se desencanta dos objetos mentais, se desencanta da consciência na mente, se desencanta do contato na mente e se

desencanta de qualquer sensação, qualquer percepção, quaisquer formações volitivas, qualquer consciência que surja do contato na mente como condição.

10. “Desencantado, ele se torna desapegado. Através do desapego a sua mente é libertada. Quando ela está libertada surge o conhecimento: ‘Libertada.’ Ele compreende que: ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Rahula ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado. Agora, enquanto este discurso estava sendo proferido, através do desapego a mente do venerável Rahula se libertou das impurezas. E naqueles milhares de *devas* surgiu a imaculada visão do Dhamma : “Tudo que está sujeito ao surgimento está sujeito à cessação.”

## *148 Chachakka Sutta*

### Os Seis Conjuntos de Seis

A contemplação de todos os fatores da experiência sensorial como não-eu

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, eu ensinarei para vocês o Dhamma que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final, com o correto significado e fraseado; eu revelarei a vida santa que é completamente perfeita e imaculada: isto é, os seis conjuntos de seis. Ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer.” – “Sim, venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

(SINOPSE)

3. “As seis bases internas devem ser compreendidas. As seis bases externas devem ser compreendidas. As seis classes de consciência devem ser compreendidas. As seis classes de contato devem ser compreendidas. As seis classes de sensações devem ser compreendidas. As seis classes de desejo devem ser compreendidas.

(ENUMERAÇÃO)

4. (i) “‘As seis bases internas devem ser compreendidas.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Existe a base do olho, a base do ouvido, a base do nariz, a base da língua, a base do corpo e a base da mente. Este é o primeiro conjunto de seis.

5. (ii) “‘As seis bases externas devem ser compreendidas.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Existe a base da forma, a base do som, a base do aroma, a base do sabor, a base dos tangíveis e a base do objeto mental. Este é o segundo conjunto de seis.

6. (iii) “‘As seis classes de consciência devem ser compreendidas.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Na dependência do olho e das formas, a consciência no olho surge; na dependência do ouvido e dos sons, a consciência no ouvido surge; na dependência do nariz e dos aromas, a consciência no nariz surge; na dependência da língua e dos sabores, a consciência na língua surge; na dependência do corpo e dos tangíveis, a consciência no corpo surge; na dependência da mente e dos objetos mentais, a consciência na mente surge. Este é o terceiro conjunto de seis.

7. (iv) “‘As seis classes de contato devem ser compreendidas.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Na dependência do olho e das formas, a consciência no olho surge; o encontro dos três é o contato. Na dependência do ouvido e dos sons, a consciência no ouvido surge; o encontro dos três é o contato. Na dependência do nariz e dos aromas, a consciência no nariz surge; o encontro dos três é o contato. Na dependência da língua e dos sabores, a consciência na língua surge; o encontro dos três é o contato. Na dependência do corpo e dos tangíveis, a consciência no corpo surge; o encontro dos três é o contato. Na dependência da mente e dos objetos mentais, a consciência na mente surge; o encontro dos três é o contato. Este é o quarto conjunto de seis.

8. (v) “‘As seis classes de sensações devem ser compreendidas.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Na dependência do olho e das formas, a consciência no olho surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge a sensação. Na dependência do ouvido e dos sons, a consciência no ouvido surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge a sensação. Na dependência do nariz e dos aromas, a consciência no nariz surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge a sensação. Na dependência da língua e dos sabores, a consciência na língua surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge a sensação. Na dependência do corpo e dos tangíveis, a consciência no corpo surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge a sensação. Na dependência da mente e dos objetos mentais, a consciência na mente surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge a sensação. Este é o quinto conjunto de seis.

9. (vi) “‘As seis classes de desejo devem ser compreendidas.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Na dependência do olho e das formas, a consciência no olho surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge a sensação; com a sensação como condição surge o desejo. Na dependência do ouvido e dos sons, a consciência no ouvido surge ... com a sensação como condição surge o desejo. Na dependência do nariz e dos aromas, a consciência no nariz surge ... com a sensação como condição surge o desejo. Na dependência da língua e dos sabores, a consciência na língua surge ... com a sensação como condição surge o desejo. Na dependência do corpo e dos tangíveis, a consciência no corpo surge ... com a sensação como condição surge o desejo. Na dependência da mente e dos objetos mentais, a consciência na mente surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge a sensação; com a sensação como condição surge o desejo. Este é o sexto conjunto de seis.

(DEMONSTRAÇÃO DO NÃO-EU)



10. (i) “Se alguém disser, ‘O olho é o eu,’ isso não é sustentável. O surgimento e a cessação do olho são discernidos, e visto que o surgimento e a cessação são discernidos, sucede que: ‘Meu eu surge e cessa.’ É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘O olho é o eu.’ Portanto, o olho é não-eu.

“Se alguém disser, ‘As formas são o eu,’ ... É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘As formas são o eu.’ Portanto, o olho é não-eu, as formas são não-eu.

“Se alguém disser, ‘A consciência no olho é o eu,’ ... É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘A consciência no olho é o eu.’ Portanto, o olho é não-eu, as formas são não-eu, a consciência no olho é não-eu.

“Se alguém disser, ‘O contato no olho é o eu’ ... É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘O contato no olho é o eu.’ Portanto, o olho é não-eu, as formas são não-eu, a consciência no olho é não-eu, o contato no olho é não-eu.

“Se alguém disser, ‘A sensação é o eu’ ... É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘A sensação é o eu.’ Portanto, o olho é não-eu, as formas são não-eu, a consciência no olho é não-eu, o contato no olho é não-eu, a sensação é não-eu.

“Se alguém disser, ‘O desejo é o eu’ ... É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘O desejo é o eu.’ Portanto, o olho é não-eu, as formas são não-eu, a consciência no olho é não-eu, o contato no olho é não-eu, a sensação é não-eu, o desejo é não-eu.

11. (ii) “Se alguém disser, ‘O ouvido é o eu,’ isso não é sustentável. O surgimento e a cessação do ouvido são discernidos, e visto que o surgimento e a cessação são discernidos, sucede que: ‘Meu eu surge e cessa.’ É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘O ouvido é o eu.’ Portanto, o ouvido é não-eu.

“Se alguém disser, ‘Sons são o eu,’ ... ‘Consciência no ouvido é o eu,’ ... ‘Contato no ouvido é o eu’ ... ‘Sensação é o eu’ ... ‘Desejo é o eu’ ... É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘O desejo é o eu.’ Portanto, o ouvido é não-eu, os sons são não-eu, a consciência no ouvido é não-eu, o contato no ouvido é não-eu, a sensação é não-eu, o desejo é não-eu.

12. (iii) “Se alguém disser, ‘O nariz é o eu,’ isso não é sustentável. O surgimento e a cessação do nariz são discernidos, e visto que o surgimento e a cessação são discernidos, sucede que: ‘Meu eu surge e cessa.’ É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘O nariz é o eu.’ Portanto, o nariz é não-eu.

“Se alguém disser, ‘Aromas são o eu,’ ... ‘Consciência no nariz é o eu,’ ... ‘Contato no nariz é o eu’ ... ‘Sensação é o eu’ ... ‘Desejo é o eu’ ... É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘O desejo é o eu.’ Portanto, o nariz é não-eu, os aromas são não-eu, a consciência no nariz é não-eu, o contato no nariz é não-eu, a sensação é não-eu, o desejo é não-eu.

13. (iv) “Se alguém disser, ‘A língua é o eu,’ isso não é sustentável. O surgimento e a cessação da língua são discernidos, e visto que o surgimento e a cessação são discernidos, sucede que: ‘Meu eu surge e cessa.’ É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘A língua é o eu.’ Portanto, a língua é não-eu.

“Se alguém disser, ‘Sabores são o eu,’ ... ‘Consciência na língua é o eu,’ ... ‘Contato na língua é o eu’ ... ‘Sensação é o eu’ ... ‘Desejo é o eu’ ... É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘O desejo é o eu.’ Portanto, a língua é não-eu, os sabores são não-eu, a consciência na língua é não-eu, o contato na língua é não-eu, a sensação é não-eu, o desejo é não-eu.

14. (v) “Se alguém disser, ‘O corpo é o eu,’ isso não é sustentável. O surgimento e a cessação do corpo são discernidos, e visto que o surgimento e a cessação são discernidos, sucede que: ‘Meu eu surge e cessa.’ É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘O corpo é o eu.’ Portanto, o corpo é não-eu.

“Se alguém disser, ‘Tangíveis são o eu,’ ... ‘Consciência no corpo é o eu,’ ... ‘Contato no corpo é o eu’ ... ‘Sensação é o eu’ ... ‘Desejo é o eu’ ... É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘O desejo é o eu.’ Portanto, o corpo é não-eu, os tangíveis são não-eu, a consciência no corpo é não-eu, o contato no corpo é não-eu, a sensação é não-eu, o desejo é não-eu.

15. (vi) “Se alguém disser, ‘A mente é o eu,’ isso não é sustentável. O surgimento e a cessação da mente são discernidos, e visto que o surgimento e a cessação são discernidos, sucede que: ‘Meu eu surge e cessa.’ É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘A mente é o eu.’ Portanto, a mente é não-eu.

“Se alguém disser, ‘Objetos mentais são o eu,’ ... ‘Consciência na mente é o eu,’ ... ‘Contato na mente é o eu’ ... ‘Sensação é o eu’ ... ‘Desejo é o eu’ ... É por isso que não é sustentável que alguém diga, ‘O desejo é o eu.’ Portanto, a mente é não-eu, os objetos mentais são não-eu, a consciência na mente é não-eu, o contato na mente é não-eu, a sensação é não-eu, o desejo é não-eu.

#### (A ORIGEM DA IDENTIDADE)

16. “Agora, *bhikkhus*, este é o caminho que conduz à origem da identidade. (i) Alguém considera o olho assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu.’ Alguém considera as formas assim ... Alguém considera a consciência no olho assim ... Alguém considera o contato no olho assim ... Alguém considera as sensações assim ... Alguém considera o desejo assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu.’”

17-21. (ii-vi) “Alguém considera o ouvido assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu.’ ... Alguém considera o nariz assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu.’ ... Alguém considera a língua assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu.’ ... Alguém considera o corpo assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu.’ ... Alguém considera

a mente assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu.’ ... Alguém considera os objetos mentais assim ... Alguém considera a consciência na mente assim ... Alguém considera o contato na mente assim ... Alguém considera as sensações assim ... Alguém considera o desejo assim: ‘Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu.’”

#### (A CESSAÇÃO DA IDENTIDADE)

22. “Agora, *bhikkhus*, este é o caminho que conduz à cessação da identidade. (i) Alguém considera o olho assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ Alguém considera as formas assim ... Alguém considera a consciência no olho assim ... Alguém considera o contato no olho assim ... Alguém considera as sensações assim ... Alguém considera o desejo assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’”

23-27. (ii-vi) “Alguém considera o ouvido assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ ... Alguém considera o nariz assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ ... Alguém considera a língua assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ ... Alguém considera o corpo assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ ... Alguém considera a mente assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ ... Alguém considera objetos mentais assim ... Alguém considera a consciência na mente assim ... Alguém considera o contato na mente assim ... Alguém considera as sensações assim ... Alguém considera o desejo assim: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’”

#### (AS TENDÊNCIAS SUBJACENTES)

28. (i) “*Bhikkhus*, na dependência do olho e das formas, a consciência no olho surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge uma sensação sentida como prazerosa ou dolorosa ou nem prazerosa, nem dolorosa. Quando alguém é tocado por uma sensação prazerosa, se ele sente prazer com ela, recebe-a e permanece agarrado a ela, então a tendência subjacente ao desejo está nele. Quando alguém é tocado por uma sensação dolorosa, se ele fica triste, angustiado e lamenta, chora, bate no peito e fica perturbado, então a tendência subjacente à aversão está nele. Quando alguém é tocado por uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa, se ele não compreende como na verdade é a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória em relação àquela sensação, então a tendência subjacente à ignorância está nele. *Bhikkhus*, que alguém possa aqui e agora dar um fim ao sofrimento sem abandonar a tendência subjacente do desejo em relação às sensações prazerosas, sem abolir a tendência subjacente da aversão em relação às sensações dolorosas, sem extirpar a tendência subjacente da ignorância em relação às sensações nem prazerosas, nem dolorosas; sem abandonar a ignorância e fazer surgir o verdadeiro conhecimento – isso é impossível.

29-33. (ii-vi) “*Bhikkhus*, na dependência do ouvido e dos sons, a consciência no ouvido surge ... Na dependência da mente e dos objetos mentais, a consciência na mente surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge uma sensação sentida como prazerosa ou dolorosa ou nem prazerosa, nem dolorosa ... *Bhikkhus*, que alguém possa aqui e agora dar um fim ao sofrimento sem abandonar a tendência subjacente do

desejo em relação às sensações prazerosas, sem abolir a tendência subjacente da aversão em relação às sensações dolorosas, sem extirpar a tendência subjacente da ignorância em relação às sensações nem prazerosas, nem dolorosas; sem abandonar a ignorância e fazer surgir o verdadeiro conhecimento – isso é impossível..

#### (O ABANDONO DAS TENDÊNCIAS SUBJACENTES)

34. (i) “*Bhikkhus*, na dependência do olho e das formas, a consciência no olho surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge uma sensação sentida como prazerosa ou dolorosa ou nem prazerosa, nem dolorosa. Quando alguém é tocado por uma sensação prazerosa, se ele não sente prazer com ela, se não a recebe e não permanece agarrado a ela, então a tendência subjacente ao desejo não está nele. Quando alguém é tocado por uma sensação dolorosa, se ele não fica triste, angustiado e lamenta, não chora, bate no peito e não fica perturbado, então a tendência subjacente à aversão não está nele. Quando alguém é tocado por uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa, se ele compreende como na verdade é a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória em relação àquela sensação, então a tendência subjacente à ignorância não está nele. *Bhikkhus*, que alguém possa aqui e agora dar um fim ao sofrimento através do abandono da tendência subjacente do desejo em relação às sensações prazerosas, abolindo a tendência subjacente da aversão em relação às sensações dolorosas, extirpando a tendência subjacente da ignorância em relação às sensações nem prazerosas, nem dolorosas; abandonando a ignorância e fazendo surgir o verdadeiro conhecimento – isso é possível.

35-39. (ii-vi) “*Bhikkhus*, na dependência do ouvido e dos sons, a consciência no ouvido surge ... Na dependência da mente e dos objetos mentais, a consciência na mente surge; o encontro dos três é o contato; com o contato como condição surge uma sensação sentida como prazerosa ou dolorosa ou nem prazerosa, nem dolorosa ... *Bhikkhus*, que alguém possa aqui e agora dar um fim ao sofrimento através do abandono da tendência subjacente do desejo em relação às sensações prazerosas, abolindo a tendência subjacente da aversão em relação às sensações dolorosas, extirpando a tendência subjacente da ignorância em relação às sensações nem prazerosas, nem dolorosas; abandonando a ignorância e fazendo surgir o verdadeiro conhecimento – isso é possível.

#### (LIBERTAÇÃO)

40. “Vendo dessa forma, *bhikkhus*, um nobre discípulo bem instruído se desencanta do olho, se desencanta das formas, se desencanta da consciência no olho, se desencanta do contato no olho, se desencanta da sensação, se desencanta do desejo.

“Ele se desencanta do ouvido ... Ele se desencanta do nariz ... se desencanta da língua ... se desencanta do corpo ... se desencanta da mente, se desencanta dos objetos mentais, se desencanta da consciência na mente, se desencanta do contato na mente, se desencanta da sensação, se desencanta do desejo.

41. ‘Desencantado, ele se torna desapegado. Através do desapego a sua mente é libertada. Quando ela está libertada surge o conhecimento: ‘Libertada.’ Ele compreende que: ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado. Agora enquanto este discurso estava sendo proferido, através do desapego as mentes de sessenta *bhikkhus* foram libertadas das impurezas.

## 149 Mahasalayatanika Sutta

### O Grande Discurso das Seis Bases

Como o entendimento correto conduz à libertação

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, eu ensinarei para vocês o grande discurso das seis bases. Ouçam e prestem muita atenção ao que vou dizer.” – “Sim, venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

3. “*Bhikkhus*, quando alguém não compreende e não vê o olho como na verdade ele é, quando alguém não compreende e não vê as formas como na verdade elas são, quando alguém não compreende e não vê a consciência no olho como na verdade ela é, quando alguém não compreende e não vê o contato no olho como na verdade ele é, quando alguém não compreende e não vê como na verdade é a sensação sentida como prazerosa, ou dolorosa, ou nem prazerosa, nem dolorosa, que surge tendo o contato no olho como condição, então ele está em chamas pela cobiça pelo olho, pelas formas, pela consciência no olho, pelo contato no olho, pela sensação sentida como prazerosa, ou dolorosa, ou nem prazerosa, nem dolorosa, que surge tendo o contato no olho como condição.

“Para ele – apaixonado, agrilhado, confuso, sem permanecer focado nas suas desvantagens – os cinco agregados influenciados pelo apego estão direcionados a uma acumulação no futuro. [xciii](#) O desejo – que conduz a uma renovada existência, acompanhado pela cobiça e pelo prazer, buscando o prazer aqui e ali – aumenta nele. As suas perturbações corporais e mentais aumentam. Os seus tormentos corporais e mentais aumentam. As suas febres corporais e mentais aumentam. Ele experimenta ambos a dor corporal e a mental.

4-8. “Quando alguém não compreende e não vê o ouvido como na verdade ele é ... Quando alguém não compreende e não vê o nariz como na verdade ele é ... Quando alguém não compreende e não vê a língua como na verdade ela é ... Quando alguém não compreende e não vê o corpo como na verdade ele é ... Quando alguém não compreende e não vê a mente como na verdade ela é ... ele experimenta ambos a dor corporal e a mental.

9. “*Bhikkhus*, quando alguém compreende e vê o olho como na verdade ele é, quando alguém compreende e vê as formas como na verdade elas são, quando alguém compreende e vê a consciência no olho como na verdade ela é, quando alguém compreende e vê o contato no olho como na verdade ele é, quando alguém compreende e vê como na verdade é a sensação sentida como prazerosa, ou dolorosa, ou nem prazerosa, nem dolorosa, que surge tendo o contato no olho como condição, então ele não está em chamas pela cobiça pelo olho, pelas formas, pela consciência no olho, pelo contato no olho, pela sensação sentida como prazerosa, ou dolorosa, ou nem prazerosa, nem dolorosa, que surge tendo o contato no olho como condição.

“Para ele – sem estar apaixonado, sem estar agrilhado, sem estar confuso, permanecendo focado nas suas desvantagens – os cinco agregados influenciados pelo apego não estão direcionados a uma acumulação no futuro. O desejo – que conduz a uma renovada existência, acompanhado pela cobiça e pelo prazer, buscando o prazer aqui e ali – é abandonado. As suas perturbações corporais e mentais são abandonadas. Os seus tormentos corporais e mentais são abandonados. As suas febres corporais e mentais são abandonadas. Ele experimenta ambos o prazer corporal e o mental.

10. “O entendimento de alguém assim é o entendimento correto. O seu pensamento é o pensamento correto, o seu esforço é o esforço correto, a sua atenção plena é a atenção plena correta, a sua concentração é a concentração correta. Mas a sua ação corporal, a sua ação verbal e o seu modo de vida já foram bem purificados antes. [xciv](#) Assim, este Nobre Caminho Óctuplo é realizado por ele através do desenvolvimento. Ao desenvolver este Nobre Caminho Óctuplo, os quatro fundamentos da atenção plena também são realizados por ele através do seu desenvolvimento; os quatro tipos de esforço correto também são realizados por ele através do desenvolvimento; as quatro bases do poder espiritual também são realizadas por ele através do desenvolvimento; as cinco faculdades também são realizadas por ele através do desenvolvimento; os cinco poderes também são realizados por ele através do desenvolvimento; os sete fatores da iluminação também são realizados por ele através do desenvolvimento. Essas duas coisas – tranqüilidade e insight – ocorrem juntas, emparelhadas em igualdade. Ele compreende por completo através do conhecimento direto aquelas coisas que devem ser compreendidas por completo através do conhecimento direto. Ele abandona através do conhecimento direto aquelas coisas que devem ser abandonadas através do conhecimento direto. Ele desenvolve através do conhecimento direto aquelas coisas que devem ser desenvolvidas através do conhecimento direto. Ele realiza através do conhecimento direto aquelas coisas que devem ser realizadas através do conhecimento direto.

11. “E quais são as coisas que devem ser compreendidas através do conhecimento direto? A resposta a isso é: os cinco agregados influenciados pelo apego, isto é, o agregado da forma material influenciado pelo apego, o agregado da sensação influenciado pelo apego, o agregado da percepção influenciado pelo apego, o agregado das formações influenciado pelo apego, o agregado da consciência influenciado pelo apego. Essas são as coisas que devem ser compreendidas através do conhecimento direto.

“E quais são as coisas que devem ser abandonadas através do conhecimento direto? Ignorância e desejo por ser/existir. Essas são as coisas que devem ser abandonadas através do conhecimento direto.

“E quais são as coisas que devem ser desenvolvidas através do conhecimento direto? Tranqüilidade e insight. Essas são as coisas que devem ser desenvolvidas através do conhecimento direto.

“E quais são as coisas que devem ser realizadas através do conhecimento direto? O verdadeiro conhecimento e libertação. Essas são as coisas que devem ser realizadas através do conhecimento direto.

12-14. “Quando alguém compreende e vê o ouvido como na verdade ele é ... Essas são as coisas que devem ser realizadas através do conhecimento direto. [xcv](#)

15-17. “Quando alguém compreende e vê o nariz como na verdade ele é ... Essas são as coisas que devem ser realizadas através do conhecimento direto.

18-20. “Quando alguém compreende e vê a língua como na verdade ela é ... Essas são as coisas que devem ser realizadas através do conhecimento direto.

21-23. “Quando alguém compreende e vê o corpo como na verdade ele é ... Essas são as coisas que devem ser realizadas através do conhecimento direto.

24-26. “Quando alguém compreende e vê a mente como na verdade ela é ... Essas são as coisas que devem ser realizadas através do conhecimento direto.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## *150 Nagaravindeyya Sutta*

Para os Nagaravindas

Que tipo de contemplativos e brâmanes devem ser objeto de veneração

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava perambulando por Kosala com uma grande sangha de *bhikkhus* até que por fim acabou chegando no vilarejo brâmane denominado Nagaravinda.

2. Os brâmanes chefes de família de Nagaravinda ouviram: “Gotama o contemplativo, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas, que andava perambulando em Kosala com um grande número de *bhikkhus* chegou em Nagaravinda. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime.

Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *maras* e *brahmas*, esta população com seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e o povo. Ele ensina o Dhamma com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada.' É bom poder encontrar alguém tão nobre..”

3. Assim os brâmanes chefes de família de Nagaravinda foram até o Abençoado. Alguns homenagearam o Abençoado ... alguns trocaram saudações corteses com ele ... alguns ajuntaram as mãos em respeitosa saudação ... alguns anunciaram o seu nome e clã ... alguns permaneceram em silêncio e sentaram a um lado. Uma vez sentados, o Abençoado disse:

4. “Chefes de família, se os errantes de outras seitas perguntarem a vocês: ‘Chefes de família, que tipo de contemplativos e brâmanes não devem ser honrados, respeitados, reverenciados e venerados?’ Vocês deveriam responder assim: ‘Aqueles contemplativos e brâmanes que não estão livres da cobiça, raiva e delusão em relação a formas percebidas pelo olho, cujas mentes não estão em paz, e que ora se comportam com virtude, ora sem virtude em relação ao corpo, linguagem e mente – esses contemplativos e brâmanes não devem ser honrados, respeitados, reverenciados e venerados. Por que isso? Porque nós mesmos não estamos livres da cobiça, raiva e delusão em relação a formas percebidas pelo olho, nossas mentes não estão em paz, e nós mesmos ora nos comportamos com virtude, ora sem virtude em relação ao corpo, linguagem e mente. Como nós não vemos nenhum comportamento virtuoso superior por parte desses bons contemplativos e brâmanes, eles não devem ser honrados, respeitados, reverenciados e venerados.

“Aqueles contemplativos e brâmanes que não estão livres da cobiça, raiva e delusão em relação a sons percebidos pelo ouvido ... em relação a aromas percebidos pelo nariz ... em relação a sabores percebidos pela língua ... em relação a tangíveis percebidos pelo corpo ... em relação a objetos mentais percebidos pela mente, cujas mentes não estão em paz, e que ora se comportam com virtude, ora sem virtude em relação ao corpo, linguagem e mente ... não devem ser honrados ... Como nós não vemos nenhum comportamento virtuoso superior por parte desses bons contemplativos e brâmanes, eles não devem ser honrados, respeitados, reverenciados e venerados.’ Sendo perguntados, chefes de família, assim é como vocês deveriam responder aos errantes de outras seitas.”

5. “Chefes de família, se os errantes de outras seitas perguntarem a vocês: ‘Chefes de família, que tipo de contemplativos e brâmanes devem ser honrados, respeitados, reverenciados e venerados?’ Vocês deveriam responder assim: ‘Aqueles contemplativos e brâmanes que estão livres da cobiça, raiva e delusão em relação a formas percebidas pelo olho, cujas mentes estão em paz, e que se comportam com virtude em relação ao corpo, linguagem e mente – esses contemplativos e brâmanes devem ser honrados, respeitados, reverenciados e venerados. Por que isso? Porque nós mesmos não estamos livres da cobiça, raiva e delusão em relação a formas percebidas pelo olho, nossas mentes não estão em paz, e nós mesmos ora nos comportamos com virtude, ora sem virtude em relação ao corpo, linguagem e mente. Como nós vemos um comportamento virtuoso



superior por parte desses bons contemplativos e brâmanes, eles devem ser honrados, respeitados, reverenciados e venerados.

“Aqueles contemplativos e brâmanes que estão livres da cobiça, raiva e delusão em relação a sons percebidos pelo ouvido ... em relação a aromas percebidos pelo nariz ... em relação a sabores percebidos pela língua ... em relação a tangíveis percebidos pelo corpo ... em relação a objetos mentais percebidos pela mente, cujas mentes estão em paz, e que se comportam com virtude em relação ao corpo, linguagem e mente ... devem ser honrados ... Como nós vemos um comportamento virtuoso superior por parte desses bons contemplativos e brâmanes, eles devem ser honrados, respeitados, reverenciados e venerados.’ Sendo perguntados, chefes de família, assim é como vocês deveriam responder aos errantes de outras seitas

6. “Chefes de família, se os errantes de outras seitas perguntarem a vocês: ‘Mas quais são as suas razões, qual é a sua evidência, em relação a esses veneráveis, que faz com que vocês digam a respeito deles: “Com certeza esses veneráveis ou estão livres da cobiça ou estão praticando para remover a cobiça; eles estão livres da raiva ou estão praticando para remover a raiva; estão livres da delusão ou estão praticando para remover a delusão”?’ – sendo assim perguntados, vocês deveriam responder a esses errantes de outras seitas desta forma: ‘É porque esses veneráveis recorrem aos bosques cerrados, afastados. Pois lá não existem formas percebidas pelo olho do tipo que eles pudessem olhar e se deliciar. Não existem sons percebidos pelo ouvido do tipo que eles pudessem ouvir e se deliciar. Não existem aromas percebidos pelo nariz do tipo que eles pudessem cheirar e se deliciar. Não existem sabores percebidos pela língua do tipo que eles pudessem saborear e se deliciar. Não existem tangíveis percebidos pelo corpo do tipo que eles pudessem tocar e se deliciar. Essas são as nossas razões, amigos, essa é a nossa evidência que faz com que digamos desses veneráveis: “Com certeza esses veneráveis ou estão livres da cobiça, raiva e delusão ou estão praticando para removê-las.”’ Sendo assim perguntados, vocês deveriam responder a esses errantes de outras seitas desta forma.”

7. Quando isso foi dito, os brâmanes chefes de família de Nagaravinda disseram para o Abençoador: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Nós buscamos refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama nos aceite como discípulos leigos que nele buscaram refúgio para o resto das nossas vidas.”

## *151 Pindapataparisuddhi Sutta*

### A Purificação das Esmolas

Como um bhikkhu deve examinar a si mesmo para ser digno de receber esmolas

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoador estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos. Então, ao anoitecer, o venerável Sariputta levantou da meditação

e foi até o Abençoado. Depois de cumprimentá-lo, ele sentou a um lado. O Abençoado disse:

2. “Sariputta, as suas faculdades estão serenas. A sua complexão está pura e brilhante. Em qual permanência você freqüentemente permanece agora, Sariputta?”

“Agora, venerável senhor, eu permaneço freqüentemente no vazio.”

“Muito bem, Sariputta! Agora, de fato, você permanece freqüentemente na permanência de um grande homem. Pois essa é a permanência de um grande homem, isto é, o vazio.

3. “Portanto, Sariputta, se um *bhikkhu* desejar: ‘Que eu agora permaneça freqüentemente no vazio,’ ele deveria considerar o seguinte: ‘No caminho que percorri até o vilarejo para esmolar alimentos, ou no lugar em que perambulei esmolando alimentos, ou no caminho de volta da esmola de alimentos, houve na minha mente algum desejo, cobiça, raiva, delusão ou aversão com relação a formas percebidas pelo olho?’ Se, ao revisar deste modo, ele compreende que: ‘Houve na minha mente desejo, cobiça, raiva, delusão ou aversão com relação a formas percebidas pelo olho,’ então, ele deve fazer o esforço para abandonar esses estados ruins e prejudiciais. Mas, se ao revisar ele compreende que: ‘Não houve na minha mente nenhum desejo, cobiça, raiva, delusão ou aversão com relação a formas percebidas pelo olho,’ então, ele pode permanecer feliz e contente, treinando dia e noite nos estados benéficos.

4-8. “Outra vez, Sariputta, um *bhikkhu* deveria considerar o seguinte: ‘No caminho que percorri até o vilarejo para esmolar alimentos, ou no lugar em que perambulei esmolando alimentos, ou no caminho de volta da esmola de alimentos, houve na minha mente algum desejo, cobiça, raiva, delusão ou aversão com relação a sons percebidos pelo ouvido? ... com relação a aromas percebidos pelo nariz? ... com relação a sabores percebidos pela língua? ... com relação a tangíveis percebidos pelo corpo? ... com relação a objetos mentais percebidos pela mente?’ Se, ao revisar deste modo, ele compreende que: ‘Houve na minha mente desejo, cobiça, raiva, delusão ou aversão com relação a objetos mentais percebidos pela mente,’ então, ele deve fazer o esforço para abandonar esses estados ruins e prejudiciais. Mas, se ao revisar ele compreende que: ‘Não houve na minha mente nenhum desejo, cobiça, raiva, delusão ou aversão com relação a objetos mentais percebidos pela mente,’ então, ele pode permanecer feliz e contente, treinando dia e noite nos estados benéficos.

9. “Outra vez, Sariputta, um *bhikkhu* deveria considerar o seguinte: ‘Os cinco elementos do prazer sensual foram abandonados por mim?’ Se, ao revisar deste modo, ele compreende que: ‘Os cinco elementos do prazer sensual não foram abandonados por mim,’ então, ele deve fazer o esforço para abandonar esses cinco elementos do prazer sensual. Mas, se ao revisar ele compreende que: ‘Os cinco elementos do prazer sensual foram abandonados por mim,’ então, ele pode permanecer feliz e contente, treinando dia e noite nos estados benéficos.

10. “Outra vez, Sariputta, um *bhikkhu* deveria considerar o seguinte: ‘Os cinco obstáculos foram abandonados por mim?’ Se, ao revisar deste modo, ele compreende que: ‘Os cinco obstáculos não foram abandonados por mim,’ então, ele deve fazer o esforço para abandonar esses cinco obstáculos. Mas, se ao revisar ele compreende que: ‘Os cinco obstáculos foram abandonados por mim,’ então ele pode permanecer feliz e contente, treinando dia e noite nos estados benéficos.

11. “Outra vez, Sariputta, um *bhikkhu* deveria considerar o seguinte: ‘Os cinco agregados influenciados pelo apego foram compreendidos completamente por mim?’ Se, ao revisar deste modo, ele compreende que: ‘Os cinco agregados influenciados pelo apego não foram compreendidos completamente por mim,’ então, ele deve fazer o esforço para compreender completamente esses cinco agregados influenciados pelo apego. Mas, se ao revisar ele compreende que: ‘Os cinco agregados influenciados pelo apego foram compreendidos completamente por mim,’ então ele pode permanecer feliz e contente, treinando dia e noite nos estados benéficos.

12. “Outra vez, Sariputta, um *bhikkhu* deveria considerar o seguinte: ‘Os quatro fundamentos da atenção plena foram desenvolvidos por mim?’ Se, ao revisar deste modo, ele compreende que: ‘Os quatro fundamentos da atenção plena não foram desenvolvidos por mim,’ então, ele deve fazer o esforço para desenvolver esses quatro fundamentos da atenção plena. Mas, se ao revisar ele compreende que: ‘Os quatro fundamentos da atenção plena foram desenvolvidos por mim,’ então, ele pode permanecer feliz e contente, treinando dia e noite nos estados benéficos.

13-19. “Outra vez, Sariputta, um *bhikkhu* deveria considerar o seguinte: ‘Os quatro tipos de esforço correto foram desenvolvidos por mim? ... As quatro bases para o poder espiritual foram desenvolvidas por mim? .... As cinco faculdades foram desenvolvidas por mim? ... Os cinco poderes foram desenvolvidos por mim? ... Os sete fatores da iluminação foram desenvolvidos por mim? ... O Nobre Caminho Óctuplo foi desenvolvido por mim? ... A tranquilidade e o insight foram desenvolvidos por mim?’ Se, ao revisar deste modo, ele compreende que: ‘A tranquilidade e o insight não foram desenvolvidos por mim,’ então, ele deve fazer o esforço para desenvolvê-los. Mas, se ao revisar ele compreende que: ‘A tranquilidade e o insight foram desenvolvidos por mim,’ então, ele pode permanecer feliz e contente, treinando dia e noite nos estados benéficos.

20. “Outra vez, Sariputta, um *bhikkhu* deveria considerar o seguinte: ‘O conhecimento verdadeiro e a libertação foram realizados por mim?’ Se, ao revisar deste modo, ele compreende que: ‘O conhecimento verdadeiro e a libertação não foram realizados por mim,’ então ele deve fazer o esforço para realizar o conhecimento verdadeiro e a libertação. Mas, se ao revisar ele compreende que: ‘O conhecimento verdadeiro e a libertação foram realizados por mim,’ então, ele pode permanecer feliz e contente, treinando dia e noite nos estados benéficos.

21. “Sariputta, todos os contemplativos e brâmanes do passado, que purificaram as suas esmolas, assim o fizeram revisando repetidamente dessa maneira. Todos os contemplativos e brâmanes do futuro, que purificarem as suas esmolas, assim o farão

revisando repetidamente dessa maneira. Todos os contemplativos e brâmanes do presente, que purificam as suas esmolas, assim o fazem revisando repetidamente dessa maneira. Portanto, Sariputta, você deve treinar deste modo: ‘Nós purificaremos as nossas esmolas revisando repetidamente dessa maneira.’” [xcvi](#)

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Sariputta ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## *152 Indriyabhavana Sutta*

### O Desenvolvimento das Faculdades

O controle sobre as faculdades sensoriais

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Kajangala, em um bosque de árvores mukhelu.

2. Então o estudante brâmane Uttara, um pupilo do brâmane Parasariya, foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado. O Abençoado então lhe perguntou: "Uttara, o brâmane Parasariya ensina aos seus discípulos o desenvolvimento das faculdades?"

"Ele ensina, Mestre Gotama."

"Mas, Uttara, como ele ensina aos seus discípulos o desenvolvimento das faculdades?"

"Nesse caso, Mestre Gotama, a pessoa não vê as formas com os olhos, a pessoa não ouve os sons com os ouvidos. Assim é como o brâmane Parasariya ensina aos seus discípulos o desenvolvimento das faculdades."

"Se é assim, Uttara, então um homem cego e um homem surdo terão desenvolvido as suas faculdades, de acordo com o que diz o brâmane Parasariya. Pois um homem cego não vê as formas com os olhos e um homem surdo não ouve os sons com os ouvidos."

Quando isso foi dito, o estudante brâmane Uttara, um pupilo do brâmane Parasariya, permaneceu sentado em silêncio, consternado, com os ombros caídos e a cabeça baixa, deprimido e sem resposta.

3. Então, sabendo disso, o Abençoado se dirigiu ao venerável Ananda: "Ananda, o brâmane Parasariya ensina aos seus discípulos o desenvolvimento das faculdades de uma forma, mas na Disciplina dos Nobres o desenvolvimento supremo das faculdades ocorre de outra forma." [xcvii](#)

"Agora é o momento, Abençoado, agora é o momento, Iluminado, para que o Abençoado ensine o desenvolvimento supremo das faculdades na Disciplina dos Nobres. Tendo ouvido do Abençoado os bhikkhus o recordarão."

"Então, Ananda, ouça e preste muita atenção ao que vou dizer."

"Sim, venerável senhor," ele respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

4. "Agora, Ananda, como é o desenvolvimento supremo das faculdades na Disciplina dos Nobres? Nesse caso, Ananda, quando um *bhikkhu* vê uma forma com o olho, surge nele aquilo que é agradável, surge nele aquilo que é desagradável, surge nele aquilo que é ambos, agradável e desagradável. Ele compreende da seguinte forma: 'Surgiu em mim aquilo que é agradável, surgiu em mim aquilo que é desagradável, surgiu em mim aquilo que é ambos, agradável e desagradável. Mas aquilo é condicionado, é grosseiro, com origem dependente; isto é pacífico, isto é sublime, ou seja, a equanimidade.' Aquilo que é agradável que surgiu, aquilo que é desagradável que surgiu, aquilo que é ambos, agradável e desagradável que surgiu, cessa nele e a equanimidade se estabelece. Da mesma forma como um homem com boa visão, tendo aberto os olhos poderá fechá-los, ou tendo fechado os olhos poderá abri-los, assim também no que diz respeito a qualquer coisa agradável que tenha surgido, desagradável que tenha surgido e ambos, agradável e desagradável que tenha surgido, cessa com a mesma brevidade, com a mesma rapidez, com a mesma facilidade e a equanimidade se estabelece. A isto se denomina na Disciplina dos Nobres o supremo desenvolvimento das faculdades com relação às formas percebidas pelo olho.

5. "Novamente, Ananda, quando um *bhikkhu* ouve um som com o ouvido, surge nele aquilo que é agradável, surge nele aquilo que é desagradável, surge nele aquilo que é ambos agradável e desagradável. Ele compreende da seguinte forma: ... e a equanimidade se estabelece. Da mesma forma como um homem forte pode com facilidade estalar os dedos, assim também, no que diz respeito a qualquer coisa agradável que tenha surgido, desagradável que tenha surgido e ambos, agradável e desagradável que tenha surgido, cessa com a mesma brevidade, com a mesma rapidez, com a mesma facilidade e a equanimidade se estabelece. A isto se denomina na Disciplina dos Nobres o supremo desenvolvimento das faculdades com relação aos sons percebidos pelo ouvido.

6. "Novamente, Ananda, quando um *bhikkhu* cheira um aroma com o nariz, surge nele aquilo que é agradável, surge nele aquilo que é desagradável, surge nele aquilo que é ambos, agradável e desagradável. Ele compreende da seguinte forma: ... e a equanimidade se estabelece. Da mesma forma como em uma folha de lótus ligeiramente inclinada as gotas de chuva rolam e ali não permanecem, assim também, no que diz respeito a qualquer coisa agradável que tenha surgido, desagradável que tenha surgido e ambos, agradável e desagradável que tenha surgido, cessa com a mesma brevidade, com a mesma rapidez, com a mesma facilidade e a equanimidade se estabelece. A isto se denomina na Disciplina dos Nobres o supremo desenvolvimento das faculdades com relação aos odores percebidos pelo nariz.

7. "Novamente, Ananda, quando um *bhikkhu* saboreia um sabor com a língua, surge nele aquilo que é agradável, surge nele aquilo que é desagradável, surge nele aquilo que é ambos, agradável e desagradável. Ele compreende da seguinte forma: ... e a equanimidade se estabelece. Da mesma forma como um homem forte pode com

facilidade cuspir uma bola de saliva que se encontra na ponta da língua, assim também, no que diz respeito a qualquer coisa agradável que tenha surgido, desagradável que tenha surgido e ambos, agradável e desagradável que tenha surgido, cessa com a mesma brevidade, com a mesma rapidez, com a mesma facilidade e a equanimidade se estabelece. A isto se denomina na Disciplina dos Nobres o supremo desenvolvimento das faculdades com relação aos sabores percebidos pela língua.

8. "Novamente, Ananda, quando um bhikkhu toca algo tangível com o corpo, surge nele aquilo que é agradável, surge nele aquilo que é desagradável, surge nele aquilo que é ambos, agradável e desagradável. Ele compreende da seguinte forma: ... e a equanimidade se estabelece. Da mesma forma como um homem forte pode com facilidade estender o braço flexionado ou flexionar o braço estendido, assim também, no que diz respeito a qualquer coisa agradável que tenha surgido, desagradável que tenha surgido e ambos, agradável e desagradável que tenha surgido, cessa com a mesma brevidade, com a mesma rapidez, com a mesma facilidade e a equanimidade se estabelece. A isto se denomina na Disciplina dos Nobres o supremo desenvolvimento das faculdades com relação aos tangíveis percebidos pelo corpo.

9. "Novamente, Ananda, quando um bhikkhu percebe um objeto mental com a mente, surge nele aquilo que é agradável, surge nele aquilo que é desagradável, surge nele aquilo que é ambos, agradável e desagradável. Ele compreende da seguinte forma: ... e a equanimidade se estabelece. Como se um homem deixasse cair duas ou três gotas d'água sobre uma chapa de ferro aquecida durante todo um dia, a queda das gotas poderia ser lenta mas elas se vaporizariam rapidamente e desapareceriam, assim também, no que diz respeito a qualquer coisa agradável que tenha surgido, desagradável que tenha surgido e ambos, agradável e desagradável que tenha surgido, cessa com a mesma brevidade, com a mesma rapidez, com a mesma facilidade e a equanimidade se estabelece. A isto se denomina na Disciplina dos Nobres o supremo desenvolvimento das faculdades com relação aos objetos mentais reconhecidos pela mente.

"Assim é como ocorre o desenvolvimento supremo das faculdades na Disciplina dos Nobres.

10. "E como, Ananda, alguém é um discípulo no treinamento superior, aquele que entrou no caminho? Neste caso, Ananda, quando um *bhikkhu* vê uma forma com o olho ... ouve um som com o ouvido ... cheira um aroma com o nariz ... experimenta um sabor com a língua ... toca algo tangível com o corpo ... percebe um objeto mental com a mente, surge nele aquilo que é agradável, surge nele aquilo que é desagradável, surge nele aquilo que é ambos, agradável e desagradável; ele fica envergonhado, repellido e desgostoso pelo agradável que surgiu, pelo desagradável que surgiu e por ambos, o agradável e o desagradável que surgiram. Assim é como alguém é um discípulo no treinamento mais elevado, aquele que entrou no caminho.

11-16. "E como, Ananda, alguém é um nobre com as faculdades desenvolvidas? Nesse caso, Ananda, quando um *bhikkhu* vê uma forma com o olho ... ouve um som com o ouvido ... cheira um aroma com o nariz ... experimenta um sabor com a língua ... toca

algo tangível com o corpo ... percebe um objeto mental com a mente, surge nele aquilo que é agradável, surge nele aquilo que é desagradável, surge nele aquilo que é ambos, agradável e desagradável. Se ele desejar: 'Que eu permaneça percebendo o não repulsivo no repulsivo,' ele permanece percebendo o não repulsivo no repulsivo. Se ele desejar: 'Que eu permaneça percebendo o repulsivo no não repulsivo,' ele permanece percebendo o repulsivo no não repulsivo. Se ele desejar: 'Que eu permaneça percebendo o não repulsivo no repulsivo e no não repulsivo,' ele permanece percebendo o não repulsivo no repulsivo e no não repulsivo. Se ele desejar: 'Que eu permaneça percebendo o repulsivo no não repulsivo e no repulsivo,' ele permanece percebendo o repulsivo no não repulsivo e no repulsivo. Se ele desejar: 'Que eu, evitando ambos, o repulsivo e o não repulsivo, permaneça com equanimidade, com atenção plena e plena consciência,' ele permanece equânime, com atenção plena e plena consciência. Assim é como alguém é um nobre com as faculdades desenvolvidas.

17. "Portanto, Ananda, eu ensinei o desenvolvimento supremo das faculdades na Disciplina dos Nobres, eu ensinei sobre o discípulo no treinamento superior que entrou no caminho e eu ensinei sobre o nobre com as faculdades desenvolvidas.

18. "Aquilo que por compaixão um Mestre deveria fazer para os seus discípulos, desejando o bem-estar deles, isso eu fiz por você, Ananda. Ali estão aquelas árvores, aquelas cabanas vazias. Medite, Ananda, não adie, ou então você irá se arrepender mais tarde. Essa é a nossa instrução para você."

Isso foi o que disse o Abençoado. O Venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

---

## Notas

<sup>i</sup> Esta doutrina que aqui é atribuída aos Jainistas, também é criticada pelo Buda no [SN XXXVI.21](#) e [AN III.61](#). O ensinamento do Buda reconhece a existência de sensações que não são resultado de ações passadas, mas um concomitante de ações presentes e também admite sensações que nem são ativas do ponto de vista de produzir *kamma*, nem resultado de *kamma*.

<sup>ii</sup> Este *sutta* é a contraparte, em "extensão média", do mais longo [Brahmajala Sutta](#), que faz parte do Digha Nikaya.

<sup>iii</sup> As idéias do eu como imaterial, perceptivo da unidade e perceptivo do imensurável estão baseadas na realização do primeiro nível imaterial, a base do espaço infinito.

<sup>iv</sup> Os comentários explicam a *kasina* da consciência como o segundo nível imaterial, a base da consciência infinita, mencionando que esses teorizadores afirmam que essa base é o eu.

<sup>v</sup> A percepção contida no terceiro nível imaterial – a base do nada – é a mais sutil e a mais refinada de todas as percepções mundanas. Embora ainda haja um certo tipo de percepção no quarto nível imaterial, ela é tão sutil que não é mais considerado apropriado designá-la como percepção.

- 
- vi Todos esses tipos de percepção, juntamente com as idéias, são condicionadas e porque são condicionadas, são grosseiras. Mas existe *nibbana*, chamado de cessação das formações, isto é, do condicionado. Tendo compreendido ‘Existe isso,’ de que *nibbana* existe, vendo a escapatória do condicionado, o *Tathagata* foi além do condicionado.
- vii Esta afirmação é feita com referência aos planos de existência nos quais existem os cinco agregados. Nos planos imateriais a consciência ocorre sem o agregado da forma material e no plano não-perceptivo existe a forma material sem a percepção. Mas a consciência nunca ocorre sem os outros três agregados mentais.
- viii Até este ponto, foram analisadas apenas quatro das cinco categorias originais de especulações sobre o futuro. O *Brahmajala Sutta* abrange as cinco categorias, incluindo *nibbana*, aqui e agora. Não há uma explicação convincente para a omissão neste *sutta*, levantando a suspeita de que esse trecho tenha se perdido no processo da transmissão oral.
- ix Isto é, eles têm que aceitar a doutrina deles com base em outra coisa que não o conhecimento verdadeiro. No [MN 95.14](#) é dito que os cinco fundamentos para a convicção (fé, preferência, tradição, razão e idéias) produzem conclusões que tanto podem ser falsas como verdadeiras.
- x Isto não é conhecimento verdadeiro, mas entendimento incorreto; portanto, é declarado como apego a idéias.
- xi Isto se refere aos dois primeiros *jhanas*, que incluem *piti* (êxtase).
- xii Este é o prazer do terceiro *jhana*.
- xiii O quarto *jhana*.
- xiv Que ele ensina o Dhamma como forma de ganhar mérito para que assim possa experimentar a felicidade neste ou naquele (mais elevado) estado de ser/existir.
- xv Os comentários dizem que isto se refere aos trinta e sete apoios para a iluminação mencionados no verso anterior.
- xvi Esta afirmação é feita porque pequenos desvios do fraseado correto não são necessariamente um obstáculo para a correta compreensão do significado. Mas em outras ocasiões ([AN II.20](#)) o Buda indicou que o fraseado incorreto e a interpretação errônea do significado são os dois fatores responsáveis pela distorção e desaparecimento do verdadeiro Dhamma.
- xvii O princípio geral que está por detrás dos versos 10-14 é o seguinte: Se o *bhikkhu* que praticou a ofensa puder ser reabilitado, então, apesar da mágoa dele e da perturbação para quem estiver reprovando, a pessoa deve tentar corrigi-lo. Mas se ele não tiver capacidade para ser reabilitado, então, a pessoa deve apenas manter a sua equanimidade.
- xviii As “coisas” neste caso são as disputas.
- xix O “santuário” e “refúgio” são o Nigantha Nataputta, que agora está morto.
- xx Mesmo enquanto o Buda estava ainda vivo uma disputa dessas havia irrompido entre os *bhikkhus* em Kosambi, mencionada no [MN 48.2](#).
- xxi Os tipos de litígio bem como os versos seguintes são tratados em mais detalhes no Vinaya.
- xxii Este é um termo técnico para as realizações meditativas do quarto *jhana* mais as quatro realizações imateriais. Mas como as duas últimas realizações imateriais (base



---


do nada e base da nem percepção, nem não percepção) são tratadas em separado, parece que neste *sutta* apenas o quarto *jhana* e as duas primeiras realizações imateriais (base do espaço infinito e base da consciência infinita) são entendidas como o “imperturbável.”

xxiii Este trecho se refere ao problema da superestimação com a qual o discurso começou.

xxiv Da mesma forma que no *sutta* anterior (nota 22) neste *sutta* parece que o termo “imperturbável” abrange só o quarto *jhana* e as duas primeiras realizações imateriais.

xxv Tendo superado o mundo da esfera sensual e tendo decidido com uma mente que tem nos *ghanas* o seu objetivo.

xxvi Não é possível construir um palácio de sete pisos em apenas um dia. Uma vez que o local tenha sido limpo, do momento em que se colocam as fundações até que a pintura esteja terminada existe um processo gradual.

xxvii A importância desta afirmação é que a Sangha não é governada pelo julgamento pessoal dos seus membros mas pelo Dhamma e pelo código disciplinar estabelecido pelo Buda. Portanto os *bhikkhus* seguem o último conselho do Buda: “Ananda, pode ser que você pense: ‘As instruções do Mestre cessaram, agora não temos mais mestre!’ Você não deve pensar dessa forma, Ananda, pois aquilo que ensinei e expliquei como o Dhamma e a Disciplina, irá, com o meu falecimento, ser o seu mestre.”  [Mahaparinibbana Sutta](#).

xxviii *Jhayanti pajjhayanti nijjhayanti apajjhayanti*. Embora individualmente os verbos não possuam um sentido pejorativo, a sequência tem a intenção óbvia de denegrir. Os quatro verbos são usados para descrever a meditação daquele cuja mente está obcecada com os cinco obstáculos.

xxix Uma pessoa ruim, baixa, indigna.

xxx Esta é uma doutrina moral materialista niilista que nega a vida após a morte e a consequência de *kamma*. “Não existe nada que é dado” significa que não existe fruto da generosidade; “não existe este mundo, nem outro mundo” significa que não existe renascimento neste mundo, nem num outro mundo; “não existe mãe, nem pai” significa que não existe fruto da boa conduta ou má conduta em relação à mãe e ao pai. O enunciado sobre contemplativos e brâmanes nega a existência de Budas e *arahants*.

xxxi Os primeiros cinco fatores são os próprios fatores do primeiro *jhana*; os fatores seguintes são componentes adicionais, cada um desempenhando a sua função individual como parte do primeiro *jhana*. Essa análise minuciosa dos fatores mentais antecipa a metodologia do Abhidhamma, e assim não é por mera coincidência que o nome de Sariputta esteja tão intimamente ligado com a literatura do Abhidhamma.

xxxii A “escapatória mais adiante” neste caso é a próxima realização, o segundo *jhana*.

xxxiii A realização de que “não há escapatória mais adiante” é o estado de *arahant*.

xxxiv Sentido significa as experiências do olfato, paladar e toque, e conscientizado as experiências de introspecção, pensamento abstrato e imaginação.

xxxv A recordação das vidas passadas e o conhecimento do falecimento e renascimento dos seres (em geral incluídos neste tipo de exposição) estão omitidos

---

porque a pergunta original no verso 11 dizia respeito ao estado de *arahant* e não às realizações mundanas.

<sup>xxxvi</sup> Falso e verdadeiro respectivamente *asappurisa* e *sappurisa* em pali que também pode ser interpretado respectivamente como mau, inferior, indigno e bom, superior, digno.

<sup>xxxvii</sup> Deve ser observado que não existe um trecho descrevendo o homem falso realizando a cessação da sensação e percepção. Ao contrário dos *jhanas* e das realizações imateriais, que podem ser realizadas por pessoas mundanas, a cessação é o domínio exclusivo daqueles que não retornam e dos *arahants*.

<sup>xxxviii</sup> O verbo em Pali “conceber”, (*maññati*), da raiz *man*, “pensar”, é freqüentemente usado nos *suttas* em Pali com o significado de pensamento distorcido – pensamento que atribui ao objeto características e significado derivados não do objeto em si, mas da própria imaginação subjetiva. A distorção cognitiva introduzida pela concepção consiste, em resumo, na intrusão da perspectiva egocêntrica na experiência que já está ligeiramente distorcida pela percepção inicial. De acordo com os comentários, a atividade da concepção é governada por três contaminações que explicam as distintas formas em que ela se manifesta – desejo, (*tanha*), presunção, (*mana*), e idéias, (*ditthi*).

<sup>xxxix</sup> Embora o entendimento incorreto e o entendimento correto, em geral, sejam incluídos como parte da conduta mental, neste *sutta* eles são mostrados em separado no verso 10 como “obtenção do entendimento.”

<sup>xl</sup> Este é um entendimento materialista niilista que nega a vida após a morte e a consequência de *kamma*. “Não existe nada que é dado” significa que não existe fruto da generosidade; “não existe este mundo, nem outro mundo” significa que não existe renascimento neste mundo, nem num outro mundo; “não existe mãe, nem pai” significa que não existe fruto da boa conduta ou má conduta em relação à mãe e ao pai. O enunciado sobre contemplativos e brâmanes nega a existência de Budas e *arahants*.

<sup>xli</sup> “Obtenção da individualidade” se refere ao modo de renascimento.

<sup>xlii</sup> No Sri Lanka este *sutta* é recitado com freqüência como um discurso para proteção e faz parte da compilação medieval, *Maha Pirit Pota*, “O Grande Livro da Proteção.”

<sup>xliii</sup> Esta, bem como as montanhas que vêm em seguida, circundam Rajagaha.

<sup>xliv</sup> Um *paccekabuddha* é aquele que realiza a iluminação e a libertação por si mesmo, sem contar com o Dhamma ensinado pelo Buda, mas não é capaz de ensinar o Dhamma aos outros e de estabelecer a Revelação. Os *paccekabuddhas* surgem apenas numa época em que não existe no mundo a revelação do Buda.

<sup>xlv</sup> Os dois elementos adicionais que o *arahant* possui são o conhecimento correto (*samma ñana*), que pode ser identificado com o conhecimento de que ele destruiu todas as impurezas e a libertação correta (*samma vimutti*), que pode ser identificada com a sua experiência de libertação completa de todas as impurezas.

<sup>xlvi</sup> Os vinte fatores do lado benéfico são os dez elementos corretos e os estados benéficos que surgem de cada um; os vinte fatores no lado prejudicial são os dez elementos incorretos e os estados prejudiciais que surgem de cada um. Dessa forma o nome “Os Quarenta Notáveis”.

---

xlvi O *Pavarana* é uma cerimônia que conclui o retiro da estação das chuvas e na qual os *bhikkhus* convidam uns aos outros para que façam admoestações sobre as suas transgressões.

xlvi O *Komudi* é o dia de lua cheia do mês da *Kattika* que é o quarto mês da estação das chuvas; é chamado assim devido às flores brancas que floresciam nessa época.

xlx No livro *Mindfulness, Bliss, and Beyond*, Ajaan Brahmavamso explica que a experiência do êxtase e da felicidade, (*piti* e *sukha*), ocorrem antes da mente entrar nos *jhanas*. Essas são experiências que ocorrem com o fortalecimento da atenção plena na respiração.

<sup>1</sup> No livro *Mindfulness, Bliss and Beyond*, Ajaan Brahmavamso explica que “experienciar a mente” significa o surgimento do *nimitta*. “Satisfazer a mente” significa aumentar a pureza do *nimitta*, com uma luminosidade mais intensa e nítida. O passo seguinte, “concentrar a mente,” significa manter o *nimitta* estável. O passo seguinte, “libertar a mente,” é entrar em *jhana*. *Nimitta* são objetos mentais em geral percebidos como luzes.

<sup>li</sup> Esta série de quatro contemplações lida inteiramente com o insight. De acordo com Ajaan Brahmavamso essas contemplações são feitas logo depois de emergir dos *jhanas*.

<sup>lii</sup> *Caga* em Pali que além de generosidade pode ser interpretado como desapego, renúncia, abandono.

<sup>liii</sup> As cinco qualidades mencionadas são suficientes para o renascimento no reino da esfera sensual, mas para os renascimentos superiores e a destruição das impurezas, é necessário mais do que isso. Tomando as cinco qualidades como fundamento, se ele alcançar os *jhanas*, renascerá no mundo de *Brahma*; se alcançar as realizações imateriais, renascerá no mundo imaterial; se desenvolver o insight e alcançar o fruto do não retorno, renascerá nas Moradas Puras, (*Aviha, Atappa, Sudassa, Sudassi, Akanittha*); e se alcançar o caminho do *arahant*, realizará a destruição das impurezas.

<sup>liv</sup> A primeira é a libertação através dos *jhanas* e as realizações imateriais e a última, a realização através dos caminhos e frutos supramundanos.


<sup>lv</sup> Os comentários dizem que o trecho que se encontra entre colchetes foi acrescentado pelos *bhikkhus* sêniores que compilaram o Dhamma.

<sup>lvi</sup> Os comentários dizem que este *sutta* foi recitado durante a segunda compilação do Dhamma, que foi realizada cerca de cem anos depois da morte do Buda.

<sup>lvii</sup> Observe que aqui são explicados os quatro fundamentos da atenção plena onde em geral são expostos os quatro *jhanas*.

<sup>lviii</sup> Como a explicação começa diretamente com o segundo *jhana*, isso sugere que a passagem anterior sobre o desenvolvimento dos fundamentos da atenção plena deve de modo implícito ter abrangido o primeiro *jhana*.

<sup>lix</sup> Se alguém desejar algo, se alguém tiver alguma expectativa ou esperança. Os contemplativos e brâmanes que possuíam essa opinião deviam ser os céticos e os partidários da aniquilação.

<sup>lx</sup> O trecho dos versos 8-15 é quase idêntico ao MN 31.3-10. Da seqüência, no entanto, fica claro que este *sutta* ocorre numa época anterior pois no  [MN 31](#) todos

---

os três *bhikkhus* já haviam alcançado o estado de *arahant* enquanto que aqui eles ainda estão se esforçando para alcançar esse objetivo.


lxi É neste ponto que este *sutta* continua de forma distinta do MN 31. Os comentários explicam a luz como o *nimitta*, o sinal luminoso produzido pelo acesso a *jhana*.


lxii A concentração com êxtase corresponde ao primeiro e segundo *jhana*; sem êxtase, ao terceiro e quarto *jhana*; acompanhado pela felicidade, ao primeiro, segundo e terceiro *jhana*; acompanhado pela equanimidade, o quarto *jhana*.

lxiii De acordo com a tradição Budista, três mensageiros divinos – um velho, um enfermo e um cadáver – apareceram para o *Bodhisatta* enquanto ele vivia como príncipe, destruindo o seu encantamento com a vida mundana e despertando nele o desejo de buscar um caminho para a libertação do sofrimento.

lxiv O “Sábio em Paz” é o Buda.

lxv Nos dois *suttas* anteriores e no que segue o esboço e a análise foram elaborados por meio dos cinco agregados, mas aqui o esboço foi feito para ser analisado por meio das doze bases dos sentidos. Compreendendo a intenção do Buda, Maha Kaccana assim falou, e devido à sua habilidade em compreender o método mesmo quando este não é mostrado de forma explícita, o Buda o nomeou como o principal discípulo para explicar em detalhe um ensinamento transmitido de forma resumida.

lxvi Essa afirmação é uma versão distorcida do que o Buda disse no  [MN 56.4](#) de que a ação mental é o tipo de ação mais censurável entre os três tipos de ações prejudiciais.

lxvii No  [SN XXXVI.5](#), o Buda menciona o sofrimento inerente em todas as formações devido à sua impermanência. Embora a afirmação em si seja verdadeira, Samiddhi parece tê-la interpretado incorretamente, significando que toda sensação é sentida como sofrimento, o que evidentemente é incorreto.

lxviii Aqui é onde começa a grande explicação da ação.

lxix A primeira é ilustrada pela pessoa que mata seres vivos e renasce no inferno: a sua ação é incapaz (de produzir bom resultado) porque ela é danosa, e ela aparenta ser incapaz porque, desde que ela renasce no inferno, parece ser essa a causa do seu renascimento ali. A segunda é ilustrada pela pessoa que mata seres vivos e renasce no paraíso: a sua ação é incapaz (de produzir bom resultado) porque ela é danosa, no entanto ela aparenta ser capaz porque ela renasce no paraíso; portanto para contemplativos e brâmanes de fora parece que essa é a causa do seu renascimento no paraíso. Os dois termos restantes devem ser entendidos dentro da mesma lógica com as mudanças necessárias.

lxx A examinação mental é o pensamento aplicado e o pensamento sustentado.

lxxi “Baseado na vida em família” significa conectado com os elementos do prazer sensual; “baseado na renúncia” significa conectado com o insight.

lxxii A “libertação suprema” e “aquela base” são o estado de *arahant*.

lxxiii Os comentários dizem que a “não identificação”, (*atammayatta*), neste caso, se refere ao “insight que conduz ao surgimento,” isto é, o insight que precede imediatamente o surgimento do caminho supramundano.

lxxiv A mente está ‘estabelecida internamente’ por meio do apego a um objeto interno. O próprio texto do *sutta* faz a mudança de *viññana* mencionado no sumário do Buda para *citta* na explicação de Maha Kaccana.

---

De acordo com Ajaan Bramali a versão do Majjhima Agama deste *sutta* menciona "não estabelecida internamente" que é o contrário da versão em Pali. A versão dos Agamas faz mais sentido no contexto deste *sutta* e parece que a versão em Pali contém um erro de transmissão. Em resumo, se a mente "seguir atrás, estiver atada, presa, agrilhoadada e vinculada" aos prazeres dos estados de *jhana* então a mente não será capaz de alcançar os estados de *jhana* ou se "estabelecer internamente".

lxxv A versão do Majjhima Agama menciona "estabelecida internamente".

lxxvi Isto é, o enaltecimento e a depreciação surgem quando as afirmações são feitas em relação a pessoas, algumas das quais são elogiadas e outras criticadas. A pessoa ensina "só o Dhamma" quando as suas afirmações são feitas em relação ao estado – o método de prática – sem referência explícita a pessoas.


lxxvii Este problema de "insistência no idioma local" deve ter sido particularmente sério na Sangha, já que os *bhikkhus* viviam em constante movimento e passavam por várias localidades cada uma com o seu dialeto distinto. "Anulação do uso popular" pode ser interpretado como ir além dos limites das convenções lingüísticas.

lxxviii Subhuti era o irmão mais jovem de Anathapindika e se tornou um *bhikkhu* no dia em que o Bosque de Jeta foi oferecido para a Sangha. O Buda nomeou-o o discípulo mais destacado em duas categorias – entre aqueles que vivem sem conflitos e aqueles que são dignos de receber oferendas.

lxxix Os comentários mencionam quatro tipos de aquisições (*upadhi*) – os agregados, as contaminações, as formações volitivas, os prazeres sensuais.

lxxx As "torrentes das concepções" (*mannussava*), como será mostrado no verso seguinte, são pensamentos e noções que se originam das três fontes das concepções - desejo, presunção e idéias. O "sábio em paz" (*muni santo*) é o *arahant*.

lxxxi Aquilo que não está presente nele é o desejo por ser, que conduz aqueles que não o erradicaram de regresso a um novo nascimento após a morte.

lxxxii Isto se refere ao primeiro discurso do Buda proferido aos seis *bhikkhus* no Parque do Gambo em Isipatana -  [\*Dhammacakkhappavattana Sutta\*](#)

lxxxiii Mahapajapati Gotami era a irmã mais nova da Rainha Mahamaya, a mãe do Buda, e era a esposa do Rei Suddhodana. Depois da morte de Mahamaya, ela se tornou a mãe adotiva do Buda. Este *sutta* ocorre no início da carreira de ensino do Buda, quando do seu retorno à sua cidade natal. Depois da morte do Rei Suddhodana, Mahapajapati insistiu em que o Buda admitisse mulheres na Sangha e a ordenação dela marca o início da Sangha de *Bhikkhunis*, a Ordem das Monjas.

lxxxiv O Buda pediu que ela desse a oferenda para a Sangha porque ele queria que a volição de generosidade fosse dirigida tanto para a Sangha como para ele mesmo, visto que a volição combinada produziria mérito que conduziria ao bem-estar e felicidade dela por muito tempo. Ele também disse isso para que as gerações futuras fossem motivadas a mostrar respeito para com a Sangha, e suportando a Sangha com os quatro requisitos físicos contribuiriam para a longevidade dos Ensinamentos.

lxxxv Essas são as quatro qualidades de um *sotapanna*. Portanto, é evidente que na época em que este *sutta* ocorreu, Mahapajapati Gotami já havia entrado na correnteza.

---

lxxxvi O Buda profere este ensinamento porque o *sutta* começou com uma oferenda pessoal para ele, e ele deseja esclarecer o valor comparativo entre as oferendas pessoais e as oferendas dadas para a Sangha.

lxxxvii Não há oferenda que se compare em valor a esta. Esse é o tipo de oferenda que Mahapajapati estaria fazendo ao oferecer a peça de tecido para a Sangha.

lxxxviii São aqueles monges apenas no nome. Eles perambulam com um pedaço de tecido amarelo atado ao pescoço ou braços, e sustentam esposa e filhos ocupando-se com o comércio e a agricultura, etc.

lxxxix A oferenda é incalculável e imensurável em valor porque é oferecida, através da intenção do doador, não aos com o “pescoço amarelo” como indivíduos, mas para a Sangha como um conjunto.

xc Esta é uma expressão elíptica para o suicídio.

xcí Fazendo esta afirmação ele está de modo implícito reivindicando o estado de arahant, tal como ficará claro no verso 13.

xcii O sentido desta instrução pode ser explicado assim: alguém é dependente devido ao desejo e idéias e se torna independente ao abandoná-las com a realização do estado de *arahant*. Preferências surgem através do desejo, e a sua ausência significa que não há inclinação ou desejo pela existência. Não há ir e vir através do fim do renascimento e morte; nem aqui, nem além, nem no que está entre os dois, pela transcendência deste mundo, do mundo além e da passagem entre um e outro. Esse é o fim do sofrimento das contaminações e o fim do sofrimento do ciclo de renascimentos.

xciii Isto é, o desejo que surge e se estabelece no olho, nas formas, etc., se agarra nisso através do apego, resultando numa acumulação de *kamma* que tende a gerar um novo conjunto de cinco agregados na existência seguinte.

xciv Neste estágio os três fatores do grupo da virtude já foram purificados antes de se empenhar na meditação de insight.

xcv Este trecho e cada um dos trechos a seguir repetem todo o texto dos versos 9-11, sendo que a única mudança está na faculdade do sentido e objeto.

xcvi Embora o *arahant* tendo realizado plenamente o conhecimento verdadeiro, (*vijja*), e a libertação, (*vimutti*), e portanto não necessite treinamento adicional, ele continua a cultivar a tranqüilidade e o insight de modo a entrar na bem-aventurança dos *jhanas*, na fruição do estado de *arahant*, e na cessação da percepção e sensação.

xcvii A expressão “o desenvolvimento das faculdades” (*indriyabhavana*) justamente significa desenvolver a mente em como responder aos objetos experimentados através das faculdades dos sentidos. O aspecto mais rudimentar desta prática, a contenção das faculdades dos sentidos (*indriyasamvara*), envolve controlar a mente de tal forma que ela não se agarre aos “sinais ou detalhes” dos objetos, aos seus atributos especiais, atrativos ou repulsivos.